



Universidade Católica do Salvador
Superintendência de Pesquisa e Pós-graduação
Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea

SINARA DANTAS NEVES

**O CASAL E AS RELAÇÕES DE
PARENTESCO POR AFINIDADE: OS SOGROS**

SALVADOR

2015

SINARA DANTAS NEVES

**O CASAL E AS RELAÇÕES DE
PARENTESCO POR AFINIDADE: OS SOGROS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elaine Pedreira Rabinovich

SALVADOR

2015

UCSal. Sistema de Bibliotecas.

N511 Neves, Sinara Dantas.

O casal e as relações de parentesco por afinidade: os sogros/
Sinara Dantas Neves. – Salvador, 2015.
281f.

Tese (Doutorado) - Universidade Católica do Salvador.
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Doutorado em Família
na Sociedade Contemporânea.
Orientação: Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich.

1. Casal 2. Afinidade – Relações de Parentesco 2. Sogros I. Título.

CDU 316.356.2-055.5/.7

TERMO DE APROVAÇÃO


Sinara Dantas Neves

“O casal e as relações de parentesco por afinidade: os sogros”.

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 20 de novembro de 2015.

Banca Examinadora:

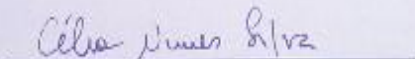


Prof.^a Doutora Elaine Pedreira Rabinovich - UCSAL

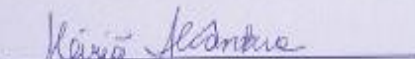
Orientador(a).



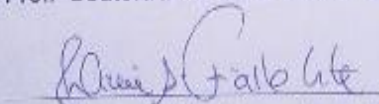
Prof.^a Doutora Ceneide Maria de Oliveira Cerveny - PUC



Prof.^a Doutora Célia Nunes Silva - UFBA



Prof.^a Doutora Miriã Alves Ramos de Alcântara - IFBA



Prof.^a Doutora Livia Alessandra Fialho da Costa - UCSAL

DEDICATÓRIA

Nesse percurso do doutorado, aprendi, em um dos encontros com a Profa. Dra. Ceneide Cerveny, que toda tese é um acerto de contas. Descobri, através das minhas produções autobiográficas, no grupo de pesquisa do qual faço parte, coordenado pela minha orientadora, Profa. Dra. Elaine Rabinovich, que o meu ajuste seria justamente acerca do que envolve casamento, e, mais ainda, das relações de parentesco provenientes da conjugalidade. Com isso, só posso dedicar esta tese à minha vó, que, no papel de sogra, nutriu em mim a vontade de entender com profundidade essas relações.

A motivação deste estudo partiu da minha relação de infância com meu pai e minha vó materna brigados, sem se comunicarem, morando numa mesma casa, e minha mãe, no meio dos dois, tentando sobreviver e manter sua conjugalidade. Como reação a isso, minha mãe estabeleceu fronteiras rígidas com seus parentes por afinidade, e, por isso, não convivi com os primos paternos, não tive almoços, jantares, nem Natal em família. Éramos só nós, minha tia materna, minhas duas primas e meu pai fazendo esforços para romper os limites dessas fronteiras... Minha mãe não conheceu a sogra, falecida quando meu pai era criança, mas, em compensação, se tornou uma sogra excelente! Faz todo o esforço para não repetir o modelo de minha vó...

À você, D. Zuleica Magalhães de Souza, minha avó materna, pessoa mais significativa da minha vida, dedico este trabalho de pesquisa, pela sua amorosidade, sua garra, sua coragem, mas, principalmente, por mover em mim a curiosidade em querer compreender essas relações, indo até os limites da construção de uma tese. E através de ti, dedico também esta realização pessoal e científica a todas as sogras e parentes por afinidade que tive.

Certa feita, a Profa. Dra. Ceneide Cerveny me conduziu a internalizar as bases do pensamento do psicanalista britânico Bion para a construção da minha tese, dizendo: “- Sinara, o Bion defende que a gente tem que aprender a viver sem memória e sem desejo”. E foi assim que evolui na escrita: a partir do momento que pude me desnudar das memórias e dos desejos... Orgulho e gratidão!

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me proporcionar a oportunidade de crescimento mediante o auto-conhecimento.

Aos meus pais, Sonira e Reinaldo, pelo exemplo de conjugalidade que vivem de forma tão intensa, há 40 anos, e que muito “me atrapalha” na busca da minha realização conjugal pessoal. Qualquer casamento é “fichinha” perto do de vocês, que se casaram em tudo...

Aos meus filhos, frutos de experiências conjugais que tenderam a tê-los como herança e que muito me ensinaram sobre mim mesma, em diferentes fases da minha vida. A vocês, Felipe e Sofia, deixo com minhas ações o ensinamento de que não se demora onde não se está feliz. Que minha coragem e determinação sejam o maior legado que deixarei a vocês. Tê-los como parceiros nessa jornada de prazeres e sacrifícios só tem me garantido o quanto viver em família vale à pena. Gratidão e amor infinito... É para vocês e por vocês...

Às minhas irmãs, através das quais meus pais confirmaram o SIM que um dia deram no altar, concebendo na mesma ordem de iniciais **S**inara, **I**lana e **M**anuela. Somos diferentes em tudo, mas com vocês eu sempre soube para onde voltar caso as minhas escolhas se tornassem equívocos, se eu precisasse chorar e dizer que eu errei. Sei que vocês duas são minhas fãs! Eu também sou de vocês!

Aos meus cunhados, dos quais sou parente por afinidade, agradeço à relação de conjugalidade que eles mantêm com minhas irmãs, que eu admiro muito, e à relação de fratria que construímos durante esses anos juntos.

À minha única tia materna, Ana Dulce, e minha prima Cristiane, por acreditarem no meu potencial, e, principalmente à Bianca, Tó e Ricardinho, pelo apoio, carinho e colo de família que me ofereceram em Portugal.

Ao meu primo Marcelo e minha prima Eva Luiza, que sempre estiveram nos bastidores, torcendo pelo término da tese.

Aos parentes do coração que ganhei em Portugal: Ricardo, Elena e Daniela Praça, que foram emprestados pela querida Fernanda Praça, e à Robson Malacarne, meu irmão lisboeto.

Aos meus clientes do consultório, que confiam a mim suas questões emocionais, me fazendo crescer como profissional e pessoa e desenvolver todos os dias a sede pelo saber.

Aos meus alunos, que vibram com minhas conquistas e me ensinam muito sobre eles e sobre mim mesma.

Aos casais que tenho o prazer de atender no consultório, que também foram fontes de inspiração para este estudo, e àqueles que entrevistei, participantes dessa tese, todos muito especiais, que, por confiança, abriram suas vidas e possibilitaram novos saberes.

A todos os meus colegas de doutorado, aos componentes do grupo de pesquisa Família, Autobiografia e Poética (FABEP), e, sobretudo, à Rita e Sumaia, as mariposas esvoaçantes de Lisboa, companheiras do universo doutoral além-mar, o meu carinho e total admiração pelo que estamos conquistando juntos!

À Maria Angélica Tristãoiano da Silva, muito mais que uma colega, com a qual a relação nasceu num consultório e ultrapassou os seus limites... mistura de amiga, mãe, confidente, testemunha e cúmplice... Carinho! Na forma mais simples de expressão. Com você, tenho uma aliança marcada na pele...

À minha sócia na vida profissional, minha guru, minha amiga, minha irmã, minha mãe, com quem ainda na formação em psicoterapia sistêmica sonhei dividir o consultório, não sabendo que junto a isso dividiria também as angústias, as realizações, os sonhos, a vida... Meg!

A quem cuida tão bem da minha alma, Ana Lúcia Maranhão, por ser sempre luz nessa caminhada doutoral...

A todos os funcionários e professores dessa grande família que é o nosso Programa de Pós-graduação, em especial à Profa. Dra. Lúcia Vaz, coordenadora desse programa, e minha contemporânea no Mestrado em Ribeirão Preto-SP, que tive o prazer de reencontrar; Profas. Dras. Ana Cecília Bastos e Miriã Alcântara, cuja disponibilidade, atenção e conhecimento nos vários projetos de tese que desenvolvi foram fundamentais, e à Profa. Vanessa Cavalcanti, minha orientadora na graduação e presença discreta, porém, constante, nessa trajetória.

Ao Prof. Dr. José Menezes, pró-reitor, do qual tive o prazer de ter sido aluna desde a infância, e com o qual o destino me presenteou com um reencontro nutrido de amizade e confiança.

A todos os meus amigos que não estão diretamente ligados à minha vida acadêmica, mas que são muitos, e, por isso, não me arriscaria em aqui nomeá-los para não ser pega por nenhuma falha de memória, o meu agradecimento pela presença segura, colo constante, escuta atenciosa, olhar carinhoso, e até pelos puxões de orelha e sermões que me fizeram não perder o foco! Vocês se reconhecem e saberão que é de vocês que estou falando aqui. Os antigos, os de infância, os da escola, os recentes, os amigos-irmãos, os amigos de farra, os colocados numa hierarquia por ano de amizade, todos que habitam meu coração...

À banca examinadora, composta por pessoas especiais e que muito contribuirão para o estudo.

À UCSal, pelo excelente programa que oferece e através do qual é possível a construção de estudos como este.

À FAPESB, por financiar este estudo.

À Profa. Dra. Elaine Rabinovich, que sem ela nenhum desses agradecimentos acima seriam escritos... Gratidão e admiração eternas pela relação que contruímos nessa orientação! Nunca havia conhecido alguém que vibrasse tanto pelas conquistas dos outros e desejasse tanto o sucesso do próximo, além de mim mesma. Antes de você, eu me considerava um E.T., mas depois de ti, vejo o quanto ainda tenho que aprender! Obrigada por me acolher, me reconhecer, me mover, me fazer crescer...

SOGRA

Sempre criticadas
mal amadas,
ridicularizadas,
xingadas,
indesejadas...

Assim fazem com elas,
as sogras...
Rotuladas
Esquecem
que essas mulheres
também são humanas
também têm sentimentos.

Antes de serem sogras
são mães
e o amor de mãe prevalece.

A maioria das sogras
age como verdadeiras mães
que ganham mais um(a) filho(a).

Por isso mesmo
deveriam ser mais respeitadas
mais amadas
e menos criticadas.

São excelentes avós,
e grandes amigas.
Só precisam serem conquistadas
e amadas.

Por isso...
ao invés de criticá-las,
procure entendê-las.
Ao invés de odiá-las,
ame-as.

Só assim poderás perceber
a pessoa maravilhosa
que tens ao teu lado.

Sandra Mamede

Fonte: <http://www.portaldafamilia.org/datas/sogras/poemasogra.shtml>

RESUMO

As experiências com o parentesco por afinidade vivenciadas pelo casal nas famílias de origem podem esclarecer a forma como as relações com o parentesco por afinidade se apresentam na vida conjugal atual? O presente estudo analisa as repercussões advindas das experiências com o parentesco por afinidade que o casal vivenciou nas famílias de origem na construção dessas relações na vida conjugal atual, com enfoque sobre os sogros. Consiste num estudo qualitativo, com delineamento de estudo de casos múltiplos, a partir de uma abordagem fundamentada na epistemologia sistêmica. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com três casais, de forma individual, em uma amostra de conveniência, com os seguintes critérios de inclusão: estar entre 25 e 45 anos de idade; ser de classe média; ser heterossexual; apresentar grau de instrução médio ou superior; encontrar-se em primeira união conjugal; ter os dois representantes parentais vivos e possuir filhos. Os dados foram analisados inicialmente isolados, caso a caso, a partir do que emergiu das falas, depois agrupados, a partir de aspectos incomuns obtidos através do método comparativo constante. Os resultados obtidos remetem a aspectos recorrentes como: questão da moradia e revisão de fronteiras; cônjuges como mediadores entre o parceiro e seu parentesco por afinidade; sogros como avós; fortalecimento do “eu absoluto”. Estes resultados confirmam a transmissão intergeracional dos padrões interacionais do casamento dos pais pelos casais investigados, aparecendo a tendência a uma repetição por gênero, por pelo menos um dos cônjuges. Revelam-se, nesses processos de interações, a existência de um jogo de interesse das famílias de origem, no papel de avós, como forma de manter o novo casal ligado a eles, que merece ser cuidadosamente estudado.

Palavras-chave: Casal. Parentesco. Afinidade. Sogros.

ABSTRACT

Can experiences with relationship by marriage experienced by the couple in their original families clarify how relations with kinship affinity are presented in the current married life? This study analyzes the resulting repercussions of experiences with kinship by marriage the couple lived in their original families in building these relationships in the current married life, focusing on the parents-in-laws. It is a qualitative study, with multiple cases study design from a reasoned approach to systemic epistemology. Semi-structured interviews with three couples were held individually in a convenience sample, based on the following inclusion criteria: be between 25 and 45 years old; be middle class; be heterosexual; present degree of high school or university education; be first conjugal union; have both parents alive, and have children. Data were initially analyzed individually, case by case, based on what emerged from the talks, then grouped from unusual aspects obtained through the constant comparative method. The results refer to recurring issues such as: issue of housing and border revision; spouses as mediators between the partner and their relationship by marriage; in-laws as grandparents; strengthening the "absolute I". These results confirm the intergenerational transmission of wedding interaction patterns of parents for couples investigated, showing a tendency to repetition by gender, by at least one of the spouses. These interactions processes reveal the existence of a set of interests from the original families, in the role of grandparents as a way to keep the new couple attached to them, which deserves to be carefully studied.

Keywords: Couple. Kinship. Affinity. Parents in law.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 AMIZADE: CONJUGALIDADE, PARENTESCO E AFINIDADE	27
2.1 FAMÍLIA E CONJUGALIDADE	27
2.2 AMOR E CONJUGALIDADE CONTEMPORÂNEA.....	33
2.3 O PAPEL DA FAMÍLIA NA CONJUGALIDADE DO NOVO CASAL.....	49
2.4 CONJUGALIDADE E PARENTESCO	55
2.5 OS SOGROS COMO PARENTES POR AFINIDADE.....	64
3 NAMORO: A TEORIA.....	76
3.1 ABORDAGEM SISTÊMICA	76
3.2 O CONCEITO DE DIFERENCIAÇÃO	85
3.3 DIFERENCIAÇÃO E CONJUGALIDADE:	89
3.4. PADRÕES DE INTERAÇÕES CONJUGAIS:	91
3.5 REPETIÇÃO DE PADRÕES DE INTERAÇÃO:	93
3.6 MITOS E RITUAIS	95
3.7 REGRAS FAMILIARES	97
3.8 LEALDADE FAMILIAR.....	98
3.9 CICLO DE VIDA FAMILIAR.....	102
4 NOIVADO: A PESQUISA	106
4.1 PRESSUPOSTO E OBJETIVOS	106
4.2 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA.....	107
4.3 PROCEDIMENTO	113
5 CASAMENTO: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	127
6 CHEGADA DOS FILHOS: DISCUSSÃO	217
7 NINHO VAZIO: CONSIDERAÇÕES FINAIS	248

REFERÊNCIAS.....	256
APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	273
APÊNDICE 2 – FORMULÁRIO / ROTEIRO DE PERGUNTAS	275
APÊNDICE 3 – GENOGRAMA ADÃO E EVA.....	277
APÊNDICE 4 – GENOGRAMA TRISTÃO E ISOLDA	279
APÊNDICE 5 – GENOGRAMA ROMEU E JULIETA	278
APÊNDICE 6 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP – COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA.....	280

INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO¹

“Casamento... apartamento”; “Entre marido e mulher ninguém mete a colher”; “Quem casa, quer casa”; “A gente não casa só com o marido/esposa, casa com a família toda”, “Sogra não é parente, é castigo”, rezam alguns provérbios urbanos...; “O casamento é o encontro de dois enviados familiares que vão se degladiar em torno da construção de um novo sistema familiar” (WHITAKER, 1989, p. 46).

Foram afirmações como as supracitadas, amparadas no senso comum, outras lidas ao longo da construção acadêmica da pesquisadora, que, juntamente com o interesse pessoal e a recorrência no contexto clínico e social, conduziram à escolha do tema conjugalidade e, no seu interior, das relações familiares, para elaboração deste estudo.

O desejo de examinar a conjugalidade, suas possibilidades, tensões, estratégias e ressignificações na construção dos laços com o parentesco nasceu, sobretudo, a partir de situações vivenciadas na prática clínica como psicoterapeuta sistêmica, trabalhando com casais.

De modos que, questionamentos advindos de pesquisa sobre terapia narrativa de casal (NEVES, 2011), objeto de investigação da Formação em Psicoterapia Sistêmica, apontaram ainda para alguns desafios, a serem enfrentados com este novo estudo proposto com o Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea. Destarte, a investigação inicial que proveu o ponto de partida para esta análise visava compreender o processo de mudança individual construído por cônjuges em terapia sistêmica de casal, a partir de uma perspectiva narrativa (NEVES, 2011).

A observação participante e a análise dos registros das sessões clínicas permitiram averiguar eventos e intervenções terapêuticas que contribuíram para a construção de uma narrativa em que as partes envolvidas se descrevem com uma maior autonomia de suas vidas, individualmente, superando o relato anterior do casal,

¹ Este trabalho foi financiado pela FAPESB – Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

saturado pelo problema que os impedia de enxergar novas possibilidades individuais ou conjugais.

As reflexões realizadas na época colaboraram para aprofundar o conhecimento sobre a forma como o ser humano constrói a sua experiência de modo narrativo e lhe atribui significado. Para além disso, despertaram atenção para a ressignificação da intimidade na vida a dois, concomitante à reconstrução de significados quanto à individualidade, autonomia e ao conjunto de expectativas e exigências conjugais, sobretudo quanto aos padrões seguidos em seus sistemas precedentes, característicos de um novo formato que os casais contemporâneos vêm adquirindo na própria relação, centrando-se em si mesmos.

Na experiência clínica, foi percebido um movimento de casal, como se, para constituir uma história juntos, cada um dos envolvidos se visse diante da tarefa de reconstruir significados e sentidos sobre si mesmo e sobre as famílias de origem. As narrativas assim sugeriam algumas críticas com relação às suas famílias de origem, como se buscassem pautar sua união em padrões diferentes daqueles considerados pouco funcionais com os quais tinham convivido. E, mais frequentes ainda, eram as queixas quanto à convivência com os parentes do cônjuge e a forma como eram recebidos por esta nova família, sendo estas uma das principais causas de divórcio (GOTTMAN, 1995).

Algumas disciplinas do Doutorado serviram como estímulo, então, a adentrar nesse universo, ao investigar qual o sentido que o projeto de tese teria na vida da pesquisadora, o que resultou em um capítulo autobiográfico de uma coletânea publicada em 2013, acerca da família e poéticas da infância, em que se investigou a noção da conjugalidade na vida privada desta, a partir da infância (NEVES, 2013). Com este estudo foi possível compreender o quanto a conjugalidade em particular dos pais da pesquisadora pode ter influenciado o viver conjugal desta.

A inserção nos grupos de pesquisa “Família, (Auto)biografia e Poética (CNPq - UCSal)”, coordenado pela Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich, orientadora desta pesquisa, e “Família, Saúde e Desenvolvimento Humano (CNPq - UCSal), coordenado pela Profa. Dra. Miriã Alcântara, contribuíram para o delineamento de

algumas hipóteses, que não apenas organizavam este estudo, como também o viabilizavam em termos teórico-metodológicos.

A ideia inicial era estudar as relações conflituosas entre os casais e a família do cônjuge, a partir da identificação das estratégias adotadas por eles. Nesse ponto, através do exame de qualificação, foi sugerido que não se adentrasse aos conflitos, mas sim, se detivesse às relações familiares com este parentesco, conflituosas ou não, ainda pouco estudadas e também muito importantes na construção do laço conjugal.

Passados meses de reflexão em torno da nova proposta de investigação, um estágio doutoral em Portugal, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL) sob a orientação das Profas. Dras. Sofia Aboim e Sofia Marinho, contribuiu para amadurecer as questões que motivaram o presente estudo.

Por observar que a constituição da família e do casal tem-se estabelecido sob modelos diferentes daqueles até então reconhecidos, interessava compreender a construção das relações de parentesco por casais contemporâneos, sobretudo as interações de um cônjuge com a família do outro cônjuge.

Assim, o desejo de investigar as relações dos casais com a família do parceiro, que é por si, a sua, de origem, foi se consolidando, pelo entendimento de que muitas das atitudes e comportamentos que os indivíduos apresentam numa relação conjugal foram aprendidos no contexto da família de origem, em que determinados padrões de interação eram estabelecidos.

Considerando a importância de conhecer como se dão as relações de parentesco por afinidade, e sabendo que grande parte dos estudos que abordam esta temática não aprofunda quanto a dinâmica das relações (AUGÉ, 1975; GRINSBERG; GRINSBERG, 1993; ROSSI, 1994; CHIAPIN; ARAUJO; WAGNER, 1998; LARSON *et al.*, 2000; BATISTA, 2004; BOWDITCH; SAMET, 2004; MIKUCKI, 2008; SATTLER *et al.*, 2010), constata-se a escassez de estudos referentes a essa temática, à exceção de estudos jurídicos do Direito da Família (PEREIRA, 2004; CHAVES, 2010; CALADO, 2010; BARONI, 2011).

Foi, então, possível delinear o projeto de tese para uma investigação acerca da compreensão da forma como as relações com o parentesco por afinidade se apresentam na vida conjugal atual, a partir da análise das experiências com o parentesco por afinidade, estabelecidas em suas famílias de origem, levando a tecer novos questionamentos sobre o objeto pesquisado e a possibilidade de iniciar a pesquisa, enfocando as relações com os sogros, para que novos estudos sobre o tema se desenvolvam a partir deste.

Um dos pontos de partida para o presente estudo foi a ideia de que no processo de modernização das sociedades ocidentais, progressivamente desenhado ao longo dos últimos séculos, as formas de organizar e viver a família se transformaram, porém, a individualização progressiva das relações, de que falam alguns autores contemporâneos (GIDDENS, 1993; BECK; BECK-GERNSHEIM, 1995; SINGLY, 2000) não deslocou a centralidade da conjugalidade e da vida familiar.

Ao mesmo tempo em que a sentimentalização² da vida familiar realçava a importância de cada indivíduo, aumentavam também as expectativas depositadas sobre a construção do casal, tornando-o mais vital como instância de realização e, por isso, também mais frágil (ABOIM, 2006).

Com o avanço da modernização, a conjugalidade tem se tornado menos uma unidade essencial de sobrevivência econômica e de pertença identitária para a vida e para a morte e mais um vértice onde se concentram expectativas afetivas e de felicidade pessoal.

Questões como a crescente autonomia da família nuclear face ao parentesco e dos indivíduos dentro da família nuclear; as novas formas de coesão afetiva no casamento; a alteração das funções produtivas da família propiciadas pela industrialização e pelo alargamento dos direitos individuais; as mudanças na condição feminina são temas que direcionam a discussão progressiva sobre a

² Ao apontarem para a crescente sentimentalização da vida familiar, historiadores das mentalidades como Ariés (1981) e Shorter (1977) descreveram a ideia de privatização dos comportamentos familiares, chamando atenção, assim, por um lado, para a maior autonomia do privado face ao público, e por outro, para o centramento no indivíduo e na sua realização pessoal, processo histórico que alguns autores entendem como individualização (ELIAS, 1993; BECK *et al.*, 1995).

importância dos indivíduos nas relações sociais e para o debate em torno das novas formas de integração social, em confronto com o individualismo moral que caracteriza a modernidade do ponto de vista normativo (SINGLY, 2007).

O processo de modernização da família pressupõe uma valorização do indivíduo e das suas escolhas, caracterizado pela sentimentalização da vida familiar e o relevo concedido aos afetos, com base na noção de afinidade eletiva, que transpõe a ideia de família como vetor de reprodução social para a de família como lugar de bem-estar e intimidade entre pessoas que mutuamente se escolheram (ARIÉS, 1981, SINGLY, 2007).

O sistema familiar está em constante evolução e transformação, sujeito a alterações durante o ciclo de vida, que se modifica em resposta ao contexto social. Assim como o sistema social, deixa de ser concebido como estrutura mecânica coisificada e passa a ser compreendido como um sistema intersubjetivo composto por agentes conscientes, intencionais, que se co-criam a si mesmos e a seu entorno, num processo contínuo de interação comunicativa e construção de significados.

Compreender a família e o modo como ela se constitui não apenas ao longo do seu processo histórico, como também na história de cada núcleo/arranjo familiar são passos fundamentais para investigar a conjugalidade e seu processo de transmissão de valores, práticas e crenças, através das sociedades (TORRES, 2000; ABOIM, 2004).

Assim, a presente investigação baseia-se no paradigma sistêmico, alicerçando-se na Teoria Geral dos Sistemas (BERTALANFFY, 1976), para entender a família como um aparelho complexo de relações, ativo e de auto-regulação, que não permanece o mesmo ao longo da sua existência, onde seus membros compartilham um mesmo contexto social de pertencimento.

Considera-se, deste modo, a família, como um sistema em constante transformação, influenciado tanto por fatores internos, quanto externos à sua história e ciclo de vida em interação com as mudanças sociais. Incluindo-se assim, as relações entre as diferentes gerações onde os entes se constituem como sujeitos, como seres sociais.

Estudos contemporâneos (HEILBORN, 1992; BRUSCHINI, 1993; SILVA, 2005 COSTA, 2009) remontam à idéia de que a análise da formação familiar brasileira remete a uma compreensão acerca da forma de organização desta sociedade, em que o modelo legítimo de família foi construído com base no padrão cultural português, estabelecendo o grupo conjugal como núcleo estrutural. E, nesse contexto, como subsistema familiar, o casal acaba refletindo a cultura e os aspectos socioeconômicos deste princípio social mais amplo.

Desde a década de 70 (BERGER; KELLNER, 1970) até estudos mais recentes (GRANDESSO, 2000; FÉRES-CARNEIRO; DINIZ NETO, 2010), o entendimento da conjugalidade envolve a sua percepção como um processo de construção de uma realidade comum, em que cada parceiro, ao se engajar na relação a dois, experimenta uma reconstrução da sua realidade individual, criando referências comuns e uma identidade conjugal.

Nesse sentido, a relação conjugal dá-se dentro de um contexto sócio-histórico-familiar no qual o indivíduo, ao se socializar, internaliza ações psicossociais complexas, resultantes das suas socializações primária e secundárias. Segundo a teoria dos sistemas, as famílias são organizadas hierarquicamente em múltiplos subsistemas.

Para melhor compreender a dinâmica do funcionamento das famílias, é necessário focalizar cada um dos subsistemas familiares, incluindo, além dos subsistemas parental e conjugal, o de irmão-irmão, avós-netos, dentre outros (PEREIRA-SILVA; DESSEN, 2006; STOVER *et al.* 2012).

Quando duas pessoas escolhem formar um casal, constituem um novo sistema, estruturado a partir das experiências advindas de suas famílias de origem e de outras experimentações matrimoniais e de casal. Acontece o encaixe entre sistemas míticos de duas estruturas familiares diferentes, baseado nos sistemas familiares de cada cônjuge.

Por isso, para investigar o sistema conjugal é importante deter o conhecimento das demandas que se formam a partir do casamento, que envolve as expectativas

personais de cada um dos parceiros sobre o desempenho dos seus papéis e do outro nesta nova família, além das expectativas das famílias de origem sobre eles, individualmente e enquanto casal, e busca de uma autonomia conjugal perante essas famílias.

As pesquisas sobre casais têm discutido o processo de diferenciação dos indivíduos (CARTER; MCGOLDRICK, 1995; FÉRES-CARNEIRO, 1998; SINGLY, 2000; MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003; ABOIM, 2004, 2006, 2009; VIEIRA; STENGEL, 2010; DONATI, 2011), além da diferenciação dos casais em relação às suas famílias de origem (MENDONÇA, 2006; KINAS *et al.*, 2010; STULP, 2011; VENTURINI, 2011) e das interfaces na constituição do vínculo conjugal (PAIVA, 2009a; 2009b; DONNAMARIA; NASCIMENTO; TERZIS, 2010).

Apesar de serem múltiplas as contribuições destes estudos para o campo da conjugalidade, ainda são escassos os trabalhos que apresentam tais contribuições para o contexto da dimensão das relações familiares, especialmente sobre parentesco por afinidade, e, menos ainda, sobre sogros (PRICE, 1992; GRINSBERG; GRINSBERG, 1993; ROSSI, 1994; CHIAPIN; ARAUJO; WAGNER, 1998; BATISTA, 2004; BOWDITCH; SAMET, 2004; MIKUCKI, 2008; CHAPMAN, 2009; SATTLER *et al.*, 2010; 2012; DILLNER, 2011).

A questão do parentesco geralmente é ilustrada com foco na relação com a família de origem, como em estudos que apresentam a influência desta na construção de modelos internos de funcionamento, da auto-imagem, valores, comportamentos, atitudes e estilos de relacionamento (ROVERS *et al.*, 2000; WEIGEL; BENNETT; BALLARD-REISCH, 2003; SIEGEL, 2005; FERREIRA, 2005).

Por isso em toda a literatura ser consistente a forte influência do legado/herança genética, afetiva e cultural das famílias de origem nas famílias criadas, podendo servir como modelo preliminar na construção de relações pessoais futuras, principalmente no que se refere às relações de conjugalidade e parentalidade.

No que concerne à área da conjugalidade, pesquisas conduzidas a partir de diferentes áreas sugerem a existência de uma correlação entre as características da

família de origem, o comportamento, o estilo de relacionamento e a qualidade conjugal (WEIGEL; BENNETT; BALLARD-REISCH, 2003; PERREN *et al.*, 2005; MOSMANN, WAGNER, FÉRES-CARNEIRO, 2006; MARTINSON *et al.*, 2010; BERTONI; BODENMANN, 2010).

Outros estudos (NARCISO; RIBEIRO, 2009) também referem a família de origem como um dos fatores influentes na satisfação conjugal; e ainda existem dados que mostram que as interações positivas entre pais e filhos influenciam de forma positiva no estabelecimento de uma vinculação segura ao par romântico (DINERO *et al.*, 2008).

Quanto à parentalidade, as experiências vividas na família de origem relacionam-se positivamente com o seu ajustamento (BELSKY, 1984) e com as atitudes enquanto pais (BEATON; DOHERTY, 2007). As dificuldades vividas nos relacionamentos na família de origem tendem a permanecer nas relações conjugais e nas relações entre pais e filhos (KROM, 2000; CERVENY, 2011).

O casamento enquanto processo não é exclusivo da noiva e do noivo, ou do homem e da mulher, já que “nele estão implicadas fortemente as famílias de origem de cada cônjuge, como transmissoras de um sistema mítico que precisa ser examinado e devidamente considerado na formação do casal” (WAGNER; FALCKE, 2001, p. 15).

Logo, diante dos resultados desses estudos, considerando a importância de conhecer a dinâmica das relações familiares entre casais em um mundo contemporâneo onde a mutabilidade, o reconhecimento da pluralidade e o estado fluido dos relacionamentos são partes integrantes e irrevogáveis, e sabendo que grande parte dos estudos que abordam esta temática a avaliam a partir das relações do casal com as famílias de origem somente, e, que quando ampliam para o parentesco, geralmente são estudos da área jurídica, que não aprofundam quanto à dinâmica das relações, esta pesquisa reconhece que pouco se compreende acerca de como os casais pensam e sentem os vínculos de parentesco que liga um dos cônjuges aos parentes do outro cônjuge, a que se atribui a denominação de afinidade e que estimulou a pesquisadora propor esta investigação.

As relações conjugais, por permitirem a experiência inédita de ingressar na família de origem do parceiro, produzem profundas e necessárias modificações nas pessoas (WHITAKER, 1989; LORIEDO; STROM, 2002). O grupo familiar tem enorme importância não apenas pela forma como os pais educam os filhos, mas também como valores, formas de agir e impressões subjetivas acerca do mundo, dos afetos, e da própria família são transmitidos (SELIGMAN, 2002). Essa transmissão tem efeito direto de como as pessoas percebem sua satisfação com a vida e com seus relacionamentos.

O casamento é um momento em que se abre a porta da família para a entrada de um novo membro, oriundo de outro sistema familiar, e, nesse sentido, essa relação “não pode ser compreendida somente como uma união de dois indivíduos, pois representa a modificação de dois sistemas inteiros e uma sobreposição de ambos na criação de um terceiro subsistema” (WAGNER; FALCKE, 2001, p. 13).

Se um casal é formado por duas pessoas de origens diferentes e que se unem passando a se relacionar com novo parentesco, certamente é importante compreender como essas relações são vividas e quais suas influências, já que entre duas pessoas que se relacionam existe um sistema de valores e uma cultura própria que cada indivíduo traz consigo de sua família.

A qualidade das relações estabelecidas entre pais e filhos parece influenciar a qualidade das relações subsequentes, quando se observa uma concordância entre os estilos relacionais românticos de jovens adultos e os padrões de relacionamento experimentados na infância (SANTOS, 2005).

Vários estudos têm demonstrado que o padrão de interação aprendido na família de origem tem tendência a repetir-se nas relações românticas da descendência (LEVY; WAMBOLDT; FIESE, 1997; CRUZ, 2005; WHITTON *et al.*, 2008; CERVENY, 2011; STULP, 2011), mas não se sabe da existência de estudos acerca dessa tendência quanto às relações de afinidade que os pais mantinham, vivenciadas na família de origem.

Deste modo, esta investigação justifica-se pelo pressuposto de que se a família por afinidade de um cônjuge é família de origem do outro cônjuge e se as experiências nas famílias de origem de cada cônjuge podem influenciar na construção da vida conjugal, então, pode-se supor que o modo como cada membro percebe e ressignifica as relações de afinidade estabelecidas na família de origem é que possibilita a compreensão de como cada cônjuge gere as relações de afinidade na sua própria vida conjugal.

Para ordenar o discurso, a pesquisadora propôs alguns questionamentos: Como as relações familiares com o parentesco por afinidade em casais contemporâneos se desenvolvem?; De que maneira os casais gerem as relações com o parentesco que se estabelecem na sua vida conjugal?; O modo como as relações de parentesco por afinidade se desenvolveram na família de origem interfere na construção dessas relações na conjugalidade?; Como os casais percebem e ressignificam as experiências vividas com o parentesco por afinidade nas suas famílias de origem e qual a repercussão disso na construção dessas relações na vida conjugal?

Essas questões provocaram o presente estudo, que teve como essência da discussão investigar se as experiências com o parentesco por afinidade vivenciadas pelo casal nas suas famílias de origem podem esclarecer a forma como as relações com o parentesco por afinidade se apresentam na vida conjugal atual. Pela revisão de literatura efetuada, mostram-se algumas evidências de quanto é mister pesquisar a influência de como os pais lidaram com os parentes por afinidade e a condução dessas relações na conjugalidade a partir dessas experiências.

A intenção é que essas reflexões, amparadas em um estudo empírico, possam contribuir para ressignificar e ampliar o papel atribuído às relações conjugais e à família na contemporaneidade, acrescentando ao estado da arte possibilidades de compreender as novas organizações conjugais a partir da ressignificação das experiências individuais de parentesco por afinidade na família de origem e do entendimento do impacto disso nas relações conjugais com os parentes por afinidade, apoiadas nas abordagens sistêmicas pós-modernas.

Portanto, em resumo, a pergunta de investigação é: As experiências com o parentesco por afinidade vivenciadas pelo casal nas famílias de origem influenciam a forma como as relações com o parentesco por afinidade se apresentam na vida conjugal atual?

Para tal, o confronto entre as diferentes possibilidades de coleta de dados com o problema definido e com os objetivos estabelecidos neste estudo permitiram a decisão por uma abordagem qualitativa, com delineamento de estudo de casos múltiplos (STAKE, 2000; YIN, 1993, 2005). O estudo de casos múltiplos é uma metodologia que se propõe a investigar a complexidade das inter-relações dos sujeitos em seus contextos, e, nesse caso, ainda que os cônjuges entrevistados apresentem diferenças na dinâmica conjugal entre si, há uma tônica comum que os une: ter vivenciado experiências de relações de parentesco na família de origem, o que permitiu a síntese dos casos cruzados.

O estudo foi organizado em capítulos que representam estágios da vida conjugal, como uma proposta de sugerir que a construção dessa tese, que é sobre conjugalidade, passou por todas as etapas que um casal passa, lembrando a proposta de ciclo vital da família, desenvolvido por vários estudiosos (BOWEN, 1978; MINUCHIN, 1982; CARTER; MCGOLDRICK, 1995; CERVENY, 1995, 2010, 2011), com o intuito de que o processo de leitura dos capítulos possa transmitir ao leitor o mesmo entusiasmo que acompanhou a pesquisadora na confecção deste trabalho, e que geralmente acompanha os casais quando iniciam um namoro, partindo da amizade.

Após esta Introdução, o capítulo 2, referente ao estágio da amizade, enfatiza a importância de fundamentação sobre temas como: conjugalidade, parentesco e afinidade, em cinco tópicos que apresentam as bases teóricas do estudo, trazendo o estado da arte; a relação entre família e conjugalidade; o recorte sócio-histórico do amor e da conjugalidade; o papel da família na conjugalidade do novo casal; aspectos do parentesco e os sogros como parentes por afinidade.

O capítulo 3, atribuído ao estágio do namoro, apresenta um breve panorama sobre as abordagens em uso, trazendo os principais referenciais teóricos do método

sistêmico e apresentando conceitos que sustentaram a análise dos dados, como diferenciação; padrões de interações conjugais; repetição de padrões; mitos, regras e rituais familiares; lealdade familiar e ciclo vital da família.

Referente ao estágio do noivado, no capítulo 4, foi tratado acerca do desenvolvimento da pesquisa, apresentando seu pressuposto e objetivos; a estratégia metodológica; o procedimento; local e participantes; instrumento; e esclarecendo a forma como se procedeu a coleta e análise dos dados.

O capítulo 5, que foi designado ao estágio do casamento, focaliza a descrição e análise dos casos investigados, aprofundando aspectos dos membros de cada casal, separadamente, e como casal, desde a geração dos seus avós, tendo o novo casal, também em separado, como interlocutor.

No capítulo 6, relacionado à chegada dos filhos, é onde ocorre o aprofundamento da questão central da pesquisa, a essência da discussão, a partir da apresentação das repercussões advindas das experiências com o parentesco por afinidade que o casal vivenciou nas famílias de origem na construção dessas relações com o parentesco por afinidade na vida conjugal atual, observando aspectos em comum entre os três casos estudados.

E, por fim, no capítulo 7, chamado de ninho vazio, encaminho a conclusão desse trabalho, a partir das repercussões apresentadas no capítulo anterior. Observei a constituição de um dilema central em torno de um jogo de interesses que surge entre os sogros com os casais da nova geração, que merece ser mais observado. Mais que isso, observei a questão dos sogros como avós surgir espontaneamente, com o que é instaurada uma dissonância entre o que, na realidade, se pode viver enquanto díade com os sogros, agora também avós, e aquilo que se aspirava, individualmente, em função do modelo de referência presente no grupo familiar, levando o novo casal à acordos e ajustes acerca das fronteiras, para garantir o seu modelo único de ser casal.

Como se trata de um estudo específico referente a uma determinada classe, o capítulo também apresenta sugestões para continuidade da investigação.

A

M

I

Z

A

D

E

2 AMIZADE: CONJUGALIDADE, PARENTESCO E AFINIDADE

2.1 FAMÍLIA E CONJUGALIDADE

Como recurso para formação da pessoa, bem como recurso para a sociedade, a família contribui para a construção da identidade pessoal. Constitui-se como um grupo com dinâmicas relacionais muito diversificadas cujo funcionamento muda em decorrência de qualquer alteração que venha a ocorrer em um de seus membros ou no grupo como um todo (SILVA; DESSEN, 2001). Até os anos 1960, falava-se de uma família conjugal com papéis bem definidos, mas, a partir daí, surgiu uma diversidade de perspectivas teóricas.

Sob a denominação família, existe uma pluralidade de composições que incluem laços sanguíneos, relações não formalizadas por parentesco, família conjugal extensa, núcleo doméstico, família não legitimada juridicamente, entre outras (CERVENY, 2011). Tratou-se da individualização na família (ABOIM, 2010); da família contemporânea como família relacional (KAUFMANN, 1992; 1993; TORRES, 2002; SINGLY, 2007), mas, mesmo diante da diversidade de perspectivas, ainda é indiscutível a consideração do laço conjugal como elemento fundador dos laços familiares e até mesmo dos laços sociais nas sociedades ocidentais contemporâneas.

Na contemporaneidade, consoante Torres (2002; 2004) e inversamente às aparências, a conjugalidade é projeto central na vida dos indivíduos. Exige-se do indivíduo a busca da sua autenticidade, que, por sua vez, só pode ser construída através da relação com o outro, especificamente o outro conjugal. Assim, identifica-se a função central da família na contemporaneidade: possibilitar a formação da identidade pelos laços afetivos.

Esta perspectiva de família é possível, porém, razoavelmente parcial, por dois motivos: a natureza dúplice das noções de autonomia e fusão da vida a dois; e a definição da conjugalidade não apenas como espaço de produção de afetos, mas

de recursos materiais e de trajetórias sociais (ABOIM, 2006). Por isso, é possível considerar que se está vivendo um paradoxo conjugal contemporâneo (ABOIM, 2010), entre o ideal de fusão afetiva e o investimento na individualidade.

A família é uma instituição, um campo privilegiado para se pensar a relação entre o indivíduo e a sociedade, o subjetivo e o objetivo, o biológico e o social (SARTI, 2004). Compreender a família exige o esforço de a olhar como uma realidade concebida por “uma linguagem socialmente elaborada e internalizada pelos indivíduos por um mecanismo necessariamente relacional” (SARTI, 2004, p. 195).

Mas a família-instituição, de regras pré-concebidas e rígidas, passa agora a ser vista como um espaço de construção de relações afetivas pessoais duradouras. A família se transformou, mas não perdeu o sentido de busca de garantia de produção de identidade.

Na literatura contemporânea, a família passa a ser nomeada como uma instituição “relacional e individualista” (SINGLY, 2000; 2007). Com esta perspectiva, chama-se atenção para diferenciação entre os termos individualização (necessária para compreensão da análise da família contemporânea) e individualismo (que tem como inerente a noção de independência total e irrestrita dos sujeitos) (SINGLY, 2000).

A literatura sócio-antropológica de François de Singly (2000; 2007) apresenta uma mudança do indivíduo no mosaico da família e da sociedade, em razão da constituição moderna de indivíduo que desvaloriza os papéis sociais, os grupos, e exalta a originalidade e a autenticidade, como sentimento de fidelidade a si mesmo. De forma que não se busca mais um enquadramento a um modelo institucional: “a vida privada estrutura-se, antes de mais nada, no reconhecimento mútuo das pessoas que vivem juntas” (SINGLY, 2007, p. 74).

Nessa ótica, a família se situa no centro da construção da identidade individualizada dos sujeitos, como lugar designado para criação e manutenção dos laços sociais e afetivos, assumindo a atribuição de ser reveladora de identidades interiorizadas (SINGLY, 2000), dando sentido às relações entre os indivíduos.

À medida que a família ajuda cada um a constituir-se como um “eu autônomo”, também evidencia suas contradições internas, levando os laços de dependência a serem tão negados quanto necessários (SINGLY, 2007). “No laço conjugal, assim como na família, a necessidade de interdependência e a negação desta necessidade criam tensões internas. É preciso ser ‘um’ sendo ‘dois’” (FÉRES-CARNEIRO, 1998, p. 381).

O casal contemporâneo é constantemente confrontado por duas forças paradoxais entre o convívio da individualidade e a conjugalidade:

Se, por um lado, os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um, por outro, surge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais (FÉRES-CARNEIRO, 1998, p. 383).

Em 1998, Féres-Carneiro analisou o casamento contemporâneo a partir do paradoxo entre a individualidade e a conjugalidade, apresentando, em 2008, modelos e perspectivas para a psicoterapia de casal a partir de artigos de revisão publicados e indexados ao Psiclít, de 1980 a agosto de 2006. Tal pesquisadora pôde revisitar a história da terapia de casal e de seus desdobramentos recentes, ressaltando a emergência de um renovado interesse do individual-no-casal, com estudos sobre a importância do papel do campo emocional e cognitivo na construção de campos de interpretação da interação conjugal.

Ao falar de famílias e relações familiares, duas questões são sempre colocadas por Féres-Carneiro (1998, 2003, 2008): a da conjugalidade e a da parentalidade (no caso de casais com filhos). Isso porque as transformações pelas quais a família vem passando atinge a relação entre os cônjuges. O casal convive com essa difícil tarefa de ser dois em uma troca de (re)conhecimentos que se presume a transformação do eu, com interesse de aprender novas possibilidades de ser outra pessoa, sem perder a identidade. Permanecer a mesma, incluindo um repertório novo sobre a maneira de pensar, agir e sentir.

O fascínio e a dificuldade de ser casal residem no fato do casal encerrar, na sua dinâmica, e ao mesmo tempo, duas individualidades e uma conjugalidade:

O casal contém dois sujeitos, dois desejos, duas inserções no mundo, duas percepções do mundo, duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais que, na relação amorosa, convivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal.

(FÉRES-CARNEIRO, 1998, p. 381).

A autora questiona: “Como ser dois sendo um? Como ser um sendo dois?” (FÉRES-CARNEIRO, 1998, p. 380). Amparada em Nichols (1987), Féres-Carneiro (1996) chama a atenção para a importância da capacidade dos cônjuges de influenciar o relacionamento do casal através de sua auto-regulação.

Em Philippe Caillé (1991), um e um são três, já que cada casal cria seu modelo único de ser casal, considerado por ele como o “absoluto do casal”, que define a existência conjugal e determina seus limites. Para Caillé (1991), a definição de casal contempla os dois parceiros e seu “modelo único”, seu absoluto, considerado por Féres-Carneiro (2003) a “identidade conjugal”, tratada na literatura da área, de um modo geral, como conjugalidade.

Um dos pilares que sustenta a noção de conjugalidade para Aboim (2009) é o compartilhamento das dimensões individual e conjugal no relacionamento afetivo, na medida em que compreende aquilo que envolve o casal (construído pelo par), e o que cada um traz ou agrega para a relação (construído pelo membro da díade), e que permanece constante ao longo do tempo. A pesquisadora corrobora com uma noção contemporânea de que existem diferentes conjugalidades ou diferentes modos de se experienciar o “nós conjugal”, quando trata das pluralidades dos afetos que estão em jogo na parceria.

Em uma sociedade em constante movimento, em que os afetos são plurais, a conjugalidade também se tornou, os afetos descentralizaram-se de um modelo único de família e agora dilemas são criados em torno de se aprender a lidar com a conjugalidade como um fenômeno em plena transformação.

Na década de 70, o casamento era um ato dramático, no qual dois estranhos com passados individuais distintos, se encontram e se redefinem, ao entender

principalmente, que era por meio do discurso que ocorria a reconstrução do mundo, que a partir do diálogo com pessoas significativas a realidade se sustenta, e, assim, conferem ao casamento um lugar privilegiado dentre as relações mais importantes validadas pelos adultos na sociedade (BERGER; KELLNER, 1970).

Na contemporaneidade, Féres-Carneiro (1998) discorre de que muito antes de acontecer na biografia dos indivíduos o drama deste ato já é antecipado internamente e legitimado socialmente.

“Na conversação conjugal, a realidade subjetiva do mundo é sustentada pelos parceiros, que confirmam e reconfirmam a realidade objetiva internalizada por eles” (FÉRES-CARNEIRO, 1998, p. 382). Assim, o casal contemporâneo constrói a realidade presente e reconstrói a realidade passada, fabricando uma memória comum que integra os dois passados individuais.

Berger e Kellner (1970) estavam amparados na sociologia familiar que, desde Durkheim, refere-se ao casamento como proteção contra a anomia do indivíduo, atuando como um instrumento de construção nômica, cumprindo sua função social de criar certa ordem para o indivíduo, possibilitando-o experimentar a vida com um novo sentido.

Em síntese, na década de 70, Berger e Kellner discutem a relevância institucional do casamento contemporâneo considerando-o a principal área de auto-realização social e a base dos relacionamentos na esfera privada. Na contemporaneidade, o próprio conceito de família está em xeque, pois a mudança de valores, o ingresso da mulher no mercado de trabalho, a facilitação do divórcio e o aumento de casamentos sucessivos têm alterado profundamente sua estrutura afetiva interna.

O caráter institucional do casamento não é mais a única forma de iniciar a vida a dois: a união formal do casamento cedeu espaço para diversos arranjos conjugais, que, independente de qual, tem levado a uma “nova introdução do si-mesmo no sistema”, como defende Nichols (1987) e Féres-Carneiro (1996).

O estudo da família e dos modelos de relações conjugais introduzidos na pós-modernidade é fundamental para a compreensão das mudanças ocorridas nas últimas décadas e suas implicações para o desenvolvimento dos indivíduos nos contextos familiares atuais (CICCO; PAIVA; GOMES, 2005).

Em 1993, Bruschini procurou elaborar um retrato da família brasileira, a partir do diagnóstico das seguintes características: tendência à nuclearização, já que o tamanho médio da família brasileira vem diminuindo; crescimento do número de famílias e diminuição do seu tamanho médio; diminuição dos casamentos religiosos e aumento das uniões apenas civis e uniões livres; crescimento do número de mulheres chefes de família, sobretudo solteiras; predomínio de famílias chefiadas por mulheres em etapa mais avançada do seu ciclo vital, já com filhos em idade superior a 15 anos; os chefes de família tendem a ser mais velhos que as cônjuges; aumento da participação feminina na força de trabalho na década de 70, sobretudo entre mulheres casadas e com filhos pequenos; famílias nucleares que dependem do trabalho do chefe da família, do filho maior de 18 anos e, em seguida, do cônjuge feminino (BRUSCHINI, 1993).

Apesar do cenário exposto acima, em que se observa a família menor e menos hierarquizada, esta nunca teve tanta importância como agora, quando se pensa que é possível cada um ajudar o outro a tornar-se si próprio (SINGLY, 2000). Pode ser concebida como uma família em mudança, em que o elemento central não é mais o grupo reunido, mas sim os membros que a compõem, numa alternância entre o eu sozinho e o eu com o outro.

A família tende a perder sua função de unidade econômica, e, com isso, os seus integrantes passam a ter uma relação mais pessoal e afetiva; vive-se o pluralismo familiar e, com ele, a necessidade de uma nova equação individualização/pertencimento, em que a esperança de realização amorosa-afetivo-sexual assume uma posição central na vida das pessoas.

Ao contrário do que se pensa, segundo Diniz-Neto e Féres-Carneiro (2005), a instituição casamento não se encontra em um processo agonizante; as pessoas, ao contrário, estão em busca de relacionamentos amorosos mais satisfatórios e

funcionais, que propiciem condições mais favoráveis para o processo de diferenciação e desenvolvimento psicológico e emocional para os parceiros. Na contemporaneidade, os padrões de conjugalidade devem estar abertos à transformação dos costumes, das formas de vinculação e dos fatores que contribuam para fazer com que um casal permaneça junto e experimente sentimentos de prazer e satisfação, além das transformações das pessoas e daquilo que as mesmas concebem ou avaliam como satisfação e bem estar.

Portanto, não se deve falar apenas em transformações da conjugalidade ou da intimidade, mas, transformações da própria percepção subjetiva de felicidade e bem estar, seja no casamento ou em outros tipos de relacionamento humano (GIDDENS, 1993).

2.2 AMOR E CONJUGALIDADE CONTEMPORÂNEA

Desde a Grécia Antiga o amor exerce fascínio como objeto de estudo para pesquisadores, como foi o caso dos filósofos Platão e Aristóteles. Com o passar do tempo, a Psicologia, as Ciências Sociais e outras ciências se dedicaram ao tema amor em suas diferentes manifestações.

Hodiernamente, o amor se tornou uma categoria de análise do comportamento, de compreensão da família, estreando nos domínios do Marketing, Economia e até Finanças. “A nossa sociedade não apenas existiria sem o amor, como também não sobreviveria à modernidade e às novas formas de leitura de mundo que criamos a *partir e por* este sentimento” (SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2010, p. 260).

Considerado um dos sentimentos mais relacionados ao comportamento humano, o amor, na contemporaneidade, é tido como prática social, mas vivenciado como sentimento. Em “A história do amor no ocidente” (1939/2003), uma das mais importantes obras do século XX sobre a temática do amor, Denis de Rougemont, revelou, partindo do mito de Tristão e Isolda, que a ideia de amor que prevalece na atualidade surgiu em torno do século XII, repleta de características ocidentais.

Desde então, o amor passa a fazer parte da literatura ocidental, ainda que não se referindo a um amor conjugal. Entendia-se que a função do casamento, em todos os níveis da sociedade, não compreendia a satisfação do amor de duas pessoas, mas sim, a possibilidade de ligar duas famílias, permitindo que se perpetuem.

Também com bases em Tristão e Isolda, Borges (2004) aponta a percepção do amor como uma doença da alma que pessoas como Isolda decidem contrair, contribuindo para um ideal de “amor romântico” como aquele que nunca alcança a correspondência, e os que dele são vítimas, se enveredam numa busca contínua, exatamente como os que se percebe nos principais romances da cultura ocidental. O amor passa a ter uma identidade que garante certa autonomia e liberdade quanto às interações sociais, como se ele se bastasse.

Até o século XVIII, o mundo ocidental não concebia uma aproximação entre o amor no casamento e o amor fora do casamento, considerando, assim, o amor-paixão como essencialmente extraconjugal (FÉRES-CARNEIRO, 1998). A partir do século XVIII um novo ideal de casamento vai se constituindo no Ocidente, permitindo que se tenham expectativas em relação ao amor conjugal, que o erotismo extraconjugal faça parte do casamento e que o amor-paixão seja visto como modelo. Nessa sociedade contemporânea não é mais aceito que se case sem desejo e sem amor.

Essa ideia contemporânea do amor é tratada por Borges (2004) como oriunda do pensamento grego que pressupunha três tipos de amor: eros, philia e caritas, ou ágape. Eros é originário do pensamento platônico e lembra o amor romântico, o mais próximo deste conhecido na atualidade, que está ligado à falta, ao sofrimento. É o amor que busca ser alcançado. Philia está mais próximo ao pensamento aristotélico relacionado a um desejo de partilhar a companhia do outro, querer o bem do outro. O amor caritas, ou ágape, que é próximo da philia, é um amor atrelado ao bem do outro, muito semelhante ao amor cristão, no qual gostar de alguém seria amar incondicionalmente essa pessoa e o ser amado nada mais é do que alguém que o amante deseja fazer o bem.

A leitura de Rougemont (2003; 1988) e de Macfarlane (1990) incitam relações entre o amor romântico e o amor eros. A perda da possibilidade de Adão e Eva viverem no

paraíso se deu pelo fato de Adão ter colocado Eva acima de Deus, ter escutado a amada, e não a Deus. Assim, Rougemont defende que o amor-paixão foi glorificado como uma religião e, mais especificamente, como uma heresia cristã e que o amor cortês foi constituído a partir de uma idealização do amor carnal.

Em “Filosofia do amor”, Simmel analisou o amor a partir do egoísmo, abordando o amor como um sentimento atrelado ao seu objeto, o ser amado, e se estabelece de forma que, quando consolidado, transcende a si mesmo e à relação na qual ele surgiu (SIMMEL, 2001). Ele descarta o amor com motivações apenas biológicas e, a partir de princípios sociológicos, trata o amor de forma transcendental e defende que quem ama tem a impressão de que sua própria vida está mediada pelo amor do sujeito amado e a serviço dele, sob uma condição trágica de uma necessidade de se fundirem de modo a constituírem uma só pessoa.

Já em “A psicologia do coquetismo”, Simmel (2001) relaciona o amor com o “ter e o não ter”, revelando que quando o amante possui o objeto amado o amor passa a não existir, que quanto mais difícil de se tornar realidade mais buscado o amor é, reforçando a imagem do amor inalcançável atrelado ao sofrimento.

É denominado por ele de coquetismo a forma como homens e mulheres se comportam um em relação ao outro, de maneira a se fazerem atraentes, tornando-se desejável ao outro (SIMMEL, 2001). É o jogo de sedução elaborado pelos amantes para fazer desencadear o sentimento no amado; possibilitar que as pessoas sintam interesse por eles e os amem.

“Fragmentos de um discurso amoroso” (2003), de Roland Barthes, explora a anulação, característica de um dos fragmentos do discurso amoroso, como manobra dos amantes quando encontram o fenômeno amor, antes procurado, esclarecendo a visão do autor de que existe uma relação de dependência entre amante e objeto amado, como uma sensação de ausência da realidade.

Na metade do século XX e início do século XXI, as ideologias e práticas do casamento, assim como os padrões que envolviam as identidades masculinas e femininas, passaram a ser questionados, gerando uma crise de identidades e de

papéis sociais na família e, conseqüentemente, nos padrões de interação conjugal, o que ocasionou transformações na relação homem e mulher, produzindo novas formas de sujeição e de subjetividades. Assim, Matos (2000) define a conjugalidade pós-moderna como “um núcleo de trocas afetivo-sexuais e um determinado arranjo de vida cotidiana, sendo caracterizada essencialmente por uma não-demarkação de papéis conjugais” (MATOS, 2000, p. 163).

Esta crise psicossocial e institucional da conjugalidade se revela em vários aspectos: na diminuição do número de casamentos, oficiais ou não; na decisão pelo casamento numa idade avançada; no surgimento de alternativas ao modelo tradicional de casamento e na ocorrência do aumento do número de divórcios. Como o período pós-moderno traz como um dos seus traços predominantes uma grande ênfase no individualismo e na autonomia.

Dias (2000) chama a atenção para certa coibição a qualquer tendência à dependência simbólica ou material de valores e exigências das famílias de origem ou de instituições religiosas, e, assim, enfatiza que o casamento deixou de ser uma proteção institucional para o vínculo amoroso. Desta forma, criou-se uma cisão entre vida conjugal e casamento; duas pessoas podem viver juntas sem se casar porque a relação não segue uma lógica institucional, mas sim, afetiva.

Não é mais o casamento apenas que define o casal e a vida em comum, assim como partilhar de uma mesma moradia também não é a única forma de defini-lo (DIAS, 2000). Alguns casais se consideram casados mesmo morando em casas separadas e o inverso também é verdadeiro. O que define um casal é, principalmente, o laço afetivo, a partilha de vivências, a qualidade e a intensidade da relação, a felicidade e satisfação de seus membros.

A questão da coabitação (quando um casal vive junto e mantém relações sexuais sem haver casamento) tem se generalizado (GIDDENS, 1993), e se, anteriormente, o casamento era a base definitiva da união entre duas pessoas, atualmente não é mais assim.

Convive-se, na contemporaneidade, com um ideal de “amor romântico” em que se mistura ilusão e realidade, perdas e ganhos, paradas e recuos, como corrobora Freire Costa (1998), que entende o amor como “suporte de predicação moral” e constata que, dessa forma, tanto pode representar felicidade quanto sofrimento. Passa a existir uma relação direta entre o que se pensa e o que se concebe sobre o amor, a partir da sua vivência como sentimento. É a partir das mais variadas interações sociais que existe uma relação constituidora do amor que o conduz a uma ação prática, porém vivenciada como um sentimento.

O amor não configura apenas um sentimento presente na vida social, mas é uma força que predispõe à ação e tem o poder de criar novas relações sociais (TORRES, 2000). Sempre esteve associado à felicidade e à sua busca. Quando o amor romântico se instaurou, na Europa, consoante Freire Costa (1998), como norma de conduta emocional, ele respondia a anseios de autonomia e felicidade pessoais. Associado à vida privada burguesa tornou-se um elemento de equilíbrio entre a felicidade individual e os ideais coletivos. Com o tempo, deixou de ser um meio de acesso à felicidade, para se tornar seu atributo essencial.

Simon e Gagnon (1984; 1986) e Gagnon (1999; 2006) relacionam o amor a uma prática social exercida através de roteiros sexuais, nos quais fenômenos como sexualidade, desejo e amor passam por roteirizações, e as pessoas amam as outras porque existe uma condição social e cotidiana que viabilize isso. Michel Bozon (2004) também defende a perspectiva do amor como um roteiro sexual, a partir da compreensão de que o amor se constitui como fenômeno prático cujo sentido se encontra num jogo, atribuindo o amor como um ato de conceder a si mesmo ao outro.

O amor, na contemporaneidade, a partir das práticas sociais, se institui no interior de uma série de roteirizações que levam a tocar o coração de alguém (GAGNON, 2006). Por isso Bozon (2004) afirmar que a compreensão do que seja o amor deve partir de um roteiro, de uma prática social cotidiana, como por exemplo, as confidências tecidas pelos amantes quando estão se conhecendo, e-mails, fotos, mensagens trocadas, que celebram a interação do casal e a construção da relação amorosa.

Considerada como um drama por Barthes (2003), toda relação amorosa tem o encontro como evento fundador de um possível amor que será constituído, duradouro ou não, a depender do tipo de relação que será estabelecido. Essa primeira fase do amor parece mágica, pois antecede os conflitos intrínsecos aos relacionamentos amorosos, e tem na comunicação um papel fundamental para a roteirização do laço amoroso, premente em pequenos gestos que configuram a constituição da prática amorosa.

Contudo, seguindo o raciocínio de Oltramari, “o que se pensa hoje sobre o amor é que constitui um sentimento que existe antes mesmo de os sujeitos encontrarem um parceiro, pois há um código partilhado, que é construído anonimamente por todas as pessoas e é comum a todos” (OLTRAMARI, 2008, p. 673).

A individualização das relações entre as pessoas e do sentimento amoroso que conduz à reflexão acerca das causas do fracasso do casamento fundado no amor, por uma necessidade contemporânea de respeito às individualidades e diferenciação entre as pessoas (GIDDENS, 1993), tornou-se um impasse da modernidade, já que as pessoas compreendem que o amor deve ser vivido atrelado ao ideal de amor romântico que desenvolveram, e assim o fazem.

Por isso, o amor esteja sendo tão procurado dentro dos relacionamentos de conjugalidade (GOTTMAN, 1993; 1995). Grande parte das separações conjugais acontece porque “o amor acaba”, e logo depois as pessoas emendam novos relacionamentos, procurando o amor que terminou no anterior.

Apresentado por Relvas (2003) como motivo principal e, por vezes único, para o casamento, o amor, de acordo com Sternberg e Barnes (1988 *apud* NARCISO, 1994/1995) é composto por três componentes: a paixão, a intimidade e o compromisso. A paixão é considerada o componente mais intenso e inclui os atributos cognitivos³, os atributos emocionais⁴ e, ainda, os atributos

³ Pensamento intrusivo, idealização do outro e da relação, desejo de conhecer o outro e de ser conhecido, entre outros.

⁴ Atração pelo outro, sobretudo a atração sexual, desejo de união completa e permanente, desejo de reciprocidade, ansiedade, insegurança, ativação fisiológica intensa, entre outros.

comportamentais⁵. A intimidade, por sua vez, inclui a revelação mútua, a escuta recíproca, as preocupações e cuidados com o parceiro, o conforto com a proximidade e o contato físico, a amizade, a compreensão mútua, o apoio emocional e a preocupação com o bem-estar do outro. O compromisso caracteriza-se pelo desejo e empenho em manter e perpetuar a relação e pela incapacidade de considerar alternativas ao parceiro.

Narciso (2001; 2002) considera fundamental a compreensão da evolução que o amor sofre ao longo do tempo e propõe uma visão do amor formado por vários componentes que vão se transformando, em função do tempo de duração e do momento da relação, das circunstâncias e dificuldades desta e dos próprios parceiros. O amor apaixonado, característico da relação no seu início, vai sendo gradualmente substituído por um amor companheiro.

Assim, não é possível que alguns desses componentes se mantivessem inalteráveis ao longo de todo o casamento, já que, estando todos em relação, mudanças num componente conduziriam inevitavelmente a mudanças nos outros e a inexistência de mudança nos componentes seria incompatível com o desenvolvimento equilibrado da relação.

A relação entre identidade pessoal e casamento, para Giddens (1991), é colocada num contexto tão abrangente que se transforma numa característica específica da própria modernidade. Como uma tendência da “modernidade tardia”, no domínio das relações conjugais, Giddens (1991; 1993) propõe um modelo auto-referenciado, chamado “relacionamento puro”, tendo em vista que este só se mantém se proporcionar satisfações a ambos os parceiros. Nesse caso, o laço conjugal só se materializa no fato das relações entre os parceiros não se pautarem por padrões estabelecidos ou impostos pelo exterior, mas sim por critérios definidos pelos parceiros conjugais, em torno do que estes consideram ser a qualidade intrínseca da relação.

⁵ Estudar o outro, servir o outro, manter a proximidade física e agir para determinar os sentimentos do outro, entre outros.

Presente nos laços de conjugalidade contemporânea, o individualismo denuncia o paradoxo intrínseco à relação individualidade e autonomia. A expressão intimidade atrelada aos relacionamentos amorosos tem, hoje, mais sentido do que a própria ideia de casamento (GIDDENS, 1993). Nas diferenciações que apresenta quanto ao amor romântico e o amor paixão, deixa transparecer os elementos que o amor romântico incorporou do amor paixão, como o ideal de perpetuação dos sentimentos do início do relacionamento.

Diferenciado do amor paixão, na modernidade, o amor romântico acaba sendo a novidade dentro da história do amor, na qual o amor sempre se diferenciou da paixão. Na contemporaneidade, existe uma relação direta entre essas duas formas de relacionamento, já que, mesmo diferenciado, o amor continua a perpassar o companheirismo, mas, não somente, aparecendo, hoje, também atrelado à sexualidade, o que o aproxima muito da paixão.

Consoante, o amor romântico suscita a questão da intimidade e supõe uma comunicação psíquica, de caráter reparador entre as partes, já que preenche um vazio no outro, que muitas vezes sequer reconhece, proporcionando a instalação da relação amorosa e a sensação de inteireza (GIDDENS, 1993).

Sob a pressão da emancipação sexual e da autonomia feminina, os ideais do amor romântico tenderam à fragmentação, dando lugar ao denominado de “amor confluyente” (GIDDENS, 1993), que se desenvolve a partir da intimidade e presume igualdade no dar e receber afeto.

Dias (2000) pontua ser ele baseado na busca da felicidade, satisfação e amor, através do qual é o desejo intenso de estar com o outro que motiva o casamento e determina a escolha do parceiro, já que os indivíduos esperam encontrar nestes relacionamentos uma compatibilidade “afetiva, sexual e intelectual”, fatores que determinarão a continuidade do vínculo.

A passagem do amor romântico ao amor confluyente é uma tendência para uma implicação afetiva e emocional partilhada igualmente entre homens e mulheres, em contrapartida aos modelos anteriores em que essencialmente cabia às mulheres

alimentarem a vertente romântica das relações conjugais (GIDDENS, 1993). Tende-se cada vez mais às relações igualitárias entre homens e mulheres e às trocas entre parceiros, que também estão mais próximos quanto ao desempenho dos papéis sociais. Enquanto a máxima romântica pressupõe o ideal de “para sempre” e “único e exclusivo”, a assimetria, submissão doméstica e identificação projetiva, o amor confluyente presume igualdade emocional na ligação amorosa, que pressupõe uma postura de abertura perante o outro.

Investigações sobre os relacionamentos amorosos da modernidade (GIDDENS; 1993, BAUMAN, 2004), passam por incertezas devido às dificuldades nas constituições dos vínculos sociais, que levam ao desenvolvimento de uma necessidade, por parte dos amantes, de buscarem vínculos amorosos materiais. Os laços afetivos tornam-se cada vez mais frágeis e, em contrapartida, crescem as relações de consumo, que convivem com a necessidade de relacionamento entre as pessoas, hoje menos cristalizados do que em tempos atrás. Bauman (2004) se refere à metáfora do “amor líquido” como uma forma de compreender a complexidade dessas relações afetivas na atualidade.

Perlin e Barros (2006) atestam que

o laço conjugal recebe a definição de seus membros segundo seu percurso histórico e sua bagagem emocional compartilhada, e, por hoje ser tão privativo, individual e dependente dos contratos simbólicos explícitos ou não de cada um dos parceiros, é mais frágil e propenso a divórcios, remanejamentos e redefinições (PERLIN, BARROS, 2006, p. 107).

Para Dias (2000), na medida em que questões como as opções de casar ou coabitar, divorciar-se ou não, tornaram-se questões puramente individuais, o casamento deixou de ser visto como o representante institucional e simbólico do que é um casal ou uma família, além do que vários arranjos conjugais e familiares ganharam espaço nessa conjuntura pós-moderna, favorecendo a inexistência de um modelo único de relacionamento, tais como famílias compostas por recasados, divorciados, coabitantes, monoparentais, dentre outros, considerados impróprios há algum tempo atrás.

Apesar de ter assumido características mais efêmeras, é interessante perceber como o amor é almejado como se fosse eterno, e como aqueles que estão envolvidos em relacionamentos amorosos tentam controlá-los como se manejam investimentos realizados no mercado. O amor distingue-se da paixão quando hoje mensura-se o tempo do relacionamento, a segurança e tudo o que o torna mais saudável, mas, com bases em Luhmann (1990) é assim que o amor destrói a si mesmo.

São, na modernidade, o amor e a paixão lados da mesma moeda, que não necessariamente andam juntos, mas têm o casamento como seu fim. A paixão procura aventuras e o amor, serenidade. E assim o amor se constitui, ainda, dentro de uma busca por institucionalização (SILVA, 2005).

Sentido ainda de forma idealista, o amor, mesmo na sociedade ocidental, é estabelecido por meio da confiança entre os parceiros como requisito fundamental para sua realização, critério utilizado para diferenciar os relacionamentos sérios daqueles menos importantes (SILVA, 2005). Assim, sem confiança, não há possibilidade de relacionamento institucionalizado, já que as pessoas convivem com o desejo indissolúvel da fidelidade como instância única de realização do amor romântico, em que se elege o parceiro como único e eterno.

A sociedade moderna é resultado de muitas transformações sociais que apontam riscos aos indivíduos, por isso a necessidade de estar atento e consciente a estes riscos a levou a consolidar a confiança como critério, relacionando-a à credibilidade que uma pessoa tem na relação com outra (GIDDENS, 1991). Dentro das relações de conjugalidade, defende Giddens (1991), a confiança está relacionada com uma possibilidade de risco aceitável, desde que não se desestremem as relações sociais entre elas e aqueles com quem se relacionam. Para ele, a confiança está atrelada à ideia de uma aposta. Quando se confia em alguém, é possível identificar as ameaças, calcular os riscos e planejar um comportamento de segurança.

As relações no interior da conjugalidade podem ser compreendidas pelo conceito de “crença emocional” atribuído ao amor por Freire Costa (1998), que o considera uma invenção que tornou os seres humanos caçadores deste suposto sentimento. Para o

autor, as emoções amorosas sentidas quando se está no calor dos relacionamentos são vividas como reais e impulsionam os amantes a pensarem no amor como algo transcendental e imortalizado, como se tivessem a mesma identidade, vivendo essa experiência como uma promessa de que o amor possa dar estabilidade a algo instável, como se caracterizam as relações sociais na modernidade.

“Em suma, vivemos uma moral dupla: de um lado a emoção das sensações, do outro a saudade dos sentimentos. Queremos um amor imortal e com data de validade marcada” (FREIRE COSTA, 1998, p. 21). Em tempos contemporâneos, quando não encontram alguém para amar ou quando encontram e não acontece o que desejam desse amor, as pessoas se sentem fracassadas, mas não a ponto de desistirem dele. Ao contrário, é um importante objetivo do ser humano contemporâneo.

Bozon (2004) e Freire Costa (1998) descrevem o amor como uma experiência seletiva e de uma lógica prática, em que os amantes escolhem amar os iguais, os que compartilham das mesmas identidades e características, garantindo uma grande afinidade sócio-afetivo-intelectual. Quanto mais espontâneo se vive o amor, mais ele é considerado puro.

Todavia, para compreender como os laços afetivos-sexuais se formam é necessário percebê-los a partir das interações sociais. Em “História da sexualidade: a vontade de saber” (1999), Michael Foucault explicita que os gregos tinham os vínculos conjugais associados a uma relação de ajuda mútua, companheirismo e procriação, já que compreendiam que o casal era uma forma de unificação dos cônjuges e o casamento uma prática cotidiana de encorajamento e cumplicidade. Assim, o casamento era um lugar de legitimidade do ato sexual, mas não o único espaço para que as relações sexuais pudessem acontecer.

Os laços de conjugalidade decorrem de um momento de complexificação das relações amorosas, em que o amor e a sexualidade enfrentam mudanças. Modificações no desempenho dos papéis masculinos e femininos e na divisão de tarefas ilustram a forma complexa como a conjugalidade vem se constituindo, sob um contexto de permanência de alguns valores e tradições, concomitante às

transformações das identidades e dos papéis sexuais. A marca da sociedade contemporânea é o desejo individual, de forma que as relações sexuais se apresentam de forma mais narcísica que altruísta.

A forma como a sexualidade do casal irá conformar-se é chamada por Bozon (2004) de “orientações íntimas”, e constituem verdadeiros quadros mentais que delimitam o exercício da sexualidade, definindo o sentido que lhe é dado e indicando o papel que esta assume dentro da construção de si. Assim, a sexualidade do casal se apresenta como um cenário cultural no qual os sujeitos têm referências para agir sobre a realidade.

Sharon Brehm (1991) entende essas relações íntimas como uma forma de interação social que ela identifica como troca, sejam elas recompensas, custos ou trocas sociais, que ocorrem em qualquer relação que supõe algum tipo de intimidade. Atributos como as características físicas, beleza, inteligência, atenção dispensada pelo companheiro ou auxílio prestado em algum momento da vida, caracterizam o que ela considera recompensas.

Os recursos também podem ser financeiros, que levam alguns casais a estabelecerem redes de relações nas quais os laços íntimos se constituem a partir dessas características de trocas, que são construídas dentro de um universo de interações complexo, com aproximações e afastamentos entre aqueles que se relacionam conjugalmente. As relações dos casais se caracterizam por atribuições sobre o que um pensa em relação ao outro e, ainda, sobre o relacionamento entre ambos (BREHM, 1991).

Nessa perspectiva, a comunicação tem a importante tarefa de fazer as pessoas se revelarem umas às outras. Brehm (1991) percebe o relacionamento conjugal como uma troca íntima de comunicação entre as pessoas, em que o amor se estrutura a partir daí, dessa abertura de mostrar-se quem é, que faz com que se alimente a confiança entre as pessoas. E dentro dessas relações de intimidade entre as pessoas, na conjugalidade se estabelece naturalmente um contrato, não pela tradição como se verificava no passado, mas pela vontade de estar junto com o

outro. Um contrato contínuo que prevê o envolvimento entre os amantes, e no qual amor e sexo têm papel primordial (BOZON, 2004).

Na vida conjugal do casal moderno, amor e sexualidade têm uma dimensão de destaque (KAUFMANN, 1993). As pessoas ainda colocam o amor como um valor, podendo interessar-se por várias pessoas, mas não amar mais que uma. Vivem a exclusividade no relacionamento amoroso e todo o discurso sobre o amor é realizado em torno da ideia de devoção, em que, para Kaufmann (1993), se apresentam amando mais o amor que o objeto amado, longe de romperem com a ideia de amor como algo transcendental no contexto das relações conjugais.

Diante de representações históricas, o amor materializou-se como mito, se constituindo como um sentimento a partir da conjugalidade. A vivência e a não vivência da conjugalidade acarretam diferenças: os sujeitos que estabelecem relações conjugais perspectivam a construção de um projeto de vida em comum com aqueles que elegem como amados, enquanto os que não estabelecem não o elaboram.

O amor tem se apresentado com uma nova roupagem e, por isso, permanece no centro dos interesses e buscas do ser humano. Ainda tem fortes componentes do elemento romântico, mas incorpora cada vez mais elementos do que, no passado, foi chamado de amor paixão. As pessoas continuam procurando as emoções da paixão com a segurança que o amor traz por meio da confiança. Esta dupla função incorporada pelo amor no mundo contemporâneo tem trazido descontentamento, porém, concomitantemente, sua busca incessante.

O ser humano procura por segurança ante a imprevisibilidade da vida e tenta fugir da fragilidade dos laços modernos. Por isso, é possível considerar que o que os casais chamam de confiança nada mais é do que uma forma de tentar controlar o incontrolável, já que a dúvida é uma constante na vida do casal, ante a impossibilidade de prever sobre o outro.

O lugar do casamento no ciclo de vida tem mudado dramaticamente (MCGOLDRICK, 1995). Homens e mulheres estão fazendo sexo mais cedo e

casando mais tarde. Uma proporção cada vez maior está vivendo junto antes do casamento, experimentando a vida a dois antes de resolver casar. O casamento, que costumava ser o principal marco de transição para a vida adulta, já que simbolizava a transição para a paternidade, na contemporaneidade, muitas vezes, reflete uma continuidade maior da fase da idade adulta jovem ou da adolescência, uma vez que o nascimento dos filhos é cada vez mais adiado por vários anos depois do casamento.

Na transição para a paternidade os casais confrontam-se com os problemas dos tradicionais papéis sexuais e dos padrões multigeracionais. As mulheres estão investindo nas suas próprias carreiras e comportam-se cada vez mais resistentes a ficarem com as responsabilidades primárias pela casa e pelos filhos e a terem maridos omissos à vida familiar.

A decisão de casar era considerada a única rota para o status adulto completo. Falar sobre a escolha de casar ou não casar na maioria das culturas seria tão relevante como falar sobre a escolha de crescer ou não crescer. Mas, na medida em que uma parte maior da população não se ajustava aos padrões tradicionais, questionando em muitos momentos a sua viabilidade, a sociedade modificou suas normas a respeito do casamento.

Segundo Dias (2000), a grande novidade no casamento pós-moderno é a possibilidade de decidir individualmente quanto à temporalidade do vínculo conjugal, e não o aumento da ênfase no sentimento e na afetividade. “O ‘descasamento’ e o recasamento introduzem novos desafios para os indivíduos e para a formação dos seus laços familiares” (DIAS, 2000, p. 24).

Jessie Bernard (1982) discute por mais de uma geração o fato de que o casamento provoca descontinuidades tão profundas na vida das mulheres que chega a constituir um risco à saúde. Em consonância, as pesquisas trazem as mulheres solteiras como mais sadias do que as casadas em quase todos os aspectos, mental, físico, e mesmo nas estatísticas criminais, e, destoando do estereótipo cultural de que o casamento é algo que os homens devem temer, ilustram o fato de que de

todas as maneiras o casamento melhora a saúde mental dos homens (APTER, 1985).

Não existem evidências reais do impacto sobre o casamento mais tardio, do aumento do número de casais que vivem juntos sem casar, mas, de acordo com McGoldrick (1995), cada vez mais casais estão passando por um estágio de viver com um ou mais parceiros antes do casamento, tornando o casamento um ponto muito menos crítico no ciclo de vida familiar do que no passado. “Contrariamente aos populares estereótipos da vida da solteirona frustrada e do solteirão livre e desimpedido, as mulheres solteiras se saem muito bem e os homens solteiros se saem muito mal” (GURIN, 1980, p. 42).

Consoante Kaufmann (1995), o desafio do casal contemporâneo está em conciliar necessidades individuais e conjugais, inaugurando um novo modelo de trocas. Da mesma forma como é necessário administrar os vínculos conjugais com os vínculos familiares de origem ou por afinidade. Encontrar um lugar para a nova família que se forma e a família do cônjuge, sem perder de vista a construção da intimidade do casal.

Em todas as sociedades as famílias estabelecem vínculos sociais que são criados por meio de representações incorporadas nas noções de parentesco e instrumentalizadas pelo casamento. O ideal contemporâneo de casamento, em que se deseja o outro por inteiro e pretende-se penetrar por completo na sua intimidade, de acordo com Simmel (1971), gera um aumento das expectativas e idealização sobre o outro, que não repercute só nos cônjuges, mas que também se estende pelo elevado grau de exigência das suas famílias de origem sobre o novo membro da família, podendo provocar tensão e conflito na relação conjugal, chegando a ocasionar divórcios.

Interessante é que, apesar do clima de instabilidade e mudanças, algumas pesquisas (PERLIN, 2001; PERLIN; DINIZ, 2000) já têm demonstrado que homens e mulheres parecem estar se adaptando e ressignificando o casamento. A sociedade passou por um período no qual o casamento foi visto como uma instituição em crise; vivenciou momentos de reformulações e adaptações, mas agora parece esboçar

uma retomada do casamento com uma nova e flexível roupagem. As pessoas mostram-se interessadas em estabelecerem relacionamentos conjugais estáveis, empenhadas em construir laços conjugais duradouros, só que de formas diferentes e com outros fins.

Ainda que o tema amor tenha evoluído para um objeto de estudo fluido, conforme Bauman (2004), mutável e frágil, e embora o senso comum destaque que cada vez menos pessoas buscam o casamento como forma de realização pessoal, observa-se um crescimento nas taxas de casamento e de recasamento no contexto brasileiro⁶ (IBGE, 2010). Pessoas casadas, de ambos os sexos, revelam ser mais felizes do que aquelas que nunca casaram, ou são divorciadas, separadas ou viúvas.

Diniz Neto e Féres-Carneiro (2005) não consideram que a instituição casamento esteja com seus dias de vida contados. Assim como Bowen (1978), Goleman (1998) e Jablonski (1999), eles compartilham da ideia de que se está em busca de padrões de relacionamento amorosos mais satisfatórios e funcionais, capazes de proporcionar melhores condições de diferenciação e desenvolvimento psicológico e emocional dos parceiros.

⁶ “De acordo com dados da pesquisa Estatísticas do Registro Civil, de 1999 a 2008, observou-se, no Brasil, reversão da tendência de redução das taxas de nupcialidade legal. Em 1999, para a população de 15 anos ou mais de idade, as taxas variaram de 6,6‰ a 5,6‰, de 1999 a 2002 e, a partir daí, cresceram até 6,7‰, em 2008, a maior taxa registrada no período. Em 2008, o total de casamentos registrados foi de 959 901, cerca de 5% superior ao número observado em 2007. Deste, 97,5% foram de indivíduos de 15 anos ou mais de idade, ocorridos e registrados no ano de referência da pesquisa. Os demais envolviam pelo menos um cônjuge com menos de 15 anos ou foram realizados em anos anteriores ao do registro. Simultaneamente, ao crescimento da taxa de nupcialidade legal, está a elevação dos recasamentos. Ressalte-se que os casamentos entre cônjuges solteiros permanecem como conjunto majoritário, ainda que sua proporção venha declinando. Os recasamentos representaram, em 2008, 17,1% do total das uniões formalizadas em cartório. Em 1999, este conjunto de formalizações das uniões totalizava apenas 10,6%. As estatísticas evidenciam ainda as diferenças existentes entre homens e mulheres no que tange aos casamentos em cuja composição um dos cônjuges é divorciado e o outro solteiro. A proporção foi significativamente mais elevada para o arranjo conjugal formado por homem divorciado e mulher solteira, atingindo 7,4% dos casamentos. A composição oposta, ou seja, mulher divorciada e homem solteiro, representou 4,1% das uniões formalizadas. Quando os dois eram divorciados a proporção chegou apenas a 2,7%. Os dados sobre as dissoluções formais dos casamentos revelaram a estabilidade das separações e o contínuo aumento dos divórcios. A elevação do número de divórcios em relação ao de separações, ocorrida no período de 1999 a 2008, mostra que a sociedade brasileira ampliou sua aceitação ao divórcio e utilizou mais intensamente os serviços de justiça que formalizam as dissoluções”. (IBGE, 2010: pp. 138-141)

Embora com a mudança dos padrões de relacionamento entre os indivíduos tornou-se possível resolver relações insatisfatórias com o rompimento conjugal, ainda assim, isto parece acontecer num contexto muito flexível e dinâmico, com convivência muitas vezes contraditórias com o que é tido como tradicional e do que é visto como atual ou emergente.

2.3 O PAPEL DA FAMÍLIA NA CONJUGALIDADE DO NOVO CASAL

Desde o momento da sua concepção, o sujeito está marcado pelo olhar dos pais, pelos seus ideais, e pelos mitos familiares que se inscrevem e estruturam o desenvolvimento dos filhos desde as primeiras vinculações. A família exerce um papel fundamental enquanto intermediária no processo de transmissão de valores, significados e percepções, na medida em que realça as possibilidades de transformação inerentes ao ato de transmitir e permite a construção da subjetivação (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2007).

Ao mesmo tempo em que re-edita o romance familiar, a conjugalidade propicia a elaboração das vivências infantis (FÉRES-CARNEIRO; ZIVIANI; MAGALHÃES, 2007). O encontro com o parceiro gera a possibilidade de metabolização e desenvolvimento dos cônjuges, que entrelaçam passado e presente, dentro de um projeto que pressupõe uma perspectiva de futuro a dois.

No âmbito individual, assim como nos planos da família e do casal, o sujeito tem como tarefa construir, organizar e transformar suas heranças psíquicas, elaborando-as. Com o nascimento dos filhos, o casal estrutura um grupo familiar responsável pela escritura dos enredos que serão protagonizados pelas gerações que os sucederem, que, segundo Bertin e Passos (2003), pressupõem investimentos recíprocos dos membros dos grupos que continuarão a existir enquanto a criança prover suas expectativas de continuidade.

Assim, pertencer a uma família, oferece ao aparelho psíquico em vias de formação um alicerce que sustenta o ingresso do sujeito na sociedade, possibilita a vivência

da experiência de amar e ser amado, de ser reconhecido e de ocupar um lugar num mundo e uma ordem simbólica que o precede. No trabalho de transmissão psíquica na linha de sucessão das gerações, conforme Bertin e Passos (2003), cada família transfere sua forma de entender e apreender o mundo externo, assim como de organizar o mundo interno, em que se deve considerar uma dimensão atual, intragrupal, e uma dimensão histórica, constituída a partir de sucessivas gerações.

A influência da família de origem nas escolhas conjugais e na determinação dos motivos que levam as pessoas a elegerem um ou outro parceiro tem sido bastante investigada na área da Psicologia. As experiências com as famílias de origem a base dessas escolhas, de ordem consciente ou não, por introjeção de modelos parentais ou pela repetição de padrões familiares (WAGNER; FALCKE, 2001).

A atração amorosa e sexual, o estabelecimento de vínculos afetivos, bem como as características das alianças estabelecidas entre o casal, provavelmente estão subordinadas às influências dos sistemas nos quais se formaram e estão inseridos ambos os parceiros.

As emoções parentais foram consideradas uma espécie de barômetro que refletiria a qualidade do ambiente familiar, no qual o afeto parental positivo prediz consistentemente resultados favoráveis de desenvolvimento na criança e no adolescente no futuro, assim como a hostilidade parental está relacionada com resultados desenvolvimentais desfavoráveis (CRUZ, 2005).

Hartup (1986 *apud* CANAVARRO, 1999) refere três formas através das quais as relações afetivas da criança, não só com a família de origem, influenciam o seu desenvolvimento. Em primeiro lugar, as relações afetivas constituem uma base e um contexto para que ocorra a socialização da criança, com a consequente aquisição de aptidões comunicacionais, regulação de emoções e construção do auto-conceito. Mais tarde, as relações afetivas permitem a autonomização da criança, ou aumento da sua percepção de auto-eficácia e o desenvolvimento de aptidões sociais em novas situações. Assim, as relações afetivas, tanto as que o indivíduo experiencia, como as que observa, consistem em importantes modelos para a construção de relações afetivas futuras.

De acordo com a aprendizagem vicariante de Bandura (1977 *apud* CANAVARRO, 1999), os pais terão um papel preponderante enquanto modelos de relacionamento que os filhos seguirão mais tarde, uma vez que a componente afetiva que os une à criança facilita todas as etapas da aprendizagem por observação e modelagem.

A aprendizagem por modelagem é uma das formas através das quais as crianças aprendem a reproduzir o comportamento que observam nos pais, algo que os influenciará ao longo da sua vida. É assim que muitas das atitudes e comportamentos que os indivíduos apresentam numa relação conjugal, foram aprendidos no contexto da família de origem, como, por exemplo, como resolver uma situação de conflito entre o casal (SKYNNER; CLEESE, 1983).

É também por isso que as relações interpessoais dos jovens adultos são profundamente influenciadas pelo nível de intimidade que os jovens observaram na relação entre os pais (WARING *et al.*, 1980 *apud* LARSON *et al.*, 2000).

Segundo Collins e Sroufe (1999 *apud* SANTOS, 2005), as famílias em que os pais têm um casamento harmonioso proporcionam às crianças um ambiente emocional que promove a capacidade para se envolverem em relações românticas. Os adolescentes que cresceram num contexto de exposição a casamentos conflituosos, que terminaram ou não em divórcio, parecem ter uma maior dificuldade em estabelecer relacionamentos satisfatórios e bem sucedidos com o grupo de pares e, mais tarde, com os pares românticos. Contrariamente, uma percepção mais positiva da relação de casamento parece relacionar-se com expectativas positivas quanto às relações românticas, assim como com elevados níveis de intimidade.

São os modelos familiares que ensinam à criança como desempenhar o papel de homem ou mulher, de pai e mãe e de marido e esposa. É através dos modelos familiares que são transmitidos um conjunto de regras, mitos, rituais e crenças que têm como função orientar o indivíduo sobre como se comportar, sentir, pensar, entre outros (TENENBAUM, 1998).

O impacto que estes modelos familiares têm, mais tarde, no casal é muito elevado, uma vez que, muitos deles, dizem respeito não só a questões de gênero, como foi

referido anteriormente, mas também a comportamentos que são ou não admissíveis no contexto de uma relação romântica ou conjugal e ainda aos papéis, deveres e direitos que esta implica (TENENBAUM, 1998).

As regras familiares constituem, por isso, um guia de comportamentos, próprio de cada família, que contribui para a organização e estruturas familiares, definindo, ainda, as fronteiras, os padrões de comunicação e a intimidade entre os vários elementos (LARSON *et al.*, 2000). Desta forma, regras disfuncionais na família de origem que enfatizam a não comunicação e a não revelação de si próprio, mais tarde, tendem a gerar uma menor partilha de opiniões, sentimentos, entre outros e, ainda, uma menor intimidade a nível sexual (LARSON *et al.*, 2000).

A capacidade de estabelecer e manter uma relação de intimidade no contexto de uma relação conjugal pode ser facilitada ou dificultada pelas experiências que cada um dos parceiros teve nas suas famílias de origem (NAPIER, 1988 *apud* LARSON *et al.*, 2000), sendo que, por exemplo, numa família em que o desenvolvimento e a expressão individuais não são encorajados, os filhos podem atingir a idade adulta sem estarem preparados para estabelecer relações próximas e íntimas (CASSIDY *et al.*, 1992 *apud* LARSON *et al.*, 2000).

As respostas a nível emocional são condicionadas pela forma como a família em que o indivíduo cresceu lida com as emoções. Em cada família, existem emoções classificadas como “boas” e como “más”, sendo que se encoraja à expressão das primeiras e à repressão das segundas. Isto leva a que cada família construa o seu próprio quadro de atitudes emocionais e que os seus membros ajam de acordo com ele (SKYNNER; CLEESE, 1983).

A conjugalidade adulta é construída também a partir dos primeiros vínculos estabelecidos na família e, portanto, da conjugalidade dos pais tal como percebida pelos filhos (ANDOLFI, 1987). “Para qualquer relação interpessoal, os indivíduos trazem consigo memórias de relações passadas e expectativas sobre relações futuras” (CANAVARRO, 1999, p. 76), não sendo as relações românticas exceção, pelo que estudar a influência das relações passadas, nas relações presentes e futuras é tão importante.

Muitos estudos referem a importância que a família de origem e as suas regras, papéis familiares, padrões de comunicação e clima relacional, têm no desenvolvimento do indivíduo, e na forma como este se percebe, aos outros e às relações que estabelece, ao formarem, na infância, aquele que constitui o papel de fundo para todas as relações que vai criar ao longo da sua vida.

Tornar-se casal é uma das tarefas mais complexas e difíceis do ciclo de vida familiar. Em contrapartida, a transição para a condição de pais é considerada como a mais fácil e feliz (MCGOLDRICK, 1995). Convive-se com uma visão de senso comum romantizada quanto a essa transição, já que as pessoas querem ver sempre a felicidade da mudança, estimulando-se que os problemas dessa transição permaneçam escondidos. Naturalmente, aqueles que têm filhos logo depois do casamento têm relativamente pouco tempo para se ajustarem às mudanças de status do casamento e seus estresses concomitantes, antes de seguirem em frente.

A conjugalidade remete a uma identidade específica do casal, que é formada pela experiência relacional dos seus dois membros enquanto absoluto, sem que percam, contudo, as respectivas identidades individuais. É nesta teia relacional que se vão conjugar as suas semelhanças e diferenças, complementaridades e simetrias, proximidades e distâncias (NARCISO; COSTA, 1996).

Em consonância pode-se referir que o casamento constitui a união de dois indivíduos e, conseqüentemente, das suas opiniões, personalidades e valores, construídos previamente (GOTTMAN; SILVER, 2011). Requer a renegociação de muitas questões que já haviam definido para si individualmente, ou que foram definidas por suas famílias de origem, como por exemplo, quando e como comer, conversar, assistir televisão, fazer sexo, trabalhar e até brigar. Precisam decidir juntos sobre férias, como utilizar o espaço, organizar as finanças e o tempo livre, quais tradições e rituais familiares irão seguir, como se estabelecerá os relacionamentos com os parentes, amigos, colegas e família ampliada.

A família é um local de aprendizagem, aquele que mais conta na vida do indivíduo, pois a sua influência inicia-se numa fase em que a criança não possui ainda maturidade, ao nível do sistema nervoso, que lhe permita questionar, ou procurar

alternativas ao que observa, sendo o quadro através do qual interpreta o mundo apenas aquele que lhe é dado pela família (TENENBAUM, 1998).

O ambiente relacional que o indivíduo experiencia na sua família de origem, é, ainda, um importante sistema regulador do desenvolvimento do ser humano (SAMEROFF, 1993 *apud* CANAVARRO, 1999). “As consequências comportamentais desse relacionamento podem não estar visíveis de imediato durante a infância, mas mais tarde podem vir à tona nas experiências de intimidade da criança quando adulta” (SIEGEL, 2005).

O casamento, por si, coloca para a família um estresse de abrir-se para um estranho que agora é um membro oficial de seu círculo íntimo. Isso pode chegar a afetar profundamente o estilo de uma família, como apresenta McGoldrick (1995), no que concerne à tendência dos membros de se polarizarem e passarem a enxergar vilões e vítimas sob o estresse dessas mudanças. A autora considera suave a piada do senso comum em dizer que existem seis no leito conjugal, que para a mesma envolve um número maior.

Ao nível das situações que o indivíduo vivencia na sua família de origem, elevados níveis de conflito parecem contribuir para a criação de modelos disfuncionais de relacionamento que, mais tarde, tendem a ser repetidos em futuras relações (SANTOS, 2005).

Além da tendência de repetição dos padrões de relacionamento aprendidos, o casamento dos pais também pode ser considerado o modelo de relação conjugal no qual as pessoas se inspiram para modelar suas próprias relações amorosas (CRUZ, 2005). Nessa direção, cada cônjuge traz para o casamento tanto um modelo de interação aprendido, como também expectativas baseadas no que observou na relação de casal de seus pais. A partir dessas observações vivenciadas, cada um pode buscar relacionamentos similares quando aprovou o que viu, ou muito diferentes, quando desaprovou.

O casal que não desenvolver uma certa autonomia em relação aos pais, que deve ser consolidada nos primeiros anos de relacionamento conjugal, dificilmente

desenvolverá uma relação afetiva e sexualmente feliz (WAGNER; FALCKE, 2001). Entretanto, como as autoras chamam a atenção de que ninguém se separa totalmente de sua família de origem, por mais independente que sejam, emocionalmente ou economicamente, a maturidade é caracterizada pela capacidade de evitar que as famílias dos cônjuges entrem em conflito, preservando o bom relacionamento entre ambas.

Diante da presença dos modelos de família/casamento atuais tão diferentes do modelo tradicional romântico que aprenderam com seus pais, Perlin e Diniz (2005) destacam dificuldades enfrentadas pelos casais contemporâneos, tais como: adoção de padrões inadequados de resposta diante de situações conhecidas ou novas; dificuldade em adequar o comportamento às normas sociais antigas e novas; reprodução de modelos antigos; adoção de padrões tradicionais em momentos de crise ou mudanças no ciclo de vida familiar; dificuldade em negociar alternativas de resolução de conflitos; repetição acrítica de paradigmas; atitudes e discursos contraditórios em diferentes ambientes; dificuldade em manter uma relação igualitária e justa – dois pesos e duas medidas (PERLIN; DINIZ, 2005).

“O que diferencia os seres humanos de todos os outros animais é o fato de ter parentes por afinidade.” (MCGOLDRICK, 1995). No reino animal, o acasalamento envolve apenas os dois parceiros, que geralmente estão maduros, separados de suas famílias, e se acasalam sozinhos. Com os seres humanos, envolve a união de dois sistemas imensamente complexos. Por isso McGoldrick (1995) considera que se os casais pudessem avaliar a complexidade emocional de negociar o casamento já no início, talvez não ousassem aceitar esse estilo de vida.

2.4 CONJUGALIDADE E PARENTESCO

A união de dois indivíduos para a formação de um casal pode ser compreendida por diferentes perspectivas e uma delas é a considerada legal, ou seja, normatizada pelas leis vigentes no país.

O artigo 1576 do Código Civil Brasileiro considera a família como a constituição de pessoas ligadas pelo casamento, pelo parentesco, pela afinidade e pela adoção. A família é uma comunidade particularmente propícia à realização pessoal de certas pessoas (os cônjuges, os parentes, os afins ...), mas não uma entidade diferente destes e muito menos superior ou soberana.

No Subtítulo II do Título I do Livro IV do Código Civil (CC), destinado a tratar do tema referente aos parentes, o artigo 1593 esclarece as espécies de parentescos aceitas pelo ordenamento jurídico quando determina que “o parentesco é natural ou civil, conforme resultante de consanguinidade ou outra origem”. Há, portanto, duas formas de parentesco.

Quando o parentesco é apresentado como uma relação de sangue: são parentes as pessoas que descendem umas das outras (parentesco em linha reta ou direta), ou descendem de progenitor comum (parentesco em linha transversal ou colateral). A linha reta de parentesco pode ser ascendente (de filhos para pais, por exemplo) ou descendente (de filhos para netos, por exemplo).

Tanto a linha reta como a transversal pode ser materna ou paterna. Nesse âmbito, há que se distinguir os irmãos germanos (parentes nas linhas retas paterna e materna), dos consanguíneos (parentes só na linha reta), dos uterinos (parentes só na linha materna) (PEREIRA, 2004).

O parentesco por consanguinidade é a relação “que vincula umas às outras, pessoas que descendem de um mesmo tronco ancestral” (PEREIRA, 2004, p. 84); ou seja, para ser considerado parente consanguíneo deve existir um ancestral em comum entre as partes; alguém que deu origem a toda a família. Os efeitos do parentesco produzem-se em qualquer grau, em linha reta, embora quase não ultrapassem o sexto grau colateral (art. 1582 CC).

Como consequência do casamento ocorre a relação matrimonial que se estabelece entre os cônjuges. Como criação legal, o parentesco por afinidade surge da relação familiar decorrente do vínculo do casamento ou das relações entre companheiros em razão da união estável. A união de fato não é casamento, mas assume algumas

das suas características. Não é regulada de modo semelhante ao casamento, embora produza alguns efeitos de Direito.

A afinidade é o vínculo que liga um dos cônjuges aos parentes (que não são fins) do outro cônjuge (art. 1584 do CC), caracterizada como um vínculo derivado exclusivamente de norma legal, não havendo qualquer ligação de sangue. Aqueles que estabelecem uma relação por afinidade, na maioria das vezes, não possuem parentes consanguíneos, sendo um estranho ao outro. O art. 1595 § 1º limita o parentesco por afinidade apenas aos ascendentes, aos descendentes e aos irmãos do cônjuge, o que implica em dizer que são parentes por afinidade o sogro, a sogra, nora, genros e cunhados. Cônjuge não é parente; cônjuge é cônjuge!

A fonte da afinidade é o casamento, não cessando, porém, com a dissolução deste (art. 1585 § 2º do CC): não se pode falar em extinção do parentesco em linha reta, mesmo quando a relação que lhe deu origem inexistir. O cunhadio ou afinidade colateral extingue-se com o término do casamento, porém, a afinidade em linha reta é sempre mantida, como impedimento à celebração de casamento (art. 1602 do CC) de viúvos ou divorciados com sogro ou sogra.

Assim, ainda que um homem se separe de uma mulher legalmente, permanecerá legalmente tendo a mãe de sua ex-esposa como sua sogra, inexistindo, em nível legal, o termo “ex-sogra”. Esta limitação veio garantir os princípios sociais do instituto fundamental para a organização da sociedade, que é a família, visto que estariam desimpedidos os casamentos entre o cônjuge e seu sogro ou sogra, indo de encontro a questões éticas e morais da sociedade.

Tal princípio regulador das relações de parentesco é definido pela Antropologia como o da “aliança”, regulado pelo interdito das relações sexuais entre os parentes e os não parentes, ou seja, o tabu do incesto.

Neste sentido, observa-se que o Direito comunga, na definição de família, com ideias da Antropologia de Lévi-Strauss (1982), para quem parentesco e família dizem respeito a fatos básicos da vida (nascimento, acasalamento e morte), sendo a família, no entanto, um grupo social concreto resultante da combinação de três tipos

de relações consideradas fundamentais: a relação de descendência (entre pais e filhos); a relação de consanguinidade (entre irmãos) e a relação de afinidade, que se dá através do casamento, pela aliança.

Acrescentando-se, assim, a dimensão cultural à família, o parentesco ocupa o status de definidor das relações, depreendendo-se daí os direitos e deveres da pessoa, os privilégios e obrigações na família e na sociedade como pontua Lévi-Strauss (1982). Todavia, nesta perspectiva, a proibição do incesto, a proibição do casamento entre os parentes (pais, filhos, sogros) está destituída de caráter moral, tendo por certo, o caráter mais funcional socialmente, que é o da exogamia.

Quando se casa, os sogros e cunhados tornam-se, legalmente, parentes por afinidade, porque, segundo a lei, cria-se um vínculo familiar a partir do vínculo matrimonial. Porém, o que não está definido é como irá se desenvolver os vínculos afetivos entre as partes, já que entre duas pessoas que se relacionam existe um sistema de valores e uma cultura própria que cada indivíduo traz consigo de sua família.

A família por afinidade tem como base de formação uma relação de parentesco obrigatória e necessária entre pessoas oriundas de famílias diferentes, que possuem hábitos, valores e crenças muitas vezes incompatíveis. A princípio, elas só possuem uma coisa em comum: que é o marido/filho ou a esposa/filha, mas, com o tempo, passam a estabelecer algum tipo de relação que pode ser prazerosa, gratificante, competitiva ou até hostil.

Como para Woortmann (1987, p. 155) “quando você se casa, casa também com uma família”, a entrada de um novo membro na família introduz uma mudança de papéis e implica na sua eleição se ele ou ela assume o vínculo com a nova família. Tensões e conflitos podem surgir, alterando a homeostase familiar, mas o grau de afinidade com o novo membro na família varia de acordo com a personalidade deste novo membro e a eventual assimilação pelos outros membros da família. Como em qualquer relação, à medida que os interesses comuns vão desaparecendo, os vínculos afetivos também tendem a se diluir, o que, provavelmente, gera impactos na relação conjugal.

O vínculo de parentesco por afinidade vai além de uma mera relação de amizade, que é subjetiva. Ele passa a ser uma relação formal, objetiva, e, por isso mesmo, mais fácil de ser identificada, bastando algumas certidões públicas para provar a relação. Apurar o grau de amizade ou inimizade entre duas pessoas é relativamente difícil e, por isso, a importância desse estudo em investigar os impactos desses vínculos afetivos entre parentes por afinidade na relação conjugal.

Não é incomum aparecerem dificuldades de absorção de um novo membro no sistema familiar, ainda que a literatura traga como mais facilitada a entrada de um genro do que de uma nora. O estabelecimento de novas fronteiras e limites aparece com frequência, justificando o porquê de muitas famílias estagnarem nessa fase evolutiva, sem conseguir lograr padrões mais evoluídos de relacionamento, desenvolvendo sintomas. Mas, se o sistema conjugal consegue, de forma madura, re-estruturar seus padrões de relacionamento, pode contribuir para a relação de afinidade entre seus membros, podendo conhecer suas qualidades, sabendo lidar com seus defeitos e aprendendo a conviverem juntos.

São inúmeros os sentimentos que envolvem as relações de parentesco por afinidade: ciúme, inveja, raiva, tristeza, insegurança, amizade, amor, carinho, respeito, etc. Para as mães que amam exageradamente seus filhos, o casamento deles é uma separação encarada com ansiedade e percebida como uma perda (ASHNER; MEYERSON, 1993), que pode proporcionar um comportamento de evitamento (AUGÉ, 1975), que se apresenta por contatos pessoais limitados e relações extremamente cerimoniais, típicas de relações entre diferentes gerações. Mas há também sentimentos bons que podem envolver esta relação, como ilustra Kahn (1963), há três décadas, em relação aos pais sentirem que, com o casamento dos filhos, também ganharam um filho (a), favorecendo que o novo membro também possa ver seus sogros como amigos, ao invés de inimigos.

A qualidade dos vínculos estabelecidos entre os cônjuges e suas famílias de origem influencia as relações vinculares da nova família (ROSSI, 1994), como por exemplo, a relação que se teve com a mãe ou com o pai torna-se a base para futuros relacionamentos amorosos, assim como, a relação que a nora estabeleceu com sua

mãe poderá definir a possibilidade de relacionamento dela com outras mulheres, como no caso, sua sogra.

Sempre que duas pessoas se juntam para formar uma nova família enfrentam, entre outros desafios, a necessária adaptação à herança que cada uma traz em termos de hábitos familiares, que as levam à necessidade de diálogo, negociação, tolerância e definição clara das regras e hábitos que nortearão o novo casal, e que, não necessariamente, devem corresponder à importação dos hábitos e regras de um dos lados.

Cervený e Berthoud (2010; 2011) consideram que as experiências da família de origem exercem uma influência muito forte sobre os contratos e modelos interativos que evoluem no curso vital do casal. “Cada membro do sistema influencia os outros sendo ao mesmo tempo influenciado. Essas influências mútuas formam o cotidiano da vida familiar” (CERVENÝ, 1994, p. 26). O novo casal constrói a sua história e o processo de construção da realidade se dá ao longo do ciclo vital, considerado como fases que a família vivencia enquanto sistema, movendo-se através do tempo.

Como um sistema vivo, as rotinas, regras, rituais, segredos e outros padrões interativos protegem o sistema familiar e asseguram a continuidade de uma geração para outra, em meio às mudanças externas (CERVENÝ, 2011). Bowen (1991), um dos primeiros teóricos da Terapia Familiar a estudar a transmissão de características familiares de uma geração a outra, atribuiu a isso a denominação de “processo de transmissão multigeracional”, que envolve modelos ou padrões interacionais da família de origem, que se repetem na família atual, causando muitas vezes problemas.

A forma repetitiva que o casal usa para responder e reagir às situações da vida e às situações relacionais, englobando tudo o que é dito e não dito, a forma como dizem e fazem as coisas e as nuances do comportamento do casal compõe o que é chamado de padrão de funcionamento do casal.

Em toda cultura, os casais fazem uma espécie de contrato metafórico no início da relação, que, de acordo com Rosset (2004), no desenrolar do relacionamento, vai se

atualizando e moldando as regras da própria relação. Este contrato envolve aspectos da conjugalidade e estimula a frequente análise e ressignificação entre suas cláusulas fictícias. Alguns itens são intencionais, outros surgem de acordo com as situações, e assim vão ficando definidos os direitos das partes, em que cada um recebe alguma coisa em troca de algo que dá. Isso muitas vezes ocorre de forma subliminar ou implícita, e não formalmente contratada.

Área fundamental do vínculo, o pacto conjugal é um pacto que se coloca entre a declaração de compromisso (na saúde e na doença, nas alegrias e nas tristezas) e a presença de uma dimensão desconhecida. Andolfi (2002) considera-o algo essencialmente privado que, quando bem esclarecido, tem como consequência a marginalização do terceiro na relação, seja ele a comunidade, a família de origem, a família por afinidade ou o próprio corpo social.

Para se avaliar a funcionalidade de um casal, uma das formas possíveis é analisar as suas fronteiras. Rosset (2003) apresenta a fronteira como um limite virtual que define quem é e quem não é daquele sistema. “As fronteiras de um subsistema são as regras que definem quem participa e como” (MINUCHIN, 1982, p. 58).

Elas envolvem territórios físicos, psíquicos, materiais ou mesmo fictícios, e sua função é a de “proteger a diferenciação do sistema”. A intromissão de familiares no convívio conjugal traz dificuldades relacionadas a membros não pertencentes à relação em questão, por isso, é necessário estabelecer determinadas fronteiras, sejam elas: nítidas, difusas ou rígidas.

As fronteiras devem ser nítidas para o funcionamento apropriado da família. Devem ser bem definidas, visando a permitir que os membros do subsistema exerçam as suas funções, sem interferência indevida, porém, admitindo contato entre eles. A nitidez das fronteiras, dentro de uma família, é um parâmetro útil para avaliar seu funcionamento.

As fronteiras rígidas estão presentes em famílias restritivas, cuja comunicação entre os subsistemas e cujas funções protetoras próprias do sistema ficam prejudicadas. Através destas famílias observa-se que os subsistemas desligados são

relativamente isolados e autônomos. Se, por um lado, isso possibilita a autonomia, por outro, limita a proximidade, a afeto, a proteção. Assim, o sentido de independência é distorcido, fazendo com que os subsistemas necessitem de sentimentos de pertencimento.

As fronteiras difusas ocorrem nas famílias que giram em torno de si mesmas. Elas desenvolvem seu próprio universo, e, conseqüentemente, aumentam a comunicação e a preocupação entre os membros familiares. Assim, observam-se sentimentos de apoio mútuo, porém, a independência e a autonomia dos subsistemas tendem a ficar comprometidas.

Em casamentos nos quais não se desenvolvem vínculos afetivos entre os parentes de um cônjuge e seu parceiro, o ideal é que as fronteiras sejam rígidas, que levam à existência de laços formais entre o casal e a respectiva família, com os quais não haja proximidade suficiente para que as pessoas se sintam amparadas. Nesses casos, há uma aparente necessidade de centramento na própria família nuclear e uma tentativa de manter os sogros e o resto da família extensa longe de qualquer intimidade.

Daí a comprovação de Ricotta (2000) ao investigar os acontecimentos que podem provocar distância entre o casal, ter encontrado a intromissão de familiares no convívio do casal como um dos itens principais. Os outros itens que provocam dificuldades nas relações conjugais foram: descompasso entre um e outro na medida em que é necessária a mudança; distância cultural e intelectual; conflitos sexuais; ausência da paixão; falta de projetos e planos comuns; traição e/ou relacionamento extraconjugal; hábito de dedicar muito tempo para o trabalho profissional e falta de organização quanto ao uso do tempo destinado ao lazer, à família e aos programas do casal.

No curso do ciclo vital do casal os parceiros tentam construir uma variedade de paradigmas relacionais não-tradicionais. Por um lado, experimentam novos contratos relacionais, mas, por outro, ainda sofrem influências muito fortes sobre os contratos e modelos interativos que desenvolvem. Essas influências são tanto das famílias de origem, como das famílias por afinidade, além da própria sociedade, a

respeito dos papéis, dos direitos e das responsabilidades da esposa e do marido, do pai e da mãe. Esses valores, segundo Andolfi (2002), permeiam os modos de conceber o casamento e condicionam o modo de ser marido e mulher.

É importante que cada um identifique seu novo papel na nova família, oriunda do matrimônio, conscientizando-se de que não é preciso competir, já que cada um exerce um papel diferente (ROSSI, 1994). Essa construção de papéis e regras de relação é um processo circular de influência recíproca ao longo do tempo.

Então, como se estabelecer uma fronteira sem perder o vínculo afetivo com estes parentes? Não é incomum aparecerem dificuldades de absorção de um novo membro no sistema familiar. O casamento requer uma reestruturação em toda a dinâmica familiar, o que exige do sistema certa flexibilidade para adaptar-se aos novos padrões de funcionamento. Mas as dificuldades estão, justamente, no estabelecimento de novas fronteiras e limites, na discriminação de papéis, além de revisões dos acordos. Muitas famílias são levadas a estagnarem nessa fase evolutiva sem conseguir lograr padrões mais evolutivos de relacionamento, possibilitando o aparecimento de sintomas.

Os parentes por afinidade são bodes expiatórios fáceis para as tensões familiares (RYDER *et al.*, 1971), afinal, é mais fácil odiar a nora por ela impedir que o marido demonstre amor à própria mãe, do que admitir que o próprio filho não responde tanto quanto se gostaria, assim também como pode ser mais fácil para uma nora odiar sua sogra por ser intrusiva do que enfrentar o marido por ele não comprometer-se inteiramente com o casamento.

Os relacionamentos por afinidade são uma arena natural para deslocar tensões do casal ou da família de origem de cada cônjuge. O reverso disso é o padrão de um cônjuge que rompeu com a sua família e procura adotar a família do outro, estabelecendo uma fusão cálida e emaranhada com os parentes por afinidade, definindo a sua própria família como fria, rejeitadora, desinteressante e assim por diante (MCGOLDRICK, 1995: p. 201)

2.5 OS SOGROS COMO PARENTES POR AFINIDADE

O relacionamento entre genro, nora e sogros está amparado no senso comum como um dos mais problemáticos entre todas as relações familiares, surgindo indícios no contexto clínico e social. Apesar da importância do tema, há pouca literatura específica a respeito (PRICE, 1992; GRINSBERG; GRINSBERG, 1993; ROSSI, 1994; CHIAPIN; ARAUJO; WAGNER, 1998; BATISTA, 2004; BOWDITCH; SAMET, 2004; MIKUCKI, 2008; CHAPMAN, 2009; SATTTLER *et al.*, 2010; 2012; DILLNER, 2011), mesmo considerando que há três décadas estudos já mostravam que, dentre os triângulos mais complicados da vida conjugal, aquele que envolve o marido, a esposa e a sogra é o mais famoso, já que as sogras criavam sempre mais dificuldades que qualquer outro parente (CLEMENS, 1969; KAHN, 1963).

De forma geral, a figura dos sogros é descrita muitas vezes de forma preconceituosa e estereotipada. Mas essa maneira de enxergar essas relações não é exclusiva da sociedade ocidental, já que também em outras culturas há muito tempo vem sendo transmitida ao longo das gerações de forma problemática.

No Islamismo, por exemplo, até hoje a nora não deve questionar o poder da sogra, tendo que respeitar a hierarquia familiar. Na Turquia, a nora é tratada como filha, se prestativa e submissa à sogra (BOWDITCH; SAMET, 2004; BATISTA, 2004). Na sociedade oriental, as sogras chinesas e japonesas tinham fama de trazerem suas noras à rédea curta.

Pode-se inferir que o preconceito natural quanto aos sogros é formatado a partir de um estereótipo social que se vincula à imagem da sogra. Em todos os idiomas existem piadas sobre sogras, que cobrem os mesmos temas: megeras intrometidas que fazem visitas constantemente, que criam conflitos na família, e que facilitariam a vida se vivessem o mais longe possível – ou se nem existissem (DILLNER, 2011).

Contudo, carregar consigo o preconceito de que a sogra será uma pessoa desagradável, megera, pode influenciar o desdobramento da relação, já que nem todos os relacionamentos entre nora e sogra são negativos, apesar de nas culturas

oriental e ocidental essa questão ter sempre representado um desafio. Muitas culturas têm as mulheres como “guardiãs da família”, protetoras e transmissoras das tradições e da cultura familiar (BOWDITCH; SAMET, 2004).

Antigamente, embora isso ainda seja comum em algumas sociedades orientais, os casamentos entre as famílias eram feitos por meio de contratos que previam os comportamentos e exigências sobre os membros de um lado ou do outro. Mas, no mundo ocidental, onde não aparecem estas regras, as pessoas próximas ao casal tentam se impor de acordo com necessidades individuais, formas pessoais de ver o mundo e de atitudes próprias, sejam elas saudáveis ou neuróticas.

Muitas mães desenvolvem sentimento de posse em relação aos seus filhos, sentindo-se “donas” deles a partir do momento que são responsáveis por suas vidas, enquanto seres indefesos e totalmente dependentes de suas mães, para sobreviver nos primeiros anos de vida. Esse sentimento gera também o sentimento de poder.

É essa sensação de poder que alimenta muito da motivação que move as pessoas para as mais diversas realizações na vida, fazendo com que quando alguém identifica uma fonte de poder, agarre-se a ela de forma tão intensa que acabe por manifestar ações que vão contra o bem estar dos seres que mais amam – seus filhos.

O conflito é simples: a nora é vista pela sogra como a substituta ilegítima do seu reinado de mãe soberana de um filho obediente e dependente emocionalmente. O filho, que não quer assumir conflitos com sua mãe, fica passivo e tentando “colocar panos quentes” nos desentendimentos velados ou explícitos da mãe com a esposa, e o resultado geralmente é trágico, podendo surgir, a qualquer momento, alguma briga nas entrelinhas pela atenção do homem da vida das duas.

A sogra, na maior parte das vezes, quer fazer as vezes de companheira emocional do filho e tirar a nora da trilha. No papel de mãe, deveria estar ciente de que a nova família do filho se sobrepõe à família de origem. Se a nora reage, muitas vezes é vista como desequilibrada e a sogra se defende comentando que sofreu agressividade gratuita, e se a sogra for questionada, dirá que está defendendo os

direitos do filho. Soa tão estranho esse tipo de disputa que parece até que rivalizam o parceiro amoroso. O que costuma reafirmar essa briga é que normalmente a sogra tem um casamento inexistente ou falido, e assim costuma legitimar sua solidão em busca da companhia do filho querido (DILLNER, 2011).

É mister mencionar o sexismo da cultura, que frequentemente põe a culpa na sogra e não no sogro, que normalmente é visto como desempenhando um papel mais neutro ou apaziguador. Da mesma forma como as mães são culpadas por tudo aquilo que não dá certo nas famílias, por terem recebido a responsabilidade primária pelos relacionamentos familiares, as sogras são, por extensão, as principais culpadas. Como recebem a responsabilidade de manejar os problemas emocionais do marido, as esposas são também frequentemente colocadas na posição de expressar os problemas para todos os outros membros da família, e então são culpadas quando as coisas não dão certo.

Os filhos homens acatam mais suas mães, gostam da dependência que elas alimentam. As mulheres são, em geral, levadas a buscarem a independência, por isso em diversas culturas serem as mais tolhidas: por representarem uma ameaça. Cabe ao homem, então, alimentar o comportamento voraz da mãe no papel de sogra.

Na sociedade, o genro tem o papel masculino de cuidador, sendo assim, a sogra irá se apaixonar pelo genro que a convencer de que é um excelente provedor. Uma mesma mãe que tenha um casal de filhos casados, quando fala do casamento dos filhos, pode ilustrar que a filha casou muito bem porque seu genro leva até café na cama para ela, enquanto que o filho não teve a mesma sorte porque a megera da nora recebe até café na cama do seu] adorado filho.

Essa relação com a nora, que envolve muitas vezes a disputa pela atenção do filho, o ciúme maternal escondido por trás de atitudes de má vontade em receber outra pessoa no seu ciclo familiar, o medo de perder o poder sobre o filho e obrigação em dividir a intimidade que criou com marido e filhos com “uma estranha”, pode ser justificada pela teoria do gene egoísta, de Richard Dawkins (2007).

Os indivíduos (ou instintivamente seus genes) defendem muito mais intensamente as pessoas com quem se compartilha um maior número de genes. Um irmão ou um filho têm 50% dos genes, enquanto que com primos a porção é bem menor, o que faz com que se desenvolva uma relação mais intensa com os irmãos e filhos, e uma ligação mais frágil com os primos, ao menos que se desenvolva uma forte relação com o tempo de convivência. Basta imaginar, diante disso, como podem ser vistos pelas famílias por afinidade os cônjuges escolhidos pelos filhos, já que não têm nenhuma relação com a árvore genealógica delas.

A teoria neo-darwiana fala de investimento parental nos próprios genes. Os sistemas tradicionais cuidavam de preservar os genes da família do marido cuidando que a esposa não o traísse. Para isto, as sogras dominavam a casa do filho, inclusive recebendo as futuras esposas ainda crianças. Chama-se Sociobiologia, e a hipótese é de que a sogra megera da mulher estaria cuidando da transmissão dos genes de seu filho, e, da própria família. Não precisa cuidar da filha porque esta tem os genes. Assim, a relação é diferente com o genro e com a nora. (WILSON ; WILSON, 2007).

Quando os filhos crescem, os pais precisam deixá-los partir para cuidarem de suas próprias vidas, respeitando as modificações naturais do ciclo de vida da família (MINUCHIN ; FISHMAN, 1981; FALCÃO, LAUFER ; BERER, 1995; NICHOLS ; SCHWARTZ, 2007). O aumento das tensões entre os sogros e o cônjuge do filho (a) pode resultar do fato de que as partes percebem a mesma situação de forma diferente, por representarem culturas familiares diversas. Associado a isso, também, o fato dessa relação tender a ser mais formal e com menos clareza na comunicação dos sentimentos do que na relação dos pais com seu filho (a) (SATTLER *et al.*, 2010).

A relação entre o vínculo de dependência afetiva e/ou econômica com a família de origem influencia, na relação que se estabelece entre o novo casal e deste com a família de origem, expondo estes às pressões de maior interferência e controle por parte dos pais (FERREIRA, 2005). Mas é possível que esses efeitos sejam mais sentidos pelas noras e genros, que sofrem essa influência, do que pelos sogros, que podem exercê-la sem ao menos se darem conta.

A presença de conflitos significativos entre sogros e o cônjuge do filho (a), se deve, de acordo com Guerin (1987), à má resolução quanto ao apego e hierarquia de influência na relação entre os pais e seus filhos. Se a nora teve um relacionamento desagradável com sua mãe, pode repudiar a sogra, assim como pode vê-la como amiga ou a mãe que nunca teve.

Quanto à relação que a sogra estabeleceu com seu filho, se essa elaborou seu vínculo maternal, tenderá a deixá-lo livre para que mantenha outros vínculos femininos, respeitando sua escolha, e até, se esse filho desvinculou-se de sua mãe, poderá casar-se, separando o amor materno do conjugal (ROSSI, 1994).

A mulher desempenha inúmeros papéis dentro da família, ao longo da vida: passa de esposa para mãe, de mãe para sogra, e de sogra para avó, em que muitos desafios são acionados. (CERVENY; BERTHOUD, 2010). Os diferentes papéis familiares exercidos pela mesma mulher, em momentos distintos da sua vida, criam diversas interações emocionais (RUSCHEL ; CASTRO, 1998).

Enquanto esposa e mãe, a mulher cumpre um papel central na organização familiar, no cuidado e no vínculo com os filhos, e, ao tornar-se sogra, passa a vivenciar um papel delicado e complexo, já que pode tornar-se alvo de críticas e sentimentos ambivalentes. O consolo é pensar que toda mãe é uma futura sogra em potencial, e toda sogra já foi nora, e “assim como você se casou com o filho de alguém, um dia, alguém vai se casar com o seu” (BOWDITCH; SAMET, 2004, p. 46).

Nessa multiplicidade de papéis e funções, a sogra é um personagem que carrega um estereótipo de várias conotações que, geralmente, suscita piadas, brincadeiras, gozações e comentários maldosos. A maneira preconceituosa como é vista essa relação pode dificultar o estabelecimento de vínculos entre as partes.

O sogro, como relata Leitão (1988, p. 43), é visto como um segundo pai, um amigo; já a sogra é vista como “a velha chata, linguaruda, que sempre mete o nariz onde não é chamada”. A nora é vista como a rival, “aquela que rouba o filho, enquanto que o genro é tido como um filho, para quem a mãe da mulher faz os melhores doces”. Popularmente, o preconceito negativo recai sobre a sogra. Figura que se

transformou em um mito, tendo em vista que em qualquer cultura ela está associada a uma pessoa inoportuna, que deve ser tolerada pelas pessoas em algum momento da vida (ROSSI, 1994).

No Brasil, existe até uma data do calendário que foi atribuída como Dia da Sogra: 28 de abril. É comum que a simples menção da data traga à mente tiradas infames, perpetuadas pela cultura popular: “Feliz foi Adão que não teve sogra”; “ Sogra boa é a que já morreu”; “Sogra é como cerveja, só serve gelada e sobre a mesa”, “Uma boa sogra deve ter a boca fechada e a bolsa aberta”, etc. Embora preguem que são os homens quem mais sofrem nas mãos dessa parente (ou seria serpente?), a realidade percebida atualmente é diferente.

Por conta da liberação sexual feminina as mães das moças talvez tenham diminuído o cerco em torno dos genros, ou candidatos a genros, mas, por outro lado, os rapazes têm assumido cada vez mais tarde relacionamentos sérios, o que possivelmente explica a ciúmeira por parte de suas mães em relação às namoradas, noivas, esposas e afins.

Entre 1985 e 2008, a psicóloga Terri Apter, da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, analisou o comportamento de 156 pessoas (49 esposas, 40 maridos, 49 sogras, 18 sogros e 10 enteados), revelando que as esposas reclamavam mais das sogras do que os maridos (60% contra 15%) (APTER,1985).

Entre os principais motivos de intrigas e dificuldades nesse relacionamento, pode-se destacar o fato da nora ver a sogra como rival; a mãe ter a sensação de que aquela outra mulher está lhe tirando o filho; a disputa pelo poder sobre aquele homem; a dificuldade em aceitar e conviver com as diferenças de opinião; a necessidade de atenção e o ciúme excessivo.

A mãe que tem uma forte relação de dependência com seu filho vê o casamento deste como uma forte separação sentimental que, facilmente, pode se transformar em repulsa ou ciúme para com a nora, que é quem “lhe rouba” o filho. Por conta disso, de forma muitas vezes inconsciente, desenvolve-se uma tendência de criticar a nora em todas as suas ações e gestos, multiplicando os conselhos e tentando

recolocar o filho sob sua influência. E, se, para agravar mais ainda o cenário, o filho sustentar financeiramente a mãe, as esposas começam a tratar o fato como se seus maridos estivessem sendo explorados, atribuindo a culpa disso às suas sogras.

Eden Unger Bowditch e Aviva Samet, autoras da obra “O desafio do relacionamento nora e sogra” (2004), consideram que desenvolver um relacionamento respeitoso entre as duas mulheres da vida de um mesmo homem pode ser um dos desafios mais exaustivos enfrentados por elas, mas também pode ser visto como um potencial para surgimento de um amor inesperado, com troca de generosidades, sabedoria e apoio.

Ainda sugerem como receita a essas mulheres o cuidado de considerarem que algumas ações, por mais inconscientes e sem malícia, podem gerar problemas nessa relação, assim como palavras e atos aparentemente inocentes podem ser mal interpretados e um único ato de maldade pode destruir um relacionamento para sempre (BOWDITCH; SAMET, 2004).

O fato frequente e culturalmente aceito do marido transferir para a esposa o papel de cuidar do vínculo com a mãe dele, numa tentativa de evitar a pressão no relacionamento com sua mãe é tratado por Guerin (1987) como algo a ser evitado, já que o mesmo enfatiza a importância de cada cônjuge se responsabilizar em lidar com a sua própria família, ajudando seu parceiro(a) a sobreviver nessa família, tão conhecida por ele (a), mas tão nova para o parceiro(a).

Assim, a forma como o filho/marido se posiciona na relação entre essas duas mulheres, sua mãe e sua esposa, poderá contribuir tanto para a perpetuação das dificuldades quanto para o favorecimento da relação sogra-nora (CHIAPIN; ARAÚJO; WAGNER, 1998).

Sogras e noras competem pelo mesmo indivíduo, mas a partir de necessidades e objetivos diferentes. Como existem características diferentes de personalidade, muitas formas variadas são manifestadas, e, assim, a previsão sobre como ou de onde saem os conflitos não é tão simplista. Diante das leituras, é possível identificar que a competição entre sogra e nora diz respeito à função que o filho/marido tem na

família. Se o marido tem independência e autonomia com relação à família, pode afastar-se geograficamente, diminuindo as arestas e postergando os conflitos mais cotidianos. Se, por outro lado, existe uma dependência financeira ou emocional da família de origem, não se afastará e ocorrerão luta pelo poder sobre os atos do marido.

Esse poder é representado pela disputa de como o casal deverá usar suas economias, fazer viagens de férias, quantos filhos o casal deve ter, e em que momento, definição dos nomes dos filhos, onde estudarão, etc. Em alguns casos, essa relação também é envolta em torno de preocupações acerca dos cuidados do filho na velhice dos pais, assim como da manutenção financeira dos mesmos nesse período.

Entre sogras e genros, as mesmas necessidades de poder podem ocorrer, só que geralmente por meio de outros mecanismos, em especial a autonomia sobre decisões e imposições sobre contatos de convivência do casal, permanência na casa e necessidades de compartilhamento de lugares e horários. A perda do tempo de convivência do casal é o principal foco de disputa entre sogras e genros, uma reclamação masculina que mostra o afastamento no casal da possibilidade de intimidade, como aquela clássica visitinha fora de hora, nos momentos em que marido e mulher pretendiam assistir um filme em casa, namorar ou sair para jantar. (RUSCHEL ; CASTRO, 1998)

No desenvolvimento da relação sogra-nora conclui-se que o marido/filho tem um papel fundamental. Cabe a ele saber separar o amor de mãe do amor de esposa e colocar estas duas mulheres nos seus lugares. A postura masculina deve ser de evitação de conflitos, então, para isso, deve evitar contar o que uma pensa e diz sobre a outra, mas, se isso ocorrer, mesmo que independentemente de sua vontade, ele deve saber lidar com a situação, tentando o diálogo e demonstrando o amor que sente pela esposa e pela mãe.

Os conflitos eminentes podem e devem ser administrados de forma saudável. Se ambas as partes amadurecerem emocionalmente, poderão compreender-se

mutuamente e tomarão consciência de que não precisam competir, já que cada uma exerce um papel diferente na vida do homem.

A forma preconceituosa como muitas vezes essas relações são vistas pelo imaginário social pode dificultar o estabelecimento de vínculos, principalmente se ambas as partes necessitam morar no mesmo lar, seja por problemas financeiros do casal ou pelo fato da sogra ou sogro não ter condições de morar sozinho. Kahn (1963, p. 306) esclarece que “ainda que seja a mais extraordinária das mães, só no caso de extrema necessidade deve morar com o casal”. Porém, se não houver nenhuma alternativa, é produtivo para o casal que os sogros evitem interferir, não tomem partido, não deem ordens à nora ou genro e evitem frases maldosas e comparações de como as coisas eram no seu tempo (STEKEL, 1967; WEIL, 1979).

Ter que sustentar financeiramente a mãe, ou a chegada de um filho/neto, são exemplos de motivos de conflito nas famílias, já que, segundo Dias (1994), muitos cônjuges acreditam que seus parceiros são explorados pelas mães e os netos chegam como solução para muitas mulheres que “perderam” seus filhos através do casamento. São relações complicadas, já que envolvem pessoas de diferentes gerações que, quase sempre, têm opiniões diferentes.

A chegada de um neto é um acontecimento decisivo para relação do novo casal. Esse acontecimento tende a resgatar a intimidade entre os pais do casal e seus respectivos filhos, assim como, por outro lado, pode potencializar as diferenças e tensões existentes entre nora ou genro e seus sogros.

A nora, em muitos casos, pode sentir-se despreparada para cuidar de uma criança e procurar o auxílio da sogra, ou, então, se sente desautorizada e invadida enquanto mãe e pode disputar quem tem a melhor forma de cuidar da casa e educar uma criança, já que provavelmente têm opiniões diferentes, uma vez que pertencem a diferentes gerações. (BOWDICH ; SAMET, 2004).

Nos casos em que a família de origem exerce controle financeiro sobre o novo casal, os avós podem se sentir com mais direito de interferir na educação dos netos. Nessa fase é necessária muita atenção e cuidado para que a mãe não transfira o seu ódio

para o filho (a) e a criança comece a evitar a avó. Os avós podem ajudar a cuidar, mas educar não é tarefa deles. Assim, a sogra que souber ajudar no que a nora precisa sem desrespeitar a autoridade da mãe, assumindo uma posição de contribuição, vai ter nela uma aliada. “Não se deve perder um mínimo de cerimônia nessa relação” (FUENTE, 1998).

Marido e mulher precisam defender-se para garantir sua identidade conjugal. Para as partes, é imprescindível definir o que são comportamentos e atitudes hostis ou não. Reconhecer quais são os comportamentos hostis auxiliará a compor a aliança com marido/filho, sem hostilizar os sogros.

Essa necessidade de estabelecerem regras urge diante do fato de que, com o nascimento dos filhos/netos, os conflitos podem aumentar. Uma boa ideia é evitar enfrentar os sogros em assuntos que não tenham tanta importância. Perguntas e comentários inconvenientes podem ser rebatidos com uma boa dose de bom humor ou fingindo que não entendeu a má intenção embutida ali. Afinal de contas, sogros também podem ser participativos e agregarem muita experiência de vida sem se intrometer ou provocar estresse.

Cabe a cada cônjuge desenvolver uma postura que possa auxiliar o seu parceiro, recém-chegado à sua família, a contribuir favoravelmente para o desenvolvimento das relações afins, já que possuem maior intimidade com esta família, que é sua de origem, e que, a partir do matrimônio, também fará parte dos parentes do seu/sua parceiro (a), com os quais deve desenvolver relações afetivas, para melhor convivência entre as partes.

O fundamental é encarar de forma aberta a relação com o (a) futuro (a) genro/nora, não os tendo como rivais do amor dos filhos, mas sim como futuros integrantes do núcleo familiar. Existem muitos fatores sociodemográficos trazidos na literatura que podem influenciar esta relação (PRICE, 1992): no que tange ao grau de instrução, quanto mais instruídas as noras, menos satisfeitas se sentem em relação à sogra; no que se refere à moradia, quando precisam morar no mesmo local, por problemas financeiros do casal, ou por dificuldade da sogra morar sozinha, as dificuldades entre sogra e nora tendem a se agravar (CHIAPIN; ARAÚJO; WAGNER, 1998).

Mas, de forma geral, deve-se considerar que sogros e genros/noras podem se respeitar, conviver bem e até ter uma relação de pais e filhos. Os novos membros, com o casamento, se tornam parte da família, parentes por afinidade, e não são aqueles que lhes roubaram o (a) filho (a) para si, afastando-o da família.

N

A

M

O

R

O

3 NAMORO: A TEORIA

3.1 ABORDAGEM SISTÊMICA

O período de desenvolvimento do conhecimento denominado Modernidade caracterizou-se como uma fase de grande progresso científico, busca de certezas e objetividade, com especializações em áreas cada vez mais restritas. O período chamado Pós-Modernidade (LYOTARD, 1984) ou Modernidade Reativa (GIDDENS, 1991) se caracteriza pelo profundo questionamento dos saberes, busca de uma visão global, relacional e relativista quanto à análise dos fenômenos.

Na sociedade pré-moderna, como discute Giddens (1991), o processo de divulgação do conhecimento ocorria nas relações face a face, passando depois por sistemas abstratos, responsabilidade de diferentes especialistas. A postura pós-moderna, com a contribuição de um alto nível de agilidade na transmissão das informações, introduziu um nível significativo de crise dos conceitos mais aceitos e estáveis dos valores sociais e a coexistência de diferentes modelos norteadores dos comportamentos. (MARTINS ; MACEDO, 2014).

A proposta desta investigação identifica na teoria sistêmica subsídios teóricos capazes de fundamentar o objeto de estudo, na medida em que possibilita a ampliação do nível de análise do individual para o relacional e admite uma verdade relativa, a partir da investigação do funcionamento dos sistemas conjugais do novo casal, dos seus pais, e dos seus sogros, em suas inter-relações e possibilidades de mudança, com bases construtivistas, que estabelece que o mundo real só pode ser conhecido através da experiência do sujeito.

A Teoria Geral dos Sistemas, que derivou da Biologia, da Gestalt e de outras tendências que evoluíram concomitantemente (BERTALANFFY, 1976), destaca a noção de sistema, que abrange as concepções de totalidade, organização, interação e equifinalidade. De acordo com essa abordagem, os organismos vivos são considerados sistemas: “[...] uma ordem dinâmica de partes e processos em mútua

interação” (BERTALANFFY, 1976, p. 277). Autônomos, ativos, criativos, possuem limites e mantêm um estado de desequilíbrio estável nas rocas com o meio ambiente. Por isso, são considerados sistemas abertos. Progridem “[...] no sentido de uma ordem e organização superiores” (BERTALANFFY, 1976, p. 278).

O princípio da totalidade e não somatividade define os sistemas vivos como unidades integradas, em que cada um de seus componentes só pode ser compreendido em seu contexto. A equifinalidade prega que os processos de desenvolvimento e estabilidade dinâmica dos organismos vivos não são totalmente previsíveis nem fixos, mesmo se consideradas suas condições iniciais ou o estado atual. Os conceitos da estabilidade e mudança propõem a capacidade de preservação e evolução dos seres vivos, num processo dinâmico e criativo.

A Teoria Geral dos Sistemas postula como característica dos organismos vivos a homeostase, que é a capacidade de manutenção de sua organização e identidade em um meio ambiente variável. Outra característica é a organização hierárquica (por padrões de organização complexa, complementares e dinâmicos) entre todos os subsistemas que interagem entre si. Quando aplicados aos grupos humanos, envolvem estudos sobre os sistemas simbólicos e culturais, considerando-se a linguagem e a tradição (BERTALANFFY, 1976).

As premissas da Teoria Geral dos Sistemas (BERTALANFFY, 1976) estão intimamente relacionadas com os princípios da Cibernética, que provocou revisões dos conceitos iniciais sobre os sistemas familiares e sociais. Estas duas disciplinas influenciaram significativamente as primeiras teorias em Terapia Familiar Sistêmica. (SLUZKI, 1987)

A abordagem sistêmica tem sua origem ligada a um grupo de especialistas identificados como “Grupo de Palo Alto”, já que foi formado nessa localidade do estado da Califórnia, nos Estados Unidos. Nesse grupo incluem-se várias vertentes unidas por alguns princípios gerais. Partiram da publicação da Teoria Geral dos Sistemas de Von Bertalanffy (1972), passando a aplicar a noção de sistema à compreensão das relações familiares, entendendo que a noção de família implica algo que supera o mero conjunto de seus componentes. A partir dessa configuração

epistemológica, surgiram a “escola estratégica” de Don Jackson (1971), Gregory Bateson *et al.* (1980), John Weakland (1976) e Virgínia Satir (1988); a abordagem de solução de problema”, de Jay Haley (1979) e Palazzoli (1978), da Escola de Milão.

O conceito de cibernética foi introduzido por Nobert Wiener, em 1948, no campo da Matemática, para descrever os processos de controle e comunicação dos sistemas vivos, sociais e das máquinas (SIMON, STIERLIN ; WUNNE, 1988), mas, consoante Hoffman (1990), Bateson (1986) foi um dos primeiros teóricos a fazer a analogia da família como sistema homeostático ou cibernético.

Quando aplicada aos sistemas vivos e sociais, a cibernética preocupa-se com a circularidade, ou seja, com a definição da inter-relação e interdependência dos fenômenos físicos, biológicos, psicológicos e culturais. (CAPRA, 1982)

A causalidade circular ou recursividade, nesta abordagem, é uma das características dos sistemas vivos, compreendida como um processo de mútua influência nos relacionamentos, no qual qualquer mudança em uma das partes implicará mudança nas demais, e no sistema como um todo. (WATZLAWICK *et al.*, 1973)

A aplicação das noções da cibernética aos sistemas humanos, conforme Sluzki (1987), enfatiza as relações recíprocas e recorrentes intra e inter-sistêmicas, que ocorrem através do processo de informação e dos laços de comunicação. Os circuitos cibernéticos, também chamados de circuitos de comunicação, são também denominados de realimentação, retroalimentação e *feedback*, considerados os processos através dos quais ocorrem as interações sistêmicas recursivas. (MARTINS; MACEDO, 2014)

A capacidade de adaptação a um ambiente variável é uma característica essencial dos organismos e dos sistemas sociais. Os processos de retroalimentação negativa permitem aos sistemas a manutenção de sua estabilidade dinâmica, através da qual ocorre a preservação de sua estrutura global e de suas funções sistêmicas (auto-conservação). Denominado de homeostase, esse processo propicia ao sistema um elevado grau de flexibilidade de funcionamento para interagir com o meio, adaptando-se às diversas mudanças externas. (CAPRA, 1982, p. 266).

A homeostase pode ser definida, então, como um processo de equilíbrio dinâmico que, através dos mecanismos de feedbacks negativos tendem a reduzir ou corrigir os desvios que ocorrem dentro de um certo limite de variação, promovendo mudanças estáveis no sistema e lhe permitindo o retorno ao estado original e manutenção de sua organização. Mais tarde, esse tipo de mudança foi denominado de mudança de primeira ordem. (MARTINS; MACEDO, 2014)

No final dos anos 50, Jackson (1974, p. 164-176) propôs o conceito de homeostase familiar, analisando a “família como um sistema em interação, cujas regras de relação tendem a dificultar as mudanças qualitativas e a evolução dos sistemas familiares”. A ênfase na estabilidade dos processos interacionais é característica da fase da terapia familiar conhecida como primeira cibernética, em que se acreditava que os sistemas poderiam ser observados e modificados por intervenções exteriores a eles. (HOFFMAN, 1990)

A simplicidade, a estabilidade e a objetividade destacam-se como pressupostos epistemológicos da ciência moderna tradicional. O pressuposto da simplicidade remete à crença de que é preciso separar o objeto em partes para entender o todo, possibilitando, a partir daí, a análise e busca de relações causais lineares. O pressuposto da estabilidade, segundo o qual o mundo é estável, está ligado às crenças na determinação (com a consequente previsibilidade dos fenômenos) e na reversibilidade (com a consequente controlabilidade dos fenômenos). O pressuposto da objetividade baseia-se na crença de que existe uma realidade independente do observador e de que é possível e indispensável ser objetivo, como critério de cientificidade, na constituição do “conhecimento verdadeiro” do mundo; da realidade. (ESTEVES DE VASCONCELLOS, 2003, 2005).

A necessidade de adaptação às situações de do meio ambiente de variações elevadas e a própria necessidade de evolução dos sistemas vivos, solicita mudanças qualitativas que são ativadas por circuitos de feedbacks positivos, que aumenta os desvios e tende a mudar as estruturas e funcionamento internos dos sistemas, movendo o sistema para um nível mais alto de adaptabilidade e auto-organização. Esse nível de mudança é denominado mudança de segunda ordem ou segunda cibernética.

Na cibernética, é chamado de fuga o fenômeno em que o *feedback* positivo não conduz ao reequilíbrio do sistema, mas sim à sua destruição. As mudanças de segunda ordem evoluem através de saltos imprevisíveis, como mudanças descontínuas e irreversíveis, mantendo a ordem através de flutuações, denominadas pelo físico Prigogine de *feedback* evolutivo, que leva ao conceito de mudança para além da homeostase. (SLUZKI, 1987)

Questionamentos quanto às previsibilidades e certezas nas ciências são introduzidos juntamente com o aparecimento da cibernética de segunda ordem, novas descobertas científicas e evolução de pesquisa no campo da física quântica.

A ciência moderna e seus pressupostos defrontam-se com uma crise irreversível, fruto da revolução científica iniciada pelo conceito de relatividade dos físicos Max Plank e Einsten, do princípio da incerteza a partir da interferência do observador na observação defendidos por Niels, Bohr, Boltzman e Heisenberg. As leis da Física, diante das novas descobertas, passaram a assumir caráter probabilístico e a hipótese de determinismo mecanicista é inviabilizada diante da totalidade do real não se reduzir à soma das partes, evidenciando-se, ainda, a complexidade da distinção sujeito/objeto (AUN; ESTEVES DE VASCONCELLOS; COELHO, 2005; ESTEVES DE VASCONCELOS, 2003; SOUSA SANTOS, 2006).

Recentemente, sobretudo nas três últimas décadas do século XX, diversos outros cientistas, dentre os quais se destacam o físico e ciberneticista austríaco Heins Von Foster e os biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela, que, com suas pesquisas em conformidade com o paradigma tradicional da ciência, se colocaram como condições da crise do paradigma dominante, encontrando resultados que lhes sugeriam os limites desse paradigma. Irreversibilidade e incontrolabilidade foram verificados em alguns processos físicos. (AUN; ESTEVES DE VASCONCELLOS; COELHO, 2005; ESTEVES DE VASCONCELOS, 2003; SOUSA SANTOS, 2006).

Essas descobertas culminam em uma nova concepção de matéria e natureza, que, a partir de meados dos anos setenta, integram um movimento convergente que atravessa várias ciências, inclusive as sociais. Esse movimento traz inovações

teóricas que promovem uma profunda reflexão epistemológica sobre o conhecimento científico. As leis passam a assumir caráter probabilístico, aproximativo e provisório, sendo substituídas, em algumas ciências, como na Biologia, pelas noções de sistema, estrutura, modelo e processo. Os objetos passam a ter fronteiras cada vez menos definidas, sendo, a tal ponto, menos reais que as relações, em teias complexas. (ESTEVEES DE VASCONCELLOS, 2003; MORIN, 1996; SOUSA SANTOS, 2006)

O pensamento sistêmico proposto por Esteves de Vasconcellos (2003) como “a ciência novo-paradigmática” apresenta mudanças em relação aos três pressupostos epistemológicos da ciência tradicional: do pressuposto da simplicidade para o pressuposto da complexidade, buscando a contextualização dos fenômenos e o reconhecimento da causalidade recursiva; do pressuposto da estabilidade para o da instabilidade, entendendo que o mundo está em processo dinâmico de constantes transformações e a consequente imprevisibilidade de alguns fenômenos e do pressuposto da objetividade para o pressuposto da intersubjetividade, reconhecendo que não há uma realidade independente do observador e que o conhecimento é uma construção social, em espaços consensuais, por diferentes sujeitos/observadores.

Estudos advindos do modelo tradicional de ciência trouxeram inovações teóricas que desencadearam profundas reflexões epistemológicas sobre o conhecimento, com importantes implicações diretas na prática científica, evidenciando, por um lado, uma espécie de desconstrução das crenças presentes no paradigma da ciência moderna, e, por outro, o surgimento de novos pressupostos epistemológicos. Isto ocorreu para dar conta das realidades multifacetadas de pesquisa, em que a contextualização se impunha como forma de entender a complexidade dos fenômenos estudados.

No campo da terapia familiar, a partir da perspectiva sistêmica e cibernética, Bateson (1986) discutiu a impossibilidade da objetividade do conhecimento, argumentando que a ciência descreve e explica, não prova, estreado a noção de que o observador interfere no sistema observado, preparando caminho para a adoção dos princípios do construtivismo em terapia familiar sistêmica, incluindo o observador no sistema observante.

Nessa perspectiva, acredita-se que não há certezas absolutas, mas sim regularidades construídas por experiências. A ênfase da abordagem sistêmico-construtivista passa a ser na linguagem e nas atividades cotidianas geradoras de significados, crenças e valores comuns a um grupo de pessoas, passíveis de validação através dos espaços consensuais de inter-subjetividade, que possibilite consciência e coerência aos fatos analisados. (MARTINS; MACEDO, 2014)

As repercussões mais importantes dessa mudança epistemológica no estudo de famílias se refletem na consideração dos sistemas de significados dos quais as pessoas participam, em que o foco passa a ser na análise das crenças e mitos da família e dos demais sistemas sociais, que podem ser compartilhados por um sistema formado por uma rede de significados. (HOFFMAN, 1990, p. 35)

A família é uma totalidade integrada e interdependente, em que cada um dos componentes é um sistema em si, ou subsistema do sistema familiar. Os sistemas familiares, assim como os sistemas sociais, deixam de ser concebidos como estruturas coisificadas e passam a ser entendidos como sistemas intersubjetivos compostos por agentes conscientes, intencionais que se co-criam a si mesmos e a seu entorno em uma permanente interação comunicativa e construção de significados. Acontece, então, uma mudança de foco do indivíduo para os sistemas humanos; do intrapsíquico para o interrelacional (GOOLISHIAM ; ANDERSON, 1996; GRANDESSO, 2000).

Focalizar a singularidade e a complexidade da rede relacional familiar possibilita vislumbrar a família como um grupo específico em desenvolvimento, inserido num contexto cultural também em desenvolvimento (DESSEN; SILVA NETO, 2000). Minuchin (1982: p. 53) define a estrutura familiar como a “matriz da identidade”, a instituição que estabelece o canal de comunicação entre os elementos e as agremiações, cultura e sociedade, misturando e administrando os ingredientes necessários, a fim de promover um “sentido de pertencimento e um sentido de ser separado de seus membros familiares”.

A epistemologia do pensamento sistêmico oferece ao pesquisador pressupostos que possibilitam o estudo de fenômenos considerando a complexidade dos mesmos e a

intersubjetividade implicada no estudo. Ou seja, pensar a família implica em considerar que o comportamento de cada um dos membros comporta-se de forma interdependente aos outros. O grupo familiar é visto como uma totalidade cuja particularidade de um de seus membros não é suficiente para explicar o comportamento dos demais. Assim, a análise de uma família não é a soma da análise de seus membros individuais.

A unidade familiar é um sistema composto por indivíduos que podem também ser considerados sistemas por si só e, ao mesmo tempo, uma parte de um sistema, ou seja, um subsistema (CERVENY, 2011). Essa unidade familiar também faz parte de um sistema familiar maior que se inclui em outros sistemas mais amplos, como o sistema sociocultural, e assim por diante.

As transformações no plano das ideias e nas formas de pensar os relacionamentos, que tiveram lugar nos Estados Unidos e na Europa do pós-guerra, foram assimiladas pelos estudiosos e terapeutas brasileiros, que pareciam ter “tomado emprestado” do Primeiro Mundo as noções de casal “sadio” e de casal “conflitivo”, passando-se a falar de “pactos inconscientes”, “lealdades invisíveis”, “agenda oculta” da família, “padrões disfuncionais” nas relações familiares e “famílias como sistema”. Emergiu, após a Segunda Guerra, uma mudança de paradigma na abordagem de grupo e, assim, os sintomas psicológicos passaram a ser vistos como resultado da natureza dos vínculos estabelecidos entre as pessoas, como uma produção conjunta e conivente, em oposição à perspectiva de uma etiologia puramente individual.

A perspectiva sistêmica, nos estudos com famílias, trouxe uma mudança de postura e visão das famílias, assim como implicações quanto à ampliação do foco. Mudou-se da “visão negativa” na qual o mundo familiar tem como figura central os desajustes, conflitos, déficits e fracassos, culpabilizando os membros da família a partir de uma lógica de causalidade linear, para focar, pesquisar, compreender e fortalecer os recursos e o sucesso do grupo familiar, mediante a investigação de percepções de elementos das experiências de vida, aspectos biológicos e de interações pessoais com o contexto, compreendidos na ótica sistêmica, contextualizada e intersubjetiva (CREPALDI ; MORÉ, 2008).

O casamento é um rito de passagem, um momento mobilizador de ansiedades e energias que revela o grau de autonomia dos membros de uma família, possibilitando conhecer o funcionamento emocional das famílias nucleares e de origem, e suas ingerências no processo. Os estudos sobre conjugalidade, independente dos objetivos das pesquisas, direcionam, de uma forma geral, à compreensão das condutas desses indivíduos, como integrantes de um contexto familiar, evidenciando o modo como cada qual compartilha a evolução e os modelos de interação de sua família, embora continuem autônomos com suas características pessoais.

Essas noções constituídas por essa nova ideologia herdeira da Segunda Guerra vêm compor todo um novo modo de pensar o casamento (e sua dissolução) e a família. Os conflitos conjugais e familiares, antes entendidos como causados por um membro “problemático” do grupo, passaram a ser vistos como sintomas produzidos no âmbito das relações entre a díade ou no grupo familiar (DIAS, 2006).

Os padrões interacionais são sustentados por crenças e mitos específicos da família, construídos ao longo da sua história e compartilhados com o meio social. Através da análise da organização, funcionamento e estrutura familiar; da qualidade das fronteiras entre os subsistemas e das funções dos membros da família em apoiar outros membros e ajudá-los a se diferenciarem, é possível estudar os processos relacionais (MINUCHIN, 1982).

Aspectos como aquisição dos padrões interacionais, afetivos e comunicacionais; crenças, valores e mitos implícitos nas relações, constroem-se em interação mútua e constante entre o indivíduo e sua família e o meio sociocultural, no transcurso das fases evolutivas do ciclo de vida individual e familiar, que refletem as transformações de valores e crenças da cultura em mudança constante (MUNHOZ, 2001).

As famílias são sistemas atuantes. Agem e reagem de maneiras específicas a cada situação. Os tipos de negociação que se estabelecem no cotidiano conjugal possibilitam, conforme Munhoz (2001), o conhecimento de como cada família gerencia o desenvolvimento dos futuros parceiros conjugais, ao desempenhar seu papel fundamental: como unidade emocional, tem a função de criar as pontes

necessárias entre seus membros e as relações sociais, ajudando-os a se identificarem como pertencentes a seu núcleo familiar e, paralelamente, tornarem-se cada vez mais capazes de se separar deles, na direção do seu próprio desenvolvimento e autonomia.

A perspectiva transgeracional possibilita entender como se processa o intercâmbio e as influências de geração para geração. Para os estudiosos da transgeracionalidade nas relações familiares (BOWEN, 1978; BOSZORMENYI-NAGY ; SPARK, 1973; ANDOLFI, 1987; WILLIAMSON ; BRAY, 1991; SACCU, 1994), a partir da dimensão histórico-evolutiva do indivíduo e da família, o núcleo familiar proporciona o desenvolvimento dos seus membros, numa interação intergeracional, que não é somente bidimensional, mas tridimensional: avós, pais e filhos. Quando se trata de conjugalidade, não se casam somente duas, mas sim seis famílias, com suas ideias, desejos, valores, crenças, regras e expectativas. Com isso, é natural que surjam problemas nas negociações.

3.2 O CONCEITO DE DIFERENCIAÇÃO

Bowen (1974; 1978; 1989; 1991) descreve algumas características gerais das relações humanas, do funcionamento interno dos sistemas familiares e a maneira como são transmitidos os padrões familiares no decurso de várias gerações, possibilitando conectar os valores, crenças e padrões com os sistemas sociais mais amplos.

Com o nascimento, o filho se separa fisicamente da mãe, iniciando um processo de separação que vai se concretizando por meio da interação e desenvolvimento dos dois, numa via dupla. Os fatores inatos da mãe, inicialmente, ajudam nessa separação, mais do que os do filho, além do grau de diferenciação da mãe em relação aos seus pais, da natureza da relação da mãe com o marido, deste com seus pais e do casal com as pessoas significativas de suas relações.

Algumas características gerais das relações humanas, do funcionamento interno dos sistemas familiares e a maneira como são transmitidos os padrões familiares no decurso de várias gerações (BOWEN, 1978), possibilitando conectar os valores, crenças e padrões com os sistemas sociais mais amplos. Para o autor, o sistema emocional está enraizado no passado filogenético das formas humanas, anterior ao desenvolvimento intelectual, sendo o primeiro que capta os estímulos do ambiente, que é a forma mais primitiva do ser humano interagir com o mundo.

O sistema emocional faz parte das forças instintivas que governam as resposta aos estímulos das condutas de todas as formas vivas. Nos processos de desenvolvimento do indivíduo em suas relações com outras pessoas, quanto mais uma vida se vê governada pelo sistema emocional, mais estará subordinada a condutas instintivas (BOWEN, 1978).

Desenvolvido por Bowen (1974; 1978) nas décadas de 50 e 60 e ampliado por Kerr (1981; 1984), o conceito de diferenciação de *self* prega a interação do indivíduo com o seu contexto familiar no seu processo de maturação emocional e intelectual. Como dois sistemas vivendo num processo evolutivo, indivíduo e família, poderão produzir ou não um bom resultado nessas relações.

No pólo oposto ao da diferenciação, a fusão é o modo como os indivíduos se apegam emocionalmente em suas relações mais significativas. As pessoas com alto nível de fusão não demonstram clara percepção de si e são mais susceptíveis a apresentar sintomas frente a situações de estresse. O grau de fusão dos membros de uma família reflete as relações de apego não bem resolvidas com as famílias de origem. Bowen (1978) descreve como a cola que prende os familiares e os impede de atingir um bom nível de diferenciação de *self*, incapacitando-os de relacionar-se entre si como pessoas e desfrutarem o prazer de estar em suas companhias. Embasado nesses pressupostos, Bowen não acredita em nenhuma intervenção com tanta eficácia quanto a que promove o encontro da família.

A diferenciação de *self* é definida por Bowen (1978) e Kerr (1981; 1984) como o grau de controle de cada indivíduo sobre seus pensamentos e sentimentos, que o levam a escolher suas ações e responsabilizar-se por elas. Os aspectos individuais, ao

coexistirem com os aspectos familiares e relacionais, a partir de um enfoque transgeracional, demonstram as implicações da transmissão dos níveis de diferenciação de *self* para as gerações futuras, na formação de novos núcleos familiares e na continuação do processo.

Demonstrando a capacidade de pertencer e estar separado do meio familiar, uma boa diferenciação de *self* é expressa nas condutas dos membros de uma família, ao viverem com maior liberdade e clareza as suas escolhas, sem excessivas intervenções das famílias de origem. Os aspectos individuais são como características inatas, estruturais da personalidade, que se expressam como padrões de reação frente aos estímulos ambientais. Os padrões de reação próprios de cada indivíduo desenvolvem-se em contato com o ambiente, em diferentes formas de interação, possibilitando ou não ao ser adulto atingir liberdade para escolher, a responsabilidade para assumir e a autonomia para decidir. (MUNHOZ, 2001)

Os autores apontam dois níveis de diferenciação: o básico e o funcional. O primeiro é o *self* fixo, constituído de características genéticas, que se desenvolve nas primeiras experiências vividas pelas crianças, em interação com as famílias de origem. Permanece estável e se mostra pouco negociável nas relações com o meio social. O nível de diferenciação funcional faz parte do *self* que sofre influências de múltiplos fatores, provocando flutuações dos níveis funcionais. Enquanto o nível de diferenciação básico influencia na maneira como o indivíduo e sua família enfrentam o estresse e a angústia, o nível de diferenciação funcional possibilita operar em diferentes níveis em resposta aos vínculos criados nas relações com o meio ambiente.

O *self* fixo, para Kerr (1984), pode ser definido como o nível de diferenciação básico herdado e aprendido pelo indivíduo em sua família de origem, e que se mantém inalterado frente às experiências da vida, com prognósticos de resultados modestos, a não ser que o adulto o modifique. Muitos níveis de diferenciação funcionais se superpõem ao nível básico, formando o nível fundamental de diferenciação, que se estabiliza quando o adulto separa o *self* da sua família de origem.

As famílias são classificadas por Bowen (1978) e Kerr (1984) em diferentes tipos:

- famílias diferenciadas: possibilitam a seus membros tornarem-se autônomos e independentes do meio familiar de origem, para enfrentar com bom nível de funcionamento os momentos de estresse, angústia e tensão, com um modelo de interação que preserva a saúde psíquica e orgânica, assim como o desenvolvimento emocional e intelectual de cada um, tornando-os capazes de se envolver em todas as relações possíveis, sem necessidade de dominar ou sentir-se dominado;

- famílias fusionadas: são dificultadoras do desenvolvimento e da separação dos seus membros do meio familiar de origem, em que cada um pensa, sente e funciona pelos demais. Enfrentam com demasiado sofrimento os momentos de estresse emocional. Nos casos mais severos é comum um membro contrair um sintoma de defesa da fusão familiar. São descritas por Minuchin (1982) como famílias emaranhadas, sem fronteiras hierárquicas definidas e com limites e discriminação embaraçados;

- famílias desconectadas: não promovem o desenvolvimento de seus membros em função do distanciamento e do isolamento deles, para evitarem a fusão. As relações são emocionalmente desconectadas, com ausência de afeto; os membros pouco se falam ou se visitam, cada um levando sua vida sem interferência dos demais, o que provoca os mesmos problemas das famílias muito conectadas.

Muitas vezes ocorre uma confusão entre as relações diferenciadas e as desconectadas, devido ao distanciamento dos filhos em relação aos pais, que ilustram a dificuldade em manejar as vinculações emocionais intrafamiliares, caracterizando um modelo de relacionamento que se encontra no mesmo nível das relações fusionadas. Em geral, é na passagem das etapas evolutivas do Ciclo Vital que as reações disfuncionais ocorrem, já que esses momentos exigem mudanças de padrões, regras e condutas dos pais, que se agrava quando os valores, crenças e mitos familiares não foram bem vivenciados e resolvidos com as famílias de origem (MUNHOZ, 1992).

3.3 DIFERENCIAÇÃO E CONJUGALIDADE:

Diferenciação, conforme Murray Bowen (1978), é individuação, e quanto mais diferenciada for uma pessoa de suas famílias de origem, maior será sua capacidade para lidar com pressões emocionais externas, e melhor cuidará de si e dos outros.

Romano & Destal (1994) classificam os pares conjugais em fusionados e pactuados, funcionais ou disfuncionais em suas formas de comunicação e negociação. Willi (1978) traz o conceito de colusão, impregnado do pensamento psicanalítico, para se referir ao fato dos cônjuges se escolherem a fim de satisfazerem desejos comuns com base na libido, entendendo o matrimônio como um processo de desenvolvimento que envolve as fases oral, anal, fálica e genital. Romano & Destal (1994) trazem uma leitura sistêmica de colusão, que ajuda a compreender o nível de conflito nas relações, e se refere aos diferentes graus de autonomia e capacidade de negociação no relacionamento do casal, que afeta todos os membros do sistema: família nuclear e as famílias de origem.

Os casais fusionados são formados por indivíduos que não chegaram a um bom nível de diferenciação de *self* em suas famílias de origem, e, na vida conjugal, não conseguem estabelecer uma distância necessária para viver a própria individualidade, em termos de crenças, valores e opiniões. Precisam saber a opinião dos outros para tomarem decisões e são vulneráveis a críticas, perdendo facilmente a capacidade de negociar em situações de tensão, conflitos de ideias e sentimentos.

Por não conseguirem viver de forma mais autônoma e negociada com os familiares, o par fusionado corta bruscamente as interferências de suas famílias de origem, numa tentativa de evitar fusão. Esse corte emocional ocorre especialmente quando pais e filhos têm dificuldades de se separarem e gera, muitas vezes, comportamentos agressivos e grande impacto emocional, propiciando a formação do par fusionado.

Esse distanciamento físico e emocional da família pode dificultar o funcionamento interacional satisfatório na vida íntima e conjugal, podendo aparentar, em muitos

casos, um indício de bom nível de diferenciação, mas, na realidade, é uma intolerância à fusão. (MUNHOZ, 2001) Quando um dos parceiros se encontra num nível de diferenciação de *self* muito distante e diferente do outro, desencadeiam-se condutas excessivamente defensivas e os pares se tornam fusionados para manter as próprias defesas.

Os casais pactuados são formados por indivíduos que atingiram um bom nível de diferenciação de *self*, que desenvolvem opiniões próprias e conseguem respeitar as individualidades em momentos de negociações e discórdias, vivendo a conjugalidade de maneira equilibrada entre as interações simétricas e complementares.

Nos dois tipos de classificação Romano & Desal (1994) observam a existência de uma porcentagem de complementaridade, explícita nos pares pactuados e oculta nos pares fusionados.

Mais diferenciado será em relação à sua família de origem aquele indivíduo que mais se desenvolver em seu crescimento emocional, tendo maior conhecimento de suas amarras, podendo realizar escolhas mais autênticas, conscientes e coerentes com suas características individuais e interagir de forma equilibrada nos padrões complementar ou simétrico, na busca de uma conjugalidade mais funcional.

Mas não se pode afirmar, de forma tão rígida, se alguém é ou não diferenciado, ou o quão diferenciado cada pessoa está, pois há momentos na vida no qual se é mais ou menos diferenciados, o que reforça a diferenciação como algo dinâmico e subjetivo (KINAS *et al.*, 2010). Então, a diferenciação vem dizer do quanto o casal irá permitir que suas famílias de origem influenciem nas suas decisões.

Rabinovich (2002) defende que não existem famílias isoladas, mas sim uma complexidade social, econômica e política em que essas famílias estão imbricadas. Ela sugere que pensar a diferenciação do *self* familiar atualmente requer entender as novas configurações da família em suas várias expressões do processo emocional societário. Observa-se que o pólo de tensão nas famílias aumenta,

complexifica-se e expande-se rapidamente, mediado pelos avanços tecnológicos que ocorrem na sociedade contemporânea e pelos meios de comunicação.

As famílias constituídas passam por sucessivas mudanças, de modo que Molina – Loza (1998, p. 69) provoca a instigação de que “se reconhecemos que há novos e diversos tipos de famílias, também deveríamos, no mínimo, reconhecer que o ciclo pelos quais elas passam também pode ser diferente”. Martins, Rabinovich e Silva (2008) declaram que compreender o limite da teoria de diferenciação do *self* passa pela compreensão da forma como as famílias estão estruturadas nos dias atuais.

Portanto, na medida que há uma complexificação dos modos de vida devido a vários estresses, como o desemprego e a exclusão, Andolfi e Nichilo (1991, p. 11) consideram que a retomada das gerações anteriores, conforme proposto por Bowen, encontra uma variável não prevista por ele – o tempo – quando os valores das gerações anteriores não são mais compreendidos pelas gerações atuais.

3.4. PADRÕES DE INTERAÇÕES CONJUGAIS:

Definidos a partir do conceito descrito por Bateson (1986) sobre o fenômeno interacional Cismogênese, observado e estudado nas tribos da Nova Guiné, dois tipos de padrão de interação são definidos apontando como princípio básico para o entendimento das interações entre dois indivíduos a observação das reações de cada um frente às reações do outro. Os padrões Simétricos ou Complementar de interações são descritos a fim de permitir o entendimento das interações entre os elementos de um casal, focalizando como esses padrões vão se desenvolvendo e como se transmitem por meio da comunicação.

Watzlavick, Beavin & Jackson (1988), partindo da compreensão dos processos de comunicação humana, desenvolveram seus estudos sobre interações familiares, afirmando que os padrões familiares se transmitem através das gerações por meio dos modos de comunicação analógicos, que, intrinsecamente, possuem características afetivas e relacionais.

Minuchin & Fishman (1981), assinalando os aspectos interativos e interdependentes desses padrões de relacionamento, descrevem as relações simétricas e complementares como dois pólos de uma mesma realidade: “ são interdependentes, seu conflito nunca pode trazer como resultado a vitória total de um dos polos, senão que sempre será a manifestação da ação recíproca entre os dois” (p. 193). Defendem a ideia de que muito além das partes surge um organismo multicelular, relacional e intencional, cujas partes são regidas pelas regras do todo. E assim, por sua vez, é o conceito da interação que poderá desenvolver-se como Simétrica ou Complementar.

Na interação simétrica, os parceiros tendem a refletir o comportamento um do outro, por se caracterizar pela igualdade, minimização da diferença, simetria de condutas , comunicações e da própria relação. Na interação complementar o comportamento de um parceiro complementa o do outro, formando algo maior do que as partes em si, como numa Gestalt comportamental, baseada na maximização das diferenças.

A interação, seja ela simétrica ou complementar, refere-se às duas condutas básicas do relacionamento interpessoal, mas não são intrinsecamente boas ou más, normais ou anormais. Ambas têm funções importantes e apresentam possibilidades de desequilíbrios e desajustes, podendo se desenvolver de forma salutar e positiva. Em mútua alternância, devem estar presentes as duas na avaliação dos relacionamentos saudáveis e funcionais, porque cada padrão poderá estabilizar o outro, quando ocorrer desequilíbrio em um deles.

Quanto às situações problemáticas desses dois tipos de interação, geralmente se apresentam em graus diferentes de patologias. Na interação simétrica a competitividade pode estar sempre presente, em situações em que um retruca sempre o que o outro faz, num nível superior, em crescente escalada, terminando somente com a exaustão de um dos dois. Na relação complementar as patologias são mais graves, devido ao fato das lutas serem menos claras e abertas, como nos casos que um dos parceiros se coloca numa posição fixa, por exemplo, na posição de dominado, e o outro se mantém na posição de dominador, por algum interesse próprio de ambas as partes.

Assim, a conduta de um irá reafirmar a conduta do outro, contribuindo para a manutenção da dinâmica relacional estabelecida (WATZLAVICK, BEAVIN; JACKSON, 1988).

Pode existir uma interação simétrica positiva e saudável quando há uma relação em que os parceiros são capazes de se aceitar mutuamente tais como são, respeitando-se mutuamente e uma interação complementar salutar quando cada membro de um casal contribui com o que tem mais capacidade com o que é diferente do outro. De forma geral, o padrão de interação complementar é o que mais possibilita crescimento, já que o par se complementa, enriquecendo a relação.

O padrão de interação ideal para qualquer casal seria se conseguissem manter o equilíbrio entre os dois extremos, respeitando a individualidade pessoal, podendo aproveitar das diferenças e qualidades de cada um, para estabelecerem uma troca positiva e enriquecedora na vida conjugal.

É preciso, então, observar os padrões de interação na relação interpessoal para poder classificá-los como disfuncionais ou patológicos e funcionais ou saudáveis, considerando as interações extremadas como indicativas de desequilíbrios e patologias, caracterizando-se pela excessiva competitividade nas interações simétricas, ou de aceitação de uma interação complementar muito rígida e extremada.

3.5 REPETIÇÃO DE PADRÕES DE INTERAÇÃO:

Os padrões de interação familiar são muito complexos, e para que possam ser identificados é preciso se detectar que tipo de repetição está acontecendo num determinado grupo familiar, e por meio de qual aspecto a repetição se apresenta. As repetições de padrões muitas vezes são mantidas como segredos não explícitos, como uma escolha familiar para manutenção do equilíbrio do sistema e como singularidades que conferem identidade à família.

Enquanto as repetições permanecem no campo do desconhecido elas continuam atuando sem a nossa permissão [...] a descoberta de uma repetição na família de origem é o início para sua aceitação, rejeição ou reconstrução (CERVENY, 2011, p. 19).

É através da história intergeracional como um todo, incluindo as repetições, que se constrói a identidade, que se passa a fazer parte de uma dada cultura e que se inicia o aprendizado de pertencimento. A partir do que Bowen (1978) denominou de “processo de transmissão multigeracional de modelos familiares”, o que sucedeu numa geração tenderá a aparecer nas gerações subsequentes, ainda que de forma diferente; ou seja, as famílias repetem-se a si mesmas. Assim, consoante Bowen (1978), os modelos interacionais e vinculares em uma geração podem fornecer modelos implícitos para o funcionamento familiar na geração posterior.

Elkaim (1990) defende que, independente da singularidade ou especificidade de cada família em como elaborar e transmitir seus modelos, não há dúvidas quanto à sua transmissão.

As múltiplas maneiras como a família vive suas relações direcionam suas decisões e escolhas e desenvolvem em seus membros a capacidade de interagir em diferentes contextos relacionais, conforme Jackson (1965). Entre padrões que se repetem, definindo as relações do novo núcleo conjugal, estão os mitos, os rituais e as regras familiares. Macedo (1990) assinala que o esforço despendido pelos pais para evitar que algumas situações incompreensíveis se repitam parece provocar um resultado paradoxal, como uma profecia temida que se autocumpre. “A repetição dos modelos familiares e as profecias autocumpridas muitas vezes caminham em paralelo” (CERVENY, 2011).

A repetição pode tornar um sistema familiar disfuncional, na medida em que padrões repetitivos às vezes tornam rígido o sistema, impedindo mudanças e crescimento (CERVENY, 2011). Dependendo do grau dessa disfunção, pode-se estar diante de um sistema familiar patológico, apesar de muitas vezes acontecer a naturalização desses padrões presentes na família durante gerações, se tornando parte do

cotidiano e ficando incorporados ao sistema familiar, que sequer os percebem como disfuncionais ou bloqueadores de crescimento.

Mas, é preciso, também, assumir que existem boas repetições; que há repetições que mantêm a família como um sistema, podendo prover esse sistema de uma identidade específica que o diferencia de outros, e que essas devem ser conservadas.

3.6 MITOS E RITUAIS

Os mitos são definidos por Campbell (1988) como construções da realidade que representam uma determinada época, cultura e sociedade, a partir das experiências vividas. “O mito familiar é um conjunto de crenças relacionadas às supostas qualidades de um grupo, uma espécie de saga, desenvolvida conforme aspectos que seus membros investem ou deixam de investir”. (NEUBURGER, 1999: p.34). Através dessas crenças, são estabelecidas regras de comportamento para cada membro do grupo, bem como o tipo de relacionamento que se espera que cada um estabeleça com o mundo exterior.

No mito, coexistem elementos da realidade e de fantasias que, unidos, favorecem a construção de uma realidade ideal destinada a suprir determinadas necessidades afetivas do ser humano (ANDOLFI, 1988; ANDOLFI *et al.*, 1989). De acordo com Miermont (1994), cada grupo familiar, embasados nas singularidades genéticas, culturais e históricas dos seus membros, edificará suas mitologias idiossincráticas.

O mito familiar é um organizador, que cumpre, simultaneamente, duas funções mutuamente entrelaçadas: as de defender e de proteger. Para Krom (1992; 1994), o mito constitui, em sua essência, a concepção de mundo própria da família, em que se cria a realidade familiar e o mapa do mundo individual. Nesse sentido, podem originar os significados atribuídos às experiências, determinando hierarquias de valores e influenciando a maneira como a família percebe o mundo e o sentido que as pessoas atribuem às suas vidas.

Para muitos terapeutas, os mitos familiares servem para reconhecer os valores e concepções das famílias e de seus membros, as ambiguidades e contradições entre o que eles revelam e o que permanece como segredos familiares. Têm sido um veículo de transmissão dos valores e crenças expressos nas comunicações e nos comportamentos familiares por meio das gerações, por conter o sistema de valores das famílias em seus aspectos transgeracionais.

Mas muitas famílias nem se dão conta de seus mitos, por eles terem sido incorporados ao cotidiano e passado a fazer parte da vida da família como uma coisa natural daquele grupo. Os mitos mantêm os padrões interacionais, mantendo-se a despeito dos conflitos familiares e lutas internas, como se a família protegesse os mitos assim como os mitos protegem a família (CERVENY, 2011).

O mito familiar, para Andolfi (1987), é construído a partir de diferentes leituras da realidade, com alguns aspectos herdados das famílias de origem e outros construídos pela família nuclear, como estruturas que se modificam através do tempo, em função de necessidades emocionais.

Os segredos familiares se transformam em mitos, especialmente quando já se estabelece em torno do mesmo um sistema de crenças compartilhado e transmitido intergeracionalmente, por meio da comunicação verbal e não-verbal (CERVENY, 1997a; 2011). Para Borzomenyi-Nagi e Spark (1973), o segredo é um mecanismo mantenedor da identidade de crenças e valores familiares. Tem a função de guardar as irrealidades do mito, de acordo com Bucher (1985), no sentido de preservar os seus aspectos harmônicos que, compartilhados por todos os membros, impedem a desestabilização familiar.

O mito se mantém no nível das ideias, expressando as experiências significativas da família, enquanto o ritual demonstra de que forma são vividas as experiências. Os valores e tradições familiares, que são expressos através dos mitos, aparecem nas narrativas, nas ações, concepções e crenças que direcionam os rituais, mostrando a íntima relação que existe entre eles.

Conforme Friedman (1989) e Sluzki (1991), nas passagens significativas das relações humanas, os rituais cumprem uma importante função, haja visto o entendimento de que nos casos em que os rituais não são observados, como nas gestações interrompidas ou adoções, desencadeiam-se, espontaneamente, conflitos nas relações familiares.

Considerados como um elo entre o passado e o presente, e com toda a simbologia que trazem consigo, os rituais são considerados experiências familiares importantes nas transições dos estágios do Ciclo Vital (CARTER; MCGOLDRICK, 1995), para se perpetuar no futuro, por meio da cultura. Bromberg (1994) esclarece que os membros das famílias percebem que pertencem a uma cultura que lhes garante certa previsibilidade de acontecimentos e ações, essencial em momentos de crise e mudanças.

3.7 REGRAS FAMILIARES

As regras da relação familiar são consideradas por Jackson (1965) como normas que prescrevem e delimitam as condutas dos membros da família, organizando sua interação num sistema razoavelmente estável. A família, sob a ótica de Jackson, é um sistema governado por regras criadas e modificadas de acordo com as experiências.

Minuchin (1981/1982) classifica as regras como universais, das quais participam todos os membros do sistema, e específicas, direcionadas a certas pessoas, definindo quem e como deve participar.

Féres-Carneiro (1981) considera as regras do sistema familiar como interações aceitas e permitidas pelos membros, devendo ser reconhecidas por todos, mesmo que implicitamente, para serem validadas como regras. As situações que se repetem podem se tornar regras familiares, como hábitos ou condutas rotineiras que se perpetuam em gerações futuras. Um grupo familiar dotado de um passado, que vive um presente, tem regras que, certamente, passarão para o futuro.

As regras familiares são o conjunto de acordos explícitos e implícitos que é compartilhado e conhecido por um grupo familiar, que faz parte da história da família e que se mantém por meio do uso (CERVENY 1997a; 2011). Todo grupo familiar é cercado por um conjunto de regras, que o protege como um sistema, e que, inclusive, torna possível seu funcionamento. Algumas regras são mais explícitas, fazem parte de um sistema mais geral e têm características que dependem da cultura própria em que a família se insere, e outras formam-se através de anos de implícitas negociações entre os membros.

As regras familiares são condutas e tarefas que podem ser discutidas, vivenciadas e modificadas por contingências ou mudanças de valores e crenças; refletem o tipo de interação do sistema e definem os papéis e funções dos elementos da família, do pai, da mãe, dos filhos. Para Whitaker e Bumberry (1990), nas famílias saudáveis, as regras são modificadas com o intuito de promover o crescimento e a diferenciação de seus membros, e nas famílias “doentes”, são mantidas para dificultar as mudanças e perpetuar a interação disfuncional.

Bucher (1985) observa que a linguagem dos membros de uma família revela a sua origem étnica e dá informações sobre as regras desse grupo, o que demonstra a importância dessas regras serem compreendidas num contexto maior, que inclui a comunicação, os mitos, as lealdades, etc.

3.8 LEALDADE FAMILIAR

Assim como a comunicação, as regras familiares, a hierarquia, as triangulações, os mitos, as sequências, os padrões de afetividade, a lealdade familiar também está incluída como um padrão ou modelo interacional transmitido intergeracionalmente que pode se repetir na família atual, na forma de lealdades invisíveis (BOSZORMENYI-NAGY E SPARK, 1973/1983).

O termo lealdade é definido como sendo um determinante motivacional, de origens dialéticas, multipessoais, mais que individuais. Assim sendo, a verdadeira essência

da lealdade reside nas expectativas invisíveis do grupo, e envolve credibilidade, confiabilidade, responsabilidade, fé e devoção. As fibras invisíveis da lealdade consistem por um lado numa parte da consanguinidade, como salvaguarda da linhagem familiar e biológica, e, por outro lado, no mérito ganho pelos membros, pelo outro. (BOSZORMENYI-NAGY E SPARK, 1973/1983)

A lealdade sinaliza o sentimento de pertencimento a um grupo e aparece, ao mesmo tempo, como uma característica de grupo e como uma atitude individual. Durante a sucessão de gerações, conforme Boszormenyi-Nagi e Spark (1973/1983), as lealdades verticais, trazidas através das gerações precedentes, podem entrar em conflito com as lealdades horizontais, orientadas pelos companheiros, irmão, dentre outros. O estabelecimento das novas relações que se formam diante do casamento e do nascimento dos filhos forma novas lealdades.

O conceito denominado legado, proposto por Boszormenyi-Nagi e Spark (1973/1983), é transmitido de geração a geração e revela uma extensão transgeracional do princípio da delegação (STIERLIN, 1979). Este termo é derivado do latim *delegare* e refere-se a “enviar” e “confiar uma missão”, como se fosse uma ligação que se estende através de várias gerações, um compromisso ou uma obrigação de prestar contas. O membro ao qual se delega algo está ligado à família através da lealdade, como uma possibilidade de provar a honestidade, com o cuidado para que o processo de delegação não se torne patológico, como no caso das delegações excessivas, incompatíveis com a idade, crença ou desejo dos cumpridores.

Esses autores trabalham com o conceito de “dívida existencial”, que está intimamente ligado à lealdade familiar. O sistema familiar começa a colocar exigências e expectativas para uma criança bem antes que se tornem conscientes por ela. Por consequência, enquanto um filho vive, nunca está livre da “dívida existencial” para com seus pais e familiares, que pode ser tida como uma dívida de vida, paga na forma de uma lealdade que aprisiona (CERVENY, 1997b).

Quanto mais confiável e digno foi esse sistema familiar, mais se deve, e quanto menos se puder retribuir os benefícios recebidos, mais a dívida ficará acumulada. As

lealdades invisíveis apontam para o peso das transmissões inconscientes sobre várias gerações e remetem à existência de movimentos que atravessam as pessoas, as famílias e as sociedades.

O desequilíbrio das contas é inevitável e em toda família funcional existem oscilações em torno de um ponto de equilíbrio que depende do estado das relações multilaterais que cada membro da família estabelece. Nas famílias disfuncionais, o equilíbrio das contas e méritos pode perder sua flexibilidade e sua mobilidade, para assumir um caráter fixo e rígido, propiciando o desenvolvimento de transtornos psicopatológicos (BOSZORMENYI-NAGI; SPARK, 1973/1983).

“Por mais que queiramos desprender-nos da carga do passado, a estrutura básica de nossa existência e a de nossos filhos está determinada, pelo menos parcialmente, pelas contas não saldadas das gerações passadas” (BOSZORMENYI-NAGI; SPARK, 1973: p. 40).

A lealdade está ligada ao que Cervený (1997b) chamou de Contrato Psicológico Familiar. Em todo contrato está presente a lealdade implícita ou explícita. Esta noção está bem próxima do sentimento de “pertença familiar” (EIGUER, 1989). A família se une diante do que ela julga ser um “ataque de alguém de fora”, por mais que existam discordâncias, crises, desentendimentos, já que é difícil a família dar permissão pra quem é de fora do sistema intervir, como se existissem cláusulas definindo isso.

Todavia, trata-se de um contrato metafórico, fictício, meramente psicológico, e muitas vezes difícil de uma família identificar, pois se apresenta de forma sutil, geralmente quando, por exemplo, num casal, um membro começa a questionar quanto à família de origem do outro, e então cada membro começa a revelar e defender os contratos da sua própria família.

Quando se pensa nesses conceitos expostos, por exemplo, a lealdade às famílias de origem quando da formação do novo casal, e se correlaciona com o conceito de diferenciação exposto por Bowen (1991), percebe-se o quão é difícil para as famílias

proporcionarem o crescimento deste membro que casou, para que ele alcance sua diferenciação (BOWEN,1991).

Há uma dificuldade do casal em lidar com situações emocionais sem perder a objetividade e sem sentir-se fusionado à sua família de origem. Para Bowen (1991), a fusão emocional é um processo presente em todas as famílias, das quais é impossível um indivíduo tornar-se totalmente diferenciado, já que a real diferenciação só é conquistada em evolução progressiva, junto com a família, no sistema de relações e com o fortalecimento do ego individual. O ideal é que cada cônjuge consiga diferenciar-se da sua família de origem, mantendo-se leal a ela.

Quanto mais diferenciado é o indivíduo e quanto mais a lealdade for trabalhada, maior é a possibilidade de selecionar entre os modelos interativos propostos pela nossa família de origem, aqueles que queremos adotar. Ao contrário, quanto mais fusionados e menos soubermos lidar com a lealdade, delegação, mais estamos sujeitos a prisões e atribuições que estão subordinadas à situação de dependência (CERVENY 1997b: p. 114).

Os casais que se mantêm muito ligados às suas famílias de origem geralmente têm dificuldades em questões de intimidade e fusão. Não é fácil fazer com que as famílias de origem entendam e respeitem a característica daquela que se formou, por isso é importante que o novo casal possa mostrar, aos poucos, aos seus pais, os limites e necessidades que o casal tem. Mas se a relação entre eles for de dependência e submissão, pode ser mais difícil essa transição.

Nas famílias em que lealdade é confundida com fidelidade ou posse existe muito mais dificuldade de seus membros para lidar com a dívida existencial ou diferenciar-se. Cerveny (1997b) chama a atenção de que a fidelidade pode ser vista como lealdade, mas tem um sentido de constância e perseverança que pode tender à imutabilidade, e a possessividade exacerba o sentimento de que se é “dono” de alguma coisa ou de alguém.

3.9 CICLO DE VIDA FAMILIAR

O noção de ciclo de vida familiar enriqueceu as formulações sistêmicas sobre famílias, compreendendo os sintomas e disfunções em relação ao funcionamento normal através do tempo, envolvendo aspectos sócio-histórico-econômicos e culturais. O ciclo de vida familiar descreve a sucessão de fases que se inicia com o surgimento da família e termina com o seu desaparecimento ou formação de outras organizações familiares.

Este conceito foi desenvolvido no âmbito da terapia familiar, por vários estudiosos (BOWEN, 1978; CARTER; MCGOLDRICK, 1995; HOFFMAN, 1995; CERVENY, 2010, 2011b; MINUCHIN, 1982), e permitiu identificar etapas vivenciadas pelas famílias, numa dimensão temporal e de acordo com critérios como: idade dos pais, idade dos filhos e tempo de união do casal.

Carter e Mc Goldrick (1995) apresentaram a mais completa literatura que se tem acerca do ciclo vital da família, que serviu de base para os pesquisadores da área, por muito tempo, mesmo com restrições, considerando os seguintes estágios de vida familiar: 1) saindo de casa: jovens solteiros; 2) união de famílias no casamento: o novo casal; 3) famílias com filhos pequenos; 4) famílias com adolescentes; 5) lançando os filhos e seguindo em frente; 6) famílias no estágio tardio da vida.

Só que essa classificação baseou-se em famílias de classe média norte-americanas, o que levou Cerveny (1995) a desenvolver uma proposta de ciclo vital diferente da literatura estrangeira, por considerar que nenhum dos estágios apresentados abarcava a ampla diversidade e as inúmeras configurações que existem nas famílias. Além das famílias monoparentais ou homossexuais, alguns solteiros de meia-idade investem em suas vidas profissionais antes de assumirem um casamento e terem filhos; alguns casais adotam tardiamente crianças; alguns adolescentes engravidam e desajustam qualquer classificação rígida do ciclo familiar.

Cervený (1995) considerou os três critérios indicados por Falicov (1991) para construção de uma teoria de ciclo vital: as mudanças no tamanho da família; as mudanças na composição por idades; as mudanças na posição profissional da pessoa ou das pessoas que sustentam a família, e, ainda, a necessidade de incluir as formas de família reconstituídas e funcionalmente diferentes da realidade. Assim, categorizou a família ao longo do seu ciclo vital, baseada em estudos com famílias paulistanas de classe média, em quatro etapas: 1ª fase de aquisição; 2ª fase adolescente; 3ª fase madura e 4ª fase última.

A “fase de aquisição” é a primeira etapa do ciclo do jovem casal que se forma, em que as aquisições se tornam o eixo propulsor e vão modelar o núcleo que está se formando. Dentre os principais objetivos dessa fase está o fato de encontrar um lugar para morar, um emprego que proporcione condições de sobrevivência, os acessórios domésticos, carro, plano de saúde, etc.

Os filhos pequenos também fazem parte dessa fase, assim como a aquisição de um modelo próprio de família, com o casal selecionando, dentre os modelos adquiridos em suas famílias de origem, aqueles que irão adotar em seu casamento. Para alguns casais, essa fase dura às vezes muitos anos, por decidirem só ter filhos quando já tiverem garantido uma estabilidade financeira e/ou emocional que julguem adequada para o êxito da parentalidade.

A “fase adolescente” é determinada pela entrada dos filhos na adolescência e termina afetando toda a família, que se torna também um pouco adolescente. Os pais geralmente estão numa faixa etária em que existe uma preocupação com a própria aparência e com as realizações. Enquanto os adolescentes questionam valores, seus pais estão na fase do questionamento profissional. É uma época de mudanças e em que muitos divórcios ocorrem.

A “fase madura” talvez seja a fase mais difícil do ciclo vital. É o momento em que o casal tem duas ou mais gerações necessitando de apoio e atenção: os pais envelhecendo e os filhos casados se tornando pais. A preocupação com o corpo e a saúde não é mais uma questão de aparência, mas sim de saúde para um melhor envelhecimento. Ocorre diminuição da força para o trabalho e conseqüente aumento

da preocupação com a garantia de futuro. Muitas famílias nessa fase ainda ajudam economicamente os filhos e o aumento do número de divórcios nas fases anteriores pode levar à volta dos filhos às suas famílias de origem, trazendo muitas vezes os filhos da antiga união.

A quarta fase é a que se chama de “última”, e depende muito de como foram vividas as fases anteriores. Geralmente coincide com a aposentadoria e com o retorno a uma vida à dois. O econômico envolve uma questão de garantia para a qualidade de vida e para o casal, é possível que se fortaleça a intimidade ou que se instale uma grande distância. Ajuda mútua e companheirismo são indispensáveis. Como a expectativa de vida aumentou, esta fase tem se estendido.

O estudo do Ciclo Vital Familiar oferece um panorama do desenvolvimento da vida familiar em suas diversas fases, apontando as tarefas evolutivas a serem desenvolvidas pelos membros do sistema familiar em cada uma de suas etapas. As fases não podem ser rigidamente determinadas, já que às vezes podem ocorrer sobreposições e uma avançar sobre a outra, e ao se pensar em olhar a família numa perspectiva sistêmica, e considerando o seu ciclo vital englobando aspectos individuais, sociais, relacionais, culturais, pode-se deduzir a dificuldade em caracterizá-la nas fases ao longo do ciclo, o que justifica os poucos estudos e pesquisas relativos ao tema.

N

O

I

V

A

D

O

4 NOIVADO: A PESQUISA

4.1 PRESSUPOSTO E OBJETIVOS

Considerando todo o exposto até então, pode-se delinear o seguinte **pressuposto**, orientador desta pesquisa:

No passado, os casais mantinham sólidos laços com suas famílias de origem que representavam a base segura à qual recorrer em situações de dificuldade. Na contemporaneidade, observa-se que a constituição da família e do casal tem-se estabelecido sob modelos diferentes daqueles até então reconhecidos, o que vem demandando a criação de uma zona de interação, de uma identidade conjugal, de um movimento de conjugalização e escolha de se relacionar, ou não, com o parentesco, valorizando-se mais os novos núcleos familiares no lugar da família extensa. Quando duas pessoas escolhem formar um casal, formam também um novo sistema, estruturado a partir das experiências advindas de suas famílias de origem e de outras experiências matrimoniais e de casal. Como muitas das atitudes e comportamentos que os indivíduos apresentam numa relação conjugal foram aprendidos no contexto da família de origem, em que determinados padrões de interação eram estabelecidos, dentre eles com o parentesco, a relação com a família do cônjuge também se torna um importante fator na construção do laço conjugal, ainda que não se trate de condição essencial para a sua sobrevivência. Oriundos de famílias diferentes, cônjuges não são parentes; cônjuges são estranhos. O casamento é a fonte da afinidade, vínculo que liga um cônjuge aos parentes do outro cônjuge. Assim, se a família por afinidade de um cônjuge é família de origem do outro cônjuge e se as experiências nas famílias de origem de cada cônjuge podem influenciar na construção da vida conjugal, então, pode-se supor que o modo como cada membro percebe e ressignifica as relações de afinidade estabelecidas na família de origem é que possibilita a compreensão de como cada cônjuge gere as relações de afinidade na sua própria vida conjugal.

A partir deste pressuposto, pode-se traçar o seguinte **objetivo geral**:

- Analisar as repercussões advindas das experiências com o parentesco por afinidade que o casal vivenciou nas famílias de origem na construção das relações com o parentesco por afinidade na vida conjugal atual.

Para a realização deste objetivo, propõe-se os seguintes **objetivos específicos**:

1. Investigar as relações com o parentesco por afinidade nas famílias de origem, a partir das relações dos pais do casal com seus sogros.
2. Conhecer as relações dos pais do casal com as suas respectivas famílias de origem.
3. Conhecer as relações do casal, individualmente, com suas famílias de origem.
4. Investigar as relações de cada membro do casal com o parentesco por afinidade, enfocando os sogros.
5. Compreender as relações de cada membro do casal com os sogros, na perspectiva do seu cônjuge.

4.2 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

A análise da literatura, no que se refere às diferentes possibilidades de coleta de dados, e o confronto dela com o problema definido e com os objetivos estabelecidos neste estudo, permitiram a decisão por uma abordagem qualitativa, representado aqui pelas perspectivas dos autores escolhidos para a construção do objeto desta pesquisa, com delineamento de estudo de casos múltiplos (STAKE, 2000; YIN, 2005).

Conforme Haguette (2005), há um consenso sobre a relação da abordagem a ser utilizada e o objeto de pesquisa. Assim, a escolha pela abordagem qualitativa se deu pelo objeto requerer uma compreensão de processos subjetivos; “porque esse

ênfatiza as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser” (HAGUETTE, 2005, p. 63).

Num estudo de natureza qualitativa, os investigadores direcionam a sua atenção para o modo como decorre a investigação e não tanto para o que resulta da investigação, já que o processo se sobrepõe ao produto (BOGDAN ; BIKLEN, 1994). Esta abordagem qualitativa não é utilizada como forma de dar resposta a questões extremamente estruturadas ou de testar hipóteses prévias, mas sim para uma melhor compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos participantes na investigação.

A finalidade primordial do investigador é a de construir conhecimento e não a de dar opiniões sobre determinado contexto ou ainda a de refutar hipóteses com base em análises estatísticas. A utilidade de determinado estudo qualitativo decorre da capacidade que tem de gerar teoria, descrição ou compreensão. O investigador qualitativo pretende compreender melhor o comportamento e experiência humanos, ou seja, tenta compreender o processo pelo qual as pessoas constroem e percebem os significados que atribuem à realidade.

No campo da investigação qualitativa, o estudo de caso parece, pelas características que o identificam, a opção adequada à investigação que se pretende desenvolver, no sentido de conseguir responder à pergunta *como?* considerando-se que o objeto de estudo se centra num fenômeno contemporâneo da vida real. Coutinho e Chaves (2002) definem o estudo de caso como um sistema limitado por fronteiras, em termos de tempo, eventos ou processos, que incide sobre alguma coisa que necessita ser identificada para conferir foco e direção à investigação. O investigador pode recorrer a fontes múltiplas de dados e a métodos de recolha diversificados: observações diretas e indiretas, entrevistas, questionários, narrativas, registros de áudio e vídeo, diários, cartas, documentos, entre outros.

Para Yin (1993; 2005) e Stake (2000), o estudo de casos múltiplos permite uma investigação em que se conservam as características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real, como os ciclos de vida. É uma metodologia que se propõe a investigar a complexidade das inter-relações dos sujeitos em seus

contextos, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

Nesta investigação, atendendo às particularidades do estudo, este foi identificado como um estudo de casos múltiplos, porque ainda que os cônjuges entrevistados apresentem diferenças na dinâmica conjugal entre si, há uma tônica comum que os une: ter vivenciado experiências de relações de parentesco na família de origem, o que permitirá a síntese dos casos cruzados.

O método deve dialogar com o referencial teórico e, assim, constituir-se como 'eixo de sustentação' da pesquisa para que o pesquisador saiba os caminhos a percorrer, estando preparado para uma análise epistemológica durante o processo. Assim, tanto o método, como estratégia, e a técnica, enquanto instrumento, devem ser planejados conforme a sua pertinência, coerência e relevância quanto ao objeto e objetivos da pesquisa. Busca-se a constante articulação entre a subjetividade do pesquisador e a intersubjetividade constitutiva do encontro entre pesquisador, informante e referencial teórico.

Sluzky (1984) assinala a sobreposição do conceito de sistema e família, chegando a uma literatura em que, às vezes, costumam aparecer como se fossem sinônimos. Mas famílias se constituem como um campo de estudo heterogêneo, do qual se ocupam diferentes disciplinas, e assim, diferentes visões, que são complementares, e cuja integração permite a análise da sua complexidade. As pesquisas científicas com famílias assumem um importante papel social, mas, com relação aos métodos utilizados, é imprescindível que se tenha em mente que não existe uma estratégia de coleta ou análise de dados que seja "boa", perfeita ou suficiente em si mesma. Essas qualidades dependem da sua adequação ao problema de pesquisa e, sobretudo, da seriedade, rigor e competência da atuação do pesquisador. (ROMANELLI ; BIASOLI-ALVES, 1998).

Utilizou-se, neste estudo, uma abordagem fundamentada na epistemologia sistêmica, que implica em uma atitude de contextualização dos casais estudados e o reconhecimento da causalidade recursiva; entender as suas famílias em um processo dinâmico e reconhecer que não há "uma realidade" a ser descoberta, mas

sim, como aponta Esteves de Vasconcelos (2003), que a produção de conhecimento é uma construção social em espaços consensuais, por diferentes sujeitos/observadores, e, como tal, admite múltiplas versões da realidade, em diferentes domínios de explicações.

Bowen (1974; 1978; 1989) e Boszormenyi-Nagy e Spark (1973/1983) contribuíram com a perspectiva multigeracional pressupondo que os padrões interacionais de uma família nuclear estabelecem-se nas suas famílias de origem. Então, neste estudo, pensa-se a família dos casais investigados como um sistema de relações, utilizando o modelo sistêmico para entender o processo de interação familiar em nível intergeracional.

O objetivo é reconhecer o quanto as relações dos casais investigados com o parentesco por afinidade, focalizados na relação com os sogros, foram ou estão sendo influenciadas pelos padrões de funcionamento interacional de suas famílias de origem com o parentesco por afinidade, facilitando ou dificultando o estabelecimento de tais vivências.

Entendidas como fenômeno complexo, com funções multidimensionais, complexas e variadas, as famílias devem ser estudadas a partir de uma perspectiva cultural, histórica e intergeracional. É imprescindível que a abordagem teórica e as metodologias adotadas pelo pesquisador sejam amplas para abarcar a complexidade da temática, e os instrumentos apropriados e sensíveis o suficiente para responder às questões em estudo.

Os pressupostos da concepção sistêmica transgeracional focalizam a família em seu processo evolutivo que, de forma recursiva, promove o nível de diferenciação de *self* dos seus membros (BOWEN, 1978, 1991; KERR, 1981; ANDOLFI, 1988). Nesse processo estão presentes as características relacionais das famílias de origem que se definem como padrões de interação e influenciam os novos núcleos a se formarem (CERVENY, 2011). Esses padrões podem ser observados ao se analisar o nível de diferenciação das famílias e de cada membro do casal; as triangulações formadas entre os familiares; os tipos de comunicação estabelecidos entre eles;

assim como as regras, mitos e rituais, que podem ou não se repetirem nas gerações futuras.

Neste estudo, à luz das particularidades do paradigma qualitativo, a preocupação primordial está em, fundamentalmente, perceber como as relações familiares com o parentesco por afinidade em casais contemporâneos se desenvolve, investigando sobretudo, a interação familiar por meio de como eram os padrões de interação dos pais do casal com o parentesco por afinidade e com a própria família de origem, e como são os padrões de interação do casal investigado com o parentesco por afinidade e com a própria família de origem de cada membro em particular, para checar se atuaram como facilitadores ou inibidores do desenvolvimento no nível de diferenciação de *self* de seus membros.

Estudos anteriores desenvolvidos com casais em ambientes terapêuticos (MUNHOZ, 2001; CERVENY, 2011) consideraram como categorias de análise para investigação das repetições os próprios padrões de interação como comunicação, sequências, hierarquias, regras, mitos e afetividade. Neste estudo, que não foi desenvolvido a partir da clínica, o foco não estava em pesquisar as repetições intergeracionais, identificando-as por meio da investigação de cada padrão interativo. A intenção foi investigar a interação familiar de cada sistema familiar, na perspectiva de cada participante, por meio do que emergia através das falas, sejam eles mitos, valores, regras, tentando extrair de cada caso os modelos familiares que, naturalmente, se apresentavam, quer tenham sido repetidos ou rompidos de uma geração para outra, os antimodelos e os desejos por repetir, mas não conseguir.

Por não se tratar de uma investigação realizada na clínica com casais, em que ocorre um acompanhamento dos mesmos em sessões ao longo de um período, não segue a mesma metodologia de estudos anteriores, até por tratar-se de uma investigação inédita, um estudo novo, em que é possível seguir uma nova estratégia metodológica.

Já que a pesquisa foi realizada em apenas dois encontros pontuais com cada casal, a busca não era sobre investigação das repetições ou ruptura de modelos familiares, mas sim sobre o conhecimento do processo de interação, em que repetições

(CERVENY, 2011; MUNHOZ, 2001) e lealdades (BOSZORMENYI-NAGY E SPARK, 1973/1983) poderiam ou não aparecer como “achados” do estudo, e não como objetivos. Minuchin e Fishman (1981) se referiam à família como um grupo que, no decorrer do tempo, desenvolve padrões de interação, mas, nesse estudo, não parte dos padrões interativos em separado, muito menos utilizando-os como categoria de análise.

Parte-se, sim, de como se dão os processos de interação familiar na família de cada casal investigado, para depois entender no intergeracional se propiciam ou não repetição quanto aos da família de origem, se os membros do sistema se dão conta dessas repetições, se são camufladas ou aparecem com diferenças sutis.

Maturana (1985) chama a atenção de que o que se explica é sempre uma experiência e, quando se tenta explicar a repetição de padrões interacionais, o que se quer explicar é a experiência de ver essa repetição, e essa, defende a diferença que sempre fará diferença (BATESON, 1980; 1986; CERVENY, 2011a). O intuito do estudo é de sair da crítica da repetição para um entendimento significativo sobre as repercussões advindas desse processo interacional com o parentesco por afinidade experienciado nas famílias de origem, fazendo refletir, caso emergissem padrões de interação repetitivos, sobre a impotência dos casais contemporâneos de às vezes não conseguirem “não repetir” e a possibilidade de fazerem novas avaliações e poderem promover mudanças a partir disso.

Ao analisar e classificar os tipos de família (BOWEN, 1974; 1989; KERR, 1981; 1984) ao desempenharem a função de facilitadora ou inibidora do desenvolvimento do nível de diferenciação de *self* de seus membros (fusionada; diferenciada ou desconectada), assim como analisar os padrões de interação dos casais (complementar ou simétrica) (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 1973) e os níveis de capacidade de autonomia e negociação no relacionamento dos casais (par fusionado ou pactuado) (ROMANO; DESTAL, 1994), que afeta todos os membros do sistema: a família nuclear e as famílias de origem.

Necessário ressaltar que tais tipologias somente podem ser utilizadas como referências teóricas e devem ser observadas na prática a partir de diferentes

combinações de características, considerando sua presença mais ou menos expressiva, que permite reconhecer o modelo de funcionamento interacional de cada núcleo familiar ou conjugal.

Compreender as relações familiares com o parentesco por afinidade na conjugalidade em vista dos argumentos de que a família se individualizou foi o principal desafio que se enfrentou. Por isso, a proposta é de um enfoque sistêmico que possibilitou esclarecer o objeto, a partir do funcionamento interno do casal e da família conjugal, que sustentou a compreensão acerca da interdependência deste sistema com o sistema formado pelas famílias de origem de cada um dos cônjuges, dando base para o entendimento de como essas relações de parentesco se processavam e estão presentes na conjugalidade contemporânea.

Teorias, dimensões de análise e conceitos serão afinados ao longo das várias etapas da pesquisa, através de um diálogo contínuo entre teoria e empiria, que irão também clarificando os objetivos e interrogações, num diálogo cúmplice no intuito de situar a pesquisa numa perspectiva interdisciplinar, a partir de um enfoque sistêmico, focada na interpretação dos significados subjetivos produzidos nas interações familiares e conjugais. (WEBER, 1978, p. 9).

4.3 PROCEDIMENTO

4.3.1 LOCAL E PARTICIPANTES

Participaram desta pesquisa três casais, em uma amostra de conveniência, com os seguintes critérios de inclusão: possuírem de 25 a 45 anos de idade; serem de classe média; heterossexuais; possuírem grau de instrução médio ou superior; estarem em primeira união conjugal (em decorrência de casamento legal ou união consensual estável); terem os dois representantes parentais vivos e possuírem filhos.

Foi escolhido o nível médio para a investigação porque, de acordo com os padrões demográficos, é o mais amplo e variado e que mais intensamente absorve os costumes e valores de uma sociedade. É a classe que melhor reflete os padrões relacionais de uma cultura (YACCOUB, 2011).

A restrição de idade máxima de 45 anos deveu-se ao fato da necessidade de ambos os genitores estarem vivos e atuantes, e, assim, não reduzir os potenciais participantes para o estudo; e de serem casais com filhos, por entender-se que a chegada dos netos e a experimentação desse novo papel de avôs, se constitui em um dos fatores que influenciam no relacionamento do casal com os sogros.

As entrevistas foram realizadas individualmente, na cidade do Salvador- BA – Brasil, totalizando seis participantes, no local escolhido por cada um deles, a partir de um agendamento para incursão do investigador.

Foram consideradas as normas da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que regem as pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012) e, para preservar a identidade dos membros, os casais serão identificados com nomes supostos (pseudônimos).

Mediante a anuência dos mesmos, previamente informados, os sujeitos foram contatados e convidados pelo investigador a participar do estudo. Foram requisitados alguns minutos do tempo para, individualmente, explicar-lhes sobre a atividade desenvolvida, a fim de sensibilizá-los a participar, visando: menção à instituição a qual está vinculada; explicação dos motivos da pesquisa; justificativa da escolha deles como entrevistados; os objetivos do estudo e todas as etapas subsequentes ao mesmo. Após isso, foi assinado o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice 1), e iniciou-se a coleta dos dados.

4.3.2 INSTRUMENTOS

Dada à natureza da problemática em estudo, foram utilizados três instrumentos para a coleta de dados: roteiro semi-estruturado para entrevista dirigida (Apêndice 2); genograma, elaborado em um dos encontros com os participantes para a entrevista e um diário de campo, composto por anotações de acontecimentos importantes e das principais impressões do pesquisador durante o período de coleta de dados.

A escolha da entrevista semi-estruturada na sua preparação e semi-diretiva na sua aplicação (COLOGNESE e MELO, 1998), complementada com o aprofundamento em que se sustentam as abordagens biográficas, como instrumento principal de recolha de dados, apresenta-se como a via metodológica mais adequada para obter testemunhos subjetivos sobre os modos de pensar e agir dos cônjuges, sem que seja negligenciada sua dimensão processual, relacional e social.

Ao se enveredar por esta tipologia de entrevista pretende-se abordar aspectos afetivos e valorativos dos informantes, levando-os a expressar significados pessoais a respeito das suas atitudes e comportamentos e dando-lhes a oportunidade de emitir respostas espontâneas, de grande utilidade na pesquisa. Como aqui já foi referido, a temática deste estudo relaciona-se à compreensão de particularidades do percurso das relações de afinidade no âmbito da vida conjugal, como os casais percebem e ressignificam as experiências vividas com o parentesco por afinidade nas suas famílias de origem e qual a repercussão disso na construção dessas relações na vida conjugal.

A entrevista possibilitará obter dados da história conjugal; observar os padrões de interação, além do conteúdo verbalmente manifesto sobre o modo como os participantes interpretam a sua experiência, nos diversos aspectos abordados na entrevista, que serão organizados em categorias conceituais.

A semi-estruturação refere-se à preparação prévia de um roteiro de entrevista, o qual garante que a recolha de informação cubra os interesses da pesquisa, deixando sempre uma margem de flexibilidade ao entrevistador em relação a perguntas

adicionais que se revelem pertinentes ao longo de cada entrevista, mantendo, assim, uma relação dialética entre o modelo analítico e a recolha de informação. Já semi-diretividade refere-se à possibilidade de adequar as questões a serem colocadas à narrativa do entrevistado, permitindo-lhe tecer livremente o discurso: interrogar-se a si mesmo e expressar sentimentos e interpretações de eventos e de fatos; estabelecer pontes narrativas que organizam o sentido e a sequência da sua experiência; e dar coerência à imagem de si, produzida na situação de entrevista (CHASE, 2008).

Ao mesmo tempo, o entrevistador pode ir guiando e incentivando tal narrativa: procurando alimentar uma dinâmica de conversação e não tanto de pergunta/resposta; criando empatia e familiaridade com o entrevistado, mostrando interesse no que este tem para dizer, aproximando-se do seu universo de valores e de linguagem; mas também colocando perguntas que direcionem a narrativa para as questões da pesquisa e precisem fatos e opiniões, atendendo ao contexto em estudo, num contexto similar ao de uma conversa relativamente informal. (KAUFFMAN, 1992; 1993)

O roteiro abrangeu dois grandes conjuntos de tópicos:

- a) Tópicos ligados aos dados de identificação dos sujeitos, como o nome; sexo; idade; religião; nível de escolaridade; profissão; renda familiar; tempo de duração do casamento; número de filhos; número de irmãos e posição na prole; profissão e nível de escolaridade dos pais; estado civil dos pais; tempo de duração do casamento dos pais; profissão e nível de escolaridade dos pais;
- b) Tópicos norteadores da pesquisa, cuja função foi estimular os depoimentos, direcionados a investigar as relações com o parentesco por afinidade nas famílias de origem, a partir das relações dos pais do casal com seus sogros; as relações dos pais do casal com as suas respectivas famílias de origem; as relações do casal, individualmente, com suas famílias de origem; as relações de cada membro do casal com o parentesco por afinidade, enfocando os sogros e, ainda, as relações de cada membro do casal com os sogros, na perspectiva do seu cônjuge.

O genograma representa, conforme McGoldrick e Gerson (2001, p. 145), o “mapeamento gráfico da história e do padrão familiar, mostrando a estrutura básica, a demografia, o funcionamento e os relacionamentos da família”. Trata-se de um instrumento padronizado no qual símbolos e códigos podem ser interpretados como uma linguagem comum aos interessados em visualizar e acompanhar a história familiar e os relacionamentos entre seus membros (MCGOLDRICK, GERSON ; SHELLENBERGER, 1999).

Como o genograma evoluiu da Teoria dos Sistemas Familiares de Bowen (1978), a estrutura conceitual usada pela grande maioria dos autores que trabalham com genogramas (MCGOLDRICK, 2001; GUERIN ; PENDAGAST, 1976; CARTER; MCGOLDRICK, 1995; LIEBERMAN, 1979) foi baseada em suas ideias multigeracionais de abordar a família, indo além da sua genealogia, incluindo as relações e interações familiares.

Os homens são representados por quadrados e as mulheres por círculos, sendo cada membro identificado pelo nome, idade e ocupação. Apesar de similar à árvore genealógica, o genograma vai além da representação visual da origem dos indivíduos. Para Wimbush e Peters (2000), esta ferramenta de levantamento de dados possibilita coletar informações qualitativas sobre as dimensões da dinâmica familiar, como processos de comunicação, relações estabelecidas e equilíbrio/desequilíbrio familiar.

Por possibilitar a representação visual da estrutura e dinâmica familiar, bem como de eventos importantes em sua história, como separação, nascimento e morte, o genograma pode ser utilizado para disparar reflexões acerca de um problema presente, num contexto amplo das relações apresentadas, além de facilitar discussões acerca de possíveis intervenções. Permite, também, auxiliar a família na identificação de cada um de seus membros como parte integrante de um grupo de indivíduos, que se relacionam entre si e com o ambiente, e que estão unidos por um comprometimento mútuo, configurando o conjunto de pessoas que consideram como sendo sua própria família.

Através da análise do genograma, pode-se verificar a interdependência entre os componentes da família, sugerindo que eventos ocorridos com um membro afetam, direta ou indiretamente, outros membros. Dentre as vantagens da utilização do genograma, destaca-se a possibilidade de: observar e analisar barreiras e padrões de comunicação entre as pessoas; explorar aspectos emocionais e comportamentais em um contexto de várias gerações; auxiliar os membros da família a identificar aspectos comuns e únicos de cada um deles; discutir e evidenciar opções de mudanças na família e prevenir o isolamento de um membro da família, independentemente da estrutura familiar (OLSEN, DUDLEY-BROWN ; McMULLEN, 2004).

O genograma recebeu críticas por restringir-se a indicar laços de consanguinidade, o que tem sido contestado por autores que afirmam as possibilidades de representar laços de afinidade e relacionamentos significativos, sem parentescos (MILEWESKI-HERTLEIN, 2001; WATTS-JONES, 1997). Essa discussão levou à ampliação do conceito clássico de genograma baseado na assunção de família cujos membros desempenham papéis clássicos de pai, mãe, filhos. Neste caso, de acordo com Watts-Jones (1997), o genograma é utilizado mostrando os laços funcionais das pessoas que o integram, sem necessariamente terem os vínculos biológicos correspondentes.

O genograma recolhe informações estruturais vinculares e funcionais de um sistema familiar que pode ser analisado horizontalmente, por meio do contexto familiar atual, e verticalmente, através das gerações (CERVENY, 2011). A utilização do genograma familiar neste estudo proporciona o esclarecimento de algumas evidências acerca da dinâmica familiar dos participantes e dos pais dos participantes com seus sogros.

4.3.3 COLETA DE DADOS

Após o contato do pesquisador com os sujeitos convidados a participar da pesquisa, conforme descrito no item “Local e participantes”, suas respectivas anuências e

assinaturas do termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice 1), iniciou-se a coleta dos dados, dividida em 3 momentos:

1º momento: Observação

O observador “traz com ele um conjunto de estruturação de significado ou de relevâncias que orientam sua interpretação. Então, o cientista social precisa, ao mesmo tempo em que dá conta dos significados dos atos do ator social, manter atitude desinteressada em relação ao ator e à cena de ação” (CICOUREL, 1990: 96-99). Ele é parte do contexto sob observação e, por isso, vai ao mesmo tempo, modificando e sendo modificado.

2º momento: Conversa Inicial ou “Aquecimento”

O pesquisador encontrou-se, individualmente, com cada um dos sujeitos convidados anteriormente a participar da pesquisa, conforme data e horário agendados com cada um deles. O intuito deste contato foi reafirmar o interesse do sujeito na participação da pesquisa, esclarecer os objetivos do estudo e salientar a sua concordância em participar do mesmo. Além disso, foi garantido o anonimato da entrevista e o sigilo sobre a autoria das respostas que aparecerão no conjunto do trabalho.

3º momento: Entrevista Individual

Visando a obtenção de informações necessárias para a pesquisa, em que o discurso é tido como fonte de informações para compreensão de como os entrevistados interpretam aspectos do mundo, a entrevista necessitou de um enquadramento definido pelas instâncias de tempo, lugar e papel técnico do entrevistador e teve por excelência a construção da relação investigador-participante. Segundo Bleger (1989), a configuração deste campo fica exposta às circunstâncias deste processo: transferência, contratransferência, ansiedade, tempo da entrevista, possibilidade de tornar a relação um jogo do saber-poder sobre a informação. Desta forma, o entrevistador deverá assumir uma posição de escuta, de vivência e de observação sobre o(s) entrevistado(s) para compreender a configuração dada no momento.

O pesquisador, nesse momento, julga estar diante de um entrevistado mais tranquilo quanto aos riscos da sua participação e mais acostumado com o papel que está

assumindo no momento: sujeito de uma pesquisa científica. Seu principal objetivo é possibilitar a cada participante em questão o aproveitamento do tempo da entrevista para refletir acerca da conjugalidade e das relações familiares.

A entrevista, enquanto técnica que privilegia a escuta da realidade vivida pelo sujeito (BOGDAN; BIKLEN, 1994), considera a palavra como portadora de códigos e valores culturais, já que, na relação pesquisador/pesquisado, existem implicações sócio-políticas, culturais e ideológicas da prática em jogo. A fala, segundo Minayo (1993), possui caráter histórico e social, cuja comunicação revela um território discursivo determinado pelas relações de produção e estrutura sócio-política. A configuração do campo de entrevista deve ser observada pelo entrevistador quanto às influências e diferenças de dois mundos que se encontram.

As entrevistas ocorreram conforme data e horário agendados com cada um dos participantes, e de forma individual, totalizando dois encontros com cada. No primeiro encontro, só se tratou de aspectos acerca da conjugalidade dos pais do participante, da relação desses pais com os respectivos sogros e com as famílias de origem deles. No segundo encontro é que cada participante foi estimulado a contar sobre a sua relação pessoal com sua família de origem, com os parentes paternos e maternos, com o parentesco por afinidade, enfocando as relações com seus próprios sogros e também a percepção que o entrevistado tem da relação do seu parceiro com seus pais, por sua vez, sogros desse parceiro.

A introdução da entrevista se deu pela coleta das informações ligadas à identificação dos sujeitos, e só depois foram trazidos, em tom de conversa, os tópicos norteadores da pesquisa, sob a solicitação de que cada um contasse a história do casamento de seus pais e a relação deles com os sogros. Durante o desenvolvimento, procurou-se evitar interferências para que o entrevistado se sentisse à vontade em sua lógica narrativa, ao menos quando o pesquisador julgava necessário trazer um dos tópicos norteadores do roteiro, como forma de estimular os depoimentos.

4º momento: Elaboração do Genograma de cada participante

Por meio do genograma, dispõe-se graficamente as informações da família de forma a oferecer uma visão compreensiva das interações familiares. Inicialmente, pensou-se na construção do genograma numa etapa anterior às entrevistas, logo no primeiro encontro com cada participante, mas, no estudo piloto, ao tentar seguir esse planejamento, no momento em que o genograma começava a ser desenhado pelo participante com a condução da pesquisadora, cada participante, naturalmente, iniciava o processo de contar sua história. Assim, por conta disto, esta etapa de Elaboração do Genograma de cada participante terminou ocorrendo concomitante à Entrevista individual, auxiliando na coleta e organização de importantes dados sobre o sistema familiar multigeracional.

Largamente utilizado na prática da terapia de casal e família, o genograma tem se mostrado um eficiente instrumento para o entendimento das relações, vínculos, mitos e padrões das famílias de origem. Porém, dentro do propósito dessa investigação, em que os casais foram submetidos apenas a entrevistas, e não a um acompanhamento terapêutico, utilizou-se o instrumento, elaborado individualmente por cada participante da pesquisa junto com o pesquisador, para favorecer a visualização gráfica dos membros das famílias do casal, incluindo familiares maternos e paternos, a partir da geração dos seus avós, limitando às relações entre casal e sogros e casal e família de origem. Apesar do parentesco por afinidade incluir o cunhado, nesse estudo, essas relações não serão abordadas.

Como os encontros foram todos individuais entre cada membro do casal e a pesquisadora, coube a cada participante construir apenas o genograma da sua própria família de origem e, só após de feita a coleta de dados do seu parceiro, a pesquisadora pôde, a partir da junção dos dados dos dois genogramas elaborados, ter em mãos o genograma completo dessa família nuclear estudada.

Começou-se a elaboração de cada genograma pedindo para que cada participante contasse quem são as pessoas que fazem parte da família dele, os nomes, as idades, se existem apelidos e o porquê desses apelidos, o tempo em que o casal vive junto, os filhos, podendo começar por onde quiserem e explorando as relações existentes nesse primeiro grupo familiar, indagando, inclusive, cada participante

sobre eles mesmos. No que se refere à família de origem do participante, a intenção foi investigar as relações com os próprios pais, deixando que cada um dos entrevistados escolhesse qual família representaria primeiro, materna ou paterna, o que já serviu de dados para essa investigação.

As informações solicitadas foram apenas acerca dos pais do participante e da relação deles com esses pais; dos pais com seus respectivos sogros; do participante com os sogros e do parceiro de cada um com seus pais (que são família de origem dele, porém parentes por afinidade - sogros - do parceiro).

Não ocorreu aprofundamento acerca de todas as relações familiares de todos os sistemas que compõem a família de cada casal, mas sim das relações de cada casal com seus sogros e suas famílias de origem, estimulando a reflexão a partir de como os pais dos participantes se relacionam com suas famílias de origem e com seus sogros, a partir das memórias da infância até a atualidade, para depois investigar suas próprias percepções acerca de possíveis repercussões dessas relações na sua conjugalidade.

Das entrevistas, foram feitas análises das repercussões advindas das experiências com o parentesco por afinidade que cada casal vivenciou nas famílias de origem na construção dessas relações na sua vida conjugal atual, considerando-se, para isso, os padrões interacionais como facilitadores ou inibidores do desenvolvimento do nível de diferenciação de *self* de seus membros; a existência ou não de repetições intergeracionais dos padrões familiares, investigando os modelos familiares que se perpetuaram ao longo das gerações; a capacidade de negociação intracasais; o sistema de crenças das famílias dos casais investigados e das famílias dos pais desses casais; as regras familiares e outras categorias empíricas que emergiram do próprio estudo.

Assim, teve-se acesso a informações sutis, como: qual família de origem está mais próxima do casal pesquisado; qual família de origem cada membro do casal considera mais; qual a família de origem mais problemática; qual a família de origem mais difícil de lidar; como era a relação dos seus pais com os sogros; como é a relação de cada cônjuge com seus sogros e sua família de origem, dentre outras,

que colaboram com a investigação proposta acerca dos padrões interacionais vividos com o parentesco por afinidade na família de origem e na família atual de cada cônjuge.

Durante todo o processo da coleta dos dados o diário de campo foi utilizado para anotações, com o propósito de melhor compreender o momento e registrar as emoções que dele emergirem.

As entrevistas foram gravadas e, em seguida, foram realizadas a transcrição, categorização, classificação e análise dos dados. Embora haja várias estratégias para esta etapa, Yin (2005) propõe duas estratégias gerais: basear a análise em proposições teóricas, organizando-se o conjunto de dados com base nas mesmas e buscando evidência das relações causais propostas na teoria; desenvolver uma estrutura descritiva que ajude a identificar a existência de padrões de relacionamento entre os dados.

4.3.4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados referenciou-se como um instante em que se realizou a análise do conteúdo, observando os aspectos mais importantes e recorrentes que emergiram da própria fala dos participantes, inicialmente, caso por caso. A fala do sujeito foi considerada objeto de interpretação e sua narrativa implicou numa prática discursiva, já que a realidade se constituiu a partir das interações entre os sentidos localizados e produzidos em seu cotidiano.

Após transcrição das falas, foram realizadas leituras flutuantes com o intuito de compreender o sentido que os participantes da pesquisa deram à entrevista e que, conseqüentemente, também atribuem às suas histórias. Buscou-se analisar cada caso isolado, separando a história do marido, da história da esposa, seguindo a ordem de primeiro trazer aspectos da conjugalidade dos pais, mais precisamente da relação dos pais entre si e com os respectivos sogros, para só depois apresentar os da conjugalidade do casal, a partir do que cada membro trazia da sua história com

os sogros e com seu próprio parceiro, podendo, então, finalmente, desenvolver a análise sobre a história do casal em estudo quanto à construção das relações com o parentesco por afinidade, enfocando as relações com os sogros, possibilitando o diálogo entre os dados encontrados e a literatura científica sobre o assunto.

Feito isso com cada caso, que foi descrito e analisado em particular, utilizou-se, a partir daí, a estratégia de análise dos dados do “método comparativo constante” (LINCOLN ; GUBA, 1985), em que, finalmente, seguiu-se as etapas propostas pelo método, que consiste na identificação das unidades de informação, seguida pela categorização, em que se buscou unificá-las em categorias prévias, obtendo consistência interna das categorias, chegando às categorias definitivas, que foi o que se realizou quando agrupou-se os três casos.

Essas categorias foram aqui apresentadas como aspectos emergentes, na discussão dos resultados, onde todos os casos foram agrupados e aprofundados, em torno de identificar o que foi proposto no objetivo geral do estudo, transitando entre pontos gerais e específicos evidenciados nos casos, apresentando seus aspectos comuns quanto ao que norteia essas relações entre o casal e os sogros, dispostos em concomitância com o que a literatura científica discute sobre os dados encontrados.

A comparação, enquanto momento da atividade cognitiva, pode ser considerada como inerente ao processo de construção do conhecimento nas ciências sociais. Através do raciocínio comparativo, pode-se descobrir regularidades, perceber deslocamentos e transformações, construir modelos e tipologias, identificando continuidades e descontinuidades, semelhanças e diferenças, e explicitando as determinações mais gerais que regem os fenômenos sociais.

Para alguns autores, a impossibilidade de aplicar o método experimental às ciências sociais, reproduzindo, em nível de laboratório, os fenômenos estudados, faz com que a comparação se torne um requisito fundamental em termos de objetividade científica. (SCHNEIDER, S; SCHIMITT, C. J., 1998)

Foram atribuídos aos participantes do estudo, que compõem os casos a seguir apresentados, nomes fictícios, inspirados em casais que marcaram a história, para preservar a identidade dos mesmos.

CASAMMENTO

5 CASAMENTO: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Inicialmente apresentar-se-ão os casos, seguidos dos seus respectivos genogramas e alguns dados em gráficos ilustrativos. A descrição e análise dos casos será apresentada em seguida.

Caso 1

Casal ADÃO E EVA

Adão tem 33 anos; se apresenta como comerciante; católico; estudou até o nível médio e é o primogênito entre os irmãos: dois irmãos paternos (um do sexo masculino de 30 anos e do sexo feminino de 31 anos) e dois maternos (do sexo masculino, de 29 anos e 25 anos, residentes no interior do estado da Bahia). Seus pais nunca viveram juntos: namoravam quando a mãe ficou grávida e logo após o seu nascimento se separaram. Cresceu sem saber a verdade sobre a vida conjugal de seus pais biológicos e seu nascimento, e foi descobrindo o pouco que sabe através de parentes, sempre com muito receio de machucar sua mãe e seu padrasto. Chama de pai o companheiro atual de sua mãe, por ter sido ele quem “o criou desde os três anos de idade” e, ao referir-se ao seu pai biológico, sempre acrescenta o termo ‘o biológico’, para ilustrar a explicação. Seu pai casou-se novamente, tendo atualmente 32 anos de união com uma empresária do ramo alimentício (*pizzaria*), com quem teve mais dois filhos e com a qual Adão sempre teve dificuldades de relacionamento. Na época, a madrasta não tinha constituído o patrimônio do qual sobrevivem hoje. O pai biológico e o padrasto só estudaram até 5ª série do ensino médio. Seu pai biológico é comerciante, proprietário de uma conceituada *pizzaria* de Salvador, filial de outras em que adquiriu o know-how trabalhando com os cunhados, que já eram do ramo. É neste local que Adão atua profissionalmente, junto com um de seus irmãos, como sócio-diretor. A mãe cursou o Magistério e atua como bancária, apesar de aposentada.

Aqui chamado de Rodolfo, seu pai biológico; Sérgio, seu padrasto; Lourdes sua mãe e Luana sua madrasta.

Eva tem 30 anos; turismóloga; católica; cursa pós-graduação e assume a 5ª posição na prole dos irmãos, que totalizam oito, sendo apenas um de pai e mãe (do sexo masculino, com 33 anos de idade). Seus pais foram casados por 26 anos, e hoje têm 12 anos de divorciados. Antes de se conhecerem, ambos já possuíam filhos de outros relacionamentos: o pai já tinha uma filha que hoje está com 45 anos, fruto de uma relação na juventude, e a mãe, dois filhos, sendo um do sexo masculino (que hoje tem 45 anos), fruto do seu primeiro casamento, com um primo artista, e uma do sexo feminino (que hoje tem 40 anos), fruto de um relacionamento passageiro após ter se separado do primo. Após o divórcio, seu pai teve mais três filhos: uma do sexo feminino, que atualmente tem 12 anos, mas que nunca foi incluída como filha, e dois do sexo masculino, com 10 anos e 8 anos de idade, frutos da relação com sua companheira atual. Seus pais foram casados por 26 anos, mas têm 12 anos de divorciados. Seu pai se apaixonou por sua mãe e assumiu seus filhos, apesar de sempre ter tratado os enteados de forma diferente. A mãe descobriu uma traição e um filho fora do casamento e o pai fugiu de casa com receio da reação da mãe, e constituiu uma nova família, que, para Eva, “roubou” os sonhos da sua mãe e, por isso, ela não mantém vínculos afetivos com sua madrasta. Seu pai é Técnico em Engenharia, mas atuou muito tempo na carreira política, como vereador. Aposentou-se por uma Companhia Hidroelétrica na qual continua trabalhando por contrato. Sua mãe só tem o 1º grau incompleto, era recepcionista na rodoviária de Salvador-BA e, após o casamento, passou a ser dona de casa, a pedido do marido.

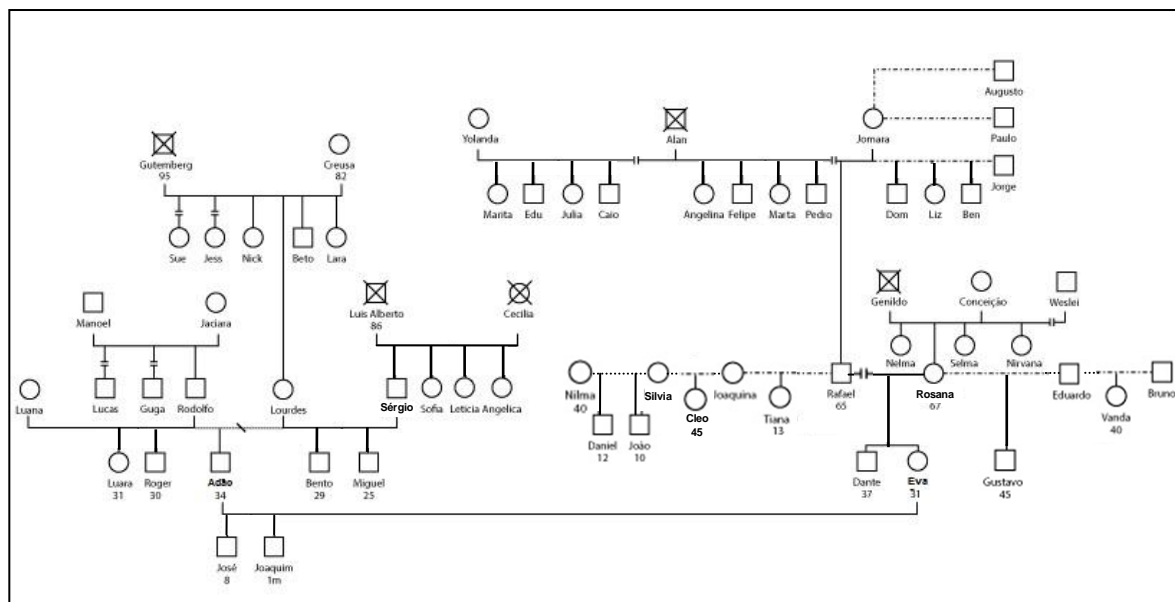
Foram atribuídos os nomes de Rafael para seu pai e Rosana para sua mãe.

A história do casal

Adão e Eva têm 10 anos de relacionamento, dos quais sete anos morando juntos, desde quando Eva engravidou, e três anos de casados com registro civil. Tiveram apenas um episódio de separação, na época do namoro, com duração de um mês. Têm um filho de sete anos (José) e outro recém-nascido (Joaquim). A renda familiar é de 8 a 10 salários mínimos.

GENOGRAMA DO CASAL ADÃO E EVA

Quadro 1 - Genograma do casal Adão e Eva



Fonte: Entrevistas diretas realizadas pela pesquisadora em Salvador/BA durante o ano de 2015. Para maiores detalhes ver Apêndice 3.

Caso 2

Casal TRISTÃO E ISOLDA

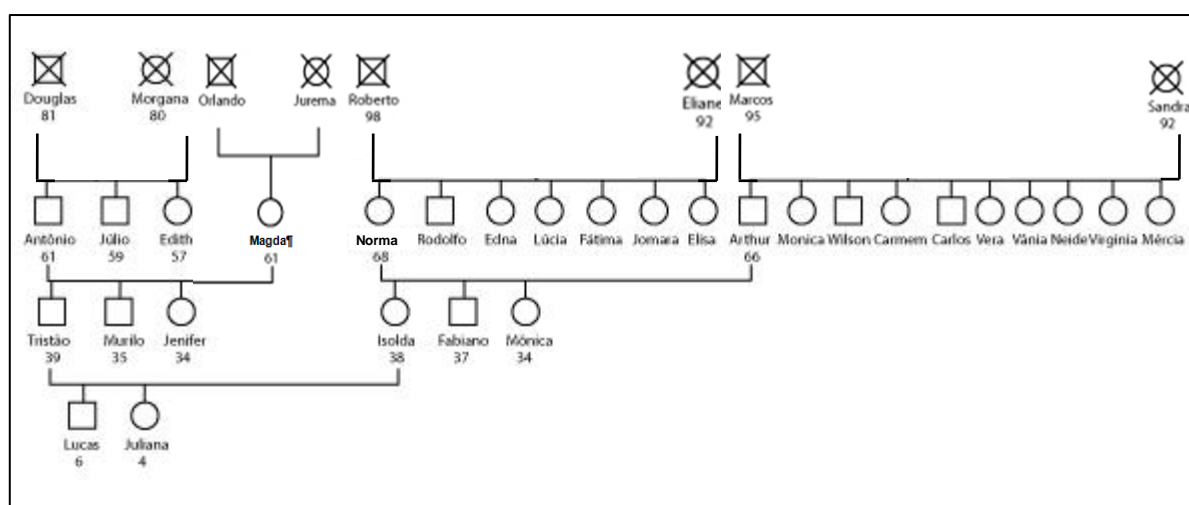
Tristão tem 39 anos; empresário e estudante de Música; católico; filho mais velho do total de três que o casal Antônio e Magda tiveram nesses 40 anos juntos. Os pais se casaram adolescentes, devido à mãe ter engravidado dele de forma não planejada, passando a residir na casa dos avós maternos. Durante toda sua infância, seus pais e seus avós maternos dividiam a mesma moradia, pelo fato dos seus pais ainda não possuírem condições financeiras para arcarem com a vida conjugal. Isso comprometeu a hierarquia e a autoridade de seus pais diante da formação dele. Tem dois irmãos: Murilo, de 35 anos, e Jénifer, de 34. O pai tem nível superior incompleto e atua como empresário, e sua mãe tem nível superior completo e dirige uma ONG.

Isolda tem 38 anos; graduada em Administração Hospitalar, atua como empresária do ramo hospitalar e automobilístico; católica; primogênita de outros dois irmãos, Fabiano, de 37 anos e Mônica de 34. Seus pais, Norma e Arthur, são naturais de Cruz das Almas, no Recôncavo Baiano, casados por 39 anos, com um episódio de separação que durou em torno de três meses, na época que Isolda tinha 6 anos de idade. Ocorreram muitos episódios de infidelidade à mãe, por parte do pai, que terminaram causando desgastes na relação e deixando memórias desagradáveis aos filhos, como revela a participante entrevistada. Seus pais só cursaram até o primeiro grau de escolaridade, mas ambos são funcionários públicos aposentados. Moravam, quando solteiros, na mesma rua da cidade, e seus avós paternos e maternos desfrutavam de uma bela amizade.

A história do casal

Tristão e Isolda têm 9 anos de casados, com registro civil, após 8 anos de namoro, que totalizam 17 anos juntos, sem nenhum episódio de separação. Foram colegas no ensino médio e foi na escola que o namoro começou. Hoje têm dois filhos, um menino de 6 anos e uma menina de 4 anos, chamados, nesse estudo, de Lucas e Juliana. A renda familiar é maior que 10 salários mínimos.

GENOGRAMA DO CASAL TRISTÃO E ISOLDA



Fonte: Entrevistas diretas realizadas pela pesquisadora em Salvador/BA durante o ano de 2015.

Para maiores detalhes ver Apêndice 4.

Caso 3

Casal ROMEU E JULIETA

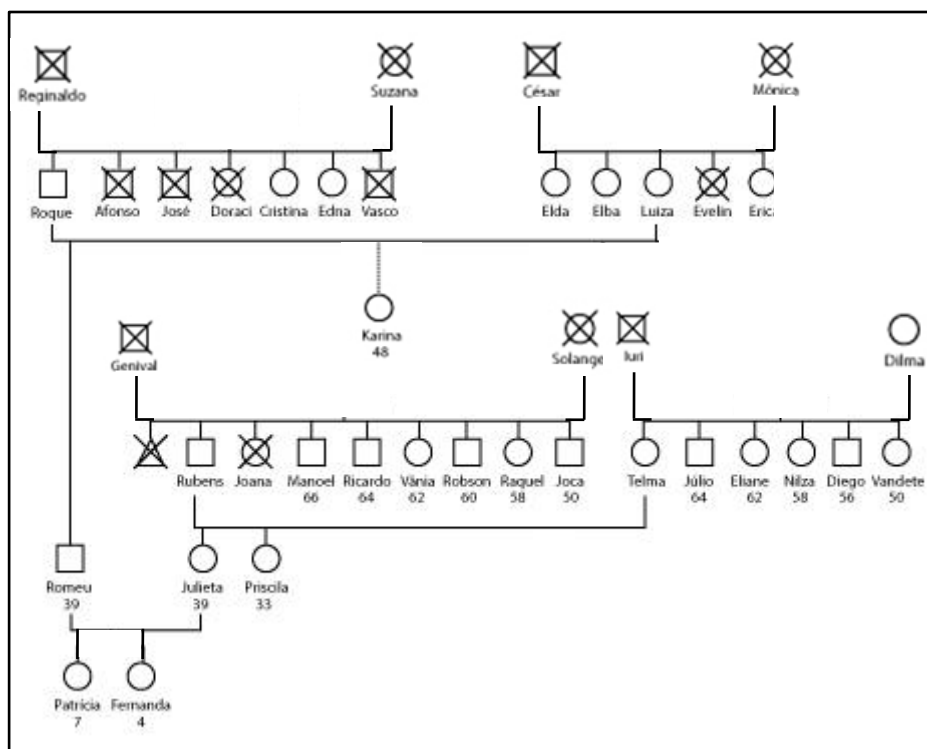
Romeu tem 39 anos; empresário do ramo de produção artística, graduado em Relações Públicas; católico; filho único do casal Rodolfo e Luiza, que, antes dele, adotaram um sobrinha, Karina, que hoje tem 48 anos, filha de uma tia paterna dele, que tinha menos condições financeiras. Seus pais se conheceram através de um amigo em comum e hoje têm 43 anos de casados. O pai estudou só até o nível médio, a mãe cursou Magistério, e ambos saíram do interior em que moravam com suas famílias de origem, em busca de melhores oportunidades de estudo e profissionais, se conheceram em Salvador - BA, mas constituíram família e estabeleceram moradia em Feira de Santana - BA.

Julieta tem 39 anos; administradora e funcionária pública de uma multinacional; católica; filha primogênita de Rubens e Telma, que têm 39 anos de casados. Ele, administrador de empresas, ela, professora aposentada. É a filha primogênita do casal, tendo apenas uma irmã, Priscila, de 33 anos. Os pais são oriundos do interior do estado, e vieram para Salvador – BA para estudar e trabalhar, e, assim, oferecerem melhores condições de vida aos seus familiares. Se conheceram através de um amigo em comum, mas logo perceberam que existia diferença na forma como foram educados, nos valores que as famílias de origem adotavam, e, por isso, para garantir a relação, criaram regras de convivência familiar. Julieta nasceu junto com a própria formação do casal, já que sua mãe engravidou na lua de mel, então, acompanhou diferentes etapas do ciclo de vida do casal.

A história do casal

Romeu e Julieta são casados há 13 anos, em registro civil, tendo se relacionado anteriormente por mais 4 anos de namoro e 2 anos de noivado. Nunca enfrentaram episódios de separação, nem na época do namoro. Têm histórias familiares muito parecidas e aprenderam juntos a lidar com o parentesco. Têm duas filhas, Patrícia e Fernanda, de 7 e 5 anos respectivamente. A renda familiar é maior que 10 salários mínimos.

GENOGRAMA DO CASAL ROMEU E JULIETA



Fonte: Entrevistas diretas realizadas pela pesquisadora em Salvador/BA durante o ano de 2015. Para maiores detalhes ver Apêndice 5.

Para uma melhor compreensão dos genogramas, a seguir serão apresentadas duas tabelas que trazem dados sócio-demográficos dos participantes e os nomes fictícios utilizados neste estudo.

Tabela 1: Informações sócio-demográficas dos participantes da pesquisa

	ADÃO	EVA	TRISTÃO	ISOLDA	ROMEU	JULIETA
IDADE	33	30	39	38	38	38
SEXO	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
RELIGIÃO	Católico	Católica	Católico	Católica	Católico	Católica
NÍVEL DE ESCOLARIDADE	Nível médio	Pós-graduação	Sup. Incomp.	Sup. completo	Pós-graduação	Pós-graduação
PROFISSÃO /OCUPAÇÃO	Comerciante	Turismóloga	Estudante /Empresário	Empresária	Relações Públicas/ Empresário	Administradora / Funcionária Pública
TEMPO DE UNIÃO CONJUGAL	10 anos		9 anos		13 anos	
RENDA FAMILIAR	08 à 10 s. m.		Maior que 10 s. m.		Maior que 10 s. m.	
NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO PAI	(biológico) 1º grau incomp. / (adotivo) 1º grau incomp.	nível técnico	superior incomp.	1º grau completo	nível médio	superior completo
NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA MAE	MÃE: 2º grau completo	1º grau incompleto	superior completo	1º grau completo	Magistério	superior completo
OCUPAÇÃO DO PAI	PAI (biológico) Empresário	Aposentado	Empresário	Aposentado	Comerciante	diretor financeiro
OCUPAÇÃO DA MAE	bancária	dona de casa	diretora de uma ONG	Aposentada	professora aposentada	professora aposentada
TEMPO DE UNIÃO CONJUGAL DOS PAIS	Nunca se casaram.	26 anos de casados; divorciados há 12 anos	40 anos de casados	39 anos de casados	43 anos de casados	39 anos de casados
PAI CONHECEU SOGRO E SOGRA	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM	SIM
MAE CONHECEU SOGRO E SOGRA	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM

Fonte: Entrevistas diretas realizadas pela pesquisadora em Salvador/BA durante o ano de 2015.

Tabela 2: Nomes fictícios atribuídos aos participantes da pesquisa

	ADÃO	EVA	TRISTÃO	ISOLDA	ROMEU	JULIETA
PAI	Rodolfo (biológico); Sérgio (adotivo /padrasto)	Rafael	Antônio	Arthur	Roque	Rubens
AVÓS PATERNOS	Manoel e Jaciara	Alan e Jomara	Júlio e Nalva	Cristóvão e Jurema	Reginaldo e Suzana (biológica) Diva (esposa do avô)	Genival e Solange
MÃE	Lourdes (biológica); Luana (madrasta)	Rosana	Magda	Norma	Luiza	Telma
AVÓS MATERNOS	Gutemberg e Creusa	Genildo e Conceição	Vinícius e Clotilde	Olegário e Samantha	César e Mônica	Iuri e Dilma
FILHOS DO CASAL	José (7); Joaquim (RN)		Lucas (6); Juliana (4)		Patrícia (7) e Fernanda (4)	

Fonte: Entrevistas diretas realizadas pela pesquisadora em Salvador/BA durante o ano de 2015.

Descrição do **CASO 1:**

RELAÇÃO DOS PAIS DE ADÃO
O pai com a F.O.
<p>“Meu pai, que é meu padrasto, é totalmente afastado da família. Só era ligado quando a mãe estava viva. Essa aí era péssima pra minha mãe, mas foi minha mãe que cuidou dela quando ela tava doente, perto de morrer”.</p> <p>“Ele vive no mundinho dele. Não liga; não procura saber, das irmãs. Visita elas bem pouco. Também eu acho que não se importa, porque a sogra dele, a mãe da minha mãe, ta doente, muito mal, de home care, e ele nem nunca foi visitar. Mesmo minha mãe cuidando da dele”.</p> <p>“Acho que ele se irrita de minha mãe fazer tudo com a mãe dela e com a família toda dela. Tomou pavor, talvez. Não quer fazer igual. Ele, então, vive para a mulher e para os filhos”.</p>

O pai com os SOGROS

“Aí já é mais complicado. Tem alguns perrengues. Se dão e tal e tal, mas ele tem mais uma coisa assim [...] Meu avô eu não conheci, e minha vó tinha o perrengue dele dizer que minha vó não gostava dele, porque minha vó é muito de falar umas coisas assim que não se deve falar na frente dos outros, sabe, mas isso foi de uns tempos pra cá, porque antes, no começo da relação deles, era tudo bem, mas de uns tempos pra cá, ele ficou invocado com essas coisas e vive falando que minha vó não gosta dele [...] Com as cunhadas ele tem uma relação ótima [...]”.

A mãe com a F.O.

“Minha mãe é o contrário do meu pai com a família dela. Ela é super presente. Absorve tudo para ela. Ela é a cabeça da família. Seu pai morreu cedo, e minha vó agora tá muito doente. E quem cuida dela é minha mãe com uma das irmãs, mas minha mãe também cuida dessa irmã, e de todos! Ela é sempre muito procurada pela família. Ajuda; dá a feira para eles, de vez em quando, vive dando ajuda financeira”.

A mãe com os SOGROS

“Se dão muito bem, acho que ela não concorda com algumas coisas, mas trata muito bem, tem amizade com todo mundo, não é de mal com ninguém. Eles vão lá em casa, convivem, visitam, todo mundo gosta. Só no início quem não aceitava minha mãe era minha vó, mas eu não sei porque, dizia pra meu pai: ‘- Tu vai namorar com essa nega?’ Mas, enfim, minha mãe é morena, mas acho que tinha essa coisa nesse povo idoso (racismo), que fez com que uma vez ela até colocasse minha mãe pra fora, porque morava todo mundo junto”.

“Quando minha mãe casou, levou um tempo morando de aluguel, depois foi morar junto com ela (sogra) porque ela estava ficando muito doente, mas chegou o tempo que ela colocou minha mãe pra fora da casa dela, mas com o tempo minha mãe relevou, tanto, que minha vó morreu nos braços dela, com ela tomando conta”.

Quando questionado a respeito de aspectos relacionados à sua família de origem, Adão esclarece a sua dificuldade em falar do pai biológico como pai. Logo, as questões acerca das relações dos pais com suas respectivas família de origem e com o parentesco por afinidade, enfocando os sogros, foram todas elas respondidas considerando seu padrasto, companheiro de sua mãe.

Assim como também considera como membros da sua família de origem seu padrasto e sua mãe, pode-se dizer que a relação da família de origem de Adão com o parentesco por afinidade, sobretudo com os sogros, passa por momentos de tensões, mas são, sobretudo, relações consideradas saudáveis, por Adão, que acredita que esta seja uma forma comum de se relacionar.

O pai de Adão, após a morte da sua mãe, avó paterna de Adão, se dedicou à própria família, esposa e filhos, se afastando dos membros vivos da sua família de origem. Apesar da vó paterna de Adão ter falecido sob os cuidados da nora, o pai de Adão não sente necessidade de retribuir a gentileza de sua esposa, que, assim como ele, também tinha uma relação tensa com sua sogra, porém bem mais complicada que a dele. A mãe de Adão é extremamente ligada à família de origem. Seu pai morreu cedo e, atualmente, sua mãe está muito doente, o que a levou a assumir os cuidados com a mesma, além de se sentir responsável também por seus irmãos. A ela cabe a ajuda financeira, o que, junto com o forte vínculo emocional, vem irritando o pai de Adão, que reage não ajudando a esposa no apoio aos parentes por afinidade dele.

RELAÇÃO DE ADÃO
Com F.O.
<p>“Eu tinha uns 2 anos para 3 anos quando ele começou a namorar minha mãe. Mas eu não sabia que ele não era meu pai; eu tenho alguns <i>flashes</i> assim, desde criança de algumas coisas assim, eu chamo de <i>flashes</i> mesmo porque parece assim, mas eu só vim saber de alguma coisa no decorrer do tempo, mas os flashes que eu tinha era do meu pai que me criou; do meu pai biológico não tinha,</p>

nunca tive nenhum *flash*”.

“Eu falo assim ‘meu pai’ porque é esse que eu chamo de pai, mas nem ele nem minha mãe nunca me falaram nada. Me criavam normal, como se eu fosse filho normal.”

“Toda a vida eu convivi com isso e nada de falar com minha mãe. Com 15, 16 anos, aí meu pai veio, marcou um encontro, falou com minha vó, que falou com minha mãe, aqueles intermédios, aqueles jogos de cintura, né?! [...] ‘- Ó, não me envolva nisso porque esse problema foi lá de trás, então, ela deve ter as mágoas dela [...] Então, vamos mudar de assunto’ [...] ‘- Isso aí é de vocês dois. Não tenho nada a ver! Quem menos tem culpa nisso tudo sou eu! Aí deixa prá lá e releva as coisas. Não tem estresse não, e aí vai vivendo, né?!”

“Minha família de origem é minha mãe com meu pai que me criou”.

“Meu pai mesmo, quando eu falar de meu pai é do meu padrasto tá?! [...] Eles me passavam sempre uma segurança muito grande de que não iriam nunca se separar e eu nunca tive medo de perder esse pai, que era na verdade, meu padrasto, porque antes pra mim não existia outro não; era só esse mesmo, pra mim [...] O casamento deles era muito tranquilo, e eu tive uma infância boa”.

“Vim morar com meu pai e minha madrasta e a convivência era boa porque eu vim morar aqui e sempre soube do meu papel aqui, me colocava no meu lugar, de que eu sou filho dele e irmão dos meus irmãos; não sou filho dela, entendeu, sei me impor, sei contornar as situações, mas sei que existem pessoas que às vezes misturam as coisas, enfim, eu sei me colocar [...]”.

“[...] ela (a madrasta) já sabe como é meu jeito; eu já sei como é o jeito dela [...] Não é que seja uma pessoa ruim não. Ela não é uma pessoa ruim, mas tem esse defeito. Pessoas têm defeito, sou melhor para ela de que os próprios filhos dela! E não sou eu quem digo não; quem diz é meu pai [...]”.

“A chegada de Eva na minha família teve uma implicânciazinha tipo assim, acharam que Eva quis engravidar, mas não foi assim, tinha aquela política, aquela coisa [...] Eu também nunca parei para perguntar a eles nem nada, eles também não me falam, também deixa prá lá, eu ignoro, ignoro [...] política de família, é aquela coisa, eu prefiro nem ficar pensando [...] às vezes ela fala e eu digo: ‘- Ó, deixa isso prá lá, se for ficar pensando [...] vamo viver agora o presente e acabou

[...] mas, enfim, aos trancos e barrancos, tá todo mundo vivendo numa boa, todo mundo bem, todo mundo se respeita [...] enfim”.

“[...] final do ano agora passado, eu quase ia me desvinculando daqui (pizzaria / empresa familiar). Aí foi um arerê danado; meu pai ficou super chateado e tal e eu ia sair por causa dela [...] Inclusive eu falei, eu não quero me comparar com vc A., nem com vc B (irmãos, filhos do pai com a madrasta), entendeu, eu não quero me comparar com vocês dois que são filhos dela não, mas eu ao menos mereço o respeito à altura do que eu dou, então, eu não concordo com várias coisas [...].

“[...] aí eu saí da casa de meu pai e inclusive na época teve uma confusão porque ele achava que ela (Eva) ía ficar na casa dela e eu disse: ‘- Não, se ela engravidou eu vou ter que assumir. Eu sou homem de assumir! Não vou dar as costas, assim como ele (o pai) na época. Inclusive não para mostrar para ele que sou diferente dele, mas sim por vontade própria”.

Com SOGRO

“Quando a gente começou a se relacionar havia pouquíssimo tempo que os pais dela tinham se separado [...] Meu sogro vive com outra mulher, de vez em quando ele vem aí, traz os filhos dele aí [...], mas minha convivência maior é com minha sogra. Todo dia eu vejo!”

Com SOGRA

“A mãe dela é como se fosse uma segunda mãe para mim, me trata super bem, faz minhas vontades, onde eu vou carrego [...] então a gente só não carrega ela, só não anda com ela por causa só disso não, mas porque ela é uma pessoa boa, entendeu?! [...] todo mundo tem defeitos, mas só que é super tranquilo [...] Ela tem os momentos de piti dela, entendeu, mas ela é uma pessoa muito boa de se relacionar. 100 vezes melhor que a filha!”

“Eu gosto muito de minha sogra. Converso muito com minha sogra, explico a ela os dois lados, e se eu tiver errado, ela me diz que não deveria ser assim, que deveria ser assim. Converso muito com minha cunhada e com meu cunhado também”.

Com EVA e o parentesco por afinidade

“Costumo dizer assim, os pais dela são separados, então, eu digo assim: ‘-Você não tem pai não, seu pai sou eu, porque até hoje eu fico lhe corrigindo as coisas’. Eu digo: ‘- Minha filha, siga no caminho que eu quero porque o caminho que eu quero não precisa eu te provar não; você está vendo que o caminho é bom para todos nós! Eu não penso em mim só não, penso em você, penso em José (filho); penso em todo mundo junto”.

“Nós temos relação mais com os irmãos dela e alguns parentes da mãe dela, mas ela não tem tanta intimidade com os parentes do pai não, até porque a questão da separação dos pais envolveu questões dos parentes do pai com a mãe, e aí mexeu na relação, mas eu me dou bem com todo mundo, tanto faz do pai ou da mãe, falo com todo mundo; brinco com todo mundo, eu não sou inimigo de ninguém na vida, diferente dela, que tem sempre um perrengue com alguém”.

“Nunca tive problema com os parentes dela. Os irmãos dela me tratam muito bem, minha sogra também, e eu me esforço para preservar isso, diferente dela. Eles me tratam muito bem, de repente, pelo que eu sou com eles, porque se de repente eu fosse que nem ela, tivesse o gênio difícil, de repente não seria a mesma coisa.

“Aí ela fala: ‘- Meu pai, minha mãe, meus irmãos, te tratam muito bem’. Mas aí eu digo que é porque, de repente eu sou dessa forma, é pelo que eu também sou com eles. Por que eu não sou só assim com eles, mas também com você, com os vizinhos, com um funcionário meu, eu sou muito assim de ajudar, de sentar, bater um papo, e sei muito lidar com as pessoas dessa forma, mas tem pessoas que não consegue ser assim. Então, eu não tenho problema nenhum com ninguém, que eu veja não, mas é claro que pode ter assim alguma desavença, alguma discordância, mas, eu posso até não concordar com a mãe dela em algumas coisas, por exemplo, mas depois já passou, e eu não fico remoendo essas coisas não. Ela não, ela guarda muita mágoa; ela guarda muito rancor e eu já disse a ela que isso é ruim”.

“E com a minha família de cá, a gente mesmo sentou e conversou, porque não adianta viver em guerra, porque a gente não vai consertar o mundo, então, tem

que viver em sociedade, procurar conviver de forma social, partindo desse ponto de vista. Devido a isso aí eu tinha muitas discussões com ela, mas eu tô aqui numa empresa familiar, então, a gente tem que procurar conviver”.

RELAÇÃO DE ADÃO COM PARENTESCO POR AFINIDADE

(na perspectiva de Eva)

COM O SOGRO

“Tem muito pouca relação com meu pai, porque também meu pai é assim: vem deixar os meninos (filhos dele) aqui para brincar com José e nem sobe, deixa lá embaixo”.

COM A SOGRA

“Com minha mãe, ela é muito boa pra gente e pra meu filho também, então, ele é muito bom com ela [...] Quando ele chega lá e ver alguma coisa quebrada ou que ela estiver precisando, ele vai comprar na hora: ventilador; telefone [...] ele é muito bom!”.

A história de Adão é marcada por uma série de estratégias de sobrevivência na família de origem. Essas estratégias são sempre seguidas por justificativas que ilustram suas manobras na infância ou que disfarçam o seu movimento natural de não querer enxergar ou ir de encontro com a realidade. Era como se ele afirmasse para si mesmo que o normal era viver o que ele vivia, e isso continha-o e acomodava-o numa posição de aceitação, ao invés de instigação e investigação. Tinha muito receio de buscar as verdades e ser desleal à sua mãe e padrasto.

Quando Adão estava na adolescência, seu pai o procurou para oferecer oportunidade de trabalho em negócio próprio que ele havia constituído na capital com sua esposa, mas Adão só aceitou após o aval de quem considerava como família de origem, e, assim, sempre evitou se envolver com problemas da

conjugalidade dos pais. No cotidiano com a nova família que seu pai biológico constituiu, surge como estressor a convivência com a madrasta, que motiva Adão a desenvolver a estratégia de comportar-se como um filho diferenciado, com menos direitos, diante dos filhos que seu pai biológico tem com a madrasta. Adão foi um filho que não queria trazer problema para essa família, com a qual vive, mas não se sente incluído, o que o leva a ocupar um lugar de diferenciação necessário para a tranquilidade do sistema, como um mecanismo de defesa que ele assume:

“Eu vou embora daqui, se eu tiver de trazer algum problema, da mesma forma que eu cheguei aqui numa boa, eu vou embora, eu saio daqui amanhã de manhã”.

Não é uma convivência harmônica, e isso teve consequências na relação com Eva, desde a sua chegada à família, que tem formas diferentes de tratá-la: os parentes maternos de Adão, sobretudo sua mãe e padrasto, a tratam com carinho, incluindo-a como uma filha que ganharam com o matrimônio do filho, mas que, nem por isso, não possa dizer que não existam momentos de tensão; os parentes paternos não se intimidam em criticá-la e excluí-la, sobretudo a madrasta, a quem Eva chama de ‘sograsta’, já que considera como sogra a mãe biológica de Adão. Assim também a considera neste estudo: sograsta.

Adão revela na narrativa algumas estratégias que desenvolveu para lidar com esta relação entre esposa e madrasta, deixando bem claro que se sentiria mais afetado caso os problemas fossem entre sua mãe biológica e sua esposa, dada a importância que a mãe tem na sua vida, permanecendo, ainda, como sua maior referência feminina.

A partir desse pensamento, constata-se a intenção de Adão ser melhor ainda para sua família paterna, mais do que eles possam merecer, para ninguém ter do que se queixar dele, exatamente como fazia na infância quando preservava sua mãe de responder perguntas sobre a história do seu nascimento.

Quanto ao seu parentesco por afinidade, Adão tem poucos vínculos com o sogro, situação justificada por Eva, ao esclarecer que seu pai tem o hábito de não desenvolver vínculos nas relações, de forma geral. Com a sogra, Adão comenta

sobre sua participação ativa na vida conjugal da filha, servindo muitas vezes de cuidadora dos filhos do casal, e atuando como mãe substituta de Adão, na capital, já que sua mãe reside no interior. Tem um forte elo de mãe e filho com ela e a relação de sogra e genro é conduzida envolta de muito respeito e gratidão.

RELAÇÃO DOS PAIS DE EVA
O pai com a F.O.
<p>“Meu pai era muito ligado ao pai dele, assim como eu sou com a minha mãe. Só andavam juntos, viajavam juntos. Nas viagens de férias da gente, meu pai sempre levava o pai, igualzinho como eu faço com minha mãe.”</p> <p>“Meu avô morreu de câncer e minha vó tá viva. Ela era uma piriguete, uma putona. Isso fez com que a relação de meu pai com as irmãs do mesmo pai fosse muito boa, e com as que a mãe teve com outros homens, fosse péssima; quase inexistente, e até hoje é”.</p> <p>“Minha vó a gente tinha até uma relação antes de meus pais se separarem. Mas depois na época da separação, e até antes, mudou tudo. Ela não parece nem minha vó, eu não quero conta e meu pai, eu sei que ele sempre almoça com ela, ajuda ela até hoje. Na hora que meu pai precisa dela, ela tá junto, mas essa relação dele com ela nunca foi como era a dele com o pai”.</p>
O pai com os SOGROS
<p>“Minha vó materna era apaixonadíssima por ele, claro, mas a questão não era só financeira não, tinha alguma coisa mais ali, porque até hoje minha mãe ama ele, tenho certeza que essa mulher dele aí não vai ligar pra ele na velhice e minha mãe vai cuidar dele”.</p> <p>“[...] se alguém precisasse ser ajudado e tal, ele sempre foi uma pessoa boa. Ele se envolvia, ajudava as pessoas. A relação dele com minha avó e tios era de muito prazer. São muitos tios”.</p>
A mãe com a F.O.

“Minha mãe, o pai dela morreu muito jovem, e quem criou ela foi só a mãe. Minha vó sempre foi muito pobre e minha mãe sempre ajudou ela. Minha vó materna morreu nos braços de minha mãe. Ela era a filha mais apegada a ela. Lembro que ela vivia lá em casa e ficava com a gente para minha mãe sair c pai. Minha mãe é apegada com as irmãs. Conta os segredos dela a elas. Todo mundo lá gosta de meu pai.”.

A mãe com os SOGROS

“Mesmo os familiares de meu pai humilhando ela, colocando mulher pra meu pai pegar, mesmo assim se ele falasse que ele queria receber o pessoal dele em casa, ela tratava todo mundo muito bem. Até hoje ela é assim”.

Eva revelou que a relação que ela tem com a mãe é muito semelhante à que seu pai tinha com o pai dele. Seu avô paterno sempre foi muito companheiro de seu pai. Sua avó paterna teve filhos fora do casamento, e isso gerou diferentes relações entre seu pai e os irmãos. Ele fazia e faz até hoje distinção entre eles, mantendo vínculos de afeto apenas com quem é filho do casal, seu pai com sua mãe. Seu avô paterno hoje é falecido, mas seu pai continua ajudando financeiramente aqueles que ele considera membros da sua família de origem, excluindo todos os filhos que são seus tios apenas por parte de mãe. Depois da separação dos seus pais Eva passou a não ter contato com sua vó paterna, assim como seu pai também a afastou do convívio com os netos, dando todo o suporte que ela precisa, sem que ela conviva com as rotinas da família que ele constitui com a mãe de Eva.

Devido à boa condição financeira e ao que pôde oferecer à mãe Eva e aos filhos que constituíram, o pai de Eva sempre foi muito valorizado na família por afinidade; sempre se sentiu incluído e envolvido por eles. A mãe de Eva também ajudava sua família de origem, sendo a filha predileta da mãe, que a educou sem a presença do marido, já falecido. Atualmente a vó materna de Eva também é falecida, morreu nos braços da filha preferida, mas, quando viva, era excelente cuidadora dos netos, ajudando filha e genro a garantirem poucos momentos de lazer à dois.

A mãe de Eva passou por inúmeros episódios de infidelidade, inclusive sabendo que muitas dessas mulheres, as quais seu marido viria a se sentir seduzido, eram arranjadas pelos seus próprios parentes por afinidade. Mas isso não fez com que a mãe de Eva destratasse seus sogros e nem os cunhados, nem na época em que eram casados, nem atualmente, em que acontecem apenas encontros esporádicos com esse parentesco. Eva atribui essa conduta da mãe a um sentimento de amor incondicional que, segundo Eva, sua mãe ainda nutre pelo ex-marido.

RELAÇÃO DE EVA

Com F.O.

“Minha relação com meu pai sempre foi muito distante, eu sempre fui muito rebelde porque eu não aceitava essas coisas que ele fazia minha relação com ele era muito fria: era só para pedir dinheiro, até que eu cansei também, e comecei a trabalhar desde nova, para não ter mais que pedir dinheiro a ele e porque eu também queria fazer minha vida, viajar, eu sempre fui muito independente, desde novinha!”.

“Hoje tenho uma relação boa com meu pai; tenho uma relação melhor do que tinha como era antes [...] hoje em dia quem sustenta minha mãe é a gente e ele dá muito pouco e hoje em dia fica me ligando para vim largar os filhos dele aqui [...].

“Minha mãe tudo dela é comigo. Tudo, tudo, tudo ela me conta; tudo ela me consulta; todos os problemas. Então, eu digo, por exemplo, ainda a respeito do meu marido, ele ainda tem isso, porque ele aceita. Hoje mesmo, meu irmão falou que ia almoçar na casa dela, mas como ela tinha médico, ela já deu um jeito de meu irmão vim almoçar aqui na minha casa, e ela nem me perguntou se eu queria, ou se meu marido queria”.

“Minha mãe é muito humilde, e impressão que eu tenho é que meu pai veio para revolucionar a vida de minha mãe. Deu de tudo a ela, mas a vida toda foi muito mulherengo. Eu sempre tive a impressão de que era uma troca de favores, mas minha mãe não tinha interesse nele não, por necessitar dele, nunca fez nada e ela vivia dizendo que ele, apesar dela sempre saber que ele tinha mulher, ele dormia

todo dia em casa e ela acha que isso era o suficiente. Quando ele deixou ela, ela já estava uma senhora, não tinha mais condições de reaver a vida dela [...] Eles não brigavam”.

“[...] eu só não tenho boa relação com a mulher dele (madrasta), porque essa coisa não me desce. Se meu pai tivesse largado minha mãe porque se apaixonou por outra mulher, eu acho isso normal, pode acontecer, mas só que essa mulher é uma mulher muito baixa, não tem nível [...]”.

“Eu tenho tanta raiva dessa mulher (madrasta) que tenho medo de um dia eu vir a ter um problema com ela. Meu pai não está feliz com ela, eu sei, porque ela só pensa em dinheiro, em bens e tal, ele quer se separar dela, mas ele hoje mora bem, no Rio Vermelho, numa casa de frente para o mar, e esse era o sonho da minha mãe [...] O sonho dela era esse e eu tenho muita mágoa por causa disso”.

Com SOGRO

“A família dele daqui não gostava de mim, porque eles tinham um sonho de que os filhos deles se casassem com pessoas ricas[...]”.

“Um mês depois de voltarmos eu engravidei. Aí quando eu engravidei foi aí que a casa caiu mesmo! Na verdade, a família dele foi totalmente contra: a família dele daqui, né?! E aí foi que minhas crises de convivência com essa mulher’ (madrasta de Adão / sograsta) começou a partir desse tempo [...]”.

“Eu fico dizendo a Adão que ele (o sogro) não é uma pessoa ruim como ela; ele é uma pessoa até melhor, mas ele acaba fazendo tudo o que ela quer.”

“Ou então, ele (o sogro) é assim! [...] A família de dinheiro na verdade é a dela (sograsta), e não a do meu sogro. As outras pizzarias são dos irmãos dela [...] Ele é muito inteligente com dinheiro; ele não faz nada pra perder; ele só faz pra ganhar [...] sofreram muito juntos; passaram por todo um processo até chegar onde estão hoje, e isso eu até admiro nela [...] a vida a dois deles”.

“Nessa última confusão eu detonei com o pai dele porque eles tiram Adão como um coitadinho, e ele não é coitadinho, meu marido. Foi por isso que eles achavam que Adão queria sair da padaria por minha causa [...]”

“Estou cansada disso; isso não é justo! Ah, porque o dinheiro é igual, tudo igual,

Adão é igual: ‘ - Você não assumiu seu filho, você não quer ele aqui, então tem que ser igual!’. Detonei e ele não esperava.”

“Fora todos os problemas que eu já tinha, ele (sogro) agora não vem mais na minha casa e aí começaram a querer tirar Adão de mim”.

“São pessoas que não querem meu bem; ficam me fazendo de coitadinha; me esculhambam, dizendo que eu era pobre [...] A família toda é assim, mesmo o pai dele, que eu acho que não tem mal nele, acabou ficando infectado. Com eles, o meu relacionamento é apenas em datas especiais!”.

Com SOGRA

“Um mês depois de voltarmos (do episódio de separação no namoro) eu engravidei. Aí quando eu engravidei foi aí que a casa caiu mesmo! Na verdade, a família dele foi totalmente contra: a família dele daqui, né?! E aí foi que minhas crises de convivência com essa mulher (sograsta) começou a partir desse tempo [...]”.

“[...] eu sempre tive muitos problemas, porque eu agora já sou mais madura e já engulo os sapos, mas eu nunca engoli sapos. Então, tive muitos atritos com ela (sograsta), e também porque ela desfazia de mim [...] até pra sair com eles eu tenho que me preocupar com a roupa, porque eles observam tudo”.

“Eu sou uma pessoa hoje que nem era pra eu olhar pra cara dessa infeliz (sograsta) por tudo que ela já me fez passar, que agora num vou lembrar [...] eu já tentei me aproximar dela várias vezes e toda vez que eu me aproximo só recebo coisas ruins em troca, então, eu cansei e disse a ele que eu cheguei num patamar na minha vida que eu só vou tratar a pessoa como ela me trata”.

“O que satisfaz ele é que a minha relação com a mãe dele é boa, apesar de que, a minha mãe, eu fui criada assim, ela é a favor de mim ou contra a mim, na medida que eu estou certa ou errada, já a mãe de Adão só tem um problema: ele está sempre certo!”.

“É uma pessoa que nem sempre posso contar (sogra) por causa disso, em coisas cotidianas ela é muito neutra e isso me incomoda um pouco pois ela quer às vezes também mandar. Ela tem um carinho muito grande por mim, mas ela acha

que porque eu sou jovem não consigo ter pelo filho dela aquele cuidado [...]”.

“[...] aconteceu esse episódio de eu combinar uma coisa, eu e ele como casal, e a mãe dele simplesmente chegar e falar assim: ‘- Você não vai’, e aí eu disse a ela que não é assim, ‘você não vai’, que o filho dela é casado, e que ela tinha que me respeitar como esposa, e aí o bicho pegou (risos), foi um problema seríssimo e ele, parece que é o seguinte, eu não sei né, quando ele está com a família dele, ele não consegue falar, ele não fica nunca contra a mãe dele, mas eu acho que ele tem que ir sim, às vezes contra, porque a mãe da gente também erra, né?!”.

Com ADÃO e o parentesco por afinidade

“Só que ele gostou de mim também porque eu sou mulher para toda hora! Se ele quiser ir para um boteco; se ele quiser ligar o som; tomar chuva, eu tomo, então a gente dança muito junto, bebe junto, se diverte junto, então, eu não tenho besteira. Onde ele quiser me levar eu vou com ele!”.

“Quando eu falo em ter outro filho vem de lá tanta coisa que eu falei pra Adão não falar mais nada sobre termos outro filho. Quando eles forem saber já estarei grávida já e acabou”.

“O poder de decisão aqui é de Kleber mesmo. Quando eu não quero uma coisa, de repente, ele me convence mais rápido, e quando ele acha que aquilo não é bom, não tem jeito; Minha mãe fala que ele é quem manda tudo aqui dentro de casa. Até bobagem! Quando é coisa assim que para mim tanto faz, aí eu deixo ele coisar. Só que minha mãe me cobra muito isso”.

“Eu sofria porque eu também sou outra idiota, né, porque eu também não consigo ficar de boa aqui sem ele, não consigo nem sair direito, fico assim num sofrimento mesmo, até mesmo José estando aqui comigo!”.

“Os conflitos aqui nunca são conversados; é difícil conseguir isso; são disfarçados. Difícil eu conseguir isso! Ele fica tapeando e daqui a pouco tá tudo numa boa de novo e aí eu fico com aquilo na cabeça porque eu não conversei, porque eu acho que tem que conversar porque se não, não resolve, depois fica aquela mágoa”.

RELAÇÃO DE EVA COM PARENTESCO POR AFINIDADE (na perspectiva de Adão)
Com SOGRO
<p>“Eva também só vai na casa do meu pai só se for num momento de ocasião social. E nós moramos no mesmo prédio: eu no 6º andar e eles no 8º. Poderia ser tudo diferente, mas a política familiar é grande, aí fica nessa coisa aí”.</p> <p>“Meu pai biológico com minha madrasta com Eva eu costumo dizer que existe uma espécie de política entre a esposa de meu pai e Eva [...] entre as mulheres [...] Mas sei que tem essa politicazinha, uma espécie de despeito e eu não sei porque, às vezes comigo também tem, e eu não sei nem quero saber, entendeu?!”.</p>
Com SOGRA
<p>“Não existe nem um pingão de vínculo entre Eva e a mulher do meu pai e vice-versa. Elas se suportam: por educação! Se a relação complicada fosse entre Eva e minha mãe biológica eu acho que Eva não estaria mais comigo não”.</p> <p>“Mas eu fico mesmo triste é com a parte da família de lá, mas eu tô procurando me policiar com isso aí, quer, quer, não quer ir, não quer, então, eu não vou mais ficar me estressando não”.</p> <p>“Ela própria criou alguns problemas com minha mãe, por conta mesmo de algumas atitudes dela lá no interior, que ela mesma foi quem criou [...] Ela é muito difícil, não é uma pessoa ruim, entendeu, mas ela tem uns perrenguezinhas que é muito difícil de se conviver. Quando ela gosta de estar com aquela pessoa tem vezes que é preciso até eu falar que não é preciso isso tudo não, mas quando ela implica também, não é mole não”.</p>

Na história de Eva com sua família de origem também estão presentes estratégias de sobrevivência. Porém, Eva não desenvolveu o hábito de buscar justificativas para os acasos da vida, como fez Adão, como mecanismo de defesa. Muito pelo contrário, Eva se coloca, se expõe, cobra por justiça, corta relações. Ela não se

preocupava em ser leal, mas sim em ter o que era seu de direito. Com a nova família do pai, Eva tem como estressor apenas o relacionamento com a madrasta.

Com o parentesco por afinidade, Eva, desde o relato da história da formação do casal, já traz à tona o ponto de conflito maior entre o casal: as relações de Eva com seu parentesco por afinidade.

Desde a época de namoro, Eva precisou desenvolver estratégias de organização conjugal, juntamente com Adão, para garantir a sobrevivência dessa relação, como, por exemplo, estabelecer fronteiras rígidas com alguns parentes de Adão. Apesar de não saber explicar por que seus sentimentos por Adão cresciam ao longo do tempo, Eva revela ter clareza do que levou Adão ir se envolvendo cada vez mais com ela, numa narrativa de auto-estima que destaca seus pontos fortes como parceira. Mas não deixa de trazer o episódio de separação que tiveram na época do namoro, fato atribuído, por ela, a questões com seus parentes por afinidade. Nesse momento, se sente à vontade para contar um fato que Adão não teve coragem de expor durante a investigação: no momento em que reataram, decidiram por ter um filho. Essa decisão é um dos segredos velados do casal, socialmente apresentado como uma “gravidez não planejada”, considerada aqui como um estressor nessa fase de formação do casal.

Eva comenta sobre a gravidez revelando, por confiança no pesquisador, algo que até esse momento só pertencia ao casal: a decisão consciente do casal por ter um filho, idealizada por Adão, na opinião de Eva, como estratégia de fuga da situação que vivia por estar residindo com seus irmãos paternos e sua madrasta. Essa gravidez representava o primeiro grande pacto conjugal de Adão e Eva.

A notícia da gravidez chegou à família de Adão juntamente com a consciência de que mais um membro, ou melhor, dois, passariam a fazer parte daquela família. Membros não desejados: A criança não programada e Eva, por não ter os pré-requisitos em termos de poder aquisitivo, idealizados pela família de Adão, pelo menos a família que o pai dele constituiu, e não os membros que ele considera como sua família de origem: mãe e padrasto.

Eva lembra essa fase da gravidez com entusiasmo, pois Adão encarou seus parentes e cumpriu o compromisso que estabeleceu com ela, no momento da idealização da gravidez: era a grande oportunidade de fazer por seu filho o que seu pai não fez por ele, mas Adão justifica que em qualquer circunstância, numa situação dessa, não pensaria de outro jeito, e que o real motivo não era dar nenhuma lição de moral no seu pai biológico. Essa foi, para Eva, a primeira grande prova de amor de Adão. E isso mobilizou a família dele a querer garantir sua estada no negócio de família no qual ele era a maior força de trabalho.

As questões que envolviam Adão e a família paterna começavam a chamar a atenção de Eva quanto a distinção que faziam entre seu marido e os irmãos. Era como se Adão tivesse menos direitos e isso talvez o levasse a ficar mais reservado. Porém, Eva começava a observar as discrepâncias e a criar um julgamento dessa família, em defesa do marido, que não procurava encontrar um lugar de mais conforto por ter desenvolvido estratégias para se organizar sem modificar o sistema.

Eva demonstra que o eixo central das discórdias, sem dúvidas, é a esposa do pai biológico de Adão. A investigação revela que ela é a responsável por nutrir um clima de competição entre os irmãos e se utiliza do saber familiar sobre o ramo de pizzaria, que atualmente os mantém, para exigir comportamentos de gratidão. Adão foi aceito por ela, como enteado do marido, mas é impedido, por estabelecimentos de limites, de atingir o mesmo patamar dos irmãos que a madrasta teve com seu pai biológico, seja ele de ordem afetiva, financeira, social ou cultural.

Por consequência, a escolha de Eva como parceira também não foi bem vinda, desde o início da relação, por julgarem que ela não teria os pré-requisitos que esta família idealizava para Adão.

A noiva do cunhado, sua concunhada, por ter essas condições idealizadas, não só foi bem aceita, como desfruta de privilégios e do bom tratamento da madrasta de Adão. Por isso, os vínculos existentes entre Eva e sua família por afinidade limitam-se a vínculos de cordialidade, um tanto formais.

Ao contrário do movimento que Adão realiza de ser para esses parentes cada vez melhor, Eva investe em se comportar exatamente da maneira como a tratam, estreando uma nova estratégia, que se assemelha ao movimento de Adão de viver o aqui e o agora, mas muitas vezes Eva não se contém e clama por justiça, em defesa do seu marido. Aproveita o vínculo mais forte que existe dentro dessa família, que, apesar de tudo, ainda é dela com o sogro, e vai em busca, revelando para ele uma realidade que ele desconhece ou que faz questão de não enxergar.

Além disso, se envolve nos confrontos acerca de como os vínculos comerciais se estabeleceram nessa família, constante em sua narrativa acerca do cotidiano conjugal, principalmente quanto aos aspectos que se referem à fratria.

Com o passar do tempo, Eva, então, resolve atribuir à inveja os comportamentos desenvolvidos por sua família por afinidade, talvez por ser uma estratégia mais cômoda e relacionada à estratégia de manter tudo do jeito que está, devido à descrença que resultou dos avanços e retrocessos que já assistiu nesse sistema. Eva não chega a querer que Adão estabeleça novos vínculos comerciais, porém, almeja que o seu cônjuge seja tratado igualmente como um filho, com direitos e deveres equilibrados com os dos irmãos. Algo que também já é cobrado por Adão.

O interessante nesse sistema é a função que a mãe biológica de Adão, muitas vezes tão afastada do cotidiano do filho, mas nem tanto da sua conjugalidade, exerce para esse casal. É como se qualquer conflito perdesse a força porque não procede com a família que realmente Adão considera como 'de origem'.

I) Nível de diferenciação das famílias de origem de cada elemento do casal:

NÍVEL DIFERENCIAÇÃO DAS FAMÍLIAS DE ORIGEM		
ADÃO	Pai de Adão – F.O.	Fam. desconectada
	Mãe de Adão – F.O.	Fam. diferenciada
	Adão – F.O.	Fam. diferenciada
EVA	Pai de Eva – F.O.	Fam. desconectada
	Mãe de Eva – F.O.	Fam. diferenciada
	Eva – F.O.	Fam. diferenciada
ADÃO E EVA	Adão e Eva – F.O.	Fam. fusionada (tendências)

II) Padrões de interação dos casais:

PADRÕES DE INTERAÇÃO DOS CASAIS – caso 1		
ADÃO	Pais de Adão	Par simétrico
	Pai – SOGROS	Par complementar
	Mãe - SOGROS	Par complementar
	Adão – SOGROS	Par simétrico
EVA	Pais de Eva	Par simétrico
	Pai – SOGROS	Par simétrico
	Mãe - SOGROS	Par complementar
	Eva – SOGROS	Par complementar
ADÃO E EVA	Adão e Eva	Par simétrico

III) Níveis de capacidade de autonomia e negociação no relacionamento dos casais:

NÍVEIS DE CAPACIDADE DE AUTONOMIA DE NEGOCIAÇÃO DOS CASAIS		
ADÃO	Pais de Adão	Par pactuado
EVA	Pais de Eva	Par fusionado
ADÃO E EVA	Adão e Eva	Par pactuado

IV) Valores, mitos e regras:

	Valores, Mitos e Regras
Toda mulher é igual. (Adão)	“[...] como é mesmo que ele fala [...] que ele carrega a cruz dele, ele tem essa ideia na cabeça dele sobre mulher, de que ele não me trocaria por ninguém porque, na cabeça dele, ele vai sair daqui e arranjar uma mulher pior do que eu porque pelo menos ele já conhece o meu jeito e outra mulher vai ser a mesma coisa: no início vai ser beleza, mas depois, quando descobre os defeitos; então, ele prefere ficar com a dele”.
Casamento tem que ser eterno. (Eva)	“Eu penso que casamento tem que ser eterno. Eu digo para Adão isso:Eu quero é viver com ele eternamente. Agora, para isso acontecer, eu vou lapidando ele, porque ele é uma pessoa

	<p>difícil”.</p> <p>Eu acho que isso vai ser possível sim, hoje, principalmente, que ele está me ouvindo mais”.</p>
<p>Tudo nesse casamento é sacrifício. (Eva)</p>	<p>“[...] porque pra mim nunca é nada só gostoso [...] tudo era um estresse nesse casamento [...] não sei até que ponto esse casamento (referindo-se à cerimônia) foi uma coisa boa pra mim. Foi para realizar meu sonho e só, porque me causou tanta coisa ruim; eu sofri tanto e mesmo, de verdade mesmo, sofri muito nesse casamento”.</p> <p>“Tudo na minha vida é um estresse. Para mim casar, independente de tudo o que aconteceu, foi um estresse; pra mim fazer meu aniversário todo ano é um estresse...pra fazer o aniversário do meu filho, eu sempre faço, mas é um estresse”.</p>
<p>Todos os homens que me cercam são mulherengos. (Eva)</p>	<p>“Eu sou mais ciumenta, porque, na verdade, minha família, meu pai e meus irmãos, são todos mulherengos, então, eu só vejo isso [...] e acho até que se ele viesse a me trair, eu não ficaria com ele, porque eu acho que eu não vou esquecer [...] vou ficar remoendo isso pra sempre. Então, como meu pai foi sempre mulherengo, e meu irmão, enfim, eu sempre fui arrodada disso, e na família de Adão também [...] ele tem um tio que tem duas mulheres”.</p>
<p>Existem dias fixos para saírem separados. (regra do casal)</p>	<p>“Eu posso sair para onde eu quiser, com minha irmã, com minhas amigas, então, ele não fica me controlando, mas eu tenho meu limite, né, mas essa questão de sair, eu deixo ele menos sair; todo mundo fala que eu tô errada, que vai ter uma hora que ele vai estourar e tal, porque eu pego mais no pé, porque, sei lá, eu tenho tanto medo dessas coisas [...] eu tenho um combinado com ele, que é o seguinte: das vezes que a gente já saiu, inclusive eu, é de segunda à quinta, porque eu acho que sexta sábado e domingo é o dia de ficar com a família, com a mulher [...] por ele, se ele pudesse (risos), não tinha esse negócio, até sexta-feira ele sairia”.</p>

<p>Crença na pré-destinação da vida. (Adão)</p>	<p>“Minha mulher fala sempre para mim que eu vim pra Salvador para conhecer ela, e eu acho que a vida é assim mesmo, talvez tudo está escrito. Tá tudo certinho já e a gente é que vai...”</p>
<p>A palavra final de um casamento tem que ser do homem. (Adão)</p>	<p>“No meu ponto de vista eu acho que a palavra final dentro de uma casa deve ser do homem. A mulher tem que sugerir, tem que dar opinião, dar ideias, tudo isso aí, mas a palavra final realmente tem que ser do homem, que tem que ser a mola mestre da casa; tem que dar segurança de tudo para a mulher e para os filhos”.</p>
<p>Mulher tem que ser dona de casa. (Adão)</p>	<p>“Eu, por exemplo, ouço Janaina falar assim: -Eu não nasci pra ser graxeira. Mas eu digo o seguinte: -Você nem ninguém nasceu pra ser graxeira, mas a mulher tem que ser dona de casa. Dona de casa não é ter que ficar lavando prato, ficar no fogão, lavando banheiro, passando roupa; dona de casa é porque até se ela tiver uma empregada ela tem que saber por que se você não sabe fazer, você não sabe mandar. Por que como é que você tem um empregado e não vai saber mandar nele [...] ela não é uma mulher completa nesse sentido”.</p>
<p>Os parentes por afinidade não comemoram festas na casa do casal. (regra imposta por Adão)</p>	<p>“Tem alguma coisa, aniversário, por exemplo, meu, de José ou dela, tem que ser feito lá em casa, mas, por exemplo, aniversário do irmão dela ou da irmã tem que ser feito na casa da mãe dela”.</p>
<p>Gravidez como um segredo conjugal</p>	<p>“A gente resolveu ter um filho nessa loucura divina de Deus [...] eu parei de tomar meu remédio [...] Ele queria muito ter um filho; eu acho que era porque ele queria sair de casa, mesmo sabendo da ‘barra’ que ia ser”.</p>

V) Modelos familiares: repetição ou ruptura

	Modelos familiares: repetição ou ruptura
Antimodelo (Eva tem a mãe como um antimodelo quanto a ela ter largado o emprego)	<p>“[...] por que, por Adão, eu não trabalhava; o sonho dele é me ver dona de casa, mas eu nunca vou fazer isso porque eu tenho uma história de vida, com minha mãe... e hoje eu estou com ele e, de repente, amanhã [...]”.</p> <p>“Eu tenho essa questão porque isso impacta minha relação com meu marido. Minha mãe era bonita e jovem, e parou de trabalhar ela vive falando isso e me cobrando pra eu não fazer isso. Pra mim o que eu herdei de pior foi esse medo. Pensar de sair do emprego e ficar cuidando dos meninos e ele me largar, não sei. Aí eu vou passar por tudo o que minha mãe passou? Eu tenho esse medo, disso acontecer comigo, por mais que meu marido fale que nunca vai me largar, mas a gente nunca sabe”.</p>
Educação doméstica semelhante à dada pelos pais. (Eva)	<p>“A educação que eu dou para os meus filhos é semelhante a educação que tive em casa, por meus pais, de ter educação, bons modos, não peidar nem arrotar em público, etc”.</p>
Vontade de repetir e não conseguir (Eva)	<p>“[...]Eu queria ser como minha mãe, mas não consigo. Eu queria ser como ela em relação aos parentes de Adão e não consigo. Eu queria ser mais maleável, engolir uns sapinhos, mas eu ainda não consigo [...] talvez eu não seja assim por achar que ela sofreu sendo assim, sempre boazinha, sempre aceitando tudo [...] A casa dela tava sempre arrumada, mas eu queria ser assim, mas não sou; E eu tento ser, na verdade, mais organizada, como dona de casa”.</p>
Repetição do padrão machista do pai de Adão	<p>“Adão tem isso do pai: ele acha bonito, às vezes, tratar mulher dessa forma, pra mostrar certa autoridade.”</p>

(sob a perspectiva de Eva)	
Repetição do estilo apaziguador do avô enquanto sogro.	<p>“Eu agora tenho que administrar alguns problemas de Janaina com minha mãe, como meu avô fazia com minha vó, que sabia que ela tinha muitos problemas e implicava com minha mãe. Meu problema com Janaína é muito esse, porque pra mim ela tinha que relevar muitas coisas, mas não é assim.</p> <p>E eu via minha mãe relevando muitas coisas de minha vó”.</p>
Ruptura do modelo da mãe como chefe da família nuclear. (Adão)	<p>“Na minha casa era o contrário. Minha mãe é que era o eixo mestre da casa, apesar de meu padrasto colaborar também, mas ela é quem passava mais segurança, aquela coisa de se preocupar com o futuro, de correr atrás das coisas, de segurar a onda, e até hoje ela é assim, ela que resolve as coisas, que corre atrás, e eu puxei muito isso de minha mãe, de chegar e querer resolver [...] Mas no meu casamento eu prefiro assim: que eu tome as rédeas das coisas, até porque eu não sinto muita segurança em Eva”.</p>
Repetição quanto ao acúmulo de responsabilidades como a mãe. (Adão)	<p>"Minha mãe sempre trabalhou, ajudava meu padrasto em casa e até hoje é ela quem resolve tudo, vai pra cozinha, faz e acontece, cuida de tudo</p> <p>eu me vejo muito assim, ao espelho dela, e minha vida esse corre-corre, e eu fico assim agoniado, porque eu tenho às vezes que resolver problemas meus, de meus irmãos, de meu pai, problemas particulares, então, é um corre-corre danado porque eu abraço muito as coisas."</p>
Repetição do modelo dos pais na forma de resolução de conflitos. (Adão)	<p>“Herdei o jeito apaziguador deles (família de origem), de por mais que tenham problemas, resolverem dessa forma, pacificamente”.</p>

Análise do CASO 1:

O casal Adão e Eva desenvolveu estratégias de organização capazes de mantê-los unidos há 10 anos, mesmo convivendo com a dificuldade de vínculos afetivos entre Eva e os parentes de Adão. Observa-se que o casal é composto por membros que, individualmente, necessitaram desenvolver estratégias de sobrevivência desde o convívio com a família de origem, e que, talvez por isso, essas estratégias para assegurar sua relação, e possível diferenciação, não representarem grandes sacrifícios para a formação e manutenção da conjugalidade.

Trata-se de um casal que está na fase de aquisição (CERVENY, 2010) e demonstra, através da investigação, ter passado pelos 3 fenômenos que caracterizam esta fase: unindo-se; construindo a vida a dois e vivendo a parentalidade.

Ambos vivenciaram tensões quanto à nova constituição de família que os pais formaram, tendo dificuldades quanto à aceitação da escolha amorosa dos pais, no caso de Eva, ou quanto ao convívio 'no mesmo teto', no caso de Adão. Isso une os dois quanto à identificação das suas histórias de vida e aos conflitos com as atuais esposas dos pais: suas madrastas.

Suas famílias de origem são, então, sistemas reconstituídos: existem as sogras e as sograstas (esposas dos pais). E, em todos os dois, foi preciso desenvolverem estratégias que buscassem o não envolvimento com os problemas da conjugalidade dos pais. De acordo com Cerveny (2010), o processo inicial da união exige um afastamento dessas histórias para planejar o futuro, estabelecer metas, adaptar-se às mudanças.

O namoro é iniciado com um grau de expectativas quanto ao comportamento de Eva como novo membro da família, mas esses planos não são traçados por quem Adão considera serem seus parentes de origem, então, passa a vida sem julgar ser tão grave essa questão conjugal. Com uma gravidez apresentada como não-planejada, estrearam a vida a dois, tendo mais este momento de tensão conjugal. Como no século passado, o casal, como num pacto, utilizou-se da conjugalidade para adquirir sua independência das famílias de origem, mesmo ainda tão dependentes delas. E,

anos depois de vida conjugal, decidem formalizar legalmente o matrimônio, o que desarmoniza suas famílias, fazendo-os enfrentar mais um momento de grande tensão.

Adão e Eva passam pelos processos de construção da vida a dois e vivendo a parentalidade de forma concomitante. No momento em que precisam administrar conflitos, fazer negociações relacionais e decidir sobre como lidar com as diferenças, a díade também necessitou se ajustar para a situação triangular que se formava, sem muito tempo para elaboração da mudança e reestruturação.

A escolha entre seguir ou romper com os modelos faz parte dessa dinâmica. Boszormenyi-Nagy e Spark (1973), referindo-se ao conflito de lealdades no casamento, dizem que quando um homem e uma mulher se unem, um dos componentes motivacionais para o novo compromisso é a fantasia de criar uma unidade familiar melhor do que a família de origem.

Nesse caso, existem dois movimentos que norteiam esse casal: primeiro Adão e Eva mostram-se intencionalmente interessados em suprir as carências supostamente deixadas pelas famílias de origem um do outro; depois percebe-se um movimento de complementaridade também na postura apaziguadora e conformista de Adão quanto às mazelas da sua família paterna, como se esperasse por uma atitude de Eva, em busca de justiça e igualdade. A própria Eva tem consciência de que talvez tudo fosse diferente se ela fosse uma mulher de outro perfil. Talvez o perfil almejado pela família paterna de Adão o colocasse em risco quanto à sua posição na família.

Adão, desde cedo, tem convicção de que exerce certa paternidade sobre Eva, mas, na verdade, ela é quem o trata como filho, satisfazendo as vontades do cônjuge com interesses na posterior realização dos seus desejos. Ele confessa assumir muitas vezes o papel do pai, mas não um pai do qual Eva necessite, e sim o pai que ele precisa ser.

Tal fato remete ao termo parentificação (BOSZORMENYI-NAGY; SPARK, 1973), o qual significa uma distorção, de forma temporária ou contínua, da relação entre dois membros, nesse caso, os cônjuges entre si, marido e mulher, mas que pode existir

também quanto ao filho e seu genitor. A função da parentificação é a prevenção do esgotamento emocional do sujeito carente de parentalidade. Adão procura na mulher a filha, dos filhos que sempre quis ter, e Eva, por sua vez, se comporta como a filha obediente que Adão precisava ver nela para depois conseguir voz para guiá-lo até onde acha justo para o casal.

Assim, esse casal desenvolveu estratégias de organização conjugal nessa família desde o início, na formação do casal. Algumas delas Adão projetou para a vida a dois, por hábito de ter aprendido a se comportar assim quando ainda morava com eles, como por exemplo, agir como um membro diferenciado, com menos direitos, como se fosse um filho bastardo do casal, e não um enteado.

E foi assim que Eva, recém-chegada, sentiu a relação dos parentes perante Adão, como se fosse a esposa de um filho menos favorecido, que tinha um débito de gratidão grande com essa família por eles terem o tirado do interior e oferecido casa e trabalho, coisas das quais ele já dispunha onde sua mãe e seu padrasto residem. Na formação do casal, com tensões diante da gravidez anunciada, Eva já assume, então, a postura de estabelecer fronteiras rígidas com alguns parentes de Adão.

A noção de dívida (BOSZORMENYI-NAGY; SPARK, 1973) destaca o conjunto do que um membro da família recebeu dos outros. Para que o reembolso seja válido, é necessário dirigir-se ao verdadeiro devedor, e não a um substituto. Mas, quando dois membros da família não conseguem saldar suas dívidas, eles podem tentar envolver um terceiro membro, como por exemplo, um cônjuge, que, “inocentemente” substitui o devedor ou o credor. Tal fenômeno origina-se da transmissão transgeracional de comportamentos sintomáticos, e foi exatamente o que aconteceu com Eva, quando passou a fazer parte da família de Adão e foi envolvida nessa relação de sentir-se em débito e terem um crédito.

Para o bom convívio conjugal, ao longo do tempo, ambos começam a elaborar, juntos, suas estratégias, e, num ato de cumplicidade, unem-se diante de mentiras perante os parentes de Adão, mais uma vez para pouparem a relação, num momento em que decidem registrar o casamento em cartório. Para continuidade da vida a dois, mais do que nunca, era preciso manter a estratégia de Eva iniciada

desde quando foi destrutada no início do casamento. Adão agora comungava da mesma estratégia: manutenção de fronteiras rígidas entre o casal e sua própria família paterna.

Adão traz, do convívio adolescente com esse núcleo, a necessidade de pensar que tudo o que vem passando é uma questão de fatalidade, como exemplo de descrença numa mudança, o que mantém minimizando os efeitos das opiniões desses parentes, estratégia também usada perante eles no passado. Hoje revela viver o presente e acredita que sua esposa também aprendeu a viver assim, buscando uma diferenciação do casal perante os seus parentes.

Eva também é descrente de que qualquer mudança deles surtiria um efeito de revisão de suas lentes, então, mantém deles fronteiras rígidas. Ela confessa continuar do jeito que está com os parentes por afinidade, mas não necessariamente vive do aqui e do agora, sendo a responsável por fazer planos de lazer para o casal, confiante de que a pior fase já passou, eles superaram e aprenderam.

Das experiências com o parentesco por afinidade, vivenciadas nas famílias de origem, pode-se perceber quanto a classificação das famílias, segundo Bowen (1987) e Kerr (1981-1984), ao desempenharem a função de facilitadoras ou inibidoras do desenvolvimento do nível de diferenciação de *self* de seus membros, que a relação da família de origem de Adão com Adão apresenta-se como uma família diferenciada, assim com a família de origem de Eva perante a mesma também, porém, os comportamentos de Adão e Eva enquanto casal já demonstram uma tendência a estarem se constituindo como uma família fusionada, com os membros pensando como uma unidade, sem autonomia e enfrentando os momentos de estresse com demasiado sofrimento.

Os padrões de interação dos casais, considerando as definições sobre interação complementar e simétrica (WATZLAWICK, BEAVIN ; JACKSON, 1973) demonstram que tanto Adão como Eva têm como experiência de origem um par simétrico, e, enquanto casal, estão se comportando também como um par simétrico, em que um cônjuge tende a refletir o comportamento do outro.

Quanto ao padrão de funcionamento interacional, que revela o nível da capacidade de negociações intracasais (ROMANO ; DESTAL, 1994), os pais de Adão classificam-se como um par pactuado, os de Eva, fusionado e, no entanto, Adão e Eva apresentam-se como um par pactuado.

Assim, pode-se perceber o quanto a relação dos pais de Adão, considerando-se o casal que ele tomou como base para consideração de sua família de origem (sua mãe biológica e seu padrasto), exerceram influência no estilo de conjugalidade que o casal estudado desenvolveu. Mesmo residindo no interior e tendo menos convívio com o casal, foi, predominantemente, desse casal que Adão e Eva absorveram valores e internalizaram experiências.

Emergiram desse caso padrões interacionais como: O valor defendido por Eva de que “casamento tem que ser eterno”; a crença dela de que “tudo nesse casamento é sacrifício”; o mito de que “todos os homens que me cercam são mulherengos”; a regra que o casal definiu de que “existem dias fixos para saírem separados”; a crença de Adão na pré-destinação da vida; a crença de Adão de que “a palavra final de um casamento tem que ser do homem; A crença de Adão de que “mulher tem que ser dona de casa”; a regra que foi estabelecida pelo casal de que “os parentes por afinidade não comemoram festas na casa do casal”; o segredo conjugal que o casal mantém até os dias atuais acerca da gravidez ‘não-planejada’ que foi planejada.

Além disso, surgiram modelos familiares que sofreram repetição ou conseguiram romper: Repetiram na conjugalidade o padrão machista que Adão traz do pai; o estilo apaziguador do avô como sogro, Adão repetiu na sua relação com seu sogro; a forma de lidar com as responsabilidades Adão repetiu do estilo da mãe; a forma de resolver conflitos Adão repetiu do modelo dos seus pais, mas rompeu o modelo de chefe de família que teve na infância, assumido por sua mãe, devido a crença dele de que somente cabe ao homem este papel; quanto à educação doméstica que planejam oferecer aos filhos, optaram por seguir o modelo dos pais de Eva; e, apesar de, na narrativa de Eva acerca do seu casamento, sempre aparecer a figura da mãe, esta também foi tida como um antimodelo quanto a ter deixado o emprego, algo que Eva teme ter que fazer para não passar pela mesma experiência da mãe,

que depois separou-se do pai e não tinha como se manter; mas, é dessa mãe que Eva gostaria de repetir, mas não consegue, o temperamento quanto ao parentesco por afinidade e quanto ao êxito como dona de casa, aspectos que garantiriam uma postura mais orgulhosa de Adão quanto a ela.

Descrição do CASO 2:

RELAÇÃO DOS PAIS DE TRISTÃO
O pai com a F.O.
<p>“Meus pais se casaram os dois tinham 20 anos de idade [...] Acho que fizeram uma reunião, o pai de meu pai jogou pra cima de meu avô materno, dizendo assim, que eles iriam morar com vocês: ‘- Antônio vai começar a trabalhar para sustentar a casa, mas vão morar com vocês’”.</p> <p>“Meu pai não ficava triste nem alegre ao ver a relação que nós, os filhos dele, tínhamos com a família dele não; via mais meu pai contemporizando. Meu pai até às vezes ironizava isso. É bem o perfil dele, que é mais irônico, brincalhão”.</p>
O pai com os SOGROS
<p>“Meu pai e minha mãe moravam com meu avô e minha vó materna. Meu pai tinha uma relação ótima com meu avô Walter, e com minha vó também, só que com minha vó, como dominadora, ela tolhia um pouco ele, porque minha vó assumiu pra ela minha criação um pouco. Como meu pai era muito jovem e muito imaturo ainda, ela às vezes tolhia meu pai. Ele reclama disso. Até hoje eu ouço ele falar”.</p> <p>“[...] minha vó adoeceu, teve Alzheimer, e meu pai pagou cuidadoras para ela até o dia da morte, morando lá em casa. Então, assim, é uma relação muito boa. Meu pai com os dois (avô e avó maternos), eu lembro de uma relação boa, não lembro de uma relação de muita tensão não”.</p> <p>“Eu acho que eles tinham meu pai como um filho; tinham um carinho. E a família toda do meu avô e da minha vó gosta muito do meu pai. Tanto que hoje a gente tem o encontro dos “Almeida” (sobrenome materno do entrevistado), que é um</p>

encontro bienal, que se meu pai não for, a casa cai, porque meu pai é um agitador.”

A mãe com a F.O.

“Por minha vó ser assim uma pessoa bastante dominadora e tal, minha mãe sempre me conta dessa fase de ir morar junto, em que minha vó se metia muito na minha criação [...]”.

“[...] minha mãe eu lembro de ter uma relação tensa com minha vó. Eu lembro de um pouco de tensão entre as duas. Meu avô materno é meu padrinho. Eu amava meu avô!”

A mãe com os SOGROS

“Meus pais namoraram uns 4 anos, e eu não sei como era a relação de minha mãe com eles na época do namoro, mas minha mãe sempre se queixou de minha vó, de falta de interesse dela, não sei [...] não era uma relação de melhores amigas, não. Era sempre aquela coisa: eu te aguento, você me aguenta, vamos ser amigas e tá bom. Até hoje, em que minha vó tá bem mais velhinha e eu não sei, mas eu não sinto minha mãe muito à vontade quando vai pro ambiente da família de meu pai. Sinto um pouco de tensão. Elas se falam, se dão bem e tal [...] mas eu sinto um pouco de tensão. Eu não sei se foi por parte dessa rejeição inicial que traumatizou ela de um modo que pode ter acontecido isso, mas sempre foi uma relação tensa; não era uma coisa fácil não”.

“[...] me lembro muito de minha mãe falando mal, se queixando de minha vó pra meu pai. E a tensão maior era sempre com minha vó do que com meu avô. Era aquela tensão de sogra mesmo.”

“Eu acho que não tinha esse elo de olhar pra minha mãe como filha, vindo do lado de lá não. Da parte dos meus avós paternos com minha mãe não; eu não via esse elo não”.

“Eu acho assim, era uma Guerra Fria. Os dois têm a bomba nuclear, mas ninguém quer soltar, porque os dois têm a perder. Minha vó não iria mais ter o convívio da gente; e minha mãe por ser a mãe do marido dela. Então, tinha aquela coisa [...]”.

“E eu lembrei que tinha uma outra coisa aqui: minha vó sempre preferiu aos outros

netos, os filhos de Rosa e Roney (tios maternos), mas até a filha de Rosa, que é a filha da filha dela, mesmo Roney tendo duas meninas, elas preferia a filha de Rosa, e minha mãe sempre tocava nisso. Minha irmã com as filhas de Roney eram excluídas em relação à relação de minha vó com a filha de Rosa, então, minha mãe sentia isso, e eu me lembro de reclamações dela na mesa do jantar, porque dava pra ver que ela sabe dar, tanto que ela dá pra filha de Rosa, e não dava pra gente por uma questão de preferência, de escolha [...] eu nunca presenciei assim nenhum tipo de atitude de preferência ou rejeição vinda dela não; era uma coisa velada”.

Os pais de Tristão namoraram adolescentes, por 4 anos, e, aos 20 anos de idade, foram surpreendidos por uma gravidez não planejada: era Tristão. Os avós paternos de Tristão impuseram aos avós maternos que o novo casal residisse na casa deles, já que ambos eram muito jovens e não tinham condições de se manter. Foram pais aos 20 anos e com 26 já tinham os 3 filhos.

Seu pai é oriundo de uma família de posses, mas que depois passou por muitas dificuldades financeiras. Como havia engravidado a namorada, começou a buscar desde cedo um meio de sustento, por isso, sempre trabalhou muito, na empresa do seu próprio pai, inclusive.

Por conta de terem morado com a família da mãe de Tristão, os vínculos afetivos mais intensos sempre foram com esta família, o que nunca foi uma questão preocupante para o pai dele, que sempre teve uma boa relação com os sogros, apesar de disputar com a sogra oportunidades de cuidar filho, que, por ser um pai muito jovem, era julgado de não saber cuidar e educar. Por este sistema, o pai de Tristão era tratado como um filho, e, por isso, seus parentes por afinidade o considerarem tanto, fazendo questão da sua presença nos eventos festivos da família.

Depois que garantiram seu próprio sustento, o casal conseguiu alugar um apartamento e sair da casa dos avós maternos de Tristão, que tempos depois, também precisaram da ajuda deles quanto à moradia e sustento, já que também

enfrentaram dificuldades financeiras. O avô materno de Tristão passou a trabalhar para o avô paterno, na mesma empresa em que seu genro também trabalhava. E foi Tristão quem providenciou alugar depois um apart no mesmo prédio em que seus pais moravam, e, após a morte do sogro, acolheu novamente sua sogra em casa, se responsabilizando pelos cuidados com ela na velhice, período no qual adoeceu e também faleceu.

A mãe de Tristão, por iniciar a vida de casada e se tornar mãe convivendo na mesma casa que os pais, sempre teve uma relação tensa com sua mãe, no que se referia às interferências quanto à educação do primeiro filho, mas, com seu pai, a convivência já era melhor, chegando a escolhê-lo até como padrinho de Tristão. Com a sogra, a relação sempre foi distante, e até hoje permanece, por isso Tristão utilizou uma metáfora para ilustrar essa convivência, tratando-a como semelhante à Guerra Fria, em que ambas as partes tem a bomba nas mãos, mas não quer soltar por saber que seria ruim para todos. Nesse núcleo ela nunca foi tratada como filha, não tinha queixas do sogro, mas sempre falou muito mal da sogra, reclamando sobre a falta de interesse da sogra com o próprio filho, seu esposo, e os netos.

Tristão não sabe justificar, mas sempre se sentiu tratado de forma inferior aos primos, filhos dos outros tios paternos, mas, sobretudo, muito diferente da filha da única tia paterna, a quem a vó sempre ofereceu vantagens e privilégios (essa neta era filha da sua única filha). Esse também foi um motivo trazido por ele para esclarecer as mágoas que sua mãe tem da sogra.

RELAÇÃO DE TRISTÃO
Com F.O.
<p>“Casaram fruto de uma gravidez indesejada, o que, na época, era muito comum. Então, nenhum dos dois trabalhava, se sustentavam, ainda estudavam e os sogros tiveram que assumir. Aí assim, eu nasci na casa de minha vó Clotilde. E eles realmente moraram juntos com a minha vó Clotilde até meus 4 anos, quando</p>

meu pai teve condição de sair, alugar um apartamento e a gente se mudar. Aí depois que a gente se mudou, aí veio meu irmão e minha irmã logo depois, e aí eles seguiram de uma forma mais independente, mas no início foi assim”.

“[...] nesses primeiros anos foi difícil pra eles. Eles também estavam amadurecendo. Imagine um casal de 20 anos, tinham cara de criança ainda”.

“[...] como eu morava com meu avós maternos, eu também era muito ligado a eles, muito mais do que a meus avós de parte paterna. Eu morei com meus avós maternos na infância e depois morei com eles no final da infância, no início da adolescência”.

“[...] eu tenho essa sensação de ser um incômodo, porque eles não podiam fazer nada, eles não se sustentavam ainda a ponto de bancar uma família.

“Depois que saíram de lá eu sempre vi uma relação muito boa, porque meus pais sempre se deram bem com os dois, tanto que, depois de uns anos, meu avô perdeu dinheiro e eles vieram morar lá em casa, os dois (avós maternos). Inverteu”.

“Meu avô trabalhava com meu pai. Arranjou um emprego na empresa que meu outro avô fundou. Aí trabalhavam os três juntos: meu pai, meu avô materno e meu avô paterno, numa empresa de representação [...]. A relação deles três era muito boa, eu me lembro de terem tido sempre uma convivência harmônica, eles três. E minha vó (materna) lá em casa, ajudando a criar a gente, mas aí de uma outra condição, porque minha mãe já tomando conta dos três e ela veio ajudar”.

“A gente só tinha contato com nossos avós paternos quando era uma coisa inevitável, então, num almoço de domingo... Eu tinha muito mais contato com meus outros avós. Hoje minha relação com minha vó paterna é boa, mas ainda é distante”.

“Tinha um caruru na casa de minha vó (paterna), e aí a gente ía, mas com o passar do tempo a gente passou a ir pouco, então não é uma coisa assim que a gente sentiu tanta falta, porque a gente terminou que se habituou”.

“É uma pessoa até um pouco agressiva (a mãe), porque é um tanto passional e às vezes não conduz bem a agressividade e até conduz de um jeito meio descortês [...]

" Minha briga final com minha mãe, que foi quando eu saí de casa, foi por conta

de uma briga dela com uma namorada de meu irmão, que eu tomei partido, achei um absurdo, porque ela ultrapassou todos os limites. Eu saí de casa antes de casar.”

Com SOGRO

“[...] eu tenho uma relação muito boa com o pai de Isolda, até porque tem uma diferença de idade, tem a distância, tem poucos interesses em comum, de uma pessoa do interior, que viveu sempre lá, que vem pra cidade e fica agoniado querendo logo vir embora, e eu sou urbano pra caramba, então, não tem afinidade na nossa relação, mas tem muito respeito e posso dizer que temos uma relação muito boa, cordial”.

Com SOGRA

“Ave Eva! É a sogra que eu pedi a Deus! Já pensou a sogra que mora a quilômetros daqui (muitos risos), mas agora é sério, eu acho que eles desempenham um papel muito importante até na vida de meus filhos, porque, eu vejo que eles até lá mesmo no interior, numa criação mais humilde, mais rural e menos urbana, eles conseguiram criar muito bem os filhos; eles têm uma família unida pra caramba, e meus filhos vêem essa relação deles, e o convívio lá no interior, eles adoram ir”.

Com ISOLDA e o parentesco por afinidade

“[...] nos vemos muito pouco, porque eles moram no interior, então, sempre que a gente se vê a relação é assim sempre muito boa (risos), não dá tempo de ficar tensa, mas acho que, pelo perfil deles, não ficaria não, porque são pessoas mais reservadas, que não metem o bedelho na nossa relação, nem na dos nosso filhos também”.

“Quando Isolda está chateada ela não vai e pra mim isso é tranquilo, digo que ela está trabalhando. Porque quando a gente se ver mais é geralmente sábados e domingos, nos almoços de família, e geralmente sábados ela está sempre

trabalhando o dia todo, e quando não está, digo que está e aí, pronto, passa batido”.

**RELAÇÃO DE TRISTÃO COM PARENTESCO POR AFINIDADE
(na perspectiva de Isolda)**

Com SOGRO

“[...] meu pai sempre fala, no Natal, por exemplo, que Tristão pra ele é como um filho. Meu pai é assim, toda vez que eles me ligam, eles perguntam por mim e pelos meninos. Não tem como não perguntar porque é o genro não! Ele inclui toda vez. Não convivem muito, porque eles estão sempre no interior, mas o pouco que se convive, convive-se muito bem!”

“De Tristão com meus pais nem tenho muito o quê falar, porque todo mundo acha ele o máximo! Também Tristão não é de ficar [...] não é aquele cara problemático”.

Com SOGRA

“Ele curte muito o jeito de minha mãe. Eu acho eles muito parecidos até! Gostam de ficar em paz. Então, ele respeita minha mãe; ele respeita meu pai. Então, não tem assim nada de ruim que eu possa falar assim de Tristão com meus pais”.

Na investigação, Tristão confessa a sensação que ainda acompanha ele, de ter sido um incômodo para os pais. Foi, por 4 anos, o único filho do casal, mais educado pelos avós do que por eles mesmo, por imposição dos avós. A relação com os avós paternos é distante, até os dias atuais, convivendo mais com os avós maternos. Com a mãe, sua relação sempre foi muito complicada, por nutrir mágoas da infância.

Com o sogro, Tristão considera ter poucas afinidades, mas isso não dificultou o respeito e cordalidade. Considera que o sogro o trata com muito carinho. Ao falar da

sogra, ironiza o quanto é fácil se relacionar com ela, existindo também muita admiração pela educação que os sogros proporcionaram aos filhos, considerando-os como exemplo de pais, por terem conseguido nutrir tanta união entre os filhos.

Tristão considera muito pouca a constância com a qual vê os sogros e atribui a isso o fato de não ter existido até hoje alguma tensão na relação com eles, apesar de reconhecer que, independentemente de qualquer coisa, são extremamente reservados e não se envolvem na educação dos netos, nem no casamento dos filhos.

A maneira como se dá a relação esposa-sogros é tão compreendida por Tristão que ele criou uma aliança com a esposa quanto aos problemas que surgem entre ela e a sogra. Isolda considera que seus pais acolheram Tristão como um filho, o incluindo totalmente, convivendo pouco com ele, por conta da distância geográfica, mas muito bem, tornando-se fãs dele. Isolda também avalia que sua mãe e Tristão são muito parecidos, quanto ao temperamento e aos hábitos e, que, por isso, se respeitam tanto.

RELAÇÃO DOS PAIS DE ISOLDA
O pai com a F.O.
<p>“Meu pai também não dava muita abertura para a família dele, quando eles namoravam. Quando casaram e tudo, meu pai mudou, principalmente com a família dele, passou a trabalhar na Petrobrás, e minha mãe dizia assim, que por ele ter mais o poder, por estar trabalhando na Petrobrás, todo mundo achava que ele tinha um poder aquisitivo alto e tudo, então, a família ficava muito assim, abarcando ele, achando que ele podia dar tudo. Meu pai, como é uma pessoa muito boa, passou a fazer tudo que fazia lá em casa, na casa de minha vó também. E tudo assim, com brigas e mais brigas e mais brigas”.</p> <p>“Eles tinham uma relação muito de estar ali junto, mas um falando mal do outro. São pessoas que não tem cultura, não são pessoas de irem assim num cinema, são pessoas que geralmente estão ali todo mundo junto bebendo. É essa</p>

referência que eu tenho de avós paternos.”

“Então, tem essa parte assim de ignorância. A gente via um muito apaixonado pelo outro (avós paternos). Eu cheguei a ver Bodas de Ouro deles”.

“Minha vó sempre foi uma pessoa que não era muito fácil, então, assim, desde pequena que ela trabalhava muito na imposição, por exemplo, desde pequena ela queria que a gente tomasse a benção dela, só que meu pai chegou uma vez pra gente e falou que era importante pedir a benção aos mais velhos, aos avós e tudo, mas eu não vou criar vocês desse jeito. Se vocês acharem que vocês devem pedir, vocês peçam, mas se vocês não quiserem, não peçam. A única coisa que eu não quero é que vocês desrespeitem os mais velhos [...] e aí ela não aceitava porque eles não criaram a gente dessa forma, e nem pros meus avós, e ela ficava assim, indignada”.

“Meu pai via algumas coisas de errado de minha vó, mas ele não se envolvia muito. Ele nunca quis aproximar uma da outra, sempre respeitou, porque sabia que minha mãe também era uma pessoa jogo duro, apesar de ser calma e tudo, mas quando toma uma decisão consegue matar uma pessoa dentro dela, e minha mãe deixou isso muito bem claro para ele, que também sabia como era minha vó, então, ele terminou se neutralizando nessa história, cumprindo os deveres de filho normalmente”.

“Por minha vó ser assim uma pessoa bastante dominadora e tal, minha mãe sempre me conta dessa fase de ir morar junto, em que minha vó se metia muito na minha criação [...]”.

“[...] minha mãe eu lembro de ter uma relação tensa com minha vó. Eu lembro de um pouco de tensão entre as duas. Meu avô materno é meu padrinho. Eu amava meu avô!”

O pai com SOGROS

“Meu pai não conheceu meu avô. Ele só teve sogra e a relação deles sempre foi muito boa, porque todo mundo gostava de beber [...]”.

“Depois dessa briga de minha mãe com minha vó paterna, meu pai acabou brigando com minha vó materna quando ela foi passar uma temporada lá, mas dessa briga de meu pai com minha vó materna eu não me lembro, só lembro que

teve a briga e depois meu pai também ficou sem falar com minha avó. Tiveram assim, que deixar de se falar um período um com o outro. Mas meu pai voltou atrás; minha mãe, não, minha mãe jogava duro. Eu acho que ele brigou com minha vó porque minha mãe também era brigada com a mãe dele. Eu realmente não me lembro assim um motivo concreto para essa briga. Só sei que meu pai também não falou mais com ela, e minha mãe respeitava isso, assim como ele respeitava a briga de minha mãe com a mãe dele. Tiveram que um aceitar a briga do outro”.

A mãe com a F.O.

“Meu avô materno também era da Petrobrás. Ele era aquele cara que tratava minha vó assim como uma rainha, que em época de festa contratava não sei quantas pessoas para poder fazer tudo na casa; era muito festeiro. Ele saía muito com minha vó e com os filhos. Minha mãe era que não gostava muito de sair; ficava em casa com os filhos fazendo roupinha de boneca, minha mãe nunca gostou de sair”.

“Ele tratava minha vó muito bem até que infelizmente ele se foi e minha mãe foi quem mais sentiu. Ele teve uma hemorragia quando foi extrair um dente e morreu. Aí minha mãe e as irmãs dela sofreram muito, porque minha vó não trabalhava, tinha uma vida boa, cada filho que minha vó tinha ela passava 6 meses na cama, era por aí”.

“Meu avô com minha mãe era Deus no céu e minha mãe na terra. Ela sofreu muito com a morte do pai. Mas eu também me lembro que minha mãe tinha uma relação boa com a mãe dela e até quando ela foi morar mesmo em Cruz das Almas, ela passou assumir o dia a dia de minha vó”.

“Teve até um episódio de quando minha vó morreu os documentos de meu avô desapareceram. E aí outro dia a gente descobriu que tem alguém que recebia o dinheiro da pensão de meu avô, que minha vó nunca recebeu.

E aí parece que foi uma irmã de minha vó que recebia [...] era um negócio mais ou menos assim, entendeu, e eu só sei que minha mãe conseguiu com um advogado receber alguma coisa, que foi com esse dinheiro que minha vó fez uma reforma na casa. Tanto é que quando minha vó morreu minha mãe ficou toda assim, tranquila,

porque minha mãe ainda conseguiu fazer tudo o que ela quisesse, tudo por ela. Como minha mãe é muito correta então ela fez tudo para que minha vó não se sentisse desamparada”.

A mãe com os SOGROS

“Desde que eu me entendo por gente que eu já percebia que elas já não tinham uma relação boa. Aquela coisa de poder, em relação ao filho”.

“[...] ela fazia de tudo porque minha mãe trabalhava na Coelba, e ela fez de tudo pra minha mãe sair. Ela criava confusão entre meu pai e as empregadas, pra meu pai colocar as empregadas pra fora, várias coisas foram feitas pra tirar minha mãe do trabalho. Mas minha mãe não saiu do trabalho. Minha mãe se acabou muito nesta época, porque meu pai trabalhava de turno [...] a mãe de meu pai era péssima minha relação com ela”.

“Minha vó tinha livre acesso na casa de minha mãe, até um dia, não me lembro quantos anos eu tinha, mas eu me lembro assim lá na casa de minha mãe que ela entrou e aí minha mãe falou pra ela assim: “a partir de hoje você não entra mais na minha casa, você não é mais bem vinda aqui [...] sei que foi consequência dessa briga o que minha mãe falou: ‘- Você está fora da minha vida’. E nisso aí minha mãe ficou 17 anos inimiga dela; sem falar com ela; deletou”.

“Sabe quando ela foi ver minha vó? Já perto de morrer, no Hospital Português. Mas a gente não ficou esse tempo sem ver minha vó não até porque morávamos na mesma rua! Minha mãe é que não ía na casa dela”.

“Minha vó não gostava de meu pai ter casado com minha mãe, mas eu não acho que era porque era minha mãe não; podia ser com qualquer pessoa, ela não iria gostar, iria fazer do mesmo jeito, ou de outro jeito. Tanto que, depois de 17 anos, minha mãe teve que ir no hospital porque ela mandou chamar minha mãe. Imagine que eu vi a cena de minha mãe rompendo com ela, e vi a cena de minha mãe perdoando ela, pra ela poder ir embora. Eu vi o último suspiro de minha vó. Ela chamou minha mãe, que teve que vir de Cruz das Almas [...]”.

“Ela entrou no hospital pra fazer uma cirurgia de vesícula e não saiu mais [...] Minha mãe chegou no hospital e aí ela falou: ‘- Pronto, agora eu posso ir. Minha filha, eu queria te pedir perdão por tudo o que eu fiz a você, por tudo que eu falei.

Você me perdoa? Eu preciso ir embora, minha filha!'. Aí minha mãe perdoou ela. Ela pegou a mão de minha mãe, apertou a mão de minha mãe e deu o último suspiro. Foi de lascar. Tem uns 20 e poucos anos”.

“Meu avô morreu antes, depois ela morreu. É forte; muito forte essa história. Durante 17 anos nem ela ‘ia na minha casa, nem minha mãe ia na casa dela. E as filhas dela, não morriam de amor por minha mãe, mas iam lá, falavam com minha mãe, normal. Mas ela tinha uma dupla personalidade”.

“Meu avô sempre foi muito apaixonado por minha mãe, que era uma pessoa batalhadora, guerreira. Minha mãe nunca foi de falar de meu avô; de minha vó sim”.

Os avós maternos e paternos de Isolda eram vizinhos, moravam na mesma rua, na mesma cidade do Recôncavo Baiano, eram amigos e tinham o hábito de saírem juntos para beber. Ambos os casais viviam de forma harmônica e cúmplice. Eram casamentos exemplares, segundo a mesma.

Quando seus pais se casaram, segundo Isolda, e pela versão contada por sua mãe a ela, as relações do pai com a família de origem dele se modificaram, principalmente por ele ter se tornado servidor público e galgado de melhores condições econômicas: *“Minha mãe conta, não sei muitas vezes se é versão de minha mãe, porque certas coisas a gente tem que ponderar muito, mas ela conta que quando eles namoravam, porque eles namoraram por 6 anos, mas minha mãe diz que meu pai era uma outra pessoa”.*

Começou a se desenvolver uma relação de interesse e disputa de poder sobre esse homem, filho e também esposo, e, assim, sogra e nora iniciaram uma nova fase de discórdias entre as famílias, que durou até o leito de morte de sua vó paterna, quando, após 17 anos sem falar com a nora, sua vó expôs como último desejo em vida, receber o perdão da nora, mãe de Isolda.

A ligação de intimidade e afeto de Isolda sempre foi mais com a família materna, do que paterna. Isolda se aliançou à mãe, por compreender o quanto sua vó paterna

era uma pessoa difícil de se relacionar: *“Devido a essa coisa de terminar os filhos comprando a briga dos pais, aí assim eu sempre respeitei porque meus pais sempre me ensinaram a respeitar os mais velhos, mas eu era do lado de minha mãe. Se ela falasse alguma coisa de minha mãe, eu ia em cima dela”*.

Quando Isolda nasceu, sua avó materna, a quem ela era muito apegada, morava na capital, sua mãe trabalhava num órgão público e necessitava de apoio na educação dos filhos, precisando dos cuidados de sua sogra sobre seus filhos, já que moravam na mesma rua. Isolda, então, passava boa parte do dia sob os cuidados de sua vó paterna, de quem não tem boas recordações.

A mãe de Isolda, após a morte do seu pai, avô de Isolda, ficou responsável pelos cuidados da sua mãe, avó materna de Isolda, mas não podia contar com a ajuda dela como vó, por ela residir na capital. Tempos antes, quando passava um tempo na casa da filha no interior, sua vó materna também teria tido uma discussão séria com seu genro, que optou por romper relações com ela, mas logo depois voltou atrás da decisão, fazendo as pazes com a sogra.

Na época da discussão, e desde quando se casaram, os pais de Isolda moravam na casa que eram dos seus avós maternos, mesma casa onde sua mãe foi criada, situada na mesma rua de seus avós paternos, e foi a partir da briga e do rompimento que seus pais se organizaram para comprar uma casa própria e saíram daquela rua, ainda que continuando a residir muito próximo a eles.

O casal, Antônio e Magda, conseguia, mesmo tendo precisado de apoio da mãe de Antônio para tomar conta dos seus filhos enquanto trabalhavam, ditar as regras de conduta dos filhos, filtrando os ensinamentos que recebiam quando da convivência diária com seus avós paternos.

Quanto à relação com os parentes por afinidade, mesmo com o rompimento entre vó paterna e a mãe de Isolda, as cunhadas frequentavam a casa de Isolda, assim como Isolda e os irmãos também conviviam com seus avós paternos, ainda que não necessitassem mais dos seus cuidados. O pai de Isolda, que não conheceu o sogro, conseguiu conviver com harmonia com a sogra após o desfecho do episódio pontual

de desavença, respeitando a decisão de sua esposa em romper relações com sua sogra, mãe dele.

Adotou por todos os anos uma postura de neutralidade, por entender que se tratava de duas mulheres muito fortes, de temperamento semelhante e com dificuldade de perdoar e reconhecer seus erros, então, nunca se comportou como mediador entre as duas. Seu pai, avô paterno de Isolda, gostava muito da nora, mas também foi fiel à esposa, visitando seu filho às escondidas, mas nunca deixando de se relacionar com a nora, mãe de Isolda, a quem ele tanto admirava.

RELAÇÃO DE ISOLDA
Com F.O.
<p>“Minhas duas avós moravam na mesma rua no interior e eram amigas, de beber açaça. Meus pais eram, então, vizinhos”.</p> <p>“Eu tinha uma ligação muito forte com minha vó materna, que, apesar de morar em Salvador, quando ia para Cruz das Almas, ela ficava na minha casa e a gente amava. Ela morou um tempo lá, não me lembro quanto tempo, mas o suficiente para ter a briga com meu pai”.</p> <p>“Eu tenho uma péssima relação em relação a vó, primeiro assim: eu era mais chegada à outra, que também era muito ausente porque não era muito de ficar em Cruz das Almas”.</p> <p>“Minha mãe acordava 5:00 horas da manhã, ajeitava a gente, deixava a gente na escola, trabalhava, quando dava meio dia, pegava a gente, levava a gente pra casa, dava banho, dava almoço e 13:00 deixava a gente lá na casa dela, porque nós morávamos na mesma rua que minha vó paterna. E isso era horrível, porque ela (vó paterna) deixava a gente (Isolda e os irmãos) a tarde toda sentados no sofá assistindo TV, só saíamos para lanche”.</p> <p>“Ela deixava a gente a tarde toda na TV, aí quando dava 18:00 horas minha mãe pegava a gente, aí a casa a gente deixava de perna prá cima, por conta da energia,</p>

apesar de minha mãe não ter um estudo, ela deixava a gente extravasar e ela ficava lá já passando roupa, lavando roupa, organizando as coisas do outro dia pra poder começar tudo de novo, até arrumar uma empregada, até minha vó procurar confusão com a empregada, até meu pai botar pra fora, enfim, vários acontecimentos”.

“E eu passei por muita coisa, assim, por eu ser a mais velha, eu via, eu entendia, por isso, assim, eu acho que fiquei a mais madura”.

“Eu não me lembro de chorar para não ficar lá não porque lá também tinha minha bisavó, que era uma pessoa doce e equilibrava tudo. E, além disso, tinha um quintal, uma gangorra, e aí ela deixava. Mas eu me lembro de umas coisas que marcaram, da gente sentado no sofá”.

“Meu pai e minha mãe chegaram a se separar também. Nós passamos por tudo isso, mas foi meu pai que voltou atrás, porque minha mãe é jogo duro e eu tô pra ver alguém igual àquela”.

“É engraçado que eu me recordo das coisas de minha vó paterna em relação a minha mãe, mas as coisas de minha vó materna em relação a meu pai eu não recordo”.

“[...] eu sou muito ligada com meus pais, porque até assim, diante do meu crescimento lá com eles, sempre participando de brigas, eu sempre fui uma criança preocupada, e aí isso amadurece muito, então, assim, eu falo com minha mãe todo dia, toda hora, e minha mãe é uma pessoa que ela não invade a minha privacidade, a minha vida [...]”.

Com SOGRO

“Meu tio é uma pessoa boa; que me admira muito, porque eu sou uma pessoa que peito muito ela (a sogra de Isolda); que não dou ousadia; que mostro que é de igual pra igual. Ele fica calado, mas quando ele está querendo falar alguma coisa assim, que ele pirraça ela (a sogra de Isolda), aí ele vai e pisca os olhos pra mim, num sabe?! Eu não tenho muito o que falar dele não”.

“Minha relação com elenunca teve problema nenhum, a não ser coisas que de vez em quando eu pontuo, mas nunca tive assim brigas de dizer nada para ele. Ele é

muito neutro; macaco velho; sabe contornar as situações”.

“Ai... meu tio é uma pessoa (suspirou) [...] Tristão é muito parecido com ele; ele é povão, o trabalho dele exige isso também, mas também é perfil dele. Ele trata todo mundo bem”.

Com SOGRA

“[...] sempre vi que era muito geniosa, tinha o gênio forte, mas nunca tive problema com ela. No meu período todo de namoro eu não tive nenhum problema com ela, do tipo assim: ‘-Vixi, quando eu casar vou ter problemas sérios’; não!”.

“[...] ela, como foi criada no interior e eu também, então a gente tinha, assim, muitas coisas parecidas, entendeu, de menina do interior; O que eu sempre enxerguei é que havia um problema dela com ele, com Tristão. Sempre enxerguei e sempre permaneci neutra, e o que eu podia fazer de ponte para apaziguar eu sempre fiz”.

“Meu casamento, assim, ela ajudou muito; ela tava, ela se comportou como se fosse minha mãe. Coisas que eu sabia que eu não teria de minha mãe, porque não era o perfil de minha mãe de estar ali vendo coisas de casamento”.

“[...] o casamento foi todo feito por mim e por ela. Apesar dela querer muito glamour, mas ela tentou o máximo que ela pôde respeitar muito o que é que eu e Tristão queríamos e até onde eu podia também”.

“Aí, chega o 1º neto, Lucas, em 2008. Foi quando eu tive a primeira briga com ela; ela querendo mandar nas coisas de Lucas, e aí já é demais pra mim”.

“E aí eu fiz o Batizado no Corredor da Vitória, onde Tristão foi batizado, com o mesmo padre [...] coisas assim que eu sabia que eram importantes para ela, que não precisou nem ela pedir, e ela casou lá, entendeu?! Eu só não quis casar lá e ela respeitou”.

“[...]foi quando teve nossa 1ª briga, porque aí ela já tava sabendo por alguém que o aniversário de Lucas a gente já tava vendo a possibilidade de fazer em casa de festa [...] porque ela queria reservar o salão do prédio dela: ‘- Então eu nem sei, porque a gente faz tudo pra vocês e eu não vou nem ter o prazer de fazer o aniversário do meu neto no nosso espaço”.

“Eu não gritei com ela, sabe, porque eu achava que eu não deveria gritar, só falei

que ela estava se precipitando. E ali ela falou e pela 1ª vez eu me senti invadida, porque ela falou pela 1ª vez como se ela estivesse falando com os filhos dela, e aquilo ali pra mim, foi, sabe [...] Resumindo: isso foi em Abril e eu passei Abril, Maio e Junho sem falar com ela”. “[...] depois que a filha dela casou também eu passei a perceber que ela passou a respeitar mais cada um, viver mais com o marido dela, com os amigos deles”.

“Hoje eu acho que ela nota que as pessoas se distanciam muito dela por causa desse jeito dela de invadir, eu sinto que ela hoje tem um cuidado de solicitar, de falar, eu noto isso: essa melhora dela, mas tem coisas que são dela, que vão morrer com ela, e que ninguém nunca vai tirar”.

“Hoje minha relação com ela é uma relação mais madura; uma relação de respeito, em que ela sabe que pode contar comigo e eu sei que posso contar com ela [...]”.

“Aí eu disse assim: ‘- Oh, minha tia, a senhora não quer ir comigo lá não?’ Assim, eu a incluí porque eu acho que isso é importante pra minha relação com ela, porque os meus filhos não me veem muito com ela; coisa que assim, antes deles, eu andava muito com ela, na época de namoro eu andava muito com ela; muito; eu era muito mais filha do que a própria filha dela, então, depois de tudo, teve uma ruptura drástica”.

“Hoje eu saio para os meninos cortarem cabelo, eu e ela, que eu sei que é uma coisa que ela gosta e que eu não gosto; e isso é um prazer pra ela, porque ela fica se cobrando e eu fico com uma pena, porque poderia estar muito mais com os netos, e assim eu vou dando um prazer pra ela de passar uma tarde com os netos, fazer uma coisa diferente, pagar, porque eu sei que ela sempre faz questão dela mesma pagar. Aí ela fica toda feliz, ela mesma liga para o salão, marca”.

“Mas é assim: você faz isso, então, agora você tem que dar um distanciamento. Foi assim que eu aprendi”.

Com TRISTÃO e o parentesco por afinidade

“Quando eu conheci Tristão, eu sempre soube que os pais dele eram muito novos; que Tristão era o filho mais velho, que os pais dele, na verdade, a diferença é de 10

anos em relação aos meus pais”.

“[...] tanto que quando ela desligou eu falei pra Tristão: ‘ - Olhe, a louca da sua mãe acabou de me ligar, gritando pela 1ª vez desses anos todos que eu estou com você, ela me gritou como se estivesse gritando com você, com Milla e com Marcelo, e eu quero te dizer que foi a 1ª e a última, porque eu não vou mais permitir isso”.

“Hoje já não tem mais almoço como antigamente, que era aquela coisa de chamar no final de semana, e ela não respeitava e não admitia que a gente tivesse alguma coisa pra fazer, não queria ouvir ‘não’, então, eu sempre almoçava lá, mas agora diminuiu [...] porque toda vez que chega na mesa é aquele constrangimento, é aquela coisa de ficar toda vez brigando com as empregadas e aí vai ficando todo mundo na mesa constrangido, e eu não quero também meus filhos sendo criados dessa forma, assistindo, na mesa, o que pra mim é tão longe do que eu tive, que eu não quero”.

“A frequência agora é mais em datas festivas. Ela (sogra) busca mais os meninos, então, ela pega, não vai muito lá em casa, como eu também não vou muito na casa deles (sogros), então, eu acho melhor”.

“Eles de vez em quando interferem na vida dos netos, mas não interferem em coisas, tipo, escolha da escola dos meninos”.

“Ele (Tristão) mantém uma certa distância dela (mãe dele) e sempre disse a ela que na casa dele ela seria visita. Imagine eu ter que lidar com isso? E, assim, ver que realmente ele tem razões assim, né, 90% de razão em relação a isso, pelo jeito dela, e tudo [...]”.

“E hoje eu entendo assim: eles (sogros) hoje enxergam Lucas como se tivesse vendo Tristão, porque eles tiveram Tristão quando tinham 20 anos, aí ao invés de cultivarem uma oportunidade de fazerem diferente, ela (sogra), por exemplo, não entende, e faz tudo igual. Ela (sogra) só faz comentários; ela (sogra) não controla nada dos meus filhos”.

“A única ajuda financeira que eu Tristão recebemos é o plano de saúde, que é pago lá pela empresa do pai de Tristão, como se eu, Lucas e Juliana fôssemos dependentes de Tristão no plano”.

RELAÇÃO DE ISOLDA COM PARENTESCO POR AFINIDADE (na perspectiva de Tristão)
Com SOGRO
<p>“Eu fico atento com a relação de Isolda com meus pais, porque eu também já sofri. Mas não fico triste não; fico atento!”.</p> <p>“A relação de Isolda com meu pai é boa. Meu pai é um pouco ‘bom vivã’, a relação é boa, mas já tiveram momentos de tensão, de Isolda ter que falar algumas coisas, dar um freio de arrumação também, até com meu pai, mas é muito melhor, muitooooo melhor do que com minha mãe. Muito menos tenso do que com minha mãe”.</p>
Com SOGRA
<p>“[...] Isolda e ela tinham uma relação melhor, trocavam figurinhas, eram amiguinhas, assim [...] Até (risos) hoje é assim, um pouco, mas também é muito tenso, porque minha mãe é uma pessoa muito invasiva. Ela não respeita muito seu espaço não. Ela quando quer falar, fala; e quando quer dar ordem, dá ordem”.</p> <p>“Da preparação do casamento em diante a coisa foi mudando um pouco. Teve que dar um freio. Não podíamos deixar que ela tomasse conta. Acho que a partir daí. E quando chegaram nosso filhos outro freio teve que ser dado”.</p> <p>“Isolda tá aprendendo com o tempo. Tem horas assim que ela briga, se irrita profundamente, aí fica sem ir lá na casa de minha mãe, aí eu vou sozinho, e ela vai trabalhar; tem vezes que elas estão ótimas, tipo, domingo passado saíram com os meninos, as duas sozinhas. Isolda diz que aprende muito com minha mãe. Ela gosta de minha mãe, agora é uma relação tensa. Uma pessoa difícil”.</p> <p>“Aí minha mãe tem hora que quando Isolda passa muito tempo sem ir lá aí ela mesmo liga pra Isolda e pergunta: ‘- Oh, Isolda, você está chateada comigo?’. Aí Isolda fala”.</p>

Isolda acredita que, por ela ser a filha mais velha e por ter acompanhado a formação da vida conjugal dos seus pais, as dificuldades, as desavenças, o curto episódio de separação deles, a luta por condições melhores, o cotidiano de trabalho, ela se tornou, dentre os filhos, considerada por todos como a de maior maturidade. Foi marcante para ela a forma prática e negligente como a avó paterna a educou enquanto sua mãe trabalhava. Isso gerou uma aliança entre ela e a mãe, a ponto de confessar ter esquecido as discussões do pai com a sogra dele, sua avó materna, mas lembrar de detalhes da relação conturbada de sua mãe com sua avó paterna, sogra dela.

Isolda sempre teve vínculos fortes com a família de origem; é sócia dos irmãos na empresa em que trabalha, e muito unida a eles. Com os pais residindo no interior, ainda assim se comunica com eles diariamente por telefone e sua mãe lhe atribuiu o papel de zelar pelos irmãos na capital, o que ela cumpre com muito orgulho.

Ao falar do sogro, de forma espontânea, surgia novamente a sogra no discurso. Era como se, do sogro, ela não tivesse tanto pra falar: *“Eu tava falando de Antônio e fui pra ela porque a criatura é sempre um negócio mais pesado (risos)”*. Quando discordava do sogro, tinha abertura para falar diretamente com ele e ficava logo tudo resolvido. Ela sente que ele a admira, sobretudo pela postura ousada que ela tem perante a sogra, que muitas vezes faz com que ela e o sogro se unam para testar a paciência da sogra, como numa aliança, porque, segundo ela, o sogro *“sabe contornar as situações como ninguém: è humilde, sincero e demonstra ser um especialista na mulher, com a qual está junto casado há 41 anos”*.

Com a sogra, Isolda se identifica por ter a mesma origem, do interior. Ambas têm o temperamento forte e desde o início do namoro com Tristão via que existia uma questão mal resolvida entre mãe e filho, mas respeitava o silêncio do marido quanto a essas questões. No período do casamento, a sogra assumiu o papel de mãe de Isolda, já que a mãe mesmo morava no interior, resolvendo todos os detalhes do evento com ela. Só com a chegada do primeiro neto foi que começaram as desavenças pela sogra querer comandar a vida da nova família, exatamente como a mãe da sogra fez com ela própria, quando Tristão nasceu.

Mas, Isolda retrata que a partir do casamento de sua cunhada, a sogra passou a respeitar mais a conjugalidade do filho. So que fazem apenas dois anos. De lá pra cá, Isolda sente que a própria sogra fez um balanço da forma de agir dela com as pessoas; do controle que tem necessidade de exercer sobre os parentes. Hoje, elas têm uma relação de respeito, em que Isolda define que momento irá incluir a sogra no seu cotidiano ou não, de acordo com o que a convivência com Tristão o ensinou sobre ela.

O casal, Tristão e Isolda, foi diminuindo a frequência das idas à casa dos pais dele, para preservar as relações e para distanciar os filhos que o casal tem dos hábitos de discussão que a mãe de Tristão tornou frequente na sua família. Lucas, o filho mais velho do casal, é visto por Isolda e Tristão como a oportunidade que os pais dele têm de fazer diferente do que fizeram com Tristão, mas, com isso, terminam excluindo a filha do casal, Juliana, de receber o mesmo que eles oferecem à Lucas. Situação semelhante à que ocorreu com Tristão e os avós paternos, quando tinha seus primos preteridos por eles, e que a mãe dele tanto criticava e ficava inconformada.

Com boas condições financeiras, o único suporte que os pais de Tristão oferecem ao novo casal é o pagamento dos planos de saúde dessa família pagos pela empresa dele, apesar de Tristão e Isolda nunca terem solicitado nem mesmo essa ajuda.

A relação de Isolda com o parentesco por afinidade desperta em Tristão atenção vigilante. Ele considera a relação da esposa com o sogro estável e com a sogra mais complexa, por ela ser mais intrusiva. Ele expõe dois momentos em que já foi preciso ajustes na nessas relações: após o casamento e após a chegada dos filhos. Ele considera que mãe e esposa até se gostam, mas é preciso cuidado e limites; e nessa parte ele é quem tem ajudado.

I) Nível de diferenciação das famílias de origem de cada elemento do casal:

NÍVEL DIFERENCIAÇÃO DAS FAMÍLIAS DE ORIGEM		
TRISTÃO	Pai de Tristão – F.O.	Fam. desconectada
	Mãe de Tristão – F.O.	Fam. diferenciada
	Tristão – F.O.	Fam. diferenciada
ISOLDA	Pai de Isolda – F.O.	Fam. fusionada
	Mãe de Isolda – F.O.	Fam. diferenciada
	Isolda – F.O.	Fam. diferenciada
TRISTÃO E ISOLDA	Tristão e Isolda – F.O.	Fam. diferenciada (tendências)

II) Padrões de interação dos casais:

PADRÕES DE INTERAÇÃO DOS CASAIS – caso 2		
TRISTÃO	Pais de Tristão	Par simétrico
	Pai – SOGROS	Par simétrico
	Mãe - SOGROS	Par complementar
	Tristão – SOGROS	Par simétrico
ISOLDA	Pais de Isolda	Par simétrico
	Pai – SOGROS	Não conheceu o sogro
	Mãe - SOGROS	Par complementar
	Isolda – SOGROS	Par complementar
TRISTÃO E ISOLDA	Tristão e Isolda	Par simétrico

III) Níveis de capacidade de autonomia e negociação no relacionamento dos casais:

NÍVEIS DE CAPACIDADE DE AUTONOMIA DE NEGOCIAÇÃO DOS CASAIS		
TRISTÃO	Pais de Tristão	Par pactuado
ISOLDA	Pais de Isolda	Par pactuado
TRISTÃO E ISOLDA	Tristão e Isolda	Par pactuado

IV) Modelos familiares: repetição ou ruptura

	Modelos familiares: repetição ou ruptura
Antimodelo (Isolda tem a mãe como um antimodelo quanto a ela não conseguir perdoar com facilidade a sogra: medo de repetir)	“[...]Ela matou minha vó dentro dela como se minha vó não existisse. Eu fico com medo porque eu tenho a mesma coisa de minha mãe. Eu tenho essas coisas assim de minha mãe. Era como se minha vó não existisse na vida dela[...]”.
Repetição entre postura do pai de Isolda quanto à relação da esposa dele com a sogra; a postura do pai de Tristão quanto à relação da esposa dele com a sogra; e do próprio Tristão quanto à relação da esposa dele com a sogra (intergeracionalidade)	<p>“Meu pai via algumas coisas de errado de minha vó, mas ele não se envolvia muito. Ele nunca quis aproximar uma da outra, sempre respeitou, porque sabia que minha mãe também era uma pessoa jogo duro, apesar de ser calma e tudo, mas quando toma uma decisão consegue matar uma pessoa dentro dela, e minha mãe deixou isso muito bem claro para ele, que também sabia como era minha vó, então, ele terminou se neutralizando nessa história, cumprindo os deveres de filho normalmente” (Isolda).</p> <p>“Eu acho que meu pai nunca cobrou uma aproximação maior de minha mãe com a família dele não. Eu acho que ele se conformou, já que ele vivia muito no núcleo de cá, com meus avós maternos e minha mãe, que até por ser filha única a família que ela tinha eram eles dois (meus avós maternos) e a gente, então, ela abraçava era a gente! Naturalmente ela queria era que meu pai viesse pra dentro do núcleo dela!”(Tristão).</p> <p>“Eu fico atento com a relação de Isolda com meus pais, porque eu também já sofri. Mas não fico triste não; fico atento! Eu tô sempre com eles quando preciso estar, levo sempre os meninos. Quando Isolda está chateada ela não vai e pra mim isso é tranquilo, digo</p>

	<p>que ela está trabalhando. Porque quando a gente se ver mais é geralmente sábados e domingos, nos almoços de família, e geralmente sábados ela está sempre trabalhando o dia todo, e quando não está, digo que está e aí, pronto, passa batido” (Tristão).</p>
<p>Repetição pela mãe de Tristão do padrão intrusivo da sogra dela</p>	<p>“[...] ela repetiu o erro da mãe dela, de minha vó Clotilde, de ser intrometida, invasiva, ela quis repetir, só que a diferença é que eu não dependia dela, já morava só, então, fui dando logo um corte”.</p>
<p>Repetição da coabitação das avós maternas com os pais (casal)</p>	<p>“Minha vó passou um tempo que morou na nossa casa, mas meu pai, como era muito ausente, assim, não tinha muito... Eu tinha uma ligação muito forte com minha vó materna, quando ela foi morar mesmo em Muritiba, ela passou assumir o dia a dia de minha vó. Tanto é que quando minha vó morreu minha mãe ficou toda assim, tranquila, porque minha mãe ainda conseguiu fazer tudo o que ela quisesse, tudo por ela”. (Isolda)</p> <p>“[...] minha vó adoeceu, teve Alzheimer, e meu pai pagou cuidadoras para ela até o dia da morte, morando lá em casa[...] como eu morava com meu avós maternos, eu também era muito ligado a eles, muito mais do que a meus avós de parte paterna [...] Eu morei com meus avós maternos na infância e depois morei com eles no final da infância, no início da adolescência”. (Tristão)</p>
<p>Desejo de Tristão em repetir a relação de interação que o pai dele teve com o sogro, mas não conseguir.</p>	<p>“E quando penso na de meu pai com os sogros dele vejo que era de muito mais amizade do que a minha com meu sogro, porque eles conviveram por muito mais tempo, moraram juntos convivendo no mesmo tempo, então, puderam nutrir e desenvolver uma relação muito melhor do que a que eu tenho com meu sogro, pela distância. Mas eu não sei se isso foi um aprendizado pra mim; se eu uso isso na relação com meu sogro não [...]” (Tristão)</p>

Análise do CASO 2:

O casal Tristão e Isolda tem, individualmente, pela história de vida de cada um nas respectivas famílias de origem, muitos aspectos em comum. Existem relações que se estabeleceram entre as famílias de origem e por afinidade, por razão do casamento dos filhos, e que resultaram em alianças econômicas e de moradia.

Tanto Tristão quanto Isolda foram criados pelos avós, inclusive, tendo seus pais escolhido os avós maternos como padrinhos. Religiosamente aptos a exercerem a paternidade, caso ocorra algum tipo de ausência dos pais.

No caso de Tristão, sua família enfrentou uma gravidez não-planejada; perdas financeiras, tanto da família materna, quanto da paterna, em diferentes épocas; em determinada época, todos os membros homens da sua família trabalhavam num mesmo lugar: pai, avô materno e avô paterno, selando um laço de parceria entre a família extensa. E em outro momento, esses avós paternos e maternos também passaram a ser vizinhos, residindo num mesmo apart hotel, em andares diferentes.

Quanto a Isolda, os avós já eram vizinhos e “amigos de cachaça”, como ela mesma citou; seus pais tiveram inúmeros problemas por conta de infidelidade do pai para com a mãe, levando-os à separação, por um tempo curto; sua mãe cortou relações com a sogra por um longo período de vida; com isso, é muito mais apegada à família materna, do que paterna, assim como Tristão.

Esse caso fortalece a ideia do senso comum de que há uma tendência da mulher “puxar” o marido para a família dela. Foi isso que ocorreu tanto com o pai de Tristão, quanto com o pai de Isolda, que tiveram vínculos mais fortes com as famílias da esposa, do que com as suas de origem.

Essa tendência foi estimulada à investigação justamente por ser observada no senso comum: na maioria dos casamentos, as mulheres desejam que as regras da sua família prevaleçam, por acreditarem que são elas as responsáveis pela preservação e sequência das tradições familiares, já que são elas quem procriam (BOWDITCH; SAMET, 2004).

Assim, o referido caso ilustra a teoria, confirmando que os membros do novo casal também passaram a ter maior identificação com os avós maternos do que com os paternos. Tristão, inclusive, acredita que foi o contato íntimo do pai com a família da mãe que, provavelmente, tenha causado grande impacto no sistema de valores do pai dele e na maneira como ele cresceu como marido e pai: “A dinâmica da nossa família reflete muito mais a família da minha mãe do que a dele”. Ele arrisca em dizer que seu pai se tornou mais parte da família dela do que ela parte da família dele.

Este casal está na fase de aquisição (CERVENY, 2010), passando pelo fenômeno ‘vivendo a parentalidade’, que caracteriza esta fase e que gerou muitos ajustes no cotidiano do casal, quanto às interações familiares.

Ambos se referem aos sogros utilizando o termo “tio” e “tia”, exatamente como se referiam a eles quando eram apenas amigos, antes de namorarem, e os tinham como tios, pais do(a) amigo (a). Em algumas regiões do Brasil o termo que se utiliza para referir aos irmãos/irmãs dos pais é também extensivo às pessoas mais velhas, pelas quais nutrimos carinho.

Radcliffe-Brown (1969) assegura que os termos utilizados para denominar os parentes carregam uma significação social e indicam a maneira como as pessoas envolvidas numa determinada relação de parentesco se reportam umas às outras. Ao chamar os sogros de tio/tia, inconscientemente, trazem uma entonação de família, de pertencimento, e de expressão de carinho, revelando que, até com os sogros com os quais as partes têm ou já tiveram alguma desavença, esta não chegou ao ponto de modificar a forma de tratamento que adotaram desde o início da relação.

Quanto às experiências com o parentesco por afinidade, vivenciadas nas famílias de origem, classifica-se as famílias, segundo Bowen (1989) e Kerr (1981; 1984), ao desempenharem a função de facilitadoras ou inibidoras do desenvolvimento do nível de diferenciação de *self* de seus membros, como famílias diferenciadas, tanto a família de origem de Tristão perante Tristão, quanto a família de origem de Eva com

Eva, além de perceber tendências ao casal estar se constituindo como uma família diferenciada.

Sobre os padrões de interação dos casais, considerando as definições de interação complementar e simétrica (WATZLAWICK, BEAVIN ; JACKSON, 1973) fica definido as experiências de Tristão e de Isolda nas respectivas famílias de origem com pares simétricos. E, enquanto casal, estão se comportando também como um par simétrico.

Quanto ao padrão de funcionamento interacional, que revela o nível da capacidade de negociações intracasais (ROMANO ; DESTAL, 1994), os pais de Tristão, os de Isolda e o próprio casal Tristão e Isolda classificam-se enquanto “pares pactuados”. Ou seja, os modelos de funcionamento interacional de cada núcleo conjugal exerceram influência no estilo de conjugalidade que o casal Tristão e Isolda desenvolveu. O aspecto intergeracional, no que se refere à conjugalidade, foi valorizado por cada membro, que apresentou o casamento dos avós e dos pais como relacionamentos admiráveis, capazes de proporcionar a cada cônjuge viver a própria individualidade, estando casado, o que o casal estudado também tenta manter.

Foram expostos modelos familiares que foram repetidos ou rompidos pelo casal: Por medo de repetir a relação que a mãe teve com a sogra, Isolda a tem como um anti-modelo nesse aspecto; Houve repetição por parte de Tristão do modelo de postura que o pai de Isolda e que seu próprio pai adotaram com as esposas perante a relação delas com as respectivas sogras; Repetição pela mãe de Tristão do padrão intrusivo da sogra dela, apesar de ser algo que tanto criticou; Repetição da coabitação das avós maternas com os pais (casal) e um marcante desejo de Tristão em repetir, mas não conseguir, a relação de interação que o pai dele teve com o sogro.

Descrição do CASO 3:

RELAÇÃO DOS PAIS DE ROMEU
O pai com a F.O.
<p>“[...] eu sei muito pouco da mãe de meu pai, a história que eu soube já é, era depois de falecida, que ela saiu, acabou casamento com o meu avô quando meu pai e os irmãos ainda eram pequenos. Meu avô que criou e meu pai foi morar com alguma tia [...] na verdade eu desde que conheci meu avô ele já era casado com tia Diva, que é a madrasta de meu pai, que inclusive é mais jovem que meu pai [...]”.</p> <p>“[...] meu pai era o único que já tinha determinado que não queria continuar lá, que queria fazer a vida dele e tudo mais, desde pequeno e começou a procurar outros caminhos”.</p>
O pai com os SOGROS
<p>“[...] meu pai tinha o pai de minha mãe e a mãe de minha mãe como pais. Eu não era nascido, mas eu sei porque ele sempre falou, era o conselheiro de meu pai. Foi meu avô que ajudou meu pai quando começou a trabalhar e construir a vida dele e tudo mais. O carro que meu avô tinha dado à minha mãe, ele vendeu o carro e comprou um táxi para trabalhar, que era de meu avô, que sempre deu todo apoio a meu pai e todo incentivo. Na verdade, meu pai sempre foi muito próximo dos pais de minha mãe; era um filho”.</p> <p>“[...] minhas tias todas são viúvas, todas, e meu pai sempre foi o chefe da família para todas as irmãs, para meus primos e para toda família, família da minha mãe, porque todos os meus primos perderam os seus pais, tudo mais, então tudo que se ia resolver ele era a referência, o chefe da família [...]”</p>
A mãe com a F.O.
<p>“[...] a presença do meu avô, pai da minha mãe, sempre foi muito forte, tanto que hoje, que até hoje, constantemente, ela fala dele, chora pela falta dele e tudo, sei</p>

que foi um grande incentivador da vida dela, uma pessoa que ela admirava muito; uma pessoa muito correta, muito direita, mas meio mandão assim, sabe?”

“[...] meu avô, antes de falecer, inclusive pegou a casa dele e construiu no terreno da casa dele 5 casas para as 5 filhas e a casa que era a casa dele, ele dividiu para as 5 filhas[...]”.

“Minha mãe sempre foi a âncora de toda a família dela, então, na família de minha mãe ninguém nunca faz nada sem que seja de acordo com ela, porque ela, por ter o temperamento muito parecido com o do meu avô, acabou assumindo o lugar dele dentro da família [...] tinha de resolver as coisas, de determinar, de decidir, de impulsionar, de dar segurança e tudo mais.

“[...] minha mãe quando era jovem ainda, antes de casar com meu pai, na verdade, saiu de casa, foi a única filha, como todas as filhas, costuravam, cozinhavam, etc, minha mãe saiu pra vim morar em Salvador, pra estudar e depois pra trabalhar aqui e assim, o primeiro carro dela, que ela conta direto a história, foi meu avô que deu, quando ela ainda nem sabia dirigir, nem sabia nada e ele determinou que ela ia dirigir [...]”.

“ [...] na família de minha mãe, embora não tivesse meu avô e minha vó, até porque as irmãs todas moravam juntas, todos moravam no mesmo terreno, então, sempre teve Natal, em que todo mundo se reunia na casa de uma das irmãs”.

A mãe com os SOGROS

“ [...] minha mãe que sempre teve meu avô e tia Diva como também pais dela, então era minha mãe que organizava e que falava, minha mãe chamava meu pai de ‘Preto’: ‘ - Preto, nós vamos passar o natal em Palmeiras (interior da Bahia) ’ ”.

“Minha mãe era como se fosse filha do meu avô, ligava toda semana, conversava, ela que ligava pra passar pra meu pai [...] era uma excelente nora”.

“Mas, enfim, se ela visse que tinha passado dois anos seguidos o Natal aqui, ela já falava a meu pai: ‘-Temos que ir passar lá na casa de seu pai”.

“ [...] a viúva do meu avô, que é a madrasta meu pai, tá viva, mas já não tem tanto contato, tipo, eu não tenho mais tanto contato com ela, mas minha mãe fala com ela, tipo, semana sim, semana não, porque podia ser só por causa da relação que

tinha com meu avô, mas não, a madrasta de meu pai, inclusive, tinha carinho e tinha a minha mãe como uma filha, mais do que os filhos do meu avô, ela tinha minha mãe como uma filha”.

“[...] tinha essa distância da família, distância física de cidade e tudo mais [...] minha mãe acompanhou o sogro durante todo envelhecimento dele, a questão da doença foi ela quem acompanhou, quem ajudou a tratar, quem providenciava médico [...] tudo que meu avô tinha, que morava no interior e tinha que vir pra cá pra fazer exame, sempre foi a minha mãe que fez com ele, então meu avô vinha e ficava na nossa casa, era minha mãe que levava, com meu pai, óbvio, mas quem fazia, quem movimentava tudo era a minha mãe e até hoje meu avô faleceu e até hoje minha mãe cuida da família dele”.

“[...] na verdade todas as irmãs de meu pai, todos os irmãos de meu pai e todos os meus primos tem minha mãe como uma segunda mãe”.

Romeu revelou aspectos relevantes acerca das experiências dos pais com suas respectivas famílias de origem e parentesco por afinidade. Existem muitas coincidências nas vivências de seus pais com os familiares. Por exemplo, ambos foram os primeiros das suas respectivas famílias a decidirem galgar novos caminhos na capital, tendo o incentivo de seus pais e depois, na ausência deles, assumindo o papel de filhos parentais, sendo atribuído a eles, pelos próprios parentes, o papel de chefes das famílias. Curioso é que quando se casaram, seus cônjuges também passaram a exercer um papel importante e de agregador nas novas famílias.

Na família do pai de Romeu, é importante ressaltar que a mãe dele ainda era considerada pelos cunhados e sobrinhos como a segunda mãe, ocupando um lugar que nem mesmo a madrasta de Romeu assumiu. Esta madrasta, sogra da mãe de Romeu, inclusive a considerava mais filha do que as próprias filhas e filhos que seu esposo já tinha, da relação anterior que teve com a vó paterna de Romeu, que sumiu, não se sabe ao certo o porquê, deixando o avô de Romeu com os filhos, o que o levou à decisão de mandar o pai de Romeu para ser criado por um tio.

O pai de Romeu teve todo o suporte necessário para começar sua vida profissional do próprio sogro e a mãe de Romeu também teve o suporte emocional dos sogros, apesar da distância, tendo sido sempre ela a responsável por manter a aproximação do esposo com sua família de origem, apesar da distância física. Foi ela a responsável por cuidar do sogro na velhice e no seu adoecimento até a morte, mantendo até os dias atuais uma vinculação forte com seus parentes por afinidade.

RELAÇÃO DE ROMEU
Com F.O.
<p>“Quando eu nasci, meu pai já tinham uma certa idade avançada, 40 anos, 40 e poucos anos, meus avôs, pais de minha mãe, já eram ambos falecidos, o que eu sei contar da história dos meus avôs, pais de minha mãe é o que eu ouço da família falar, da minha mãe falar”.</p> <p>“Sempre foi muito boa, de briga e amor o tempo todo [...] junto com meu pai e minha mãe é tipo, o amor não significa necessariamente você concordar, nem aprisionar, nem querer que pense da mesma forma, nem que aja da mesma forma, nem que esteja ali [...]”.</p> <p>“[...] minha irmã, que, na verdade, é minha prima, filha da irmã de meu pai, foi adotada por meu pai e minha mãe e minha irmã sempre tratou tanto minha mãe quanto a mãe dela como mãe e a mim e aos outros irmãos dela como irmãos e nunca teve distinção nenhuma, nunca tivemos uma relação de primo e essa questão acabou fazendo com que, na verdade, se tornasse uma grande família [...] não tinham a mãe na figura da madrasta, da mulher do meu avô, eles não tinham, eles não a tinham como mãe [...] como minha mãe sempre foi quem fazia tudo da família de meu pai mesmo, todo mundo sempre a teve como a mãe”.</p> <p>“Na verdade, a minha mãe é a grande agregadora [...] sempre quem fez e agregou e que manteve, quem foi buscar minha irmã para criar, foi minha mãe, não foi uma iniciativa do meu pai, e se você perguntar inclusive a minha irmã, acho que a relação dela com minha mãe é, aparentemente, sempre foi, melhor com a minha mãe do que com o meu pai, que era o tio dela, carnal dela”.</p> <p>“[...] na verdade, quem organizou até a ida de minha irmã foi tia Diva, a madrasta</p>

de meu pai [...] com 6 anos, mas ela pegou pra criar dizendo é sua filha, continua sendo sua filha e vai ser minha filha também, mas não deixa de ser sua filha, então toda época do ano, o tempo todo a mãe de Karina, ia lá pra casa, e as irmãs dela eu tenho como irmãs minhas, que moram no interior. Virou, na verdade, uma grande família, assim como a mãe de Karina é como se fosse uma mãe pra mim, entendeu? Pelo simples fato de ser mãe da minha irmã já é como se fosse uma mãe pra mim”.

“[...] meu pai sempre foi muito mais reservado, meu pai era, sempre foi aquela pessoa que observa tudo, vê tudo, tem a exata noção de tudo, meu pai é uma pessoa e eu tenho a certeza que ele sabe exatamente o que é ou o que deixou de ser, observando, ele não fala, talvez por isso ele tenha sempre a melhor noção, porque ele ouve e vê muito mais do que fala e expõe [...]”.

“ [...] acho que eles têm ela (Julieta) como uma filha se duvidar pelo menos a razão, sempre dão mais a ela do que a mim né? É um fato!”.

Com SOGRO

“Meu sogro faz de tudo pra não ter qualquer embate, qualquer briga, qualquer coisa, aí depois não dorme, fica preocupado [...] eu não tenho discussão com meu sogro, mas também meu sogro não tem discussão com ninguém [...]”.

“Eu admiro e amo o meu sogro e minha sogra muito, muito mesmo, mas ao mesmo tempo tenho muito ciúmes, muito, muito ciúmes e tenho uma incompatibilidade, mas uma incompatibilidade, por quê? Como eu sempre vi meu pai e minha mãe dizer, como eu sei que meus pais me amam e nem por isso eles me prendiam e me seguravam, eu não consigo, nunca consegui, mas hoje eu já passei até a entender e aceitar mais, mas não significa que eu goste né da possessividade que eles têm sobre os filhos, então, tipo assim, é uma disputa, eles disputam por nós estarmos na casa deles, porque Natal tem que ser lá, porque tem que ser isso, aniversário, tudo, eles sempre tiveram muito isso e eu nunca concordei com essa forma de pensar e agir que já tive várias discussões, inclusive com Julieta, brigas, enfim, porque eu acho isso até por conta de como eu fui criado, pra mim é um egoísmo, avalei isso como sendo egoísmo [...] eu tô pra ver quem tem tanto amor e demonstrou tanto amor para com filho como meus

pais, então eu não conseguia enxergar essa possessividade como sendo simplesmente amor [...]”.

Com SOGRA

“Minha sogra eu acho que se parece muito mais comigo, de falar as coisas, de enfim, tanto que a gente tem as nossas discussões [...] é tipo assim, eu tô aqui com ela, eu achei isso, ela acha aquilo, rebate, pápápá 2 minutos e ali mesmo acabou [...] eu tenho discussões pontuais e muito raras, mas assim discutiu aqui, meu sogro se mete: ‘-Oh, Telma, não sei o quê, nananam...’”, ou Julieta se mete, nananam e a gente ainda fala ‘-Pelo amor de Deus, não se mete!’ e a gente, inclusive, um com o outro, ficamos rindo dos outros [...]”.

“Sou muito mais parecido com a mãe de Thais e penso muito mais de acordo com a mãe de Thais do que com o pai”.

Com JULIETA e o parentesco por afinidade

“[...] ela foi administrando [...] uma coisa que eu admiro muito [...] ela sempre tentou me mostrar o seguinte: eu amo meus pais, a minha família e eu nunca vou brigar com eles por nada, assim como amo você, nós temos a nossa família, eu não vou brigar com vocês por causa deles, agora, se vocês me amam, vocês têm que fazer por mim [...] E aí eu comecei a perceber e falar: Pô, é criancice, porque, tipo assim, se meu sogro e minha sogra me tratam como um filho, se fazem tudo que eu quero, se me paparicam, se tratam bem, pô, é natural que eles queiram a filha deles e que eles me queiram e queiram as netas junto deles, tipo assim, eu tenho que simplesmente saber administrar, não precisa criar um conflito porque eu sempre quis que eles percebessem, eu não queria só simplesmente não ir, eu fazia porque queria que eles vissem [...] eu queria dizer: ‘- Oh, isso que vocês estão fazendo não é certo, vocês não têm que priorizar vocês, vocês têm que priorizar a sua filha!’”.

“A nossa relação sempre foi muito boa, a única questão que tem, na verdade, é uma questão de posse, porque eu também sou muito possessivo [...] que é a disputa por Julieta, pela pessoa, pela atenção dela, uma disputa que eu eu sozinho comprava, de querer estar próximo da minha família, que era uma disputa

individual, né? Porque meu pai e minha mãe não estavam muito nem aí, nem minha irmã, e eu era que ficava brigando”.

“[...] agora tem uma figura nova que surgiu nisso tudo que tem a ver com sogro e sogra e etc, que foi a presença do meu concunhado, que deu uma dinâmica nova porque ele mexe com essa questão do ciúme e tudo mais. Ele é extremamente ciumento, declarado, e o meu ciúme não era bem ciúme, na verdade, o meu ciúme era uma resposta, era uma resposta a não concordar com uma determinada atitude dos meus sogros [...] ele tem ciúme, tipo, se faz isso por mim, tem que fazer por ele, e isso despertou sim um pouquinho de ciúme meu em relação a meu sogro e minha sogra”.

“[...] tipo assim, peraê, eu sempre briguei que não queria isso, mas agora me incomoda que outro tenha isso, mas ao mesmo tempo, como eu falei: ‘- Pôxa, graças a Deus que tem ele, que ele quer assim’, eu não tenho que ficar nessa disputa, então é tipo assim, é ótimo, por que? Desperta em mim, o que é que tem de ruim em meu sogro e minha sogra me querer na casa deles, de quererem me paparicar, de quererem fazer as coisas, e ao mesmo tempo é bom porque eu brinco com ciúmes dizendo: ‘- Ah, tenho ciúme, tenho ciúme, mas, no fundo, no fundo, tô adorando que ele vá, fica, vai, é bom que consegue o equilíbrio, que era o que eu queria, então”.

RELAÇÃO DE ROMEU COM PARENTESCO POR AFINIDADE (na perspectiva de Julieta)

Com SOGRO

“Com meu pai uma relação é de muito respeito, que eu acho que é, e é muito imposta por meu pai, as relações de meu pai são muito respeitadas, ele não é de ocupar o espaço de ninguém [...] hoje está se tornando uma relação de pai e filho, porque em momentos críticos da vida de Romeu ele procura meu pai e deixa meu pai extremamente feliz com isso, extremamente feliz, problemas de trabalho sérios, problemas de vida, ele faz o movimento de procurar meu pai, ligar sem eu saber, sem me perguntar: ‘- O que você acha de eu ligar pro seu pai’, antes ele

fazia isso, hoje ele já fala: 'Liguei pra seu pai e conversei isso, isso, seu pai disse para eu fazer isso e isso' e ele está mudando a opinião dele, assim, ele já está começando a seguir o que meu pai fala, que é de ser mais conservador, de ser mais pé no chão, de ser mais realista, né?''

Com SOGRA

"[...] foi uma relação de muito conflito, principalmente Romeu com minha mãe, porque essa questão de ciúmes, minha mãe não diz, mas tem também porque ela quer a gente grudado nela o tempo inteiro, agora com esses anos de casados melhorou muito, eles passaram a se respeitar mais, minha mãe passou a entender mais Romeu e a gostar".

"Depois que as meninas nasceram, ele precisou da ajuda de minha mãe e meu pai com as meninas, então ele passou a aceitar e minha mãe também, que eu acho que percebeu essa situação porque Romeu também é de falar, tem essa facilidade, ele é sincero, ele fala tudo, na cara, às vezes fala da pior forma possível, né? "[...] hoje ele liga e pede ajuda a minha mãe, alguém que possa levar no médico uma hora que a gente não pode, e que pode levar no Ballet, né? No ano passado minha mãe pegava as meninas na escola todo dia [...] então ele pediu a minha mãe, baixou a crista, como se diz, e pediu a minha mãe essa ajuda e ele começou a retribuir a minha mãe também por tudo isso que ela fazia, fazendo o que ela gosta, que é indo lá almoçar final de semana, indo pra Villas, não é com presente, é com presença, né?"

"Meu pai hoje já tem ele como filho mesmo, mas com minha mãe só se for um filho rebelde (risos) porque minha mãe e Romeu discutem como quê, né? Assim, do jeito deles, baixa dona Dilma em minha mãe e aí ela fala tudo o que pensa, se chateia com ele e no dia seguinte, aí ele percebe, aí liga pra ela: '- Oh, minha sogra, faça um docinho de leite pra mim', aí pronto, ela já esqueceu tudo".

Quando Romeu nasceu, seus avós maternos já eram falecidos, e da família paterna, ele tinha como avós o pai de seu pai, já casado com a madrasta de seu pai, a quem ele chama de Tia Diva, e não de vó. Antes dele nascer, como seus pais ainda não tinham filhos, adotaram uma sobrinha, filha de uma das irmãs do pai, com menos

condições financeiras, por sugestão da própria madrasta de seu pai e iniciativa de sua mãe, que antes garantiu a anuência da cunhada e garantiu a mesma o seu lugar de mãe.

Essa história mobilizou a família de origem de seu pai a se misturar com sua família nuclear, proporcionando a Romeu e aos seus primos um parentesco ampliado, em que primos eram tidos como irmãos e tios como pais, formando uma grande família. Inclusive, sua irmã adotiva sempre teve mais consideração e melhor relacionamento com a mãe dele, que biologicamente não era parente dela, do que com o pai dele, seu tio biológico.

Para Romeu, sua relação com a família de origem sempre foi uma relação de amor e brigas constantes, atribuídas à idade avançada de seus pais, e mais o temperamento forte de todos. Apesar dos seus pais tratarem sua irmã com igualdade, Romeu sempre sentiu que eles viviam em torno da felicidade dele e do que ele achasse correto. E quando ele se casou com Julieta, esta também passou a também ser tida como uma filha, assim como estes sogros foram tratados quando estavam nos papéis de genro e nora.

Romeu admira os sogros, que desde o início demonstraram o interesse de recebê-lo como um filho, mas recusou por muito tempo este lugar, como uma forma de fazer seus sogros refletirem sobre a conduta considerada por ele como egoísta em quererem sua filha primogênita por perto (Julieta), incondicionalmente. Estabeleceu-se entre eles por muito tempo um conflito de posse e clima de disputa.

Apesar de se identificar bem mais com o jeito de ser e de pensar de sua sogra, sempre relacionou-se melhor com seu sogro, que, segundo ele, tem uma postura mais pacata, exatamente como a que o pai dele assumia enquanto sogro. Foi, segundo Romeu, a postura de Julieta em se manifestar diante de se sentir sufocada e confusa tendo que mediar as relações dela com os pais e dela com o marido, que garantiu uma reflexão da parte dele em torno destas relações e uma posterior mudança de comportamento, mediante a ideia de que existem perfis diferentes no desenvolvimento de cada papel social, seja ele de pai, mãe, sogro e sogra, e que não existe um melhor ou pior que o outro.

De acordo com Romeu, Julieta identificava que ele teria criado uma expectativa quanto a postura dos pais dela como pais baseada nas experiências que ele teve na família de origem. Esses choques de realidade entre as experiências na família de origem e as novas experiências com o parentesco por afinidade permearam todo o discurso de Romeu durante as entrevistas.

Conforme Julieta, o tempo foi um importante aliado nos ajustes destas relações entre Romeu e seus sogros. Cada vez mais, Romeu está se tornando um filho para seu pai, pedindo a ele, inclusive, conselhos, e discutindo aspectos da sua vida profissional, exatamente como seu pai lhe contou que também obtinha do sogro dele. Quanto a relação com sua sogra, para Julieta, ocorreram mudanças a partir do momento em que o casal passou a precisar dos cuidados da mãe dela como avó. Julieta caracteriza a relação de Romeu com a sogra como uma relação de um filho rebelde, daquele que perdoa a sogra por algo que ainda o desagrada, pela lembrança do que ela proporciona às suas filhas, no papel de avó.

RELAÇÃO DOS PAIS DE JULIETA

O pai com a F.O.

“[...] meu pai é aquele cara do interior, que foi criado com valores, de família, de religião, altamente conservador [...] meu pai, por ser o primeiro da família, aquele filho que veio para Salvador pra ajudar a família, que estudou, que entrou na faculdade, primeiro ele entrou na faculdade, né? [...], então ele veio com esses valores, com essas crenças [...]”.

“[...] os irmãos de meu pai não têm muita condição financeira, com a exceção de meu pai e um tio, os outros não têm, então meu pai e meu tio sempre assumiram muita coisa de minha avó e meu avô, plano de saúde, pagar uma empregada doméstica, os remédios, tudo mais, porque só com a aposentadoria, só de INSS, que é salário mínimo, que meu avô só tinha nível médio, eu acho, minha vó provavelmente também e aí, minha vó doente, eles fizeram um rodizio para os finais de semana porque pagava a enfermeira, mas era muito caro final de semana,

então cada final de semana era de um filho e aí ia o filho com a esposa ou com o marido [...]”.

O pai com SOGROS

“Não sei, acho que talvez meu pai considerasse ele como sogro, eu acho, eu acho que sim, porque eu não sei se quando meu pai conheceu, ele, ele já tinha se separado de minha avó, eu acho que não [...]”.

“Tinha ligação com meu pai, meu pai porque era uma pessoa de nível, era de nível cultural, social, sabe? que teve esse grande amor por minha avó. Meu pai, que é super conservador, ele aceitava porque como meu pai diz, ele era um cara tão bacana, tão respeitoso assim, apesar de tudo né?”.

“Foi uma relação no início muito difícil, porque minha vó era o oposto da mãe de meu pai, o oposto [...] teve que entender porque se ele escolheu a minha mãe, ele teve que entender que minha vó era diferente e sempre tratou minha vó com muito respeito, mas sempre assim, ‘ela lá e eu cá, eu não quero ela dentro da minha casa’. Minha disse que no início do casamento foi muito difícil que ela precisou se afastar de minha vó porque senão ela não ia conseguir manter o casamento porque as coisas na casa de minha vó eram muito complicadas, de muita briga, e minha vó é altamente autoritária, mas ela teve que ser, ela teve que comandar a vida dela e dos filhos, né? Mas altamente autoritária, então se permitisse ela entrava aqui e dizia a meu pai como era que tinha que fazer as coisas [...].

“[...] ele não queria isso pra minha mãe, de jeito nenhum, ele não queria que minha mãe brigasse com a mãe né?”.

A mãe com a F.O.

“[...] minha vó Dilma era mais bruta e mais bruta por causa disso, que a vida fez ela ficar assim e ela era comerciante, ela tem uma, ela tinha na época um pensionato lá nos Barris para receber moças do interior, que hoje ela tem até hoje, não é só de moças, virou como se fosse uma pousada, então era uma casa de entre e sai [...]”.

“[...] ela viveu isso, de ter sempre uma família grande, todo mundo junto, todos os irmãos juntos, então minha mãe até hoje ela não gosta de dormir só, ela tem medo

de dormir só”.

“Porque o jeito de minha avó Dilma foi um jeito que assustava muito, nessas datas de comemorativas normalmente ela brigava com algum dos filhos, estragava a festa [...] ela sempre foi muito compreensiva com minha vó”.

“ [...] o pai de minha mãe morreu minha mãe devia ter eu acho que uns 6 anos, 7 anos, ela tem boas memórias do pai, ela lembra do pai e tinha excelentes memórias do pai e minha avó que aí vem a história, que minha avó, é assim, minha avó ainda morando no interior que é uma cidade chamada Correntina, que eu não sei nem onde é isso no mapa de tão interior que é, minha vó conheceu um Engenheiro e se apaixonou por esse Engenheiro e ele se apaixonou por minha avó, ia lá para o interior pra fazer alguma obra, alguma coisa, esse não é o mesmo pai de minha mãe, depois que ela ficou viúva, foi quando ela ficou viúva lá no interior, ela conheceu esse Engenheiro, engenheiro de Salvador, imagine, ia fazer uma obra lá em correntinha, bonito, bem sucedido e minha vó, meu pai me disse, que era uma mulher muito bonita, de chamar atenção, aquele mulherão assim, forte, tal, e ele se apaixonou por minha avó e eles tiveram um relacionamento de muitos anos, de muitos anos e ele assumiu os filhos de minha avó como pai, no sentido de orientação, de aconselhamento”.

“[...] minha mãe e uma das irmãs têm o hábito de uma vez por semana as duas juntas irem visitar minha vó [...] agora que minha vó tá bem doente e tudo mais é um suporte, agora minha vó tá precisando muito delas[...]”.

“[...] minha vó sempre foi muito independente [...] já chegava abalando muito, sempre onde ela chegava, chegava abalando tudo [...] as lembranças que ela tem do pai é de ser uma pessoa calma, bem humorada, acolhedora, da paz, muito da paz, que é o oposto de minha vó”.

“Minha mãe teve que se afastar muito e ela sofreu por ter que se afastar porque ela vivia nessa, de todo mundo junto o tempo inteiro no mesmo quarto, dividindo tudo, dividindo roupas, costurando as roupas, ela e as irmãs e uma emprestando pra outra e ela teve que separar, né? Hoje a relação é muito boa”.

A mãe com os SOGROS

“[...] quando minha mãe engravidou de mim quem deu todo suporte pra minha mãe foi a sogra, foi minha vó paterna”.

“[...] enquanto minha mãe rezava para minha avó Lili, esse era o apelido da mãe de minha mãe, que se chamava Dilma, ir embora, ela pedia pra minha vó paterna vir para Salvador pra ficar lá em casa cuidando de mim com ela”.

“ [...] minha mãe engravidou com 3 meses de casada, por ingenuidade mesmo, eu acho que é coisa da época, não usava nada, e aquela coisa também de casou todo mundo quer que tenha filho logo não é verdade? [...] eu fui a primeira neta das duas famílias”.

“ [...]eu me lembro de minha mãe contar que as duas vieram pra casa dela e que meu pai teve altas brigas com a mãe de minha mãe porque era aquela que chegava assim: ‘o que é que essa menina tá chorando? pega a mamadeira aí e dá para ela parar de chorar, você não tem leite; como é que você não têm leite?’, então, aquela coisa mais agressiva por conta da história de vida dela, ela teve que ser assim para os filhos não passarem fome e minha avó paterna era o oposto, era calma, era tranquila, dizia ‘calma seu leite vai descer; tenha paciência e tal’”.

Os pais de Julieta engravidaram dela após 3 meses de casados. Ela foi a primeira neta das duas famílias. A família paterna de Julieta é oriunda do interior do estado da Bahia, e seu pai foi o primeiro membro da família a vir para Salvador para estudar e, assim, ajudar a família. Em relação aos seus tios, ele é o que conquistou de melhor condição financeira, e, por isso, a ele coube assumir a maioria das despesas dos avós paternos.

A família da mãe de Julieta também é do interior. Seu avô materno faleceu quando sua mãe ainda era uma criança, mas sua mãe tem excelentes memórias desse pai, inclusive considerando que ela tenha herdado o temperamento dele, calmo, bem humorado, acolhedor e que prezava pela paz, ao contrário da sua esposa, que sempre foi uma mulher briguenta, autoritária, segundo Julieta, por conta das experiências que passou, tendo que assumir sozinha a educação dos filhos, lutando para sobreviver. Quando viúva, ela se apaixonou por um engenheiro que realizava obras no interior onde ela residia com os filhos, e foi ele quem a aconselhou a se mudar para capital, já que ela precisava que os filhos estudassem e trabalhassem

para converter esses esforços em renda, que ajudaria na manutenção das despesas.

A vó de Julieta se mudou para a capital em busca de maiores oportunidades para os filhos, mas com a esperança de se casar com o engenheiro por quem ela era apaixonada e com o qual se relacionava há muitos anos, mas, chegando em Salvador, descobriu que ele tinha outra família, então, nunca se casaram, só que ele não deixou de ser uma referência importante para a família, sobretudo para as tias e a mãe de Julieta, a quem sempre orientou. Foi este homem quem o pai de Julieta sempre considerou como sogro, tendo por ele muito respeito.

A relação do pai de Julieta com sua respectiva sogra também sempre foi de muito respeito, apesar de desde o início do relacionamento ele ter percebido que os valores dos quais ele e sua família comungavam não se identificavam com a forma como ela criou seus filhos. Para o pai de Julieta era inadmissível tanta moça (as tias de Julieta e a mãe) ser criada no meio de um pensionato que recebia moças que vinham do interior para estudar, fonte de renda criada pela vó materna de Julieta para garantir sua permanência em Salvador.

Por isso, após o casamento, o pai Julieta impôs à mãe de Julieta que garantisse que sua sogra não frequentaria a casa deles, apenas quando extritamente necessário, o que de fato ocorreu quando Julieta nasceu e suas avós paterna e materna, ambas, passaram uns tempos na residência do casal, momento em que até mãe de Julieta ansiava que sua mãe voltasse para casa, já que, para ela, quem representava suporte, segurança, conforto e calor era sua sogra, e não sua mãe.

O pai de Julieta não exigiu desvinculação da sua esposa com a mãe, mas entendia que a única forma de conter o autoritarismo que era inerente à personalidade de sua sogra era sustentando uma “distância ótima” entre eles, não promovendo muita intimidade entre ele, para evitar que fosse intrusiva com o casamento deles, como sempre fez com a vida particular dos filhos que teve, querendo determinar o que deveria ou não ser feito.

RELAÇÃO DE JULIETA

Com F.O.

“[...] eles tendo essa vida sofrida no início, né? [...] é muito puxada, de trabalhar, de construir coisas, não puderam curtir casamento, não puderam viajar”.

“ [...] minha mãe é da paz, minha mãe não é de brigar, ela tem os momentos que a gente até brinca: ‘- Êta, baixou dona Dilma’, aí porque tem horas que dá os revertérios dela e sai de baixo, mas não é o normal dela, o normal dela é ser calma, é ser tolerante, é ser paciente, é ouvir todo mundo, é ouvir mais do que falar, né?”

“Eu sempre vi meu pai como a figura de autoridade, sempre achei que ele foi autoritário, hoje eu vejo que não é autoritarismo, foi autoridade mesmo, porque meu pai não interfere na minha vida, eu sempre achei que ia, ele não interfere, ele acompanha, aconselha, ele orientar, mas ele não manda na minha vida, que ele respeita a decisão [...]”.

“[...] minha saída de casa não foi fácil; estar em casa pra mim sempre foi um ambiente de segurança, de tranquilidade e de paz [...] eu tinha uma relação e tenho até hoje muito boa com meus pais, eu nunca tive vontade de ganhar o mundo, de sair por aí, é da minha natureza ser mais reservada, ser mais raiz e tal [...]”.

Com SOGRO

“[...] ele sempre me recebia bem em casa, mas não era de muita conversa e muito porque ele tinha muito ciúme de Romeu [...] quando a gente resolveu casar, Romeu fez um almoço lá na casa dele com os pais pra poder contar e tal e eu lembro que, graças a Deus eu não liguei, mas ele falou assim: ‘ - Eu sou contra, vocês são muito jovens, não tem porque vocês se casarem agora, não tem necessidade, acabaram de se formar, mas eu quero dizer que eu não tenho condições nenhuma de ajudar financeiramente, eu não tenho dinheiro nem para comprar uma caixa de fósforo’; eu não esqueço disso, e muito tempo depois de casado a gente brincava com ele dizendo: ‘ - É, meu pai, nem a caixa de fósforo você queria dar para gente’ ”.

“Mas, pós casamento, esse acolhimento aconteceu integral, então ele passou a, os dois, me trataram como filha mesmo [...] acho que os dois sempre gostaram de mim, minha sogra mais, eu acho, do que ele, mas por causa desse amor incondicional dele pelo filho”.

Com SOGRA

“[...] a mãe de Romeu, que é extremamente autoritária, e eu tinha muito medo disso, porque ela manda na vida da família inteira e a família quer ela nesse papel, a família dá anuência pra ela fazer isso, esse papel, então até hoje ela recebe a aposentadoria das irmãs dela e ela que diz o que fazer com o dinheiro, né? [...] os sobrinhos dela, todos, nos convites de formatura agradecem a essa tia, porque foi graças a ela que eles conseguiram fazer a faculdade [...]”.

“[...] ela é a pessoa mais resolvida que eu conheço na minha vida, então para ela todo problema tem solução mesmo [...] ela me acolheu demais, mas eu acho também porque ela viu em mim características importantes pro filho dela, sabe?”

“[...] a gente namorou foram 4 de namoro e 2 de noivado, foram 6 até a gente casar, então ela teve bastante tempo para me conhecer, pra ver o que eu queria da vida, que eu queria futuro, que eu queria crescer [...] ele tava começando a pensar em futuro, em amadurecer e tal, então eu acho que ela me acolheu muito por isso e ela sempre fala que, de fato, meu sogro nunca me disse, mas ela sempre me disse, que ela ganhou uma filha e ela me trata como se eu fosse uma filha mesmo, e apesar de ser super autoritária, ela não se mete em minha vida”.

“Pois é, eu tenho a sorte, porque minha mãe é todas as datas com ela, sem negociação, é esse nível e minha sogra é “você é filha, tem que estar com sua mãe”, então, assim, ela é extremamente generosa, então todos os Natais eu sempre passei com minha mãe, a noite de 24 pra 25, né? Minha irmã está revezando, um ano na casa de um, que é o mais justo talvez, né?”.

Com ROMEU e o parentesco por afinidade

“[...] eles me acolheram muito bem, desde que eu comecei a namorar com Romeu, a mãe mais do que o pai porque o pai tinha muito ciúme de Romeu

porque a vida dele, é o que a mãe diz, foi pra Romeu”.

“[...] minha sogra não faz mais nada, nunca fez e, por isso, talvez ela nunca me cobrou, porque ela não faz nenhuma comemoração, nada, ela não gosta, eles não gostam de festa, eles não gostam de receber em casa, meu sogro mesmo nunca suportou receber em casa, ela, no máximo, vai para casa das irmãs dela, mas ela nunca fez nenhuma comemoração na casa dela, o que é o oposto da minha família que é todo mundo brigando, ‘- esse ano vai ser na casa de quem?’ [...]”.

“[...] então, eu tive essa sorte, eu acho, aí hoje a gente tá, a gente faz muito lá em casa [...] vamos fazer um almoço lá em casa e a gente chama as duas porque foi a forma que a gente encontrou de levar o pai de Romeu, de tirar ele de casa e ele participar das coisas porque senão ele não participava, então a gente fez esse movimento de fazer lá em casa e minha irmã e a irmã dele também vem, inclusive eu já convidei a sogra de minha irmã uma vez também pra ir, porque ela também tá começando a viver isso, que é bem diferente lá do lado dela [...]”.

RELAÇÃO DE JULIETA COM PARENTESCO POR AFINIDADE (na perspectiva de Romeu)

Com SOGRO

“[...] sempre foi uma relação muito saudável ao meu ver, mas o contato e o diálogo às vezes um oba oba [...] eu acho que a percepção de Julieta no geral foi de que meu pai era muito mais tranquilo do que a minha mãe, pela simples questão de como cada um se comporta”.

Com SOGRA

“Trata ela como uma filha, como eles me tratam como um filho. Pra minha mãe, não importa, a razão é de Thaís, por que? É tipo: ‘eu conheço o filho que eu tenho, então a razão é dela mesmo’, entendeu?”.

Julieta acompanhou desde o início a relação dos seus pais em torno de conquistarem a independência financeira, que hoje os garante a realização do que aspiravam quando se casaram. Sua mãe sempre teve a personalidade mais calma, tolerante, paciente, e seu pai sempre foi mais sério, o que criou nela a fantasia de que ele fosse autoritário, o que, na fase adulta, não foi comprovado, já que esta postura não o moveu para ser intransigente nem intrometido na vida particular ou conjugal da filha.

Quando decidiu se casar com Romeu, Julieta enfrentou dificuldades para sair de casa, devido à ligação que sempre teve com sua família de origem. Além disso, seu sogro também foi reativo, por considerar o casal muito jovem para estabelecer esse compromisso, mas ao longo do tempo, foi desenvolvendo um carinho de pai para com a nora. Sua sogra, que sempre teve um estilo de personalidade autoritário e o hábito de regular sua própria família de origem e seus parentes por afinidade, sempre respeitou Julieta, acolhendo-a como filha desde o início do casamento, como uma forma de honrar a escolha do filho, que julgava ter sido bem feita.

Romeu julgava que Julieta considerava mais tranquila sua relação com o sogro, do que com a mãe dele, sua sogra, mas, Julieta deixa claro que, devido a convivência com uma postura mais autoritária do seu próprio pai, para ela sempre foi mais fácil a convivência com a sogra do que administrar o amor incondicional que seu sogro tinha pelo seu esposo e conseguir conquistar a confiança dele, como a de uma filha.

Devido a postura de sua sogra, considerada por Julieta como generosa, a condução do casal nas datas comemorativas de visitas ao parentesco ficaram equilibradas diante do perfil possessivo de exigências que, naturalmente, sua família de origem cobrava. Para evitar insatisfações por parte de Romeu, o casal passou a promover festejos na sua própria residência e convidar as duas famílias a participarem, além de estenderem também os convites às suas irmãs, chegando até a incluírem os parentes por afinidade das mesmas. Dessa forma, Romeu ficava satisfeito em também ter a oportunidade de estar com seus familiares nestas datas e a família de origem de Julieta garantia as duas filhas próximas a eles.

I) Nível de diferenciação das famílias de origem de cada elemento do casal:

NÍVEL DIFERENCIAÇÃO DAS FAMÍLIAS DE ORIGEM		
ROMEU	Pai de Romeu – F.O.	Fam. diferenciada
	Mãe de Romeu – F.O.	Fam. diferenciada
	Romeu – F.O.	Fam. diferenciada
JULIETA	Pai de Julieta – F.O.	Fam. diferenciada
	Mãe de Julieta – F.O.	Fam. diferenciada
	Julieta – F.O.	Fam. fusionada
ROMEU E JULIETA	Romeu e Julieta – F.O.	Fam. fusionada (tendências)

II) Padrões de interação dos casais:

PADRÕES DE INTERAÇÃO DOS CASAIS – caso 3		
ROMEU	Pais de Romeu	Par simétrico
	Pai – SOGROS	Par simétrico
	Mãe - SOGROS	Par complementar
	Romeu - SOGROS	Par complementar
JULIETA	Pais de Julieta	Par simétrico
	Pai – SOGROS	Par complementar
	Mãe - SOGROS	Par simétrico
	Julieta - SOGROS	Par simétrico
ROMEU E JULIETA	Romeu e Julieta	Par simétrico

III) Níveis de capacidade de autonomia e negociação no relacionamento dos casais:

NÍVEIS DE CAPACIDADE DE AUTONOMIA DE NEGOCIAÇÃO DOS CASAIS		
ROMEU	Pais de Romeu	Par pactuado
JULIETA	Pais de Julieta	Par fusionado
ROMEU E JULIETA	Tristão e Isolda	Par pactuado

IV) Modelos familiares: repetição ou ruptura

	Modelos familiares: repetição ou ruptura
Repetição entre os modelos familiares da família de origem e as relações familiares do novo casal com os sogros (Romeu)	<p>“[...] eu na verdade não vi meu pai com os sogros dele, mas sempre soube, eu vi meu pai falar dos sogros dele como pai e tudo mais e vi minha mãe com meu avô, com o sogro dela e vi essa proximidade toda e vi sempre a relação de integração e tudo mais e acho que isso sim me ajuda, me ajudou na relação com meu sogro e minha sogra e tudo mais[...]”.</p>
Repetição entre a postura do pai de Julieta com o parentesco por afinidade e a postura da mãe de Julieta com a filha (Romeu) (intergeracionalidade)	<p>“[...] acho que a mãe de Julieta repetiu o que o pai de Julieta fez com ela, e acho que quis brigar, entre aspas, para que eu não fizesse com Julieta o que o marido dela fez com ela. Olhando assim, agora, eu nunca parei para analisar né? [...] o pai de Julieta sempre levou a mãe de Julieta muito mais pros pais dele do que o contrário certo? E a mãe de Julieta sempre quis a gente mais próximos, aí fazia mesmo como que puxando Julieta, como se ela não quisesse que eu fizesse com Julieta o que o meu sogro fez com ela mesma, entendeu?”</p>
Repetição do modelo de bom relacionamento com a sogra	<p>“Tive uma excelente referência [...] minha mãe sempre teve críticas em relação a minha vó, mas sempre respeitou, assim como eu tenho muitas críticas em relação a minha sogra, mas eu também nunca parti para briga, nunca tive uma briga com ela e Romeu briga com ela diariamente, discute, briga no sentido de</p>

<p>que obteve da mãe na família de origem (Julieta)</p>	<p>discutir [...]”.</p>
--	-------------------------

Análise do CASO 3:

A questão central que envolve o casal Romeu e Julieta são os choques de realidade que aparecem espontaneamente ao longo das entrevistas. Por diversas vezes, os membros do casal, individualmente, comentam sobre as diferenças existentes em relação às suas famílias de origem. No caso de Romeu, ambos os pais assumiram o papel de filho parental, inclusive estendendo aos seus respectivos cônjuges a possibilidade de também atuarem como chefes de família do seu parentesco por afinidade: o pai assumiu o lugar de chefe da família da mãe, atribuído pelas cunhadas e a mãe assumiu o lugar de chefe da família do pai, eleita pelos próprios sogros e cunhados.

Romeu teve pai e mãe com histórias familiares de origem bastante semelhantes, mas se casou com Julieta, verificando as diferenças de postura entre sua família de origem e a dela, que, intergeracionalmente, já convivía com essas diferenças, pois, seus próprios pais trazem historicamente um choque de valores entre suas famílias de origem, o que termina guiando a forma deles se comportarem diante das novas relações familiares, como por exemplo, com os familiares das filhas, após o casamento das mesmas, quando passam a desempenhar um novo papel: de sogro e sogra.

O pai de Julieta estabelece fronteiras rígidas com sua sogra, para conseguir garantir seu casamento, evitando interferências da mesma, como forma de reagir e demonstrar seu descontentamento com a forma como sua esposa e suas cunhadas são educadas, num ambiente considerado por ele como inadequado. O mesmo acontece com Romeu, quando detectou um sistema de valores inteiramente

diferente entre sua família e a da esposa, que fez com que sua relação com os sogros ficasse inicialmente muito difícil.

Quando a intromissão deles passou a incomodar demais, Romeu, então, passa a desenvolver uma postura reativa para com os sogros, como maneira de revelar sua insatisfação com o forte vínculo que ainda existe na relação entre Julieta e os pais. Mas, quando ele recorre ao repertório que tem na família de origem, junto com a mediação de Julieta, percebe que não existe um modelo perfeito de ser pai e mãe, ou sogro e sogra, e então começa a desenvolver uma nova postura.

Romeu: “[...]aí vai é uma avaliação minha, não tem certo nem errado, mas meus pais sempre me colocaram, eu não tô dizendo que isso é certo ou errado, em primeiro lugar, então eles sempre disseram tipo assim, se eu estou aqui ou se eu estou lá, ou onde eu estou, se eu estiver bem e feliz, eles definitivamente estarão felizes, e o pai e a mãe de Julieta sempre quiseram que estivessem com eles, que não se mudassem, então, pra mim, eles se colocavam em primeiro lugar, ao invés de colocar a filha deles em primeiro lugar, então não é uma questão de avaliar [...]”.

Mas a própria Julieta, ao longo da entrevista, também estabelece pensamentos comparativos diante das famílias de origem dela e de Romeu: “[...] porque aqui era uma relação de discussão, mas tá todo mundo feliz, entendeu? É o jeito deles, é o jeito deles se falarem mesmo, alto, e aqui em casa é todo mundo falando baixo, paz, calma, a gente gosta de silêncio em casa, a gente gosta de paz, de alegria sabe? A mãe com o pai também era assim bate boca o tempo inteiro, aquele bate boca que você tá vendo, gente, vocês estão dizendo a mesma coisa e fica, fica e fica, então ele veio com esse modelo pra cá e que não encaixava, desde que eu casei, eu dizia a ele, não bata de frente com meu pai, com meu pai a gente tem que escutar, depois que ele falar aí você fala, porque ele já vinha batendo boca, né?”.

Um recurso utilizado por Romeu para demonstrar o quanto ele conhece as duas famílias (de origem e por afinidade) e a maneira dos seus membros se comportarem foi a utilização de metáforas.

Para ilustrar a forma diferente do sogro e da forma lidarem com ele: “[...] se eu falar para o meu sogro que o macarrão tá sem sal, se ele (o sogro) só fosse, pegasse só o sal, tava ótimo, mas ele não dorme porque o macarrão estava sem sal, mas se eu falava à mãe de Julieta que o macarrão estava sem sal, ela ia falar: “- Pegue o sal e bote”. Eu acho que discussão é uma coisa mais natural do mundo, já pro pai de Julieta é tudo uma ameaça, então cria um certo pânico”.

Para explicar como família de origem e sogros se comportam diante de uma mesma situação: “[...] mas eu é que fui criado, tipo, na minha família sempre foi assim, nós sempre fomos muito independentes, então eu com 16 anos pude morar sozinho, minha irmã morava sozinha, cada um faz seus planos de vida, mas meu pai e minha mãe sempre estiveram presentes. Não existe nenhum momento na minha vida que eu precisei, e que eles não estivessem, mas ao mesmo tempo nós sempre tivemos total Independência, liberdade e tudo mais, então assim, aí é a questão, né? Na verdade, é só uma questão de criação; só do ponto de vista da liberdade e da posse, então, foi só, é, era, sempre foi esse único conflito que eu tive com meus sogros, porque meus sogros, se eu espirrar aqui já está todo mundo preocupado, se eu fizer só isso, já estão, porque eles são assim e se eu espirrasse aqui, meu pai e minha mãe iam dizer: ‘-Bacana, espirrou, vai lá, faz um remédio,’”.

Romeu veio, naturalmente, ao mundo, quando seus pais já nem pensavam mais em ter filhos, por causa da idade que já tinham atingido, e, pelo fato de não terem tido filhos, também já haviam também adotado uma sobrinha. Sua vinda nesta família marca um movimento de expectativas de que este filho, para o qual sempre fizeram tudo, possa retribuir, cuidando deles na velhice. Então, Romeu recebeu esse legado (BOSZORMENYI-NAGY; SPARK, 1973) de salvar os pais, salvar a família, o que lhe rendeu, com o casamento com Julieta e a relação com os pais dela, um conflito de lealdade, que, de acordo com Stierlin (1979), geralmente acompanha determinados legados.

O membro a quem se delega algo está ligado à família através da lealdade e busca cumprir, de maneira consciente, a missão que lhe foi encomendada. Para Romeu, se ele aceitasse o que os sogros almejavam lhe oferecer, enquanto genro, ou se ele cedesse aos caprichos dos sogros, mesmo com aspectos que seus pais não se

incomodam, ele se sentiria sendo desleal aos seus pais, traindo a sua família de origem para satisfazer os sogros. Então, ele exige de Julieta aspectos de relacionamentos com o parentesco dele, não porque para sua família seja importante, mas para se manter leal aos seus pais, resguardando o lugar deles, enfim, honrando-os:

Romeu: “Nunca tivemos problemas nenhum, meu sogro e minha sogra sempre me trataram e me tiveram como um filho e só não tiveram mais porque eu não permiti e eu não permiti isso por causa do ciúmes, da questão de preservar também uma proximidade do meu pai e da minha mãe, entendeu?”

Julieta: “Mas eu tive essa sorte de minha sogra nunca cobrar, e quem me cobra é Romeu, quem sempre me cobrou foi ele [...] na sua casa não tem ceia de natal, eu quero estar com a minha família porque é o momento que a minha família se reúne toda, os irmãos todos, os tios todos, é o único momento do ano que a gente encontra e é sempre muito bom, então, eu não vou e sua mãe tá dizendo que eu não preciso ir, então eu sempre tive o argumento, e ele sempre se retou [...]”.

Como estratégia para manutenção da sua ordem conjugal, entre satisfazer ao marido e à sua própria família, Julieta, então, ao longo desses anos, foi estabelecendo uma aliança com sua sogra, que garantia a ela conquistar aspectos que para Romeu eram movidos como uma reação de birra e chantagem perante seus sogros.

Julieta e a sogra vivem um relacionamento tranquilo e compatível, que as satisfaz. Ela sabe que tem um lugar especial no coração da sogra, sabe que é a filha que a sogra nunca teve e sente-se como uma verdadeira filha desde o começo da relação. Os homens casados que não têm irmãs costumam ter mães que consideram as noras como filhas, ou ficam meio sem função no novo relacionamento (BOWDITCH; SAMET, 2004).

No caso de Julieta e Romeu, a sogra de Julieta é inexperiente quanto a ter uma figura filial por perto, já que Romeu é seu único filho biológico e a menina que ela criou casou-se, mas logo se divorciou e residia, a maior parte do tempo, revezando

momentos na capital, seja na companhia de outros parentes, ou passando uns tempos sozinha num apartamento que o pai lhe deu, e até com a mãe biológica, no interior.

Isso gerou na mãe de Romeu certa inexperiência em ser sogra e estranheza quanto à integração e adaptação à presença de outra mulher no círculo familiar, que a levou a abraçar sua 'nova filha'. É preciso o conhecimento de que do ponto de vista de algumas sogras, ter uma filha as transforma em 'especialistas', porém, do ponto de vista de algumas noras, ser uma 'especialista' não é garantia de um bom relacionamento (BOWDITCH; SAMET, 2004).

Assim como os outros casais estudados, Romeu e Julieta estão na fase de aquisição (CERVENY, 2010), tendo passado pelos fenômenos 'unindo-se' e 'construindo a vida a dois', e agora encontram-se na experiência do fenômeno 'vivendo a parentalidade'.

Quanto a classificação das famílias, segundo Bowen (1974; 1989) e Kerr (1981; 1984), ao desempenharem a função de facilitadoras ou inibidoras do desenvolvimento do nível de diferenciação de *self* de seus membros, considerando as experiências com o parentesco por afinidade, vivenciadas nas famílias de origem, pode-se perceber que a relação da família de origem de Romeu com Romeu apresenta-se como uma família diferenciada, porém, a família de origem de Julieta perante a mesma, classifica-se como fusionada, levando os comportamentos de Romeu e Julieta enquanto casal já demonstrarem também uma tendência a estarem se constituindo como uma família fusionada, já que a ausência de diferenciação na família de origem de Julieta conduz à fusão dela com Romeu no casamento. Quanto menor a diferenciação do *self* antes do casamento, maior será a fusão entre os cônjuges.

Considerando as definições sobre interação complementar e simétrica (WATZLAWICK, BEAVIN ; JACKSON, 1967), os padrões de interação dos casais demonstram que Romeu tem como experiência na família de origem um par simétrico, assim como Julieta, e, enquanto casal, estão convivendo de forma também simétrica.

Quanto ao padrão de funcionamento interacional (ROMANO ; DESTAL, 1994), que revela o nível da capacidade de negociações intracasais, os pais de Romeu classificam-se como um par pactuado, os de Julieta, fusionado e, no entanto, Romeu e Julieta apresentam-se como um par pactuado.

Assim, pode-se perceber o quanto as experiências trazidas por Romeu para sua relação conjugal acerca dos padrões interacionais que os seus pais desenvolveram enquanto casal repercutiram na construção dos padrões de interação do novo casal, Romeu e Julieta, mesmo existindo todo um esforço de Eva em não desagradar os pais, trazendo Romeu para cada vez mais próximo deles, como sempre temeu sua mãe que o movimento fosse o contrário, e terminassem repetindo o que seu esposo fez com ela, quando estabeleceram laços conjugais.

A grande descoberta trazida pela pesquisa com o casal Romeu e Julieta foi a percepção que Romeu teve, durante a coleta de dados, do aspecto mais contundente que cerca seu relacionamento com Julieta, e que envolve a negação de continuidade de um modelo familiar estabelecido na conjugalidade dos seus sogros. Dessa investigação surgiram, então: repetição pelo novo casal dos modelos familiares que tiveram nas duas famílias de origem quanto ao relacionamento com sogros, mas, principalmente, repetição pela mãe de Julieta do modelo de relacionamento que seu marido teve diante do parentesco por afinidade, como forma de evitar que Romeu atuasse com Julieta no mesmo sentido que seu marido procedeu com ela mesma.

Para melhor esclarecer, serão descritos dois depoimentos de Romeu: “[...] a mãe de Julieta com os sogros dela, o avô e avó paternos de Julieta, também sempre foi muito boa, mas porque eu sempre a vi sendo levada pelo pai de Julieta, então, sempre foi muito mais presente a mãe de Julieta na casa dos pais do pai de Julieta, já em relação a mãe da mãe de Julieta, muito pouco. O pai de Julieta vai, mas não é pra dizer que é uma coisa prazerosa, nem que é natural, mas sim porque é, tipo, família, aí ele apóia, vai nas coisas, mas, assim, eu vejo que é um conflito pra mãe de Julieta”;

“[...] porque talvez ela tenha aceito tudo isso, mas não goste disso, e ela não queria que a filha dela, nunca pensei dessa forma, tá vindo tudo aqui agora, mas, tipo

assim, talvez por isso ela, e talvez meu sogro também Cabral queira fazer isso e não esteja tão enfático porque no fundo ele deve pensar, ele deve pensar, ele deve pensar: "Eu fiz isso, como vou ser tão enfático com meu genro quando ele quer puxar Julieta pra família dele?", então, pra ele também pode ser cômodo que ela passe como intransigente, chata, da mesma forma que eu tô parecendo santinho e minha mãe a durona, que ela passe a imagem e ele, tipo assim, já que ela tá fazendo esse papel, e eu não tenho muita moral, já que eu também fiz isso, o contrário então entendeu?"

Existe um aspecto intergeracional que explica essa repetição. Qualquer movimento de Romeu no sentido de levar Julieta para mais próximo da família dele provavelmente despertasse um ar de insegurança diante dos pais dela, já que, na geração deles, o pai de Julieta garantiu a proximidade com a família dele, ao invés do movimento ter sido da mulher em trazê-lo para a família dela, mas, como, no caso, se esta diante de uma filha e não de um filho, poderia existir uma fantasia de que, se eles se mantivessem pacatos, Romeu repetiria o movimento do sogro, e eles, então, teriam a convivência mais restrita e soando como ameaçada com a filha e possivelmente as netas.

Então, como o sogro não podia ser contraditório com a forma como ele mesmo agiu após o casamento, talvez tenha deixado para a esposa o papel de ser rígida com a filha primogênita, como ele foi com ela, e garantir que o vínculo maior do novo casal fosse com eles: família materna.

Assim, na opinião de Romeu, a sogra repetiu a postura do esposo dela quanto as relações dela com o parentesco por afinidade, de quando eles se casaram, só que dessa vez com a filha, confirmando que o processo de transmissão multigeracional de modelos familiares, em que as famílias repetem-se a si mesmas, e o que sucedeu numa geração tenderá a aparecer nas gerações seguintes, ainda que de forma diferente (BOWEN, 1974; 1989; CERVENY, 2011).

**F
I
L
L
O
S**

6 CHEGADA DOS FILHOS: DISCUSSÃO

O biólogo Ludwig Von Bertalanffy (1975), considerado precursor e pai da Teoria Geral dos Sistemas, destacou que os sistemas são complexos de subsistemas colocados em interação, ou seja, um conjunto de elementos que têm relações entre si com o meio. Na teoria sistêmica, a família pode ser considerada um sistema aberto, devido ao movimento de seus membros dentro e fora da interação de uns com os outros e com os sistemas extrafamiliares, num fluxo constante de informação, energia e material. Assim, os comportamentos e as ações de um de seus membros tanto influenciam como são influenciados pelos dos outros.

Este pesquisador expressou a ideia de que a característica essencial de uma forma viva é a sua organização. Assim, não basta investigar os constituintes e os processos de maneira isolada, pois a análise das partes e dos processos, separados uns dos outros, não propicia uma explicação completa do fenômeno da vida. O autor acreditava nos padrões de relacionamento dentro de um sistema ou entre os sistemas. O sistema familiar se diferencia e exerce suas funções através de subsistemas. Na família, cada elemento é um subsistema, assim como as díades esposo-esposa (subsistema conjugal), pai-filho (subsistema parental), irmã-irmão (subsistema fraternal) ou grupos maiores, possibilitam a composição de outros subsistemas, por geração, sexo, função ou interesse. Portanto, os sistemas vivos são compostos por partes que constituem, elas próprias, os subsistemas e se relacionam com outros subsistemas em organizações ainda mais vastas.

A maneira como os subsistemas são organizados e as relações que se estabelecem entre eles e no interior de cada um coincidem com a estrutura da família. Há forças externas e internas que contribuem para sua regulação, conferindo-lhe uma capacidade auto-organizativa e uma coerência e consistência no jogo de equilíbrios dinâmicos interior-exterior (RELVAS, 2003). Nesse prisma, cada membro da família pertence a diferentes subsistemas, em que possuem variados níveis de poder e desenvolvem habilidades diferenciadas. As relações entre subsistemas são governadas por regras e constituem padrões de interação, que seriam os modos resultantes das interações tanto intra como inter-sistemas, incluindo aqui o sistema

social amplo. Essas regras são formadas nas próprias relações, envolvendo todos os participantes.

Investigar famílias abarca, então, características tais como: repetição e continuidade, diferenciação, construção de afetos e das emoções humanas, sentimento de pertinência, de “eu” e de existência. (COSTA, 2003). Com os casos estudados, o intuito foi investigar os padrões de interação dos casais com o parentesco por afinidade, enfocando os sogros, a partir da investigação de como se davam essas relações na conjugalidade de seus pais e quais as repercussões advindas dessas experiências na família de origem na vida conjugal atual.

Retomando Bowen (1974; 1989), o eixo central da diferenciação do ego está situado na relação primária de uma pessoa com seus pais. Teoricamente, e até certo grau, a fusão está em todas as famílias, menos naquelas cujos componentes alcançaram completa maturidade emocional. Em contrapartida, a fusão egóica é mais intensa nas famílias com baixa maturidade. Diante dessas concepções, tornou-se válido compreender os participantes da investigação quanto aos níveis de diferenciação das famílias de origem, de maneira isolada e enquanto casal.

Com o passar dos anos, tanto os pais quanto os filhos movimentam-se na direção de obter maior autonomia emocional e, assim, quando nada impede a aquisição de autonomia, o filho sairá de seu processo de desenvolvimento com um alto grau de diferenciação do ego, sendo o único fator impeditivo da fluidez desse processo o nível de diferenciação e a ansiedade crônica apresentada pelos pais. O medo em relação ao que possa existir ou ocorrer é uma das formas mais frequentes de ansiedade. Assim, cada geração recebe o legado de um determinado nível de ansiedade crônica transmitida pela geração que a precede.

O grau de ansiedade gerado pelo estresse, nos eixos vertical (transgeracional) e horizontal (desenvolvimental), nos pontos em que eles convergem, é o que determina como a família irá manejar suas transições ao longo da vida (CARTER; MCGOLDRICK, 1995). Considerando os casos investigados nesse estudo, quanto aos níveis de diferenciação das famílias de origem (BOWEN, 1974; 1989 ; KERR, 1981;1984), tem-se o caso 1, formado pelo esposo, Adão, que tem quanto à sua

relação com a família de origem, a classificação de oriundo de uma família diferenciada, casado com Eva, oriunda de uma família de origem classificada também como diferenciada, mas quanto à sua classificação enquanto casal, apresentam tendências a se apresentarem como um casal fusionado, que se justifica pela forma como o casal se comporta, em torno de evitarem repetir para os seus filhos as falhas que julgam ter adquirido nas famílias de origem. Pelo desejo de não repetirem as experiências da conjugalidade dos pais, fusionaram-se, enfrentando com demasiado sofrimento os momentos de estresse emocional, pensando como uma unidade e dificultando a autonomia das partes.

O caso 2, formado por Tristão e Isolda, ambos oriundos de famílias classificadas como diferenciadas quanto ao nível de diferenciação da família de origem, e que apresentam tendências como casal de se constituírem também como uma família diferenciada, já que ambos têm boas recordações das experiências conjugais dos pais, que desenvolviam o tipo de comportamento capaz de facilitar o desenvolvimento de seus membros do meio familiar de origem, e enquanto casal desejam fazer o mesmo, por acreditarem que assim podem possibilitar um bom nível de autonomia a seus membros.

O caso 3, formado por um casal em que a família de origem do esposo, quanto ao nível de diferenciação dele perante a família, classifica-se como diferenciada, e a família de origem da esposa, classifica-se como fusionada, já apresenta tendências de uma família classificada como fusionada. Bowen (1984) considera que o processo emocional da família nuclear está intrinsicamente ligado aos processos desenvolvidos no âmago do par conjugal e da família nuclear, destinado a solucionar as dificuldades advindas de ligações emocionais não resolvidas. A ausência de diferenciação na família de origem leva, com o casamento, a um rompimento emocional dos pais, o que, por sua vez, conduz à fusão no casamento. Assim, de acordo com Bowen (1984), quanto menor a diferenciação do *self* antes do casamento, maior será a fusão entre os cônjuges, e foi exatamente o que ocorreu com Romeu e Julieta, pela falta de diferenciação de origem da parte de Julieta perante os pais.

NÍVEL DIFERENCIAÇÃO DAS FAMÍLIAS DE ORIGEM		
ADÃO	Adão – F.O.	Fam. diferenciada
EVA	Eva – F.O.	Fam. diferenciada
ADÃO E EVA	Adão e Eva – F.O.	Fam. fusionada (tendências)
TRISTÃO	Tristão – F.O.	Fam. diferenciada
ISOLDA	Isolda – F.O.	Fam. diferenciada
TRISTÃO E ISOLDA	Tristão e Isolda – F.O.	Fam. diferenciada (tendências)
ROMEU	Romeu – F.O.	Fam. diferenciada
JULIETA	Julieta – F.O.	Fam. fusionada
ROMEU E JULIETA	Romeu e Julieta – F.O.	Fam. fusionada (tendências)

Pode-se concluir, quanto às repercussões advindas das experiências que o casal vivenciou nas famílias de origem, levando-se em conta o nível de diferenciação de *self* de cada membro e a classificação dessas famílias, que os casais estudados idealizam reproduzir, enquanto família, características que consideram facilitadoras no processo de diferenciação de *self* dos seus membros, independente se são originárias da sua própria família ou da família do cônjuge. Enquanto casal, conseguem perceber os benefícios da condução que tiveram individualmente nas suas famílias, mas, juntos, tendem a assumir a postura de uma família que reproduz o que foi tido como mais positivo e que garanta maior segurança emocional ao casal, quaisquer tenham sido as experiências de origem (casais 2 e 3), ou negam ser como seus pais, diferenciando-se e escolhendo um caminho desconhecido para ambos, desde que estejam seguros de que assim estão evitando a transmissão de aspectos que se tornaram queixas individuais sobre suas famílias de origem (casal 1).

Quanto aos padrões de interação dos casais, considerando as definições sobre interação complementar e simétrica (WATZLAWICK, BEAVIN ; JACKSON, 1973), nos três casos estudados, os casais constituem-se como pares simétricos, tendo pais que também interagem como pares simétricos. Ou seja, enquanto casais,

repetem os padrões de interação com os quais conviveram nas famílias de origem. Os pares simétricos são caracterizados por cada membro do casal tender a refletir o comportamento um do outro, minimizando as diferenças, porém, possibilitando a competitividade de condutas.

PADRÕES DE INTERAÇÃO DOS CASAIS – caso 1		
ADÃO	Pais de Adão	Par simétrico
EVA	Pais de Eva	Par simétrico
ADÃO E EVA	Adão e Eva	Par simétrico
PADRÕES DE INTERAÇÃO DOS CASAIS – caso 2		
TRISTÃO	Pais de Tristão	Par simétrico
ISOLDA	Pais de Isolda	Par simétrico
TRISTÃO E ISOLDA	Tristão e Isolda	Par simétrico
PADRÕES DE INTERAÇÃO DOS CASAIS – caso 3		
ROMEU	Pais de Romeu	Par simétrico
JULIETA	Pais de Julieta	Par simétrico
ROMEU E JULIETA	Romeu e Julieta	Par simétrico

Ainda considerando os padrões de interação dos casais, focalizando agora as relações com os sogros, chega-se à constatação de uma tendência de existência de uma repetição de padrões de interação entre as gerações, por gênero. Ou seja, ao analisar este item, verifica-se que na maioria dos casos, pelo menos um membro do casal, de forma inconsciente, termina repetindo com os sogros, por identificação, o padrão de interação que o genitor do mesmo gênero tinha com seus respectivos sogros.

Assim, no caso 1 Eva repete, na relação com os sogros, o padrão de interação complementar que sua mãe tinha com os sogros dela; no caso 2 Tristão repete, na relação com os sogros dele, o padrão simétrico que seu pai tinha com seus próprios sogros, assim como Isolda repete o padrão de interação complementar que a própria

mãe tinha com os sogros dela; no caso 3, Julieta é quem repete com os sogros o padrão interacional simétrico que a mãe mantinha com os dela.

PADRÕES DE INTERAÇÃO DOS CASAIS – caso 1		
ADÃO	Pai – SOGROS	Par complementar
	Mãe - SOGROS	Par complementar
	Adão – SOGROS	Par simétrico
EVA	Pai – SOGROS	Par simétrico
	Mãe - SOGROS	Par complementar
	Eva – SOGROS	Par complementar
PADRÕES DE INTERAÇÃO DOS CASAIS – caso 2		
TRISTÃO	Pai – SOGROS	Par simétrico
	Mãe – SOGROS	Par complementar
	Tristão – SOGROS	Par simétrico
ISOLDA	Pai – SOGROS	Não conheceu o sogro
	Mãe – SOGROS	Par complementar
	Isolda – SOGROS	Par complementar
PADRÕES DE INTERAÇÃO DOS CASAIS – caso 3		
ROMEU	Pai – SOGROS	Par simétrico
	Mãe - SOGROS	Par complementar
	Romeu – SOGROS	Par complementar
JULIETA	Pai – SOGROS	Par complementar
	Mãe - SOGROS	Par simétrico
	Julieta – SOGROS	Par simétrico

Após identificado os padrões de funcionamento interacional, foram classificados também os níveis de capacidade de negociações intracasais (ROMANO; DESTAL, 1994), e verificou-se que nos três casos os casais formam um par pactuado, ou seja, prezam pela capacidade de negociar as diferenças de postura, opiniões e decisões na conjugalidade e compartilham da importância de cada um viver sua própria individualidade.

NÍVEIS DE CAPACIDADE DE AUTONOMIA DE NEGOCIAÇÃO DOS CASAIS		
ADÃO	Pais de Adão	Par pactuado
EVA	Pais de Eva	Par fusionado
ADÃO E EVA	Adão e Eva	Par pactuado
NÍVEIS DE CAPACIDADE DE AUTONOMIA DE NEGOCIAÇÃO DOS CASAIS		
TRISTÃO	Pais de Tristão	Par pactuado
ISOLDA	Pais de Isolda	Par pactuado
TRISTÃO E ISOLDA	Tristão e Isolda	Par pactuado
NÍVEIS DE CAPACIDADE DE AUTONOMIA DE NEGOCIAÇÃO DOS CASAIS		
ROMEU	Pais de Romeu	Par pactuado
JULIETA	Pais de Julieta	Par fusionado
ROMEU E JULIETA	Tristão e Isolda	Par pactuado

Mas, ainda a partir da análise de cada caso, e agora agrupando-os baseados no “método comparativo constante” (LINCOLN ; GUBA, 1985), chega-se a alguns aspectos que se repetiram nas histórias dos casais e que possibilitam a melhor compreensão do problema proposto nesse estudo, dialogando com a literatura científica sobre o assunto: A questão da moradia e revisão de fronteiras; Os cônjuges como mediadores entre o parceiro e seu parentesco por afinidade; Os sogros como avós; O fortalecimento do “eu absoluto”.

- **A questão da moradia e revisão de fronteiras:**

A questão da moradia é um aspecto que aparece espontaneamente em todos os casos estudados, inclusive para ilustrar diferentes fases pelas quais os casais passam. É um fator presente nas narrativas que envolvem a interferência dos sogros na vida dos casais estudados. Existe uma crença popular que diz que a distância ideal entre sogros e genros/noras é aquela que não precise de mala, mas que também não precise apenas de uma sandália, devido a tamanha proximidade, o que pode comprovar na pesquisa realizada.

Estudos de três décadas atrás (KAHN, 1963; STEKEL, 1967 e WEIL,1979) já consideravam que a possibilidade de residir com sogros, ainda que sejam as melhores pessoas da família, deve ser analisada com cautela, e considerada apenas em casos de extrema necessidade.

Se o casal tem independência e autonomia com relação à família, pode até optar por afastar-se geograficamente para diminuir as arestas e postergar os conflitos mais cotidianos. Porém, para Bowen (1978: p. 535), “a pessoa que foge do lar está tão emocionalmente ligada a ele quanto aquela que lá permanece e se utiliza de mecanismos interiores para controlar essa ligação”. A família permanece dentro do sujeito, e, para onde ele for, carregará a reatividade emocional não resolvida com os pais, sob a forma de uma vulnerabilidade para repetir os antigos padrões em cada novo relacionamento.

A questão da moradia, provisória ou definitiva, ilustra a relação dessa geração com seus sogros, levando os casais a repensarem a questão das fronteiras. “Cada subsistema familiar tem funções específicas e faz exigências específicas a seus membros; e o desenvolvimento de habilidades interpessoais, conseguidas nestes subsistemas, está baseado na liberdade do subsistema de interferências de outros subsistemas” (MINUCHIN, 1982: p. 58).

A fronteira do sistema é a linha que o separa de seu entorno e define o que lhe pertence e o que está fora dele. (MINUCHIN, 1982). Na medida que o tempo passa e as relações vão se modificando, é necessário delimitar espaços para garantia da privacidade do casal, e isso exige revisão das fronteiras. São elas que buscam proteger a autonomia da família e de seus subsistemas, lidando com a proximidade e com a hierarquia entre os membros.

<u>MORADIA</u>
CASO 1: ADÃO E EVA
“Eu poderia até morar com ele na casa da minha mãe e minha mãe daria apoio porque ela deu o maior apoio pra gente quando eu engravidei, só que ele não

queria”. (EVA)

“[...]Aí foi que no outro dia queriam arrumar no mesmo prédio que eles um apartamento para a gente morar, mas eu não queria morar no mesmo prédio que eles, aí foi que eles resolveram aquele quartinho que ele morava antes, fez uma reforma e eu morei ali muitos anos, 5 anos, com José, só tenho 1 ano aqui nesse apartamento [...] Eu poderia até morar com ele na casa da minha mãe e minha mãe daria apoio porque ela deu o maior apoio pra gente quando eu engravidei, só que ele não queria”. (EVA)

“Querida que a gente fosse morar na casa dela, mas eu disse a ele que com ela eu não iria morar. Que eu passaria 10 anos ali, mas que só sairia para uma casa nossa. Aí vai o pai dele e sugere que a gente compre um apartamento no mesmo prédio que ele. Eu não queria porque na época tinha esse prédio aqui do lado, que também tava construindo; eu queria morar no do lado, só que o do lado era bem menor que esse; tudo menor. Aí Adão: ‘- Minha filha, essa mulher nem anda aí, vamos comprar aqui mesmo porque aí é tudo menor. O prédio é de elevador; ninguém vai ficar em porta de ninguém’”. (EVA)

“A minha casa mesmo, ele falou que ela deu uma condição a ele: ‘-A gente dá o apartamento, mas vocês vão ter que deixar do jeito que seu pai deu.’...Só que eu falei: ‘-Não! A gente esperou, porque esse apartamento demorou demais pra entregarem e, com isso, eu fui fazendo a cabeça dele, até que Deus iluminou esse homem e isso aqui tudo a mãe dele deu dinheiro a ele também, a mãe dele mesmo, a biológica, e ele falou pra mim: ‘-Você vai botar o que você quiser aqui...E eles não sabiam que minha casa iria ficar assim. Quando eu me mudei pra cá e que ela ficou sabendo que a casa tava ‘um pitelzinho’, toda cheirosinha, novinha, limpinha, ela não veio nunca na minha casa: nunca veio aqui. Quer dizer, ela só veio aqui num dia que eu não estava e até hoje ela nunca veio aqui comigo aqui. Meu marido estava doente, tinha feito cirurgia de hérnia e ela veio aqui visitar ele e ver minha casa.’” (EVA)

“Então eu tenho um bom relacionamento com a mãe dele, no normal, mas morar, eu não quero nunca, porque vai ter muita interferência, eu sei disso. Quando ela vem aqui, pouco tempo, já tem, mas eu permito porque é pouco tempo, mas conviver com ela assim próximo, não daria não”. (EVA)

CASO 2: TRISTÃO E ISOLDA

“[...] nós morávamos na mesma rua que minha vó paterna. E isso era horrível, porque ficava eu e meu irmão, e ela deixava a gente a tarde toda sentados no sofá assistindo TV, só saíamos para lanchar. Então, eu tenho uma péssima relação em relação á vó [...] lá também tinha minha bisavó, que era uma pessoa doce e equilibrava tudo”. (ISOLDA)

“[...] a casa que a gente sempre morou era, na verdade, de minha vó, que era na mesma rua da casa da minha outra vó, já que as duas eram amigas. Minha vó tinha essa casa, mas não morava lá porque ela morava em Salvador [...] quando minha vó materna foi passar uma temporada lá, aí foi quando ele (pai) decidiu sair da casa de minha vó, o que foi muito bom, já que a gente terminou saindo daquela rua, e fomos morar em outro lugar”. (ISOLDA)

“Meu pai e minha mãe moravam com meu avô e minha vó materna. Aí depois que a gente se mudou, quando meu pai teve condição de sair, alugar um apartamento e a gente se mudar [...] minha mãe sempre me conta dessa fase de ir morar junto, em que minha vó se metia muito na minha criação [...] porque eles não podiam fazer nada, eles não se sustentavam ainda a ponto de bancar uma família. Depois que saíram de lá eu sempre vi uma relação muito boa, porque meus pais sempre se deram bem com os dois, tanto que, depois de uns anos, meu avô perdeu dinheiro e eles vieram morar lá em casa, os dois. Inverteu”. (TRISTÃO)

“[...] Eu lembro que quando ela veio morar com a gente eu devia ter já uns 10/11 anos. Não, menos, uns 8 anos, e ficou até morrer. Ficou até morrer não, minto. Meu avô, depois meu pais conseguiram comprar um apartamento, um Apart, pra eles. Então, eles moraram num Apart por uns 9 anos, até meu avô falecer, aí minha vó voltou lá pra casa, aí minha vó adoeceu, teve Alzheimer, e meu pai pagou cuidadoras para ela até o dia da morte, morando lá em casa[...] Eu morei com meus avós maternos na infância e depois morei com eles no final da infância, no início da adolescência”. (TRISTÃO)

“Os pais de Tristão têm uma boa condição financeira e nós moramos de aluguel. Mas da minha parte não tem mágoa nenhuma sobre isso não. Só se for da parte de Tristão, mas eles (sogros) são pessoas que se a gente sentar e pedir qualquer coisa eles nos ajudam, mas a gente graças a Deus, não pede nada não. Eu não

gosto de pedir a meus pais, quanto mais! A filha deles também casou, eles fizeram um casamento de R\$ 300mil, mas ela mora de aluguel [...] Eles moram num apartamento que vale dois milhões! Eu venderia e comprava 3 pros filhos”. (ISOLDA)

CASO 3: ROMEU E JULIETA

“[...] logo que eu casei, Romeu foi transferido pro Rio e eu fiquei pouco no meu apartamento, eu segurei um tempo e depois aos poucos eu passei a voltar pra casa de minha mãe, que eu ficava: ‘- Ah, eu vou ficar dormindo aqui sozinha? Pra quê eu vou ficar sozinha aqui; pra quê? Prefiro ir pra lá.’. Então, eu fiz esse movimento de volta e só sai quando eu foi pro Rio mesmo, que aí eu tinha que ir”. (JULIETA)

“[...] nós moramos no Rio durante um tempo, a mãe dela entrou em depressão, não queria ir, não queria que a gente fosse, era um, foi um, foi muito complexo, não sei o que, mas por quê? Por que ela não estava bem? Por que a filha estava estava longe? Então, a minha avaliação era de, tipo, se ela tinha que pensar, se minha filha está bem, eu estou bem, então, eu sempre, eu nunca, consegui aceitar muito porque eu achava que ela tinha tipo assim, eles, ela tá pensando nela, ele tá pensando nele, eles querem ali e muito mais a mãe dela do que o pai dela, então, pra mim sempre teve essa questão, esse conflito, na verdade de querer o tempo todo lá [...]” (ROMEU)

“[...] quando eu me casei, com menos de um ano, nós fomos morar no Rio de Janeiro, longe das duas famílias, então, isso deu uma, a mim e a Julieta, uma independência, uma força, uma sintonia muito maior, né? E fez também com que eles ficassem mais independentes [...] nós nos casamos foi justamente no momento em que, quando nós ainda namorávamos, na verdade, e pensávamos em nos casar, o pai de Julieta foi morar fora e a mãe dela ficou com o pai dela morando fora durante um bom tempo, então, ela sentiu aquela falta e eles casados desde jovens e tudo mais, sempre ali um com o outro, ela sentia muita a falta, então, queria a filha para cobrir a ausência e aí a irmã de Julieta também foi estudar fora, então, assim, a mãe de Julieta, no fundo, no fundo, ficou meio que sozinha, sentia falta e tudo mais e aí era sempre a gente, eu e Julieta sempre ali e tudo mais, mas depois que nós nos casamos e aí a irmã de Julieta também já

tinha retornado, o pai de Julieta tinha retornado, nós fomos morar fora, então, ela também acabou aprendendo a conviver com a ausência da filha, do marido e tudo mais, e, ao mesmo tempo, nós ganhamos uma certa autonomia, então, aquele grude, aquela coisa, tudo acabou se desfazendo, assim, a coisa do exagero acabou se desfazendo pela própria distância geográfica”. (ROMEU)

No casal 1, Adão e Eva, o aspecto moradia é trazido muitas vezes no discurso de Eva. Desde a decisão por parte dos pais de Adão de onde o novo casal iria morar, até as condições que teriam que cumprir, caso alguma ajuda fosse dada ao casal, por eles. Inicialmente o casal Adão e Eva residiu no mesmo quartinho que Adão morou quando veio do interior para trabalhar com o pai biológico, depois ofereceram um apartamento no mesmo prédio que moravam, estabelecendo pré-requisitos que deveriam ser seguidos pelo casal no novo lar que foi oferecido a eles, após anos de casados.

Eva sempre quis evitar proximidade geográfica com a sogra, mas, devido o pouco grau de intimidade que tinham, e com os aconselhamentos de Adão, resolveu aceitar. Porém, devido o casal entender que estas condições seriam mais uma tentativa de controle por parte deles, resolveram se unir e fingir concordar com as condições estabelecidas, até que o prédio fosse entregue pela construtora, quando, então, organizaram seu novo lar da forma que julgavam merecer, saindo do lugar de submissão que os parentes de Adão haviam reservado para eles.

Enquanto no caso 1 o aspecto moradia envolveu as relações do casal com os sogros, no caso 2 este aspecto aparece quanto às memórias da infância, revelando questões do pai ou da mãe com as sogras. Foram lembradas passagens vivenciadas na família de origem, tanto de Isolda, quanto de Tristão. Os pais de Isolda iniciaram a vida a dois residindo na casa em que os avós maternos de Isolda criaram os filhos, dentre eles, a mãe de Isolda, que, por sinal, era na mesma rua em que sempre moraram seus avós paternos. Essa proximidade levou a mãe de Isolda a usufruir dos cuidados de avó que a sua sogra poderia oferecer aos netos, mas, Isolda tem recordações tristes dessa época, sobretudo a respeito da avó como

cuidadora. Seus pais só saíram dessa casa quando ocorreu um problema entre seu pai e a dona da casa, sua vó materna, levando seus pais a procurarem outra casa para morar, já que seu pai sentiu-se na obrigação de devolver a casa à dona, após aborrecimento entre eles. Isso foi motivo de felicidade para Isolda, devido ao distanciamento geográfico que passaram a ter da sua vó paterna, e, conseqüentemente, do comprometimento quanto ao contato diário com a mesma.

A história de Tristão com o aspecto moradia revela uma troca de favores entre os membros das famílias, selando uma relação de gratidão. Como seus pais casaram adolescentes, moraram inicialmente na casa dos avós maternos de Tristão, o que promoveu muitas insatisfações do pai de Tristão quanto à interferência dos sogros na educação de Tristão, na infância. Mas, assim que adquiriram condições financeiras, os pais de Tristão alugaram um apartamento e, anos depois, também receberam os mesmos que um dia os acolheram na sua própria residência: os avós maternos de Tristão. No início da vida conjugal foram acolhidos por eles, e, tempos depois, puderam retribuir o apoio recebido, já que ocorreu uma perda financeira na família materna de Tristão. A coabitação entre os pais de Tristão e os avós maternos aconteceu na infância e, depois, novamente, na adolescência.

Boszormenyi-Nagy e Spark (1973/1983) utilizaram a metáfora do grande livro contábil e, posteriormente, a ideia de balança de equidade para ilustrar a relação de obrigação ou de mérito que existe entre as pessoas. Eles afirmam que toda família mantém, no seu grande livro, uma contabilidade do que cada um dos seus membros pode esperar receber e do que deve dar. A natureza das obrigações de cada um dos membros está intrinsecamente relacionada às suas disposições emocionais e à sua posição diante do grande livro da família. Essa contabilidade afeta várias gerações e registra, de maneira invisível, o que os membros vão fazendo entre si e o que se devem mutuamente. É uma espécie de histórico dos movimentos, inscrevendo todas as contas em termos de débito/crédito.

Metaforicamente, a ideia de grande livro descreve a natureza dos intercâmbios existentes entre um filho e seus pais, ou entre a família nuclear e a extensa. No que tange ao caso 2, a relação do pai de Tristão com os sogros envolveu o principal vínculo entre as gerações, que é a lealdade (Boszormenyi-Nagy e Spark,

1973/1983), que sinaliza o sentimento de pertencimento a essa família por afinidade, a partir da noção de dívida e de reciprocidade. A posição de conta dos membros familiares muda com o passar do tempo, ocorrendo uma tendência relativa à inversão da relação entre os direitos e as obrigações, exatamente o que o caso 2 revela.

Outro momento em que o aspecto moradia aparece no discurso do caso 2 é quando Isolda comenta sobre o poder aquisitivo dos pais de Tristão e o fato deles e da cunhada pagarem aluguel. Isso provavelmente justifica-se pelo desejo dos pais de Tristão de assistirem uma construção de vida pelo casal, semelhante àquela trajetória feita por eles, de conquistarem sozinhos sua autonomia financeira. Como “não acharam nada pronto”, como se fala no senso comum, também não promovem facilidade para os filhos. Mc Goldrick e Gerson (2001) já afirmavam que as famílias repetem-se a si mesmas. Questões que aparecem numa geração podem se apresentar na geração seguinte sob outra forma.

No caso 3, assim como no caso 1, a questão da moradia aparece na formação do casal, no primeiro ano de casados, quando, por causa de uma transferência de emprego, Romeu necessita passar a fixar residência no Rio de Janeiro, e o casal enfrenta dificuldades para administrar as pressões feitas pelos sogros de Romeu, à filha deles, Julieta. A distância geográfica do casal desestabilizou os pais de Julieta, porque mexeu com a história de vida da mãe dela na família de origem, cercada de muita gente, coincidindo com um período em que o pai e a única irmã de Julieta também estavam residindo em dois outros estados, um por questões de emprego e a outra por motivos estudantis.

A sogra de Romeu, meses antes do casório da filha, entrou num processo sintomático, desenvolvendo um quadro de depressão, num momento em que o casal era a única companhia dela na cidade, responsabilizando-se por entretê-la. Porém, no momento da mudança do casal, o pai e a irmã de Julieta haviam retornado para Salvador, o que facilitou a manutenção da decisão de se mudarem. O casal julga que esta experiência possibilitou maior autonomia e confiança ao casal, chegando, na opinião de Romeu, a curar a possessividade que ele considerava nociva dos pais de Julieta para com ela, trazendo maior equilíbrio para as relações. Bowen (1974;

1989) defende que a fusão é instável e tende a produzir padrões de ansiedade, que foi justamente o que levou esse casal à distância emocional e física da família de origem de Julieta, com a intenção de evitar contatos e, assim, garantir a saúde relacional da díade.

Diante do que se pode constatar com o estudo, mais uma vez um dito popular (“quem casa, quer casa”) foi confirmado. No que se refere às relações entre sogros-genros/noras, a possibilidade de manter reservada a intimidade do cotidiano do casal é imprescindível para a saúde das relações tanto com a família de origem de cada um dos cônjuges quanto com o parentesco por afinidade.

REVISÃO DAS FRONTEIRAS

CASO 1: ADÃO E EVA

“Eu só participo de datas festivas; não quero nenhuma aproximação deles na minha casa nem eu na casa deles. Não quero conta! São pessoas que, se eu pudesse, não olhava nem para as caras. Essa é a verdade! São pessoas que não têm nenhum sentimento bom comigo nem com meus parentes, nem com meu filho”. (EVA)

“Eles não frequentam a minha casa; só em ocasiões assim... e Eva também só vai na casa do meu pai só se for num momento de ocasião social. E nós moramos no mesmo prédio: eu no 6º andar e eles no 8º. Poderia ser tudo diferente, mas a política familiar é grande, aí fica nessa coisa aí. Eu também nem procuro pensar nisso, não faço nem planos e por causa disso eu consigo viver!”. (ADÃO)

“– Olha, se eles não estão te respeitando como minha mulher e você também, na minha opinião, às vezes você não respeita eles como meus pais, então, vamos separar um pouco, porque isso pode servir para alguma coisa. Vai ter que dar um jeito porque eu não quero me separar de você e nem deles”. (ADÃO)

“A gente vive nossa vida aqui e eu vivo o mundinho de lá, então, quando eu quiser ir e você não quiser ir, eu vou só e acabou [...] eu acho que já passamos algumas coisas de um ano e pouco pra cá devido a isso, entendeu, então, o único caminho que eu vi que poderia ser feito é o de eu ir e ela ficar. (EVA)

“E quando ela diz: ‘-Ah, mas eu não gosto de ficar aqui sem você, eu digo que é o preço que ela paga. De repente, o pessoal de lá fica perguntando por que não veio,

por que não trouxe José, e esse é o preço que eles pagam. Enfim, infelizmente está tendo que ser assim, ou deixar o tempo passar porque o tempo conserta as coisas, e aí muda, né?!” (ADÃO)

CASO 2: TRISTÃO E ISOLDA

“[...] daí em diante, sempre mantendo um distanciamento, para que ela não viesse a tomar conta, porque é uma pessoa que se você deixar, toma conta, mas, com o tempo, ela foi vendo que ela tinha que me respeitar, respeitar a vida de cada um [...]”. (ISOLDA)

“A frequência agora é mais em datas festivas. Ela busca mais os meninos, então, ela pega, não vai muito lá em casa, como eu também não vou muito na casa dela, então, eu acho melhor”. (ISOLDA)

“Minha mãe, você dá um dedinho, ela vai querer seu braço, e não é assim [...] eu costume dizer, sogro e sogra você tem que manter uma distância segura, eles vão ajudar você sempre, mas tem que manter uma distância, até pra você preservar seu núcleo familiar, não é (?!), pra não ser uma extensão do deles. Então, minha mãe eu entendo assim: eu tenho que dar um corte, pra manter uma certa distância, pra poder viver a minha vida, que foi o que eu fiz como filho”. (TRISTÃO)

“Dias festivos é bem dividido. Natal cada ano é numa casa (noite do dia 24 na casa de um e almoço do dia 25 na casa do outro e no outro ano inverte); Dia dos Pais e Dia das Mães também é bem dividido. Minha mãe sempre pergunta sobre qual o ano “dela”. No início era um estresse isso, mas agora não, porque a gente já explicou à minha mãe que agora a gente é uma família, que a gente é que não pode separar. Ou a gente vai pra um e vai pra outro, ou a gente fica um ano só em um e no ano que vem vai pra outro”. (TRISTÃO)

CASO 3: ROMEU E JULIETA

“[...] também porque Romeu cortou desde o início, ele botou limite. Como ele não permite que ela se meta na vida dele, ele também não permitiu que se metesse na minha, nem da família, então, ela não se mete na minha vida, interfere pouquíssimo, né? E eu também não me meto na vida dela, pelo contrário, tudo que eu faço é para que Romeu permita que ela faça da vida dela o que ela quiser”. (JULIETA)

“[...] durante muitas vezes eu não fui para casa deles como uma forma de demonstrar que eu não aceitava isso [...] sabe quando você gosta de ir, quer ir, é paparicado, tem tudo para ir, mas só para poder dizer ‘eu não concordo, não concordo, eu não concordo com esta forma?’; aí eu depois comecei a avaliar, ver que era simplesmente uma forma diferente [...] eu comecei a entender que eles sejam desta forma e que, da mesma forma como meus pais eram desse jeito, eles eram de outro, e que não tinha o jeito certo, o jeito errado, então, assim, são formas de amar diferentes, enquanto um solta o outro segura”. (ROMEU)

O caso 1 revela que Adão e Eva estabeleceram, desde sua formação enquanto casal, fronteiras rígidas com a família de Adão que reside em Salvador, formada pelo pai biológico, a madrasta e seus irmãos, apesar dos motivos de conflitos maiores com o casal serem unicamente atribuídos à figura da esposa do pai de Adão. Moram no mesmo prédio, em andares diferentes, mas só frequentam a casa um do outro em datas festivas. É uma relação distante há tantos anos que o casal já trata até com humor, quando são convidados a contar como se dá.

Adão, particularmente, procura viver sem pensar nisso, e julga existir por trás disso uma política familiar tão complexa que, para ele, não vale à pena tentar entender, muito menos resolver. Mas, quando, recentemente, as relações entre sua mãe biológica, seu padrasto e sua esposa começaram a se modificar, apresentando insatisfações e conflitos, Adão se envolveu bem mais, não prorrogando a possibilidade de evitar que as interações chegassem ao que ele vivencia com a família dele de Salvador e sua esposa. Como essa parte da sua família reside no interior do estado, Adão resolveu passar a fazer as visitas quinzenais, que estava acostumado a proporcionar à sua família nuclear, sozinho, como forma de conscientizar ambas as partes de que se não se esforçarem para voltar a se entender, só acumularão prejuízos. Então, sua esposa começou a reclamar de ficar sozinha sem a companhia dele de quinze em quinze dias, e sua mãe, padrasto e irmãos se queixam da saudade dos netos. Adão tem convivido com estas críticas na esperança de que, punidos, possam voltar a se entender. Assim, revisão de fronteiras nesse casal estudado é algo frequente.

Com o caso 2, as fronteiras também foram estabelecidas diante da postura da sogra de Isolda, e, precisam, periodicamente serem revisadas e informadas a ela própria, que se faz de desentendida e desinformada diante do que o casal estabeleceu. Tristão comenta ter feito um corte com a mãe para conseguir ter autonomia com a própria vida, quando ainda solteiro e, por conta disso, ajudou a esposa a entender que seria necessário colocar limites perante a mãe dele e o núcleo familiar que estavam formando a partir do casamento. Assim, Isolda aprendeu a manter um distanciamento da sogra, para conquistar o que, para Tristão, é imprescindível: “a preservação do núcleo familiar, para não ser uma extensão do deles”. Assim como o casal do caso 1, eles também só frequentam as casas um do outro em datas comemorativas, adotando a estratégia de passar os festejos anualmente na casa de cada uma das famílias. Para Tristão essa garantia de “uma distância segura” é o que assegura a sua nova família. Mas a resistência de sua mãe ainda é tão grande a essas fronteiras que eles estabeleceram que, periodicamente, ela pede para que relembrem “qual o ano dela”, na tentativa de ter um ganho de convivência caso o casal tenha esquecido com qual família gozou da companhia naquela data.

No caso 3, Romeu já sabia qual o perfil da mãe dele, autoritária e controladora, e havia conquistado uma individualidade na vida de solteiro que desejava que fosse preservada na nova vida de casado. Então, foi ele quem garantiu que esse respeito aos seus propósitos fossem estendidos à vida da sua esposa e ao casamento deles. A formação do casal já se deu com esse entendimento entre mãe e filho, assim, a nora não sentiu nenhuma intromissão da parte dos sogros, por isso, não precisou estabelecer fronteiras rígidas. Mantiveram fronteiras que visam o funcionamento apropriado da família, a que se chama ‘fronteiras nítidas’ (MINUCHIN, 1982).

Com os pais de Julieta, as únicas fronteiras que existiram ao longo dos anos foram também adotadas por Romeu, num movimento semelhante ao que se verifica no caso 1, de Adão com sua família do interior e sua esposa: Romeu adotou ‘fronteiras rígidas’ diante dos sogros, por um longo período, deixando de frequentar a casa deles e até de aceitar convites feitos por eles, para desfrutar da companhia da filha e do genro nos finais de semana, como forma de os punirem por algumas insatisfações que ele tinha diante de atitudes que os pais de Julieta tomavam e que o desagradavam.

A intenção de Romeu em agir assim era estimular reflexão deles, mas, com a ajuda da esposa, conseguiu entender que esta não seria a melhor forma de reagir, e, então, voltou a conviver com 'fronteiras nítidas' (MINUCHIN, 1982). Essa situação que se modificou após o nascimento das filhas, quando Romeu passou a depender desses sogros nos cuidados com as netas, voltando a frequentar a casa deles como forma de retribuir o que eles faziam como avós, na intenção de fazer algo que realmente é sabido que os deixa felizes: ver toda a família reunida.

Nos casos investigados, fica proeminente que as tensões nas relações sogras-noras ainda são muito mais comuns do que a existência de tensões nos relacionamentos sogras-genros; sogros-genros e sogros-noras. A bibliografia consultada traz isso como algo histórico (PRICE, 1992; GRINSBERG; GRINSBERG, 1993; ROSSI, 1994; CHIAPIN; ARAUJO; WAGNER, 1998; BATISTA, 2004; BOWDITCH; SAMET, 2004; MIKUCKI, 2008; CHAPMAN, 2009; SATTLER *et al.*, 2010; 2012; DILLNER, 2011), mas constatou-se que permanece na contemporaneidade. Existia uma expectativa da pesquisadora em encontrar diferentes achados relacionados à essa questão de gênero.

- **Os cônjuges como mediadores entre o parceiro e seu parentesco por afinidade**

Com o casamento, a entrada de um novo membro, genro ou nora, no núcleo familiar, introduz mudanças de papéis na família. Marido e mulher precisam defender-se para garantir sua identidade conjugal, e, com isso, como cada um já conhece as especificidades da sua família de origem, assumem a postura de evitação de conflitos e colocação de cada membro no seu devido lugar (BOWDITCH; SAMET, 2004).

Por representarem culturas familiares diferentes, os cônjuges e seus parentes podem interpretar uma mesma situação de formas diferentes, aumentando as tensões, já que a relação entre sogros-genros/noras tende a ser mais formal e com menos clareza na expressão dos sentimentos do que a relação pais-filhos

(SATTLER *et al.*, 2010). Assim, nos casos investigados, verifica-se a atuação de um dos cônjuges no papel de mediador entre seu parceiro e o parentesco por afinidade do mesmo, que é seu, de origem.

CÔNJUGE COMO MEDIADOR

CASO 1: ADÃO E EVA

“Política de família, é aquela coisa, eu prefiro nem ficar pensando...às vezes ela fala e eu digo: ‘- Ó, deixa isso prá lá, se for ficar pensando...vamo viver agora o presente e acabou... porque pra mim ela tinha que relevar muitas coisas, mas não é assim. Quando ela gosta de estar com aquela pessoa tem vezes que é preciso até eu falar que não é preciso isso tudo não, mas quando ela implica também, não é mole não”. (ADÃO)

“E com a minha família de cá, a gente mesmo sentou e conversou [...] devido a isso aí eu tinha muitas discussões com ela, mas eu tô aqui numa empresa familiar, então, a gente tem que procurar conviver. Mas eu fico mesmo triste é com a parte da família de lá [...] a gente vive nossa vida aqui e eu vivo o mundinho de lá, então, quando eu quiser ir e você não quiser ir, eu vou só e acabou, infelizmente [...] muitas vezes você me chame e converse, porque roupa suja se lava em casa, e as pessoas percebem lá, aí já querem ir pra cima dela, então, eu acho que já passamos algumas coisas de um ano e pouco pra cá devido a isso, entendeu, então o único caminho que eu vi que poderia ser feito é o de eu ir e ela ficar”. (ADÃO)

“E o que eu posso conciliar entre um e outro eu faço sempre pra ficar tudo numa boa, entendeu?! Eu sei fazer e vou arrumando tudo para ficar tudo numa boa, apesar dos problemas e ir vivendo! E aí...enfim...”. (ADÃO)

CASO 2: TRISTÃO E ISOLDA

“[...] então, é muito estranho ver Tristão com aquela relação, então, eu não queria isso, eu queria muito entender isso, tanto que, assim, eu passei meus anos todos

de namoro sem ter nenhum problema com ela, o problema era dela com ele. Eu nunca me envolvi; sempre permaneci neutra, porque o próprio Tristão é quem sempre disse: “Não pode se envolver muito. Ele que me ensinou e, na verdade, eu na criação que eu tive, não tem isso [...] você faz isso, então, agora você tem que dar um distanciamento”. (ISOLDA)

“[...] fui ajudando Isolda a lidar com a minha mãe. Até que ela foi dando o braço a torcer e viu que eu tava com a razão [...] Isolda tá aprendendo com o tempo. Tem horas assim que ela briga, se irrita [...] tem vezes que estão ótimas [...]”. (TRISTÃO)

CASO 3: ROMEU E JULIETA

“[...] ele tem um relacionamento difícil com os pais, ele não tem muita medida, eles discutem muito, eles brigam muito porque eles são muito parecidos [...] então eu, eu na verdade sou o contrário, eu falo pra ele como é, que ele precisa conversar com a mãe, conversar com pai, eu sempre falei, escutar mais, dele considerar a questão da idade, né? De às vezes escutar e depois você faz diferente, mas na hora não partir para briga, deixar a mãe falar o que ela quer. Ele não gosta, mas eu falo sempre”. (JULIETA)

“[...] desde que eu casei, eu dizia a ele: ‘- Não bata de frente com meu pai, com meu pai a gente tem que escutar, depois que ele falar aí você fala, porque ele já vinha batendo boca, né? E meu pai falava: ‘Pra que é que eu vou conversar com esse menino? Por que a cada 5 palavras que eu falo ele é do contra’; e ele era [...] então, ele já entendeu que não é, que não pode ser esse modelo”. (JULIETA)

“[...] eu acho que Julieta me ensinou muito mais a lidar com os pais dela, mas também assim, tipo, meus pais geralmente davam razão a ela, ouviam ela, admiravam, aceitavam tudo dela, então, eu não tinha muito; eu acho que não tinha muito o que ensinar a lidar”. (ROMEU)

No caso 1, Adão e Eva, a mediação ocorre por parte de Adão quanto a sua esposa e o parentesco por afinidade dela, que é a família de origem dele, seja considerando a que reside na capital, ou a que reside no interior. Adão confessa que não vê a esposa relevar as provocações da sogra, a quem ela se referia como sogra, como a mãe dela fazia em relação à sogra dela, e como ele faz quanto à sogra dele,

que, apesar da boa convivência, também tem defeitos. Como ele trabalha numa empresa familiar formada pelo núcleo que reside em Salvador, ele prefere considerar que os problemas de Eva com eles são devido ao que ele chama de “política de família”, mas quando as tensões são entre Eva e os parentes do interior, ele media fazendo com que ambas as partes reflitam as perdas que sofrem quando deixam essas situações se prolongarem.

Quando os conflitos são com este núcleo familiar, Adão realmente fica muito sensibilizado, mas julga saber conduzir essas situações, enfrentando os problemas e ajudando sua esposa a também contorná-los, exatamente como Guerin (1987) defende que seja feito, tendo cada cônjuge se responsabilizado por sua própria família, ajudando seu parceiro a sobreviver nessa família tão conhecida por ele, mas tão nova para o parceiro.

Esta também foi a forma como Tristão conduziu as tensões entre sua mãe e sua esposa. Na verdade, o próprio filho sempre teve um relacionamento desagradável com a mãe. De acordo com Guerin (1987), a má resolução quanto ao apego e à hierarquia de influências na relação pais e filhos pode prolongar a presença de conflitos, transferidos para a relação com o cônjuge do filho, ou seja, nesse caso, para a relação nora-sogra. Assim, baseado nisso, tornou-se mais fácil para Tristão transmitir à sua esposa as estratégias que ela deveria desenvolver para lidar com a sogra. Revezar momentos de intimidade com afastamento, para Tristão, é o mais eficaz.

No caso 3, Romeu e Julieta, era ela quem mediava a relação do esposo com os parentes por afinidade dele, família de origem dela. Mas não somente. Romeu tinha dificuldade de entendimento com os pais, por terem o mesmo temperamento autoritário. Julieta nunca teve desentendimentos com os pais dela, então, conseguia ajudar Romeu a ter paciência com os pais, desenvolver a escuta, considerar a diferença de idade entre eles.

Por outro lado, Julieta também tinha que mediar as relações entre marido e sogros, já que o casamento deles foi encarado com ansiedade pelos pais dela e percebido como uma perda: a perda da filha mais velha, como Ashner & Meyerson (1993)

investigaram que pode acontecer quando os pais têm uma forte relação de dependência com seus filhos. Os pais de Julieta viram este casamento como uma forte separação sentimental, que se transformou em ciúme para com o genro, que lhe “roubou” a filha.

Como Romeu julgava que seus pais sempre davam razão à Julieta, não houve necessidade dele mediar as relações da esposa com os sogros, então, a mediação ocorreu mesmo apenas da parte de Julieta quanto à relação dele com os sogros, que disputavam por Julieta, na tentativa de recolocá-la sob a influência deles.

- **Os sogros como avós**

Os casais estudados estão vivendo a parentalidade, e a chegada do netos torna-se um marco nas relações com os sogros, pois, ou o casal sente-se despreparado para cuidar de uma criança e solicita o auxílio dos sogros, ou disputam com eles a disputa de quem sabe melhor cuidar e educar uma criança.

A investigação revela uma transformação nas relações com os sogros a partir de quando os netos chegam e eles passam a desempenhar o papel de avós. Sobretudo, nas relações em que identificou-se tensões, esta modificação relacional despertou novas formas de enxergar o outro; novas interações emocionais.

<u>OS SOGROS COMO AVÓS</u>
CASO 1: ADÃO E EVA
<p>“O povo diz: ‘-Vixi, pra onde vai, leva a sogra. Mas digo, sim, minha sogra é o seguinte; muito pelo contrário, minha sogra é uma pessoa super gente boa, quebra um galho danado. Ah, aqui, se não fosse ela! Ainda mais com secretária, e tal, ela ‘quebra um galhão’ pra gente, ‘galhão’, ‘galhão’, então a gente só não carrega ela, só não anda com ela por causa só disso não, mas porque ela é uma pessoa boa, entendeu?!”. (ADÃO)</p>

CASO 2: TRISTÃO E ISOLDA

“Aí chega o primeiro neto, foi quando eu tive a primeira briga com ela, ela querendo mandar nas coisas de Lucas, e aí já é demais pra mim [...] quando Larissa nasceu ela fez as mesmas coisas: ela foi pra São Paulo e comprou um monte de coisas em São Paulo [...] ontem mesmo Tristão tava falando com ela e ela tirou uma foto e mandou de lá. Os meninos mesmo só usam perfume de lá, desde quando nasceram. Ela tem umas coisas que é dela, e eu acho isso o máximo”. (ISOLDA)

“Até porque quando você tem filhos passa a ter uma vida social mais intensa, cheia de aniversários, então, quer queira, quer não, você passa a ir se distanciando, e vai se distanciando porque quer também, porque não é saudável, vai se distanciando [...] eu a incluí porque eu acho que isso é importante pra minha relação com ela, porque os meus filhos não me vêem muito com ela; coisa que assim, antes deles eu andava muito com ela, na época de namoro eu andava muito com ela; muito; eu era muito mais filha do que a própria filha dela, então, depois de tudo, teve uma ruptura drástica, mais pelo gênio dela”. (ISOLDA)

“Hoje eu saio para os meninos cortarem cabelo, eu e ela, que eu sei que é uma coisa que ela gosta e que eu não gosto; e isso é um prazer pra ela, porque ela fica se cobrando e eu fico com uma pena, porque poderia estar muito mais com os netos, e assim eu vou dando um prazer pra ela de passar uma tarde com os netos, fazer uma coisa diferente, pagar, porque eu sei que ela sempre faz questão dela mesma pagar”. (ISOLDA)

“Os pais de Isolda se fazem muito presentes na vida dos meus filhos, apesar de morarem longe”. (TRISTÃO)

CASO 3: ROMEU E JULIETA

“[...] nem na educação ela tem participado muito [...] a gente convida para as coisas das meninas na escola, ela não vai em todas, mas ela vai quando ela pode [...] ela está na minha casa toda semana, não me pergunte se eu sei que ela vai, eu não sei, ela vai, aí quando eu chego em casa: ‘- Ah, ela veio aqui e trouxe suco

de uva para as meninas; Ah, ela veio aqui porque ela tava com saudade das meninas'. Ela vai, passa meia hora, vê que tá tudo bem, porque é a racionalidade, né?, entra: 'Tá tudo sobre controle, todo mundo bem, tem alguém doente, não tem, tem alguém precisando de alguma coisa, não tem, então, tá tudo ótimo, tchau, já fui'; pega a bolsa e vai embora. É o jeito dela, não é aquela vó de botar no colo, apesar de que a gente já viu que ela mudou muito com a chegada das meninas, amoleceu muito, muito, muito, muito." (JULIETA)

"No ano passado minha mãe pegava as meninas na escola todo dia, todos os dias, né? Ele não tinha condições de pegar, eu aqui super longe, a vida deles regrada, então ele pediu à minha mãe, baixou a crista, como se diz, e pediu à minha mãe essa ajuda e ele começou a retribuir a minha mãe também por tudo isso que ela fazia, que fazia coisa que ela gosta, que é indo lá almoçar final de semana, indo pra Villas, não é com presente, é com presença, né?" (JULIETA)

"[...] eles não se metem tanto e tudo mais, mas é que eles querem fazer tudo, então, tipo, minha sogra deixa minha filha fazer o que quer, bem quer e bem entende, entendeu? É capaz de minha filha, se quiser falar: '- Eu vou lhe amarrar vovó, e você vai ficar aqui até que, sei lá', ela: '-Tá bom, eu vou ficar. E meu sogro, então, nem nem se fala, então, assim, e eu acho não, não tem que deixar não, tem que fazer, mas é vó e deixa mesmo, e tudo, e minha mãe, do jeito que é, acaba deixando, eu falo assim, se minha mãe que sempre foi assim, deixa [...]". (ROMEU)

"Ainda mais quando você tem sentimentos, vem com agressividade, mas ele falou muito e ele impôs muito limites pra minha mãe, e aí minha mãe percebeu, enquanto sogra, enquanto vó não, enquanto vó ele quer perto". (JULIETA)

O casal Adão e Eva utiliza-se dos cuidados da mãe de Eva como vó. Este casal uniu-se por conta de uma gravidez não planejada, então, o relacionamento entre genro e sogra já se concebeu praticamente concomitante com o exercício do papel de sogra como avó. Mesmo na época do namoro Adão tendo um bom relacionamento com a sogra, pode considerar que a manutenção desse clima favorável entre eles se deu por retribuição ao que sua sogra sempre foi como avó. O casal tem hábito de oferecer passeios, presentes e bastante companhia à mãe de

Eva, por reconhecimento aos cuidados que ela dispõe aos netos, já que, sem ela, seria mais complicado dos dois exercerem atividades profissionais.

Com o casal Tristão e Isolda, a chegada do primeiro filho selou a primeira desavença entre nora e sogra, por Isolda se sentir, na convivência com a sogra enquanto vó, desautorizada e invadida enquanto mãe. Bowdich & Samet (2004) consideram que, nesses casos, as diferenças e tensões existentes entre nora e sogros tendem a se potencializar. A partir desse episódio com a sogra, Isolda decide escutar mais o marido quanto a forma de lidar com a mãe dele.

Isolda traz o fato da nova vida social que ela e o marido passaram a ter após a chegada dos filhos, que inclui uma agenda de aniversários infantis, passeios de entretenimento e lazer que, naturalmente, foram afastando-os do convívio frequente com os avós. Nos casos em que existem tensões nessas relações, isso surge como um benefício para conter a ansiedade dos avós e garantir a autonomia do novo casal enquanto pais, podendo diminuir arestas entre eles (RUSCHEL ; CASTRO, 1998). Tristão e Isolda decidem quando querem estar próximos dos sogros, e, apesar dos pais de Isolda residirem no interior, são muito presentes na vida dos netos.

Com Romeu e Julieta, os limites que foram impostos aos pais de Julieta, como sogros, quanto ao casamento deles, foram revistos quando passou-se a tratar da relação com os, agora, avós das filhas que tiveram. A mãe de Romeu continuou oferecendo apoio ao casal, de forma bastante objetiva, como sempre promoveu. Kahn (1998) considera que este seja o melhor tipo de apoio que se pode oferecer: quando completa, e não deseja competir nem substituir no cuidado com os netos.

A mãe de Julieta recebe críticas do genro quanto a sua forma de satisfazer os desejos das netas, prejudicando a educação que os pais planejaram oferecer, não tanto flexível quanto àquela que é promovida pelos avós, porém, diante do que sua sogra oferece enquanto avó, o genro passa a pensar formas de retribuir aos favores que são concedidos pela sogra à ele e à esposa, exatamente como Adão faz com sua sogra.

Devido às transformações sócio-históricas, percebe-se que os sogros enquanto avós são solicitados conforme as circunstâncias. Não foi verificada a dicotomia que o senso comum assinala quanto à diferença entre os relacionamentos distintos entre os avós com os netos que são filhos das filhas, e os netos que são filhos dos filhos. Existe uma tendência das noras em deixarem seus filhos também sob os cuidados das suas sogras, e não somente com as próprias mães como preteridas, como se a decisão sobre esses cuidados fosse tomada a partir da disponibilidade das avós. Isso pode ser justificado por um aspecto da vida moderna, em que ocorre uma ajuda de recursos dos pais, certo suporte financeiro dos pais perante os filhos, caracterizando a sociedade do consumo, tratada por Bauman (2004), em que todos se gostam muito, se precisam muito, e, por isso, estejam necessitando tanto desses pais.

Nas gerações dos pais estudados, são eles, os pais dos casais participantes, quem fornece apoio para os seus pais (avós dos casais), aposentados, e, na maioria, precisando de ajuda não somente de ordem financeira; em contraponto, na geração dos casais estudados, são esses filhos que estão precisando desses pais, porque ainda não garantiram uma estabilidade financeira e necessitam trabalhar e cuidar dos filhos, gerando uma demanda sobre os avós, sejam eles de origem paterna ou materna. Como os casais dessa nova geração precisam, muitas vezes, dos sogros como cuidadores do(s) seu(s) filho(s), nutrem forte gratidão a eles, pelo que são como avós, apesar de suas diferenças como sogros.

Curioso é que o tema 'sogros como avós' surgiu espontaneamente a partir da investigação, porém, em todos os casos estudados, apenas são detalhados o comportamento e a ajuda das sogras como avós; como se aos sogros coubessem ainda o papel de coadjuvantes deste exercício de avós, mesmo que teoricamente a literatura já traga a presença mais efetiva deles (DILLNER, 2011; BOWDITCH; SAMET, 2004).

- **O fortalecimento do “absoluto do casal”**

Nos casos investigados, percebeu-se um fortalecimento do “absoluto do casal” (CAILLE, 1991) para garantir a família nuclear diante das interferências dos sogros. Interessante que esse movimento dos casais expõe um paradigma: maior interferência dos sogros x fortalecimento do casal. Ficou claro que os casais que enfrentaram tensões maiores quanto ao relacionamento com os sogros, foram justamente os que desenvolveram um alto nível de coesão, reforçando o absoluto do casal, que é um modelo único de ser casal, para conseguirem definir a existência conjugal, estabelecerem seus limites e terem maior êxito quanto à diminuição das intromissões dos pais/sogros na vida conjugal deles.

A vida conjugal pode ser vista como um eterno processo dialético, que atinge sínteses transitórias e reformuláveis. A dinâmica do casal se estrutura no confronto de percepções diferentes de mundo, na oposição de visões antagônicas. Phillippe Caillé (1991), considerando que na dinâmica de todo casal intervém uma terceira dimensão (“um e um são três”) que escapa ao controle dos parceiros, e que, em geral, não é reconhecida, atribui o nome de “absoluto do casal”, que, segundo ele, pode ser trabalhado em terapia de casal, a partir da observação dos padrões de relacionamento:

O absoluto é uma síntese, plena de significado, das diferenças entre duas pessoas. Se essa síntese lhes faltar, essas duas pessoas serão continuamente confrontadas com o fato de terem de viver inexoravelmente como estranhas [...] fator essencial para que um casal sobreviva é o sentimento de conter esse terceiro, consciência de uma síntese operante. Esse fator supera qualquer dificuldade de relacionamento. Por outro lado, todos os elementos problemáticos de uma relação serão apontados como justificativa de fracasso quando o absoluto do casal enfraquecer ou desaparecer (CAILLÉ, 1991: p. 103).

<u>FORTALECIMENTO DO ‘EU ABSOLUTO’</u>
CASO 1: ADÃO E EVA
“Pra não deixar essa mulher influenciar tanto no meu casamento usamos a

estratégia de seguir o caminho da gente; não ligar; deixar rolar; o importante somos nós e acabou! Até porque ela não é minha mãe, então, não temos muito o que ligar o que ela vai falar, o que ela vai achar, o que ela vai pensar.”

(ADÃO)

“Às vezes eu perco as forças, assim, mas eu acho que mesmo essa família dele, com essas indiferenças, não vai ser capaz de separar a gente, porque se fosse, já tinham separado.” (EVA)

“[...] eu acredito que meu casamento tem tudo para dar certo. Eu acho que, apesar dela estar lá (sograsta) e saber, por um parente, que o sonho dela é não me ver com ele, por que ela acha que quando Adão dá os revertérios lá (na empresa familiar) é por influência minha; ela acha que casar é para somar.”

(EVA)

CASO 2: TRISTÃO E ISOLDA

“[...]aí eu situei ela de que o aniversário de Lucas ainda era em Outubro, e que eu agora tava organizando o batizado e que eu não tinha porque decidir agora sobre o aniversário. Porque ela queria reservar o salão do prédio dela, porque é um salão de festas muito requisitado [...] Aí eu falei: “Minha tia, eu ainda não decidi com Tristão”. Aí essa mulher deu pra ruim [...] Aí eu falei: “Olhe, a gente também tem salão de festas.”

CASO 3: ROMEU E JULIETA

“[...] hoje Julieta está muito mais próxima do que eu sou, de ser como eu sou, da minha forma de pensar, do que da forma que eles pensam [...]”.

“Romeu sempre achou que eu casei, mas eu tinha meu pai e minha mãe em primeiro lugar e ele em segundo. Ele sempre trouxe isso, então, o conflito era sempre assim [...] mas o tempo passou e eu já conheço o jeito de Romeu, a forma dele pensar e hoje sei que minha família com ele vem antes de qualquer coisa porque nós precisamos juntos definir as coisas, sem deixar que essas outras relações interfiram. Hoje estamos muito unidos e eu até penso do jeito que ele pensa mesmo”.

O casal Adão e Eva expressou que quanto maiores as questões com a madrasta de Adão, mais eles se unem. Além disso, quanto mais tempo eles ficam sem visitar a família de Adão que reside no interior, mais sentem que a vida conjugal deles melhora, estabiliza, tornam-se mais serenos. Apesar dos problemas que existem com as sogras, seja com a sogra ou com a mãe biológica de Adão, Eva acredita no êxito do casamento dela, por ter, junto com Adão, consciência das suas diferenças e desejo de manter a conjugalidade.

Tristão e Isolda desenvolveram a estratégia de só tomarem qualquer decisão sugerida pela mãe dele quanto aos netos, mediante um diálogo prévio enquanto casal, e assim, vão superando qualquer dificuldade que surge no relacionamento com os sogros, de forma geral.

No caso 3, Julieta hoje até considera que começou a pensar como Romeu. Como se fossem um. Os cônjuges estão sujeitos ao tempo, que transforma suas pretensões, suas ambições e a percepção que eles têm de si mesmos e do outro (CAILLÉ, 1991). Este casal é um exemplo do quanto este absoluto, antes visto pelos estudiosos como um terceiro excluído, passa a ser incluído à medida que o casal reconhece que só superarão as dificuldades de serem dois diante da construção da conjugalidade, que envolve inventarem, juntos, e com criatividade, um intercâmbio de significados para fortalecimento do absoluto, tornando-o consciente para eles, numa aliança de proteção às intromissões de qualquer ordem. “O absoluto de uma relação torna-se consciente quando não sabemos o que é mais importante: o casal ou seus membros” (CAILLÉ, 1991: p. 38).

**N
I
N
H
O
V
A
Z
I
O**

7 NINHO VAZIO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

No casamento, cada um dos cônjuges se distingue pelo sexo, pela sua história de vida e pela cultura da família de origem (CAILLÉ, 1994). A dinâmica dos casais se estrutura no confronto de percepções diferentes sobre o mundo, na oposição de visões antagônicas, podendo ser vista como um eterno processo dialético. Tornar-se casal é uma das tarefas mais difíceis do ciclo vital (CARTER; MCGOLDRICK, 1995), que requer que duas pessoas renegociem juntas uma série de questões que definiram previamente em termos individuais, ou que foram definidas por suas famílias de origem.

Sob uma perspectiva sociológica, a conjugalidade ocorre em um dado momento do percurso pessoal de um conjunto de indivíduos: “percurso esse social, cultural e ideologicamente marcado de forma diferenciada, de acordo com as condições de existência e com o gênero, já que é diferente também o que se considera ser o comportamento adequado para os dois sexos em setores sociais distintos” (TORRES, 2000, p. 137). Dessa forma, não se pode pensar em conjugalidade sem considerar o contexto no qual essa noção é produzida.

Por isso, para compreender acerca de como os casais estabelecem os vínculos de afinidade que liga um dos cônjuges aos parentes do outro, precisa-se considerar o contexto no qual essas relações foram construídas a partir das experiências que o casal vivenciou nas famílias de origem. Pela revisão de literatura efetuada, mostraram-se algumas evidências quanto à influência do clima relacional na família de origem no ambiente familiar na família nuclear. A vivência da conjugalidade no novo núcleo conjugal reflete não somente as influências das famílias de origem, mas todas as experiências vividas pelos membros dos casais investigados.

Siegel (2005) assegura que o segredo do desenvolvimento saudável de um ser humano na infância não se restringe ao seu relacionamento com cada um dos pais individualmente, mas é fruto da percepção que a criança tem do relacionamento entre seus pais, sobretudo acerca do grau de prioridade dado ao casamento; o nível de apoio, respeito e confiança mútua entre marido e mulher; a forma como as

divergências conjugais são negociadas e os conflitos solucionados e a forma como a amizade e o afeto são transmitidos. Para a estudiosa, a relação conjugal observada pela criança funciona como um molde sobre o qual todas as interações pessoais futuras serão construídas.

Acreditava-se que existiam repercussões da forma como os pais lidavam com o parentesco na vivência dessas relações pelo novo casal, e, por isso, a instigação para este estudo. Tive acesso à estudos que apontam que conflitos na família de origem encontram-se negativamente relacionado com a qualidade matrimonial e também com a qualidade parental (HORWITZ, GANIBAN, SPOTTS, LICHTENSTEIN, REISS ; NEIDERHISER, 2011), e isso aproximou a curiosidade em investigar as relações de cada membro do casal com o parentesco por afinidade, a partir dos padrões interacionais vivenciados na família de origem e sua relação com o nível de diferenciação (BOWEN, 1974; 1989 ; KERR, 1981; 1984) do novo casal em relação à conjugalidade dos pais, se aparecem como facilitadores ou inibidores desse processo.

Os resultados apontam para o fato de que, quando os novos relacionamentos são radicalmente diferentes dos tipos com os quais você está acostumado, é preciso desenvolver novas capacidades. O impulso é buscar apoio no repertório familiar (BOWDITCH; SAMET, 2004). Investigou-se aqui as relações dos casais com os sogros e, quanto a isso, cada relacionamento precisa de atenção individual. Em culturas diferentes, existem normas diferentes. Entre as famílias, as tradições podem ditar formas de tratamento diferentes. Pode ser difícil encaixar-se em algumas tradições familiares, pode ser difícil saber o que é certo e o que certamente representa um desafio.

Apesar das diferenças individuais, características da personalidade de cada cônjuge, as experiências construídas a partir das influências familiares e das reações às situações circunstanciais têm um peso considerável quanto ao desenvolvimento do nível de diferenciação de cada casal em relação ao casamento dos pais. Pensando assim, os dados acerca dos níveis de diferenciação dos casais diante de suas famílias de origem retratam duas posturas possíveis, adotadas por eles: ou os casais elegem dentre as famílias, independente de ser a família do marido ou da

esposa, aquela que teve uma condução mais facilitadora ao desenvolvimento e diferenciação dos seus membros como a postura ideal para seguirem enquanto par, ou, caso tenham nas suas histórias de vida queixas e traumas familiares quanto às experiências desenvolvimentais de origem, reagem negando este modelo, como garantia de não transmitirem aos seus descendentes esses aspectos, escolhendo enquanto par conjugal um caminho diferente, mesmo que desconhecido por eles.

Histórias de vida de cada cônjuge estão presentes na conjugalidade, refletindo-se no modelo de funcionamento relacional de cada núcleo familiar formado pela união do casal. Este funcionamento interacional é fruto das conjunções de forças e funções e dos fatores circunstanciais de um determinado encontro de pessoas, criando-se um vínculo conjugal, com características próprias e pessoais, e somente pertencente a esse núcleo conjugal (MUNHOZ, 2001).

Os dados trazem a transmissão intergeracional dos padrões interacionais (WATZLAWICK, BEAVIN ; JACKSON, 1973) do casamento dos pais pelos casais investigados, e, quando focalizados estes padrões acerca do relacionamento com os sogros, aparece a tendência a uma repetição por gênero, por pelo menos um dos cônjuges: a filha inspira-se na relação que a mãe teve com os sogros, ou o filho reproduz a relação que seu pai teve com os sogros, ainda que este seja um processo inconsciente.

Quanto aos níveis de capacidade de negociação intracasais (ROMANO ; DESTAL, 1994), os dados mostram que a nova geração preza a individualidade e capacidade de negociar as diferenças de postura, decisões, opiniões, constituindo-se enquanto pares pactuados, mesmo que algum dos cônjuges tenha convivido com os pais fusionados enquanto casal.

Assim, este estudo comprova que o contexto histórico, socioeconômico, político e educacional afeta os indivíduos em suas interações familiares, estabelecendo uma via de duas mãos. A tendência individualista, historicamente recente, entre a sociedade repercute nas relações entre as famílias nuclear e de origem. As famílias de classe média tendem a ser menores, ocorre um enfraquecimento da autoridade e, por consequência, as relações hierárquicas ficaram mais tênues.

Para Radcliffe-Brown (1978), com a transformação da família e dos sistemas de parentesco contemporâneos, o sistema de parentesco passa a ser compreendido como um sistema de representações que seria estruturante da ordem social; um sistema de relações sociais, remetido à dimensão social. O parentesco é a grande dimensão na qual se pode demonstrar que um sistema não é um conjunto de costumes isolados, mas é constituído à medida que se estabelece a sua estrutura.

Os significados de cada uma das posições na família transformaram-se e há uma demanda por parte das famílias e dos estudiosos por compreender esse universo que se revela:

um sistema de parentesco e casamento pode ser encarado como um arranjo que capacita pessoas para viverem juntas e cooperarem umas com as outras numa vida social ordenada [...] Um sistema de parentesco nos apresenta, desta forma, um conjunto complexo de normas, de práticas e de padrões de comportamento entre parentes (RADCLIFFE-BROWN, 1978: p. 62).

O papel da mulher vem se modificando nas últimas décadas. O aumento de sua participação no mercado de trabalho, assim como de sua autonomia, amplia seus interesses, fazendo com que elas participem de outras atividades. O envolvimento com a família já não é mais sua única fonte de gratificação.

Ocorre um processo de diferenciação de uma geração para outra e, com isso, os sogros interferem cada vez menos; são menos intrusivos. De uma forma geral, com a emancipação das mulheres, as noras e sogras dessa nova geração estão no mercado de trabalho, e por isso não reproduzem, com a mesma constância e carga, o estereótipo da relação sogra-nora. Saíram de uma relação hierárquica, dando contornos a uma nova geração democrática, em que as relações se modificam.

Nesse contexto, há necessidade de que o cuidado com os filhos seja compartilhado com mais pessoas. Essas mudanças, apesar das complexidades que introduzem, estimulam na mulher um crescimento e amadurecimento pessoais, que podem estar se manifestando numa transformação na qualidade da relação sogra/nora, diminuindo suas diferenças, e, conseqüentemente, contribuindo para democratização das relações com as famílias materna e paterna e trazendo uma

presença mais efetiva do homem na família, sendo marido ou avô, agora tendendo a ser tão participativo quanto a avó ou a esposa.

Na contemporaneidade, mais mulheres estão trabalhando; a população está envelhecendo; o número de casamentos está diminuindo, e até mesmo nas sociedades em que as sogras tradicionalmente são figuras poderosas, tais como Índia e China, sua influência está em declínio. Ser sogra já é um papel mais temporário, uma vez que, nas sociedades ocidentais, dois em cada cinco casamentos terminam em divórcio e os relacionamentos de coabitação são ainda mais breves. As sogras que desejam ver seus netos têm que passar pelas ex-noras, um acesso que pode depender da qualidade do relacionamento das duas e tem levado à criação de grupos de avós que reivindicam direitos legais. Uma vez que também trabalham fora e são muito ocupadas, as sogras podem criticar menos as noras e estar igualmente mais disponíveis para se intrometer na vida dos outros, atitude da qual sempre foram acusadas. Provavelmente hoje elas sejam acusadas de não estarem mais tão presentes para ajudar.

Dillner (2011) considera que as sogras do século XXI ainda provocam sentimentos fortes, talvez mais das noras do que dos genros. Esses sentimentos encontram expressão na Internet, onde surgiram sites com histórias sobre a grosseria das sogras, a crueldade emocional, etc. Ela considera também que à medida que esta geração de sogras envelhece, é improvável que seus filhos e noras tomem conta delas, e que as relações íntimas entre sogras, que estão envelhecendo, e noras, que transmitem sabedoria ao longo de anos de experiência, provavelmente vão se tornar raras. Os dados confirmam que as tensões entre sogra e nora ainda são mais comuns do que as tensões entre sogra e genro, sogro e nora, sogro e genro, mas as relações dos sogros com os casais se modificam a partir do momento em que o casal procria e estes sogros passam a exercer o papel de avós, sendo vistos e valorados de forma diferente, em termos de participação na vida do casal.

Dependendo do momento do ciclo de vida, pode haver uma variação na qualidade e ou na percepção da relação com os sogros. As tensões podem estar associadas a sentimentos velados, não expressos. A ausência de conflito aberto pode levar a sogra a não ter percepção dos sentimentos despertados na nora. E, assim como o

papel das mulheres em geral, o da sogra também mudou ao longo da história, e sua influência foi afetada pelas condições políticas e sociais de cada época (DILLNER, 2011). Mas há um fator que não mudou ao longo de milhares de anos: a crença de que uma mãe colocará os interesses do filho acima dos da nora.

No estudo, em todos os casos investigados, observou-se que ambos os avós, maternos ou paternos, têm um papel importante para o novo casal. Porém, as mulheres ainda se consideram as “guardiãs da família”, ou seja, aquelas que preservam e dão sequência às tradições familiares (BOWDITCH; SAMET, 2004). Assim, quando suas tradições entram em conflito com as dos sogros quanto à educação dos netos, além de também causarem problemas com o marido, a maioria ainda exige que as regras da sua família suplantem as regras da família do marido, podendo gerar estresse, já que, para as autoras, sempre é mais fácil repetir os padrões, em vez de modificá-los ou criar novos.

A urbanização e o desejo das mulheres de morar separadas das sogras e trabalhar fora de casa deixaram as sogras mais propensas a tentar se conciliar com as noras do que repreendê-las (DILLNER, 2011). Mas os estudiosos ainda consideram arriscado a coabitação desses casais com os sogros, mesmo com essa geração de sogros da contemporaneidade sendo mais sensível quanto ao seu papel, mais introspectiva, mais envolvida com a própria vida e mais consciente do motivo pelo qual podem ter sentimentos conflitantes quando os filhos têm relacionamentos duradouros ou se casam. Eles podem desejar fazer melhor do que seus sogros fizeram (DILLNER, 2011).

A antropóloga Margaret Mead (*apud* DILLNER, 2011) revelou que: “de todas as pessoas que estudei, de habitantes de cidades aos das cavernas, sempre percebi que, pelo menos, cinquenta por cento prefeririam ter, ao menos, uma selva os separando de suas sogras”. Entretanto, ainda existe uma proporção substancial de genros e noras que conseguem conviver sem uma barreira natural impenetrável entre eles e suas sogras, mesmo que historicamente tenhamos sido tão influenciados pelas sociedades patriarcais de muitas culturas, que encorajavam as piores relações possíveis entre sogras e noras (DILLNER, 2011).

Quanto mais complexa e íntima se torna a relação, maior será a probabilidade de enfrentar desavenças (BOWDITCH; SAMET, 2004). Contudo, o relacionamento não deve ser tido como ruim por não ser perfeito. É possível ter um bom relacionamento com quem não se gosta, contanto que haja algo na pessoa que desperte a apreciação. Se não houver nada agradável, todo o tato e cortesia do mundo não produzirão um bom resultado: “boa relação é a capacidade de dar valor aos objetivos do outro e reconhecer a importância da autoafirmação e da concessão” (BOWDITCH; SAMET, 2004, p. 54).

Nesse estudo é verificado que essas questões de parentesco têm movido um dos cônjuges a, naturalmente, mediar as relações do parceiro com o parentesco por afinidade que, por sinal, é seu, de origem. Por serem “especialistas” nas questões de suas próprias famílias, assumem a postura de evitação de conflitos e garantia de limites na execução de cada papel social na família. Porém, os jovens ainda enfrentam dificuldades até se tornarem financeira e funcionalmente autônomos, o que tem gerado um entrave no crescimento pessoal e na formação do próprio núcleo familiar, dependente do núcleo de origem até o casamento, ou às vezes até o nascimento dos filhos. O que os casos estudados expuseram foi um jogo de interesse das famílias de origem, no papel de avós, nesse sentido, como uma forma de manter ligados a eles não somente seus filhos, como toda a família que eles tenham constituído, para, unidos, pela dependência financeira ou como cuidadores dos netos, preservarem a identidade familiar e, ainda, se sentirem exercendo certos controles.

Neste estudo, fica claro que, para se livrar dessa tendência contemporânea de jogo de interesses entre os casais de duas gerações (pais e filhos), os novos casais, desde a sua formação, se envolvem num movimento natural de fortalecimento do terceiro elemento da relação: o absoluto do casal (CAILLÉ, 1991), que compõe as três dimensões de um casal: eu, o outro e o “nós conjugal” (ABOIM, 2009), tratado por Caillé (1991) como absoluto. Assim, fica comprovado com esta pesquisa que, quanto maior as tensões no relacionamento com os sogros, mais os casais contemporâneos, da referida classe investigada, se unem em torno do fortalecimento desse absoluto, que esclarece o modelo único de ser do casal, estabelecendo limites e garantindo a saúde do relacionamento com os sogros.

Com este estudo, pude, então, compreender que as influências da família de origem se mantêm ao longo da vida dos indivíduos. Contudo, existe ainda um longo caminho a percorrer, no sentido da compreensão desta influência e das variáveis que nela intervêm ou que por ela são influenciadas. Devido à complexidade do estudo, que enfoca as relações dos sogros com o novo casal, e se torna inédito enquanto tese, e à unicidade de cada caso, que revela muitas particularidades, sugere-se a continuidade da investigação, para contribuição ainda maior ao estado da arte, já que este estudo não é generalizável, mas sim específico, referente a uma determinada classe social.

REFERÊNCIAS

A., M. H. K. The use of a socially constructed genogram in clinical practice. **Am J. Fam Ther**, n. 29, p. 23-38, 2001.

ABOIM, S. **Emoções e rotinas: a construção da autonomia na vida conjugal**. Actas dos ateliers do V Congresso de Sociologia. Sociedades Contemporâneas: reflexividade e ação. Minho, Portugal, p. 146-155. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.com.br>. Acesso em: 21 de maio de 2010.

ABOIM, S. **Conjugalidades em mudança: percursos e dinâmicas da vida a dois**. Lisboa: ICS, 2006.

ABOIM, S. Da pluralidade dos afetos: trajetos e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, n. 70, p. 107-122, 2009.

ABOIM, S. **Plural masculinities. The remaking of the self in private life**. Aldershot: Ashgate, 2010.

ANDOLFI, M. **Terapia familiar: um enfoque interacional**. Buenos Aires: Paidós, 1987.

ANDOLFI, M. **Tempo e mito em psicoterapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

ANDOLFI, M. **Por detrás da máscara familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ANDOLFI, M. **A Crise do casal: uma perspectiva sistêmico-relacional**. São Paulo: Artmed, 2002.

ANDOLFI, M.; NICHILLO, M. D. Introducción. In: BOWEN, M. **De la familia al individuo: La diferenciación del sí mismo en el sistema familiar**. Buenos Aires: Paidós, 1991. p. 9-18.

APTER, T. **Why women don't have wives?** New York: Schocken, 1985.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Tradução de D. Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ASHNER, L.; MEYERSON, H. **Quando os pais amam demais: o que acontece com a liberdade e a independência dos filhos**. São Paulo: Saraiva, 1993.

AUGÉ, M. **Os domínios do parentesco: filiação, aliança matrimonial, residência**. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

AUN, J. G.; ESTEVES DE VASCONCELLOS, M. J.; COELHO, S. V. **Atendimento de famílias e redes sociais: Fundamentos teóricos e epistemológicos**. Belo Horizonte: Ophicina da Arte & Prosa, 2005.

B., W. F.; PETERS, R. M. Identification of cardiovascular risk: use of a cardiovascular specific genogram. **Public Health Nurs**, v. 17, n. 3, p. 148-54, 2000.

BARONI, L. C. D. Sogra é parente por afinidade com vínculo permanente. **Revista Consultor Jurídico**, 28 Abril 2011. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2011-abr-28/sogra-parente-afinidade-mantem-vinculo-mesmo-fim-casamento>. Acesso em: 25 Set. 2013.

BARTHES, R. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução de M. V. V. de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BATESON, G. **Interacción familiar**. Argentina: Ediciones Buenos Aires, 1980.

BATESON, G. **Mente e natureza**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

BATISTA, E. **Entre o mito e o preconceito: a figura feminina na condição de sogra sob os olhares de Fialho de Almeida e Aluizio Azevedo**. [resumo]. Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra. 2004.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido - Sobre a Fragilidade dos laços humanos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BEATON, J. M.; DOHERTY, W. J. Father's family of origin relationships and attitudes about father involvement from pregnancy through first year postpartum. **Fathering: A journal of theory, research & practice about men as fathers**, v. 5, p. 236-245, 2007.

BECK, U.; BECK-GERNSHEIM, E. **The normal choose of love**. Cambridge: Polity Press, 1995.

BELSKY, J. The determinants of parenting. A process model. **Child Development**, v. 54, p. 83-96, 1984.

BERGER, P.; KELLNER, H. Marriage and the construction of reality. In: DREIAZEL, P. H. **Recent sociology**. New York: The Mac Millow Company, 1970.

BERNARD, J. **The future os marriage**. New Haven, Conn: Yale University Press, 1982.

BERTALANFFY, L. V. General systems theory: a critical review. In: BEISHON, H.; PETERS, G. **Systems behavior**. Londres: Open University Press, 1972.

BERTALANFFY, L. V. **Teoria general de los sistemas**. Madrid: Fondo de Cultura Econômica, 1976.

BERTIN, I. P.; PASSOS, M. C. A transmissão psíquica em debate: breve roteiro das concepções psicanalítica e sistêmica. **Interações**, v. 8, n. 15, p. 65-79, 2003.

BERTONI, A.; BODENMANN, G. Satisfied and dissatisfied couples: positive and negative dimensions, conflict styles and relationships with family of origin. **European Psychologist**, p. 175-184, 2010.

BLEGER, J. A entrevista psicológica: seu emprego no diagnóstico e na investigação. In: BLEGER, J. **Temas de Psicologia: entrevista e grupos**. Tradução de Rita Maria N. de Moraes. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 7-41.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução de Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista Maria João Alvarez. Portugal: Porto Editora, 1994.

BORGES, M. L. **Amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BOSZORMENYI-NAGY, I.; SPARK, G. M. **Lealdades invisíveis**. Buenos Aires: Amorrortu, 1983.

BOWDITCH, E.; SAMET, A. **O desafio do relacionamento nora e sogra: tudo o que você precisa saber para estabelecer uma relação cordial e respeitosa**. São Paulo: M. Books, 2004.

BOWEN, M. Uso de La teoria familiar em la pratica clínica. In: HALEY, J. **Tratamiento de La família**. Barcelona: Toray, 1974. p. 134-161.

BOWEN, M. **Family therapy and clinical practice**. New York: Jason Aronson, 1978.

BOWEN, M. **La terapia familiar em la pratica clínica**. Espanha: Editorial Adesclée de Brouwer, S. A., 1989.

BOWEN, M. **De La família al individuo**. Barcelona: Paidós, 1991.

BOZON, M. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BRASIL colônia: a sociedade patriarcal. **História Net**, 2014. Disponível em: <<http://historianet.com.br>>. Acesso em: Jul. 03.

BREHM, S. Las relaciones intimas. In: MOSCOVIC, S. **Psicologia social I**. Barcelona/Buenos Aires/México: Ediciones Paidós, 1991. p. 211-236.

BROMBERG, M. H. P. F. Famílias enlutadas. In: CARVALHO, M. M. M. J. **Introdução à psiconcologia**. Campinas: Editorial Psy, 1994. p. 393 – 414.

BRUSCHINI, C. Teoria crítica da família. In: AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. D. A. **Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento**. São Paulo: Cortez, 1993.

BUCHER, J. Mitos, segredos e ritos na família. **Psicologia, teoria e pesquisa**, v. 1, n. 2, mai./ago. 1985.

CAILLÉ, P. **Um e um são três: o casal se auto-revela**. São Paulo: Summus, 1991.

CALADO, A. V. Parentesco por afinidade socioafetiva e obrigação alimentar. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, v. XIII, n. 74, Mar 2010. Disponível em: http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7288. Acesso em: 22 Out. 2013.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. Athena: Palas, 1991.

CANAVARRO, M. C. S. **Relações Afectivas e Saúde Mental – Uma abordagem ao longo do ciclo de vida**. Coimbra: Quarteto Editora, 1999.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar – Uma estrutura para a terapia familiar**. M. A. V. Veronese, Trad. Porto Alegre: Artes Médicas. Tradução de M. A. V. Veronese. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. Título original: *The changing family life cycle: a framework for family therapy*, 1989.

CERVENY, C. M. O. Histórias familiares: conversando sobre mitos, crenças, segredos e profecias. In: NATRIELLI, D. **Século XX e XXI o que permanece e o que se transforma**. São Paulo: Lemos Editorial, v. VII, 1997a. p. 59-65.

CERVENY, C. M. O. Lealdade familiar: um modelo transmitido? In: NATRIELLI, D. **Século XX e XXI o que permanece e o que se transforma**. São Paulo: Lemos Editorial, v. IX, 1997b. p. 111-117.

CERVENY, C. M. O. **A Família como modelo: desconstruindo a patologia**. São Paulo: Livro Pleno, 2011.

CERVENY, C. M. O. **Ciclo vital e família – trabalho apresentado na Oficina sobre Casal e Família**. II Encontro Luso-Brasileiro de Saúde Mental – I Congresso de Psicanálise das Configurações Vinculares e III Encontro Luso-Brasileiro de Grupoanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo. Guarujá, SP. out./1995.

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. **Família e Ciclo Vital – nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

CHAPMAN, G. **Como lidar com a sogra**. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

CHASE, S. E. Narrative inquiry: multiple lenses, approaches, voices. In: DENZIN, N. K.; S., L. Y. **Collecting and interpreting qualitative materials**. Los Angeles: Sage, 2008. p. 57- 94.

CHAVES, M. A criança e o adolescente e o parentesco por afinidade nas famílias reconstituídas. **Jus Navigandi**, Teresina, v. ano 15, n. 2721, 13 Dez 2010. Disponível em: Acesso em: 22 out. 2013.

CHIAPIN, G.; ARAÚJO, G.; WAGNER, A. Sogra-nora: como é a relação entre estas duas mulheres? **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 3, 1998. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=18811312>. Acessado em: 10 jul. 2015.

CICCO, M. F.; PAIVA, M. L.; GOMES, I. C. Família e conjugalidade: o sintoma dos filhos frente à imaturidade do casal parenta. **Psicologia Clínica**, v. 17, n. 2, p. 53-63, 2005.

CICOUREL, A. V. **Discourse, organization practices, and interpersonal networks**. California Press: San Diego University, 1990.

CLEMENS, A. H. **Projeto para um casamento feliz**. Petrópolis: Vozes, 1969.

COLOGNESE, S.; MELO, J. L. B. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, n. 9, p. 143-159, 1998.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Fundação Oswaldo Cruz. Brasília. 2012.

COSTA, I. I. Família e psicose: uma proposta de intervenção precoce nas primeiras crises de sofrimento psíquico grave. In: FERES-CARNEIRO, T. **Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

COSTA, L. F. D. Notas sobre formas contemporâneas de vida familiar e seus impactos na educação dos filhos. In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. **Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas**. [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 354-37. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/jc8w4/16>. Acesso em: 02 Jul. 2013.

COUTINHO, C.; CHAVES, J. O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 15, n. 1, p. 221-244, 2002.

CREPALDI, M. A. & M. C. L. O. O. Planejando pesquisa com famílias. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 40, p. 251-266, 2008.

CRUZ, O. **Parentalidade**. Coimbra: Quarteto, 2005.

DAWKINS, R. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DESSEN, M. A. & S. N. N. A. Questões de família e desenvolvimento e a prática de pesquisa. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, n. 16, p. 191-192.

DIAS, C. M. S. B. A importância dos avós no contexto familiar. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, n. 10, p. 31-41, 1994.

DIAS, M. **A Construção do casal: um estudo sobre as relações conjugais contemporâneas**. Tese (Doutorado). PUC. Rio de Janeiro. 2000.

DIAS, M. L. **Famílias e terapeutas: casamento, divórcio e parentesco**. São Paulo: Vetor, 2006.

DILLNER, L. **O livro das sogras: uma celebração**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2011.

DINERO, R. E. *et al.* Influence of family of origin and adult romantic partners on romantic attachment security. **Journal of Family Psychology**, v. 22, p. 622-632, 2008.

DINIZ NETO, O.; FÉRES-CARNEIRO, T. Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades. **Estudos de Psicologia.**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 133-141, abr/jun 2005.

DONATI, P. Cultural change, family transitions and reflexivity in a morphogenetic society. **Memorandum**, v. 21, p. 39-55, 2011. Disponível em: <http://www.Fafich.ufmg.br/memorandum/a21/donati04>. Acessado em: 11 de Mar. 2012.

DONNAMARIA, C. P.; NASCIMENTO, F. R. M.; TERZIS, A. Vínculos conjugais na contemporaneidade: revisitando parâmetros definitórios. **Vínculo**, São Paulo, v. 7, n. 1, Jun 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902010000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 Out. 2013.

EIGUER. **Um divã para a família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ELIAS, N. **A Sociedade dos Indivíduos**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

ELKAIM, M. **Se você me ama, não me ame**: Abordagem sistêmica em psicoterapia familiar e conjugal. São Paulo: Papirus Editora, 1990. Título original: Si tu m'aimes, ne m'aimes pas: Approche systémique et psychothérapie, Editions du Seuil, 1989.

ESTEVES DE VASCONCELLOS, M. J. **Pensamento sistêmico**: O novo paradigma da ciência. Campinas, SP: Papirus, 2003.

ESTEVES DE VASCONCELLOS, M. J. Pensamento sistêmico novo-paradigmático, por quê? In: AUN, J. G.; VASCONCELLOS, M. J. E. D.; COELHO, S. V. **Atendimento de famílias e redes sociais**: Fundamentos teóricos e epistemológicos. Belo Horizonte: Ophicina da Arte & Prosa, 2005. p. 71-142.

FALCÃO, C. P. A.; LAUFER, E.; BERER, L. C. Sobre como construir uma pesquisa enquanto se exercita a convivência e se possibilita condições mais criativas para um grupo. **Nova perspectiva sistêmica**, n. 6, p. 51-52, 1995.

FALICOV, C. J. **Contribuciones de la sociologia de la família y de la terapia familiar al "esquema del desarrollo familiar"**: análisis comparativo y reflexiones sobre las tendencias futuras. Buenos Aires: Paidós, 1991.

FÉRES-CARNEIRO, T. **Entrevista familiar estruturada: sua consistência, validade e aplicabilidade em psicologia clínica**. Tese (Doutorado). PUC/SP. São Paulo. 1981.

FÉRES-CARNEIRO, T. **Família**: diagnóstico e terapia. Petrópolis: Vozes, 1996.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998.

FÉRES-CARNEIRO, T. Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. **Psicologia em estudo**, n. 8, p. 367-374, 2003.

FÉRES-CARNEIRO, T. Pesquisa e prática clínica: construindo articulações teóricas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, n. 21, p. 349-355, 2008.

FÉRES-CARNEIRO, T.; DINIZ NETO, O. Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. **Paidéia**, v. 20, n. 6, p. 269-278, 2010.

FÉRES-CARNEIRO, T.; ZIVIANI, C.; MAGALHÃES, A. S. Questionário sobre a conjugalidade dos pais como instrumento de avaliação. In: FÉRES-CARNEIRO, T. **Família e casal: Saúde, trabalho e modos de vinculação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 251-267.

FERREIRA, A. F. Estilos parentais e suas influências na relação conjugal, 2005. Disponível em: <<http://www.ulbra-mao.br/psicologia>>. Acesso em: 15 Jul 2015.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FREIRE COSTA, J. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FRIEDMAN, E. H. Systems and ceremonies: a family view of rites of passage. In: CARTER, E. & M. G. M. **The changing family life cycle: a framework for family therapy**. Boston: Allyn and Bacon, 1989.

FUENTE, L. M. D. L. **A sogra (e a nora) ideal**. São Paulo: Quadrante, 1998.

GAGNON, J. H. Les uses explicites et implicites de la perspective des scripts dans les recherches sur la sexualité. **Dans Actes de la recherche em sciences sociales**, n. 128, p. 73-79, 1999.

GAGNON, J. H. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Tradução de L. R. da Silva. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.

GOLEMAN, D. **A inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

GOOLISHIAN, H. A. & A. H. Narrativa e self: Alguns dilemas pós-modernos da psicoterapia. In: SCHNITMAN, D. F. **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 191-200.

GOTTMAN, J. M. The roles of conflict engagement, escalation, and avoidance in marital interaction: A longitudinal view of five types of couples. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 61, n. 1, p. 6-15, 1993.

GOTTMAN, J. M. **Por que os casamentos fracassam ou dão certo**. São Paulo: Scritta, 1995.

GOTTMAN, J. M.; SILVER, N. **Os Sete Princípios do Casamento**. Lisboa: Editora Pergaminho, 2011.

GRANDESSO, M. **Sobre a reconstrução do significado**: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

GRINSBERG, A.; GRINSBERG, B. **Sogra e noras aprendendo a conviver**. São Paulo: Rosa dos Ventos/Record, 1993.

GUERIN, P. *et al.* **The evaluation and treatment of marital conflict**. New York: Basic Books Ink, 1987.

GUERIN, P. J.; PENDAGAST, E. Evaluation of family system and genogram. In: GUERIN, P. J.; PENDAGAST, E. **Family Therapy: Theory and practice**. New York: Gardner Press, 1976. p. 450-463.

GURIN, G. . V. J. & F. S. **Americans view their mental health**. New York: Basic Books, 1980.

GURMAN, A. S.; FRAENKEL, P. The history of couple therapy: a millennial review. **Family Process**, v. 41, n. 2, p. 199-260, 2002.

HAGHETTE, T. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1999.

HALEY, J. **Psicoterapia familiar**: um enfoque centrado no problema. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

HEILBORN, M. L. **Vida a dois: conjugalidade igualitária e identidade sexual**. [Anais]. ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS. Associação Brasileira de Estudos Populacionais. São Paulo. v. 2. n. 8, p. 143-156. 1992.

HOFFMAN, L. Uma posición constructivista para la terapia familiar. **Sistemas Familiares**, Buenos Aires: ASIBA, v. 6, n. 3, p. 29-44, 1990.

HOFFMAN, L. O ciclo de vida familiar e a mudança descontínua. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK **As mudanças no ciclo de vida familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 84-96.

HORWITZ, B. *et al.* The role of aggressive personality and family relationships in explaining family conflict. **Journal of family psychology**, v. 25, n. 2, p. 174-183, 2011.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais. Uma análise das condições de vida da população brasileira**. Estudos e Pesquisas. Informação demográfica e sócio-econômica. n. 27. [S.l.], p. 138-141. 2010.

JABLONSKI, B. Identidade masculina e Paternidade: de onde vimos e para onde vamos. In: FÉRES-CARNEIRO, T. **Casal e família**: entre a tradição e a transformação. Rio de Janeiro: Editora Nau, 1999.

- JACKSON, D. The study of the family. **Family Process**, n. 4, p. 1-20, 1965.
- JACKSON, D. **Interacción familiar**. Buenos Aires: Editorial Tiempo Contemporáneo, 1971.
- JACKSON, D. D. Interacción familiar, homeostasis familiar y psicoterapia familiar conjunta. In: SLUZKI, C. **Interacción familiar: fundamentales sobre teoría y técnica**. Aportes: Aportes, 1974. p. 164-195.
- KAHN, F. **Amor e felicidade no casamento**. São Paulo: Boa Leitura, 1963.
- KAUFMANN, J. C. **La trame conjugale. Analyse du couple par son linge**. Paris: Nathan, 1992.
- KAUFMANN, J. C. **Sociologie du couple**. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.
- KAUFMANN, J. C. Isolement choisi, isolement sub. **Dialogue**, n. 129, p. 16-26, 1995.
- KERR, M. E. Family systems theory and therapy. In: GURMAN, A. & K. D. **Handbook of family therapy**. Mazel, New York: Brunner, 1981.
- KERR, M. E. Theoretical base for differentiation of self in one's family of origin. **The clinical supervisor**, n. 2, p. 3-36, 1984.
- KINAS, R. *et al.* **Processo de diferenciação dos casais de suas famílias de origem**. Livro de Resumos do XI Salão de iniciação científica – PUCRS. Rio Grande do Sul. 2010.
- KROM, M. **O mito nas histórias familiares de adolescentes com problemas**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 1992.
- KROM, M. **Leitura e diferenciação do mito**. São Paulo: Summus, 1994.
- KROM, M. **Família e mitos, prevenção e terapia: resgatando histórias**. São Paulo: Summus, 2000.
- LARSON, J. H. et al. The relationship between perceived dysfunctional family of origin rules and intimacy in Young adult dating relationships. **Journal of sex & marital therapy**, v. 26, p. 161-175, 2000.
- LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares de parentesco**. Tradução de Mariano Ferreira. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- LEVY, S. Y.; WAMBOLDT, F. S.; FIESE, B. H. Family of origin experiences and conflict resolution behaviors of young adult dating couples. **Family Process**, v. 36, p. 297-310, 1997.
- LIEBERMAN, S. **Transgenerational Family Therapy**. London : Croom Helm, 1979.

LORIEDO, C.; STROM, P. Os processos de transmissão transgeracional nos casais e o tratamento das problemáticas ligadas às famílias de origem. In: ANDOLFI, M. **A crise do casal: uma perspectiva sistêmico-relacional**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 123-138.

LUHMANN, N. **Amour comme passion: de la codification de l'intimité**. Paris: Aubier, 1990.

LYOTARD, J. F. **La condición postmoderna**. Madrid: Cátedra, 1984.

MACEDO, R. M. S. D. O jovem na família. In: FRANCO, M. L. P. B.; MACEDO, R. M. S. D. **3º Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP. (Anais)**. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, 1990. p. 57 – 64.

MACFARLANE, A. **História do casamento e do amor: Inglaterra – 1300/1840**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.

MAGALHÃES, A. S.; FÉRES-CARNEIRO, T. A Conjugalidade na Série Identificatória: experiência amorosa e recriação do eu. **Pulsional, Revista de Psicanálise**, n. 176, ano 18 XVI, p. 41-50, Dez 2003. Disponível em: http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/176_05.pdf. Acesso em: 30 mai. 2012.

MAGALHÃES, A. S.; FÉRES-CARNEIRO, T. Transmissão psíquica geracional: Um estudo de caso. In: T., F.-C. **Família e casal: Saúde, trabalho e modos de vinculação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 341-364.

MARTINS, E. M.; RABINOVICH, E. P.; SILVA, C. N. Família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: um estudo de caso. **Psicol.**, v. 19, n. 2, p. 181-197, 2008.

MARTINS, S. R. D. C.; MACEDO, R. M. S. D. Abordagem sistêmica da família e a interface da psicologia com o sistema jurídico. In: MACEDO, R. M. S. D. **Família e comunidade: pesquisa em diferentes contextos**. Curitiba: Juruá, 2014.

MARTINSON, V. K. et al. Adult relationship satisfaction for neurotic individuals in premarital relationships. **Journal of Sex and Marital Therapy**, v. 36, p. 460-444, 2010.

MATOS, M. **Reinvenções do vínculo amoroso: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora UFMG/IUPERJ, 2000.

MATURANA, M. Fenomenologia del conocer. Conferência. **Revista de Tecnologia Educativa**, v. 8, n. 34, 1985.

MCGOLDRICK, M. S. W. A união das famílias através do casamento: o novo casal. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. S. W. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995. p. 184-205.

MCGOLDRICK, M.; GERSON, R. Genograma e o ciclo de vida familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. p. 144-164.

MCGOLDRICK, M.; GERSON, R.; SHELLENBERGER, S. **Genograms: assessment and intervention**. 2nd. ed. New York: W. W. Norton, 1999.

MENDONÇA, D. F. **Influências da família de origem na construção do laço conjugal no novo casal: um estudo de caso**. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: RJ. 2006.

MIERMONT, J. **Dicionário de terapias familiares: teoria e prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 33-39 p.

MIKUCKI, S. **A theoretical typology of mother-in-law types**. Papers presented at the annual meeting of the NCA 94th Annual Convention, TBA. San Diego, CA. Nov 20, 2008. Disponível em: http://www.allacademic.com/meta/p255840_index.html. Acessado em: 10 Jul. 2015. Conference Paper/Unpublished Manuscript.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social; teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

MINUCHIN, S. **Famílias: funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. Título original: Family & family Therapy, Fellow of Harvard University Press. Cambridge, 1981.

MINUCHIN, S.; FISCHMAN, H. C. **Técnicas de terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 1988. Título original: Family Therapy Techniques, Fellow of Harvard University Press, Cambridge, 1981.

MOLINA-LOZA, C. A. **Chaves para uma terapêutica da família: conhecer e compreender família brasileira**. Belo Horizonte: Arte Sã, 1998.

MORIN, E. Epistemologia da complexidade. In: (ORG.), D. F. S. **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. [S.l.]: [s.n.], 1996. p. 274-286.

MOSMANN, C.; WAGNER, A.; FÉRES-CARNEIRO. Qualidade conjugal: mapeando conceitos. **Paidéia**, v. 16, n. 35, p. 315-325, 2006.

MUNHOZ, M. L. P. **Casamento: ruptura ou continuidade dos modelos familiares?** São Paulo: Expressão & Arte, 2001.

MUNHOZ, M. P. L. **A mulher e as transformações do ciclo vital na família**. Trabalho apresentado no III Encontro de Terapeutas de Família. Brasília. 1992.

NARCISO, I. Metamorfoses do amor e da satisfação conjugal. **Cadernos de Consulta Psicológica**, n. 10/11, p. 129-139, 1994/1995.

NARCISO, I. **Conjugalidades satisfeitas mas não perfeitas: à procura do padrão que liga**. Tese (Doutoramento em Psicologia). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Lisboa. 2001.

NARCISO, I. Janela com vista para a intimidade. **Psychologica**, n. 31, p. 49-62, 2002.

NARCISO, I.; COSTA, M. E. Amores satisfeitos mas não perfeitos. **Cadernos de Consulta Psicológica**, n. 12, p. 115-130, 1996.

NARCISO, I.; RIBEIRO, M. T. **Olhares sobre a conjugalidade**. Lisboa: Coisas de Ler, 2009.

NEUBURGER, R. **O mito familiar**. São Paulo: Summus, 1999.

NEVES, S. D. **Terapia narrativa: o lado quase literário da psicoterapia sistêmica de casal**. Trabalho de Conclusão de Curso. Psicoterapia Sistêmica. Centro de Estudos da Família e do Casal. Salvador, BA. 2011. Disponível em: http://www.cefacbahia.org.br/pag_internas/publicacoes/pdf/historico/tcc_SDN101212.pdf. Acesso em: 21 de maio de 2012.

NEVES, S. D.. E eu a declaro: “casada para sempre”: excertos auto-biográficos da noção da conjugalidade na minha vida, a partir da infância. In: RABINOVICH, E. B., *et al.* **Família e poéticas da infância: relatos autobiográficos**. Curitiba: Juruá, 2013.

NICHOLS, M. P. **The self in the system**. New York: Bruner/Mazel, 1987.

NICHOLS, M. P.; SCHWARTZ, R. C. **Terapia familiar: conceitos e métodos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLSEN, S.; DUDLEY-BROWN, S.; MCMULLEN, P. Case for blending pedigrees, genogram and ecomaps: nursing's contribution to the 'big picture'. **Nurs Health Sci**, v. 6, n. 4, p. 295-308, 2004.

OLTRAMARI, L. C. Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 4, p. 669-677, out./dez. 2008.

PAIVA, M. L. S. C. **A transmissão psíquica e a constituição do vínculo conjugal**. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: SP. 2009a.

PAIVA, M. L. S. C. As interfaces na constituição do vínculo conjugal. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 10, n. 2, Dez 2009b. Disponível em: >

PALLAZOLI, M. S. E. A. **Paradox and counterparadox**. New York: Janson Aronson, 1978.

PEREIRA, C. M. D. S. **Instituições de direito civil**. 14 ed. ed. Rio de Janeiro: Forense, v. VI: Direito de Família, 2004.

PEREIRA-SILVA, N. L.; DESSEN, M. A. Famílias de crianças com síndrome de Down: sentimentos, modos de vida e estresse parental. **Interação em Psicologia**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 183-194, 2006.

PERLIN, G. **Casais que trabalham fora e são felizes: mito ou realidade?** Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, UnB. [S.l.]. 2001.

PERLIN, G. D. B.; BARROS, M. J. S. Casamento e amor na pós-modernidade: tendências e desafios. **Cadernos de Pesquisa e Extensão Desafios Críticos (Impresso)**, v. 2, p. 103-116, 2006.

PERLIN, G. D. B.; DINIZ, G. Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 15-29, 2005.

PERREN, S. *et al.* Intergenerational transmission of marital quality across the transition to parenthood. **Family Process**, v. 44, n. 4, p. 441-459, 2005.

PRICE, W. G. The relationship of levels of differentiation from the family of origin to the mother-in-law/daughter-in-law relationship, 1992. Disponível em: <<http://www.law.upr.edu>>. Acesso em: 03 Out 2008.

RABINOVICH, E. P. Contextos coletivistas de desenvolvimento: uma análise comparativa intercultural. In: E. R. LORDELO, A. M. A. C.; KOLLER, S. H. **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 165-204.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. O estudo dos sistemas de parentesco. In: KROEBER, A. L. E. A. **Organização social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. Sistemas africanos de parentesco e casamento – introdução. In: MELATTI, J. C.; RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Coleção Grandes Autores**. São Paulo: Ática, 1978.

RELVAS, A. P. **Por detrás do espelho. Da teoria à terapia com a família**. 2. ed. Coimbra: Quarteto, 2003. 16-36 p.

RICOTTA, L. **Me separei! E agora?: a busca de uma nova identidade após o rompimento conjugal**. São Paulo: Summus-Ágora, 2000.

ROMANELLI, G.; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. **Diálogos metodológicos sobre a prática de pesquisa**. Ribeirão Preto, SP: Legis Summa, 1998.

ROMANO, E.; DESTAL, D. Les Couples du Cople. **Generations**, n. 1, p. 29 – 32, 1994.

ROSSET, S. M. **Pais & Filhos: uma relação delicada**. Curitiba: Sol, 2003.

ROSSET, S. M. **O casal nosso de cada dia**. Curitiba: Sol, 2004.

ROSSI, J. S. S. S. **Síndrome Sogra-Nora – Uma relação de parentesco (des) conhecida**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. 1994.

ROUGEMONT, D. D. **O amor e o ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988. Original 1972.

ROUGEMONT, D. D. **História do amor no ocidente**. Tradução de E. B. Cachapuz P. Brandi. São Paulo: Ediouro, 2003. Original: 1939.

ROVERS, M. et al. A family of origin workshop: Process and evaluation. **The Family Journal**, v. 8, n. 4, p. 368-375, 2000.

RUSCHEL, A. E.; CASTRO, O. P. O vínculo intergeracional: o velho, o jovem e o poder. **Psicologia: reflexão e crítica**, n. 11, p. 523-539, 1998.

RYDER, R. G. . K. J. S. . O. D. H. Separating and joining influences in courtship and early marriage. **American Journal of Orthopsychiatry**, n. 2, p. 450-464, 1971.

SACCU, C. A complexidade. In: CASTILHO, M. L. **Temas em terapia familiar**. São Paulo: Plexus, 1994.

SANTOS, R. A. **Conflito Interparental e Sensibilidade à Rejeição: Implicações na Vinculação Romântica**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. [S.l.]. 2005.

SARTI, C. A. Algumas questões sobre família e políticas sociais. In: JACQUET, C. E. C. L. F. **Família em mudança**. São Paulo: Companhia ilimitada, 2004. p. 193-211.

SATIR, V. **Terapia de grupo familiar**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

SATTLER, M. *et al.* Uma boa relação entre nora e sogra pode ser possível? **Pensando famílias**, v. 14, n. 1, p. 45-62, 2010.

SATTLER, M. K. *et al.* Percepção das sogras sobre o relacionamento com a nora: fatores associados. **Revista Brasileira de Terapia Familiar**, v. 4, n. 1, p. 35-42, Jul 2012.

SCHNEIDER, S.; SCHIMITT, C. J. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Sustentabilidade dos afetos: notas sobre a conjugalidade como dimensão de análise da família na contemporaneidade. **Psychologica: Revista de Psicologia**, Coimbra, n. 53, p. 259-274, 2010.

SELIGMAN, M. E. P. **Authentic Happiness: using the new positive psychology to realize your potential for lasting fulfillment**. New York, NY: Free Press, 2002.

SHORTER, E. **La naissance de la famille moderne**. Paris: Seuil, 1977.

SIEGEL, J. P. **O que os filhos aprendem com o casamento dos pais**. São Paulo: M. Books, 2005.

SILVA, A. L. C. E. **Representações sociais de família para um grupo de professoras do ensino fundamental da cidade de Araguari- MG**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Programa de Mestrado em Psicologia Aplicada. Uberlândia. 2005. Disponível em: http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/1456/1/Representa%C3%A7%C3%B5esSociaisFam%C3%ADlia_parte%201.pdf. Acesso em: 02 Jul. 2013.

SILVA, N. L. P.; DESSEN, M. A. Deficiência mental e família: Implicações para o desenvolvimento da criança. **Psicologia.: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 17, n. 2, Mai/Ago 2001.

SIMMEL, G. On individuality and social forms. In: LEVINE, D. N. **Selected Writings**. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.

SIMMEL, G. **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Original publicado em 1909.

SIMON, F. B. S. H. & W. L. C. **Vocabulário de terapia familiar**. Buenos Aires: Gedisa, 1988.

SIMON, W.; GAGNON, J. H. Sexual scripts. **Society**, p. 53-60, 1984.

SIMON, W.; GAGNON, J. H. Sexual scripts: permanence and change. **Archives of sexual behavior**, v. 2, n. 15, p. 97-120, 1986.

SINGLY, F. O nascimento do "indivíduo individualizado" e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, C. E.; SINGLE, F.; CICCHELI, V. **Família e Individualização**. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 13-19.

SINGLY, F. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SKYNNER, R.; CLEESE, J. **Family and how to survive them**. [S.I.]: Methuen, 1983.

SLUZKI, C. E. Terapia familiar como construcción de realidades alternativas. **Sistemas Familiares**, 1985. v. 1 - 2, p. 53 – 61.

SLUZKI, C. E. Cibernética y terapia familiar: Um mapa mínimo. **Sistemas Familiares**, p. 65-69, Ago 1987.

SLUZKI, C. E. **Nuevos modelos de terapia familiar, Curso intensivo sobre terapia familiar sistêmica**. Pittsfield, MA: Family Center of the Berkshire, 1991.

SOUZA SANTOS, B. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2006.

SOUZA, I. M. C. Mudanças nos papéis femininos, novas famílias: uma ligação previsível. **Pensando famílias**, v. 3, n. 3, p. 21-29, 2001.

STAKE, R. E. Cases Studies. In: DENZIN, N. K. **Handbook of qualitative research**. [S.I.]: Thousand Oaks: Sage Publications, 2000. p. 435-454.

STEKEL, W. **Cartas a uma mãe**. São Paulo: Mestre Jou, 1967.

STERN PECK, J.; MANOCHERIAN, J. O divórcio no ciclo de vida familiar. In: MACGOLDRICK, C. & M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

STIERLIN, H. Y. **Terapia de família**. Barcelona: Icaria, 1979.

STOVER, C. S. et al. Fathering and mothering in the family system: linking marital hostility and aggression in adopted toddlers. **The Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 53, n. 4, p. 401-409, 2012.

STULP, R. **A influência da família de origem na vida do casal**. Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso de formação em terapia relacional sistêmica). [S.I.]. 2011. Disponível em: <http://www.srosset.com.br> Acesso em: 03 Fev. 2013.

TENENBAUM, S. **Viver bem a vida de casal**. Porto: Ambar, 1998.

TORRES, A. **Trajetórias, Dinâmicas e Formas de Conjugalidade. Assimetrias Sociais e de Gênero no Casamento**. Tese (Doutorado em Sociologia). ISCTE. Lisboa. 2000.

TORRES, A. Casamento: conversa a duas vozes e em três andamentos. **Análise Social**, n. 163, p. 569-602, 2002.

TORRES, A. E. A. **Homens e mulheres entre trabalho e família**. Lisboa: DEEP/CID, 2004.

VENTURINI, J. N. **Conjugalidade nos Anos Iniciais do Casamento: Experiências na Família de Origem**. Dissertação (Mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Vale do Rio dos Sinos. 2011. Disponível em: http://bdtd.unisinos.br/tde_arquivos/14/TDE-2011-11-09T161400Z-1587/Publico/JoseleNadinVenturini.pdf. Acesso em: 30 Mai.2012.

VIEIRA, E. D.; STENGEL, M. Os nós do individualismo e da conjugalidade na Pós-Modernidade. **Aletheia**, v. 32, p. 147-160, Ago 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 Mai. 2012.

WAGNER, A.; FALCKE, D. Satisfação conjugal e transgeracionalidade: uma revisão teórica sobre o tema. **Psicologia Clínica**, v. 13, p. 11-24, 2001.

WATTS-JONES, D. Toward an african american genogram. **Fam. Process**, v. 36, n. 4, p. 375-83, 1997.

WATZLAWICK, P. **A Pragmática da comunicação humana**. São Paulo: Cultrix, 1973.

WEAKLAND, J. Communication theory and clinical change. In: GUERIN, P. J. **Family therapy**. New York: Gardner Press, 1976.

WEIGEL, D.; BENNETT, K.; BALLARD-REISCH, S. Family influences on commitment: Examining the family of origin correlates of relationship commitment attitudes. **Personal Relationships**, v. 10, n. 4, p. 453-474, 2003.

WEIL, P. **Relações humanas na família e no trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1979.

WHITAKER, C. **Midnight musings of a family therapist**. New York: WW Norton, 1989.

WHITAKER, C.; BUMBERRY, W. **Dançando com a família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

WHITTON, S. *et al.* Prospective associations from Family-of-origin interactions to adult marital interactions and relationship adjustment. **Journal of Family Psychology**, v. 22, n. 2, p. 274-285, 2008.

WILLI, J. **La pareja humana: relación y conflicto**. Espanha: Morada Ediciones, 1978.

WILLIAMSON, D. S.; BRAY, J. H. El desarrollo y cambio familiares através de las generaciones: Una perspectiva interaccional. In: FALICOV, C. J. **Transiciones de la familia – Continuidad y cambio em el ciclo de vida**. Buenos Aires: Amorroutu Editores, 1991.

WILSON, D. S.; WILSON, E. O. Rethinking the Theoretical Foundation of Sociobiology. **The Quarterly Review of Biology**, v. 82, n. 4, p. 327 – 348, 2007.

WOORTMANN, K. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

Y., L.; GUBA, E. **Naturalistic inquiry**. Newbury Park: Sage Publications, 1985.

YACCOUB, H. A chamada "nova classe média": cultura maerial, inclusão e distinção social. **Horiz. antropol. [on line]**, v. 17, n. 36, p. 197-231, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832011000200009&script=sci_arttext. Acesso em: 20 Out. 2014.

YIN, R. K. **Applications of case study research**. Newbury Park: Sage Publications, 1993.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. NOME DA PESQUISA: *O CASAL E AS RELAÇÕES DE PARENTESCO POR AFINIDADE: OS SOGROS*

2. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Sinara Dantas Neves - CRA (BA) nº : RD – 7862 - ARTEF (BA) nº: 206

3. ORIENTADOR RESPONSÁVEL: Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich - CRP SP/206

O/A Sr (a). está sendo convidado/a a participar de um estudo vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador/UCSal, de autoria de Sinara Dantas Neves, estudante regularmente matriculada no Curso de Doutorado, bolsista FAPESB, sob a orientação da Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich. O objetivo geral é analisar as repercussões advindas das experiências com o parentesco por afinidade que o casal vivenciou nas famílias de origem na construção das relações com o parentesco por afinidade na vida conjugal atual. Considerando que a conjugalidade é uma dimensão central na cultura, na sociedade, no mundo relacional e na identidade do ser humano, e sabendo que grande parte dos estudos que abordam esta temática não aprofunda a perspectiva dos parentes por afinidade, a pesquisa trará como benefícios o aprofundamento do conhecimento sobre a forma como os casais constroem suas experiências conjugais, suas relações de parentesco, sobretudo com os sogros, e a essência dos conteúdos significativos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com delineamento de estudo de caso múltiplo, em que serão realizadas entrevistas com uma amostra de conveniência com quatro casais, com os seguintes critérios de inclusão: possuírem de 25 à 45 anos de idade; serem de classe média; heterossexuais; possuírem grau de instrução médio ou superior; estarem em primeira união conjugal (em decorrência de casamento legal ou união consensual estável); terem os dois representantes parentais vivos e possuírem filhos. As entrevistas serão realizadas individualmente, totalizando 08 participantes. O roteiro para construção dos casos coletivos é composto de 05 tópicos norteadores da pesquisa, cuja função é estimular os depoimentos, direcionados a investigar as relações com o parentesco por afinidade nas famílias de origem, a partir das relações dos pais do casal com seus sogros; as relações dos pais do casal com as suas respectivas famílias de origem; as relações do casal, individualmente, com suas famílias de origem; as relações de cada membro do casal com o parentesco por afinidade, enfocando os sogros e, ainda, as relações de cada membro do casal com os sogros, na perspectiva do seu cônjuge. Assumo o compromisso de cumprir os princípios da Resolução 466/2012, que regulamenta as pesquisas que envolvem seres humanos, respeitando a autonomia (sua participação não é obrigatória e sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora); não-maleficência (não pretendo lhe causar dano algum, por isso a entrevista será realizada num local reservado, podendo ser em um local escolhido por você; beneficência (esta pesquisa poderá ampliar o olhar dos profissionais que trabalham

com família e conjugalidade); justiça (todos os entrevistados terão o tempo que julgarem necessário para responder às questões e o direito de se expressarem do modo que julgarem mais adequado). As entrevistas, uma vez que você permita, serão gravadas com um aparelho digital e ficarão armazenadas no computador da pesquisadora, para posterior transcrição. As gravações e as transcrições serão apagadas após um período de cinco anos. Os resultados obtidos nesse estudo serão divulgados na tese e publicados em artigos e eventos científicos, de forma suEzada, podendo você ter acesso, porém, a sua identificação não será revelada. O risco pela sua participação pode ser o desconforto de estar falando sobre parentes por afinidade, mas, não se preocupe, pois caso isso ocorra, você pode parar de responder às perguntas em qualquer momento. A coleta e análise dos dados serão feitas pela própria pesquisadora, que não está sendo remunerada para a participação nesse estudo, bem como os participantes não terão nenhum benefício financeiro pela participação. Este Termo de Consentimento consta de duas vias idênticas, que serão assinadas pelo colaborador e pela pesquisadora principal, sendo que cada um ficará de posse de uma via. No Termo consta o telefone, o endereço e o correio eletrônico da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Eu, -----, abaixo assinado, aceito, voluntariamente, o convite de participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo. Autorizo o uso dos dados obtidos através da entrevista, com o objetivo de desenvolver a pesquisa citada, como também a publicação do referido trabalho escrito. Declaro também o direito de uso para quaisquer fins de ensino e divulgação em eventos e/ou revistas científicas, desde que mantenha o sigilo sobre minha identidade, podendo usar com um nome suposto (pseudônimo).

Salvador, ____ de _____ de _____.

Assinatura do participante:

Endereço do participante: _____

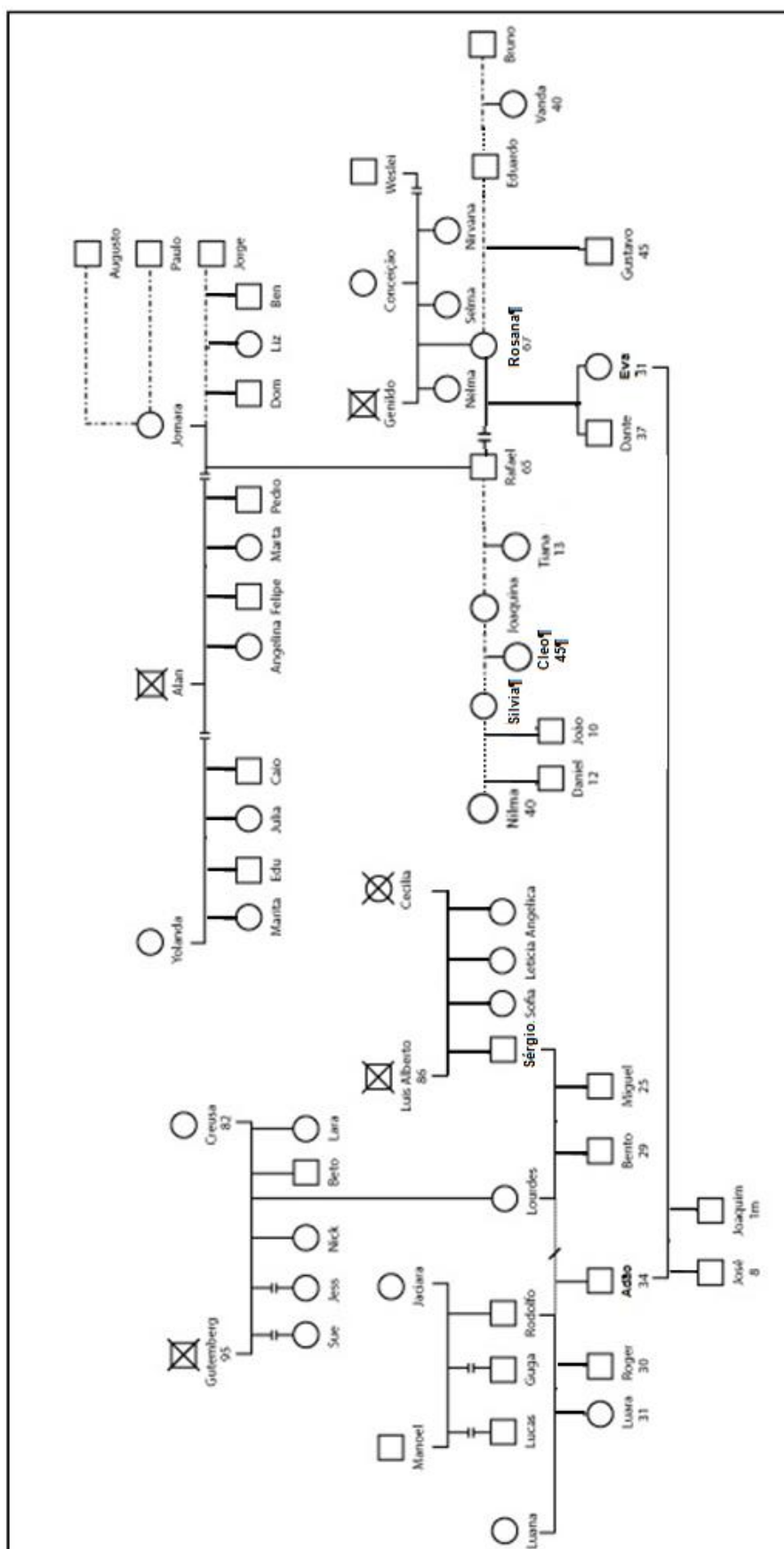
Assinatura do pesquisador responsável:

Sinara Dantas Neves

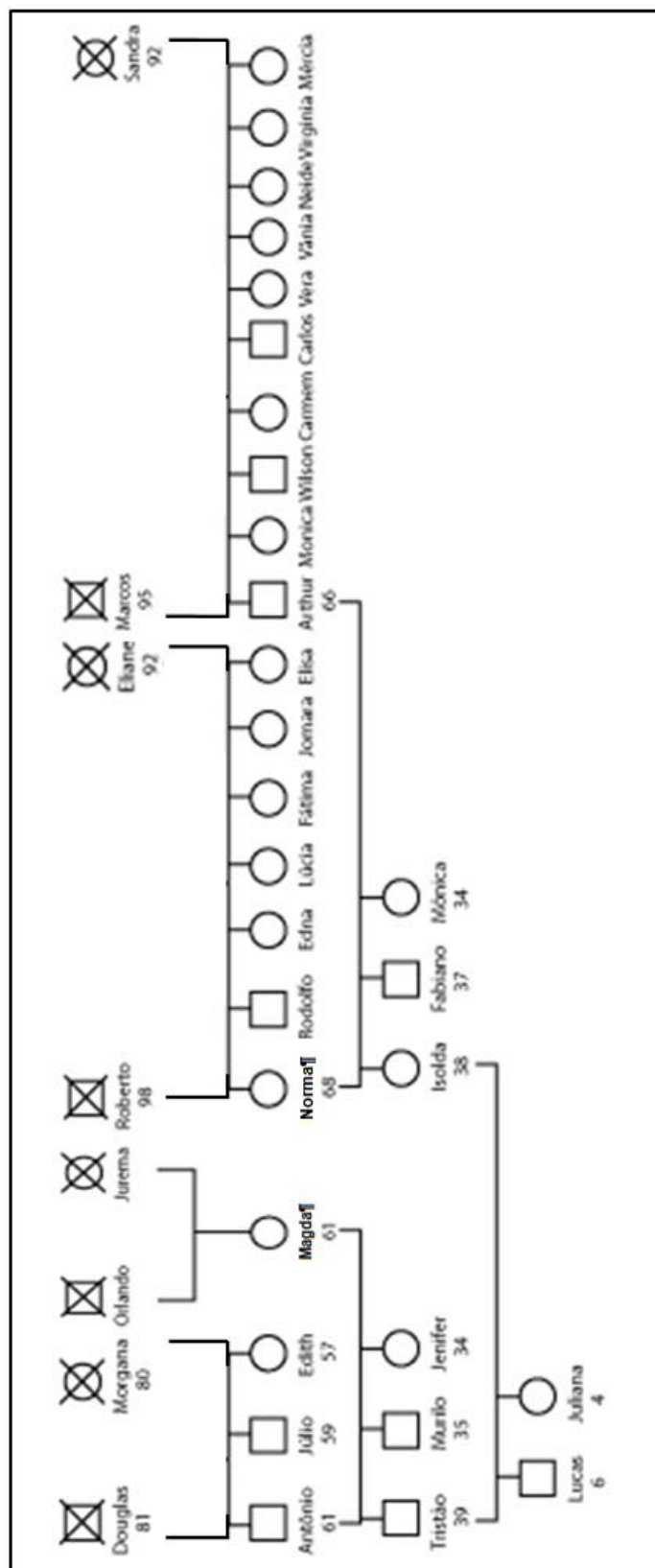
Endereço do pesquisador responsável: UCSal, Campus Federação, Avenida Cardeal da Silva ; Telefone do pesquisador responsável: (71) 3330-8423

E-mail do pesquisador responsável: sinarasinara@hotmail.com

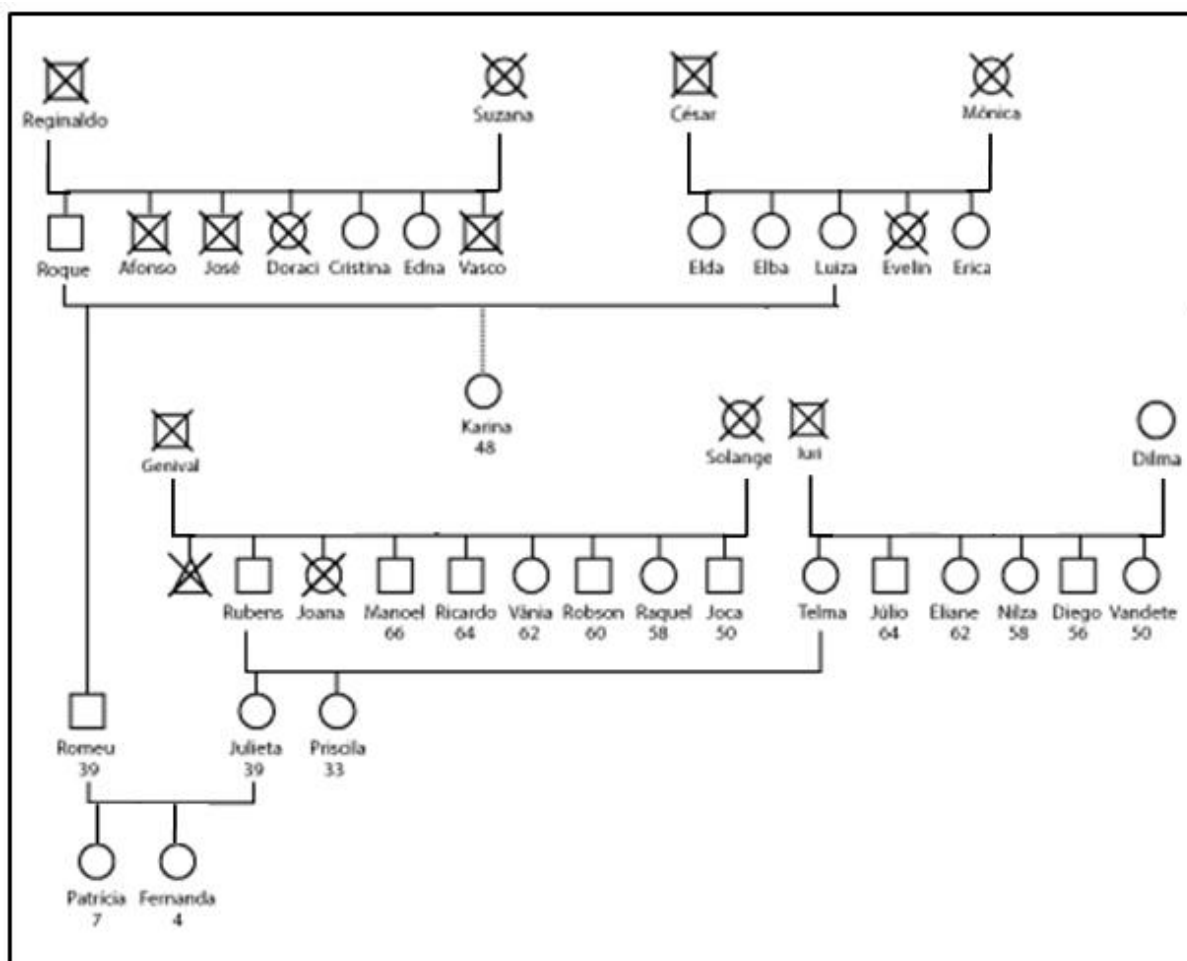
APÊNDICE 3 – GENOGRAMA ADÃO E EVA



APÊNDICE 4 – GENOGRAMA TRISTÃO E ISOLDA



APÊNDICE 5 – GENOGRAMA ROMEU E JULIETA



APÊNDICE 6 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP – COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SALVADOR - UCSAL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O CASAL E AS RELAÇÕES DE PARENTESCO POR AFINIDADE: OS SOGROS

Pesquisador: SINARA DANTAS NEVES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 45407815.3.0000.5628

Instituição Proponente: Universidade Católica do Salvador

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.142.274

Data da Relatoria: 05/08/2015

Apresentação do Projeto:

O projeto em questão, de desenho qualitativo e exploratório, consiste em estudo de casos múltiplos, que tem por objetivo “analisar as repercussões advindas das experiências com o parentesco por afinidade, que o casal vivenciou nas famílias de origem, na construção das relações com o parentesco por afinidade na vida conjugal atual”. Para tanto, serão entrevistados quatro casais, em separado, por meio de um roteiro de entrevista.

Objetivo da Pesquisa:

Consta como objetivo primário da pesquisa: “analisar as repercussões advindas das experiências com o parentesco por afinidade, que o casal vivenciou nas famílias de origem, na construção das relações com o parentesco por afinidade na vida conjugal atual”.

Os objetivos secundários são: “(a) investigar as relações com o parentesco por afinidade nas famílias de origem, a partir das relações dos pais do casal com seus sogros; (b) conhecer as relações dos pais do casal com as suas respectivas famílias de origem; (c) conhecer as relações do casal, individualmente, com suas famílias de origem; (d) investigar as relações de cada membro do casal com o parentesco por afinidade, enfocando os sogros; (e) compreender as relações de cada membro do casal com os sogros, na perspectiva do seu cônjuge”.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

No Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE consta que “o risco pela sua participação

Endereço: Av. Cardeal da Silva, nº 205

Bairro: Federação

CEP: 40.231-902

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3203-8913

Fax: (71)3203-8975

E-mail: cep@ucsal.br

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SALVADOR - UCSAL



Continuação do Parecer: 1.142.274

pode ser o desconforto de estar falando sobre parentes por afinidade, mas não se preocupe, pois caso isso ocorra, você pode parar de responder as perguntas em qualquer momento”.

No item benefícios a pesquisadora relata “[...] a oportunidade de coletar dados sobre uma relação conjugal ainda pouco investigada, comparando a partir das diferentes experiências, como se dão as relações conjugais face às relações com o parentesco por afinidade. Considerando os aspectos metodológicos, este estudo também tem como vantagens possibilitar a compreensão deste fenômeno em profundidade e com maior fidedignidade, por se tratar de auto-relato”. Sobre os benefícios para os participantes do estudo, a pesquisadora menciona o fato de eles terem a oportunidade de eles “estarem revivendo aspectos da própria relação conjugal”.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O tema de pesquisa é relevante e pouco estudado, consistindo em uma contribuição para a comunidade científica e também para psicoterapeutas e demais profissionais que trabalham com famílias.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Não houve a necessidade de autorização dos responsáveis pela instituição pelo fato de se tratar de amostra de conveniência que não foi acessada em nenhuma instituição.

Constam o “Termo de consentimento” e um texto sobre “Esclarecimentos aos participantes da pesquisa”, que juntos esclarecem devidamente os participantes.

Também foi incluído o roteiro de entrevista com questões pertinentes aos objetivos do estudo e que respeitam a dignidade humana.

A Folha de Rosto está adequada e também constam o cronograma de execução e o orçamento financeiro.

Recomendações:

Recomenda-se explicitar, no método e no resumo, a cidade na qual o estudo será desenvolvido. Também se sugere que os documentos “Termo de Consentimento” e “Esclarecimentos aos participantes da pesquisa” sejam reunidos em um único documento denominado “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE”.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências apresentadas anteriormente foram adequadamente sanadas pela pesquisadora, assim, o projeto encontra-se aprovado do ponto de vista ético.

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Av. Cardeal da Silva, nº 205
Bairro: Federação CEP: 40.231-902
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3203-8913 Fax: (71)3203-8975 E-mail: cep@ucsal.br

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SALVADOR - UCSAL



Continuação do Parecer: 1.142.274

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Em concordância ao Parecer do Relator, em 08/07/2015, fica deliberado que o Projeto se encontra Aprovado, tendo em vista que a pesquisadora cumpriu com todas as recomendações explicitadas no Parecer Consubstanciado, emitido em 04/06/2015.

SALVADOR, 08 de Julho de 2015

Ana Maria Fernandes Pitta - vice-coordenadora

Assinado por:

Ana Maria Fernandes Pitta
(Coordenador)

Endereço: Av. Cardeal da Silva, nº 205

Bairro: Federação

CEP: 40.231-902

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3203-8913

Fax: (71)3203-8975

E-mail: cep@ucsal.br